



CADERNO DE RESUMOS

ISSN: 2238-0787

**Universidade de Caxias do Sul
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Centro de Ciências Humanas e da Educação
Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade
Programa de Doutorado em Letras – Associação Ampla UCS/UniRitter**

**CADERNO DE RESUMOS DO
VII SEMINÁRIO INTERNACIONAL E
XVI SEMINÁRIO NACIONAL
MULHER E LITERATURA**

**Mulheres de Letras –
do Oitocentismo à Contemporaneidade:
Transformações e Perspectivas**

Homenageadas: escritoras do Partenon Literário

Organização do Caderno de Resumos

Dr. André Tessaro Pelinser – UCS

Dr. João Claudio Arendt – UCS

Me. Bruno Misturini – UCS

Ma. Karen Gomes da Rocha – UCS

Larissa Rizzon da Silva – UCS



CADERNO DE RESUMOS

ISSN: 2238-0787

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
UCS - BICE - Processamento Técnico

S471c Seminário Internacional Mulher e Literatura (7. : 2015 : Caxias do Sul).

Caderno de resumos do VII Seminário Internacional e XVI Seminário Nacional Mulher e Literatura / org. André Tessaro Pelinser ... [et al.] – Caxias do Sul, RS : Educs, 2015.
157 p.

Mulheres de Letras – do Oitocentismo à contemporaneidade : transformações e perspectiva.
Homenageadas: escritoras do Partenon Literário.
ISSN: 2238-0787

1. Mulheres na literatura - Congressos. I. Título. II. Pelinser, André Tessaro. III. Seminário Nacional Mulher e Literatura (16. : 2015 : Caxias do Sul).

CDU. 2.ed. : 82-055.2(062.552)

Índice para o catálogo sistemático:

1. Mulheres na literatura - Congressos

82-055.2(062.552)

Catalogação na fonte elaborada pela bibliotecária
Carolina Meirelles Meroni – CRB 10/ 2187



CADERNO DE RESUMOS

ISSN: 2238-0787

Coordenação do Evento

Dra. Cecil Jeanine Albert Zinani – PPGLET/UCS
Dra. Salete Rosa Pezzi dos Santos – PPGLET/UCS

Comissão Organizadora Local

Dra. Cecil Jeanine Albert Zinani - UCS
Dra. Cristina Loff Knapp - UCS
Dra. Elsa Mônica Bonito Basso - UCS
Dr. João Claudio Arendt - UCS
Ma. Niura Maria Fontana - UCS
Dra. Salete Rosa Pezzi dos Santos - UCS

Comissão Organizadora Nacional

Dra. Ana Gabriela Macedo - Minho (Portugal)
Dra. Ana Luísa Amaral - Universidade do Porto (Portugal)
Dra. Claudia Amengual - Uruguai
Dra. Claudia de Lima Costa - UFSC
Dra. Conceição Flores - UnP
Dra. Constância Lima Duarte - UFMG
Dra. Cristina Maria Teixeira Stevens - UnB
Dra. Ivia Iracema Duarte - UFBA
Dra. Liane Schneider - UFPB
Dra. Nancy Rita Ferreira Vieira - UFBA
Dra. Rita Terezinha Schmidt - UFRGS
Dra. Rosana Cássia Kamita - UFSC
Dra. Susana Borneo Funck - UFSC
Dra. Zahidé Lupinacci Muzart - UFSC

Comissão de Executiva

Ana Júlia Poletto
Ana Paula Ody Batista
André Tessaro Pelinser
Angélica Vinhatti Gonçalves Ferla
Bruno Misturini
Caren Fernanda Haack



CADERNO DE RESUMOS

ISSN: 2238-0787

Daniela Pioner
Daniele Marcon
Diego Conto Lunelli
Felipe Teixeira Zobaran
Gilberto Broilo Neto
Juliana Rossa
Karen Gomes da Rocha
Larissa Rizzon da Silva
Lisiane Ott Schulz
Marciele Borchert
Mariana Duarte
Odair José Silva dos Santos
Patrícia Peroni
Paula Sperb
Roberto Rossi Menegotto
Rossana Rossigali
Sheila da Rocha
Tandra Pramio

Realização

Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade (UCS)
Programa de Doutorado em Letras - Associação Ampla UCS/UniRitter
Curso de Graduação em Letras (UCS)

Patrocinadores



Apoiadores





SUMÁRIO

CONFERÊNCIAS	7
MESAS PLENÁRIAS	8
MESA PLENÁRIA I.....	8
MESA PLENÁRIA II	9
MESA PLENÁRIA III	10
MESA PLENÁRIA IV.....	11
MESA PLENÁRIA V	12
MESA PLENÁRIA VI.....	13
MESAS-REDONDAS	14
MESA-REDONDA I.....	14
MESA-REDONDA II.....	14
MESA-REDONDA III	14
MESA-REDONDA IV	15
MESA-REDONDA V.....	15
MESA-REDONDA VI.....	16
MESA-REDONDA VII.....	16
MESA-REDONDA VIII.....	16
MESA-REDONDA IX	17
MESA-REDONDA X.....	17
SIMPÓSIOS TEMÁTICOS	18
SIMPÓSIO TEMÁTICO 1.....	18
SIMPÓSIO TEMÁTICO 2.....	21
SIMPÓSIO TEMÁTICO 3.....	23
SIMPÓSIO TEMÁTICO 4.....	25
SIMPÓSIO TEMÁTICO 5.....	30
SIMPÓSIO TEMÁTICO 6.....	31
SIMPÓSIO TEMÁTICO 7.....	38
SIMPÓSIO TEMÁTICO 8.....	40
SIMPÓSIO TEMÁTICO 9.....	44
SIMPÓSIO TEMÁTICO 10.....	47
SIMPÓSIO TEMÁTICO 12.....	49
SIMPÓSIO TEMÁTICO 13.....	54
SIMPÓSIO TEMÁTICO 14.....	60
SIMPÓSIO TEMÁTICO 15.....	65
SIMPÓSIO TEMÁTICO 16.....	70
SIMPÓSIO TEMÁTICO 17.....	76
SIMPÓSIO TEMÁTICO 18.....	79
SIMPÓSIO TEMÁTICO 19.....	86
SIMPÓSIO TEMÁTICO 20.....	93



CADERNO DE RESUMOS

ISSN: 2238-0787

SIMPÓSIO TEMÁTICO 21.....	96
SIMPÓSIO TEMÁTICO 22.....	99
SIMPÓSIO TEMÁTICO 23.....	104
SIMPÓSIO TEMÁTICO 24.....	107
SIMPÓSIO TEMÁTICO 25.....	111
SIMPÓSIO TEMÁTICO 26.....	113
SIMPÓSIO TEMÁTICO 27.....	118
SIMPÓSIO TEMÁTICO 28.....	120
SIMPÓSIOS LIVRES.....	123
SIMPÓSIO LIVRE 1.....	123
SIMPÓSIO LIVRE 3.....	126
SIMPÓSIO LIVRE 4.....	128
SIMPÓSIO LIVRE 5.....	130
SIMPÓSIO LIVRE 6.....	132
SIMPÓSIO LIVRE 7.....	133
SIMPÓSIO LIVRE 8.....	135
PÔSTERES.....	138
MINICURSOS.....	156



CADERNO DE RESUMOS

ISSN: 2238-0787

CONFERÊNCIAS

CONFERÊNCIA DE ABERTURA DO EVENTO DISCREPÂNCIAS (A VÁRIAS VOZES): MUSAS, CORPO, MUNDO Dra. Ana Luísa Amaral (Universidade do Porto/Portugal)

Partindo da minha escrita e da minha própria experiência como poeta, explorarei as questões da produção e da recepção, abordando a temática da inspiração e, a ela ligada, a relação entre corpo e mundo na poesia escrita por mulheres. Utilizando os conceitos de representação e auto-representação, tentarei responder às seguintes perguntas: “Como me vejo no poema?”, “Como me represento nos poemas que crio?” e “Como me vê o/a leitor/a no poema, ou seja, que representações são de mim feitas, a partir dos ‘meus’ sujeitos poéticos e ficcionais?”.

CONFERÊNCIA MULHER, RASURA, INSURREIÇÃO E EXCESSO: A “PÁGINA EM BRANCO” E O “TEATRO INTERIOR” DE PAULA REGO Dra. Ana Gabriela Macedo (Universidade do Minho/Portugal)

“Estais diante de uma mulher... e procurais um quadro!”
(Balzac, A Obra-prima desconhecida)

Nesta conferência pretendo refletir e colocar em diálogo diferentes tipos de “narrativas”. O conto de Honoré de Balzac, “A Obra-prima desconhecida”, que constitui uma poderosa e intrigante reflexão sobre a natureza da obra de arte, a busca da perfeição estética e a irrepresentabilidade do sublime (que o escritor alegoriza com o feminino); o conto da autora dinamarquesa Karen Blixen, “A Página em Branco” (1955), metonímia poética e questionamento da representação da mulher e da sua identidade, e ainda recusa da sua objectificação e consequente rasura identitária; por fim, a narrativa visual da pintora Paula Rego, enquanto interrogação dos limites da representação do feminino, do seu excesso e insurreição das fronteiras de gênero.

CONFERÊNCIA DE ENCERRAMENTO DO EVENTO MULHERES E LITERATURA NO RIO GRANDE DO SUL DO SÉCULO XIX: HISTÓRIA DE UM SILÊNCIO Dra. Maria Eunice Moreira (PUCRS/Brasil)

Desde o início do século XIX, as mulheres rio-grandenses escreveram e publicaram seus textos, em livros e em jornais, estabeleceram relações com outros círculos literários externos à Província, especialmente com Portugal, refletiram sobre seu fazer poético e sobre o momento histórico-literário em que estavam inseridas. No entanto, essa produção não encontrou espaço no cânone literário, o que nos leva a procurar entender a história desse silenciamento na historiografia literária.

Voltar ao [SUMÁRIO](#)



CADERNO DE RESUMOS

ISSN: 2238-0787

MESAS PLENÁRIAS

MESA PLENÁRIA I
PRODUÇÃO DO GT MULHER NA LITERATURA

RESGATE, VISIBILIDADE E RESSURREIÇÃO: JÚLIA LOPES DE ALMEIDA

Zahidé Lupinacci Muzart (UFSC)

Desde que foi fundada a Editora Mulheres, preocupou-me o silenciamento das obras de escritoras mulheres. E da nossa pesquisa sobre essas desconhecidas, das escritoras resgatadas, mais de cem, é Júlia Lopes de Almeida (1862-1934) uma das mais importantes. A longa vida e carreira, o número de livros publicados, mais de 40, o sucesso alcançado em vida fazem de seu nome, entre as escritoras nascidas no século XIX, uma das mais significativas. E, no entanto, apesar de uma obra consistente, e muito respeitada em sua época, acabou, tal como as outras, igualmente esquecida. Por isso, ao me pedirem que falasse sobre a Editora Mulheres, escolhi uma ação da editora que rendeu muitos frutos: a obra de Júlia Lopes de Almeida. Foi o primeiro romance publicado, em 1997, de autora do século XIX. Daí por diante, reeditamos dez livros de sua autoria, entre romances ou contos, investindo bastante no ressurgimento dessa admirável autora que, desde então, tem sido privilegiada com teses e dissertações, artigos e ensaios. Podemos dizer que contribuímos para o seu ressurgimento. Nesta apresentação, portanto, falaremos sobre Júlia Lopes de Almeida e, especialmente, dos seus livros publicados pela Editora Mulheres no e para o século XXI.

MULHER E LITERATURA 1985/2010 – UM OLHAR DE “JANUS”

Cristina Stevens (UNB)

O objetivo deste trabalho é compartilhar o projeto coletivo de construção da memória acadêmica do nosso GT nos seus primeiros 25 anos de existência, do qual resultou o livro MULHER E LITERATURA: 25 ANOS – RAIZES E RUMOS, publicado pela Editora Mulheres em 2010. Desenvolvemos breve apresentação do seu conteúdo, que registra nossas atividades durante este período, como por exemplo, realização de seminários nacionais e internacionais, produção teórico-crítica, e ainda atividades de ensino e pesquisa em grupos e núcleos de pesquisa, cursos de graduação e de pós-graduação. Apontamos também algumas questões para reflexão, visando expandir e consolidar e expandir a contribuição do GT para a pesquisa e prática acadêmica na área de Letras e para os Estudos Feministas e de Gênero no Brasil.

DO GRUPO À(S) REDE(S): PERSPECTIVAS

Constância Lima Duarte (UFMG)

Breve reflexão sobre as transformações ocorridas nas últimas décadas no campo intelectual, na operacionalização dos estudos de gênero.

DUPLAMENTE MULHERES:

O GT A MULHER NA LITERATURA NA CONSTRUÇÃO DE UMA AUTORIA FEMININA

Nancy Rita Ferreira Vieira (UFBA)

Criado em 1985, o GT da ANPOLL A Mulher na Literatura tem atuado expressivamente para não apenas legitimar a crítica literária feminista no âmbito dos debates acadêmicos (vide a coletânea Mulher e Literatura – 25 anos: rumos e raízes, com uma ampla cartografia do GT, publicada em 2010 pela Editora Mulheres), como ainda para incluir, no panorama literário brasileiro, a produção das mulheres (a linha de Resgate do GT é exemplar nesse sentido). A circulação de escritoras oitocentistas e mesmo novecentistas que ficaram ao largo da historiografia literária, as inúmeras pesquisas demandadas na perspectiva feminista e a ampliação em programas de graduação e de pós-graduação de disciplinas afins a essa temática conferem a esse campo teórico fortalecimento e legitimação ao longo dessas últimas décadas. Paralelo a esse espaço conquistado, o que me proponho a pesquisar é em que medida as discussões travadas pelas (o)



CADERNO DE RESUMOS

ISSN: 2238-0787

pesquisadoras (e) feministas têm contribuído para provocar mudanças no campo literário, seja pela presença de autoras na cena literária contemporânea, pela sua inserção, por exemplo, nos prêmios literários, seja pela circulação de suas obras nos livros didáticos e/ou programas de literatura brasileira.

MESA PLENÁRIA II MULHER NEGRA NA LITERATURA

O BRUTALISMO POÉTICO DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Eduardo de Assis Duarte (UFMG)

O tema da violência urbana faz-se presente com mais intensidade na ficção brasileira sobretudo a partir de Rubem Fonseca e Dalton Trevisan, cujo estilo foi caracterizado por Alfredo Bosi como "brutalismo". Tal representação inspira-se nos elementos do roman noir, largamente adotados pela indústria cultural. A partir da década de 1990, Conceição Evaristo inaugura um saudável contraponto a esta prática, introduzindo um modo de narrar que descarta a representação estereotipada, sobretudo de negros e mulheres, além de trabalhar também as causas do fenômeno. A presente reflexão propõe uma leitura da violência nos textos da escritora rumo ao conceito de "brutalismo poético".

O SUBLIME FEMINISTA: ESCRITORAS NEGRAS NA LITERATURA BRASILEIRA

Rosana Kamita (UFSC)

A literatura pode ser percebida a partir de determinados paradigmas, no entanto, o sentimento sublime permite reconhecer o excesso e a ausência de regras preestabelecidas, instaurando um espaço diferenciado para a percepção da literatura em suas várias dimensões, tanto no que se refere à produção e recepção de textos literários, quanto em relação às abordagens teórico-críticas empreendidas. A literatura de autoria feminina pode ser reconhecida como espaço plural e transitório, de resistência a padrões instituídos, aproximando-a do conceito do sublime, o qual se apresenta como possibilidade de constantes deslocamentos, admitindo o ilimitado e o paradoxal. O feminismo tem contribuído para a reavaliação de antigos conceitos, estabelecendo novos posicionamentos em relação aos estereótipos relativos aos temas e gêneros literários. Cabe, no entanto, ponderar-se sobre o poder político desse acesso e os espaços ocupados por essa produção literária. Ainda hoje se percebe uma participação desproporcional de escritores e escritoras, o que se verifica ser potencializado quando se refere à participação de escritoras negras, uma vez que as desigualdades simbólica, social e política refletem-se nessa participação literária. O sublime se situa como resistência ao instituído, provocando o repensar da literatura em diferentes dimensões, dentre outras, geográficas, políticas, étnicas, raciais e de gênero. No presente texto, o sublime, e em especial o sublime feminista, ensejará a análise e reflexão sobre a participação de escritoras negras brasileiras no contexto literário atual, considerando ainda a sua contribuição na construção da história literária no Brasil.

SEXO, RAÇA E GÊNERO NA LÓGICA COLONIAL: O QUE CONTAM AS MULHERES

Simone Pereira Schmidt (UFSC)

Dentro do projeto colonial protagonizado pelos portugueses, espalhando-se por territórios de diversos continentes desde o século XV até a metade do século XX, produzir a civilização se igualava, em muitos sentidos, a "fazer sexo"¹. Mas o sujeito desta sexualidade era sempre o homem branco, espécie de "civilizador erótico"². Segundo essa lógica do patriarcalismo colonial português, no encontro de corpos femininos negros e corpos masculinos brancos, só o homem branco europeu era efetivamente sujeito do desejo e da História³. Tal desigualdade, somada a todo um conjunto de processos sociais desiguais forjados no seio da história colonial-patriarcal, imprimiu um traço central no modo como se operam até hoje as relações de gênero/raça nos países que viveram essa experiência histórica. Findo o colonialismo, a colonialidade do poder em nossos dias reinterpreta e reencena desigualdades da mesma ordem. Partindo da compreensão de que a crítica feminista, articulada aos estudos pós-coloniais, nos auxilia na interpretação das intrincadas relações existentes entre gênero e raça na experiência colonial e em seus desdobramentos em termos de uma colonialidade do poder, proponho-me a investigar a articulação dessas duas categorias tão vivamente presentes nas



CADERNO DE RESUMOS

ISSN: 2238-0787

histórias coloniais e pós-coloniais sobre as quais se constroem os sistemas culturais de países como os africanos de língua portuguesa e o Brasil. Tratam-se de sistemas culturais que compartilham, ainda que em sentidos diversos, específicas injunções de gênero e raça ligadas ao 'modo português' de escrever a sua história colonial-patriarcal-escravocrata. Para realizar essa tarefa, pretendo me dedicar à leitura de alguns contos de autoras africanas e brasileiras, nomeadamente Lília Momplé (de Moçambique), Dya Kasembe (de Angola) e as brasileiras Kátia Santos, Esmeralda Ribeiro e Conceição Evaristo.

1 PINHO, Osmundo de Araújo. O efeito do sexo: políticas de gênero, raça e miscigenação. Cadernos Pagu, UNICAMP, Campinas, vol. 23, p. 89-119, jul.-dez/2004. p. 101.

2 Idem, p. 102.

3 Cf. SILVA, Denise Ferreira da. À brasileira: racialidade e a escrita de um desejo destrutivo. Revista Estudos Feministas, UFSC, Florianópolis, vol. 14, nº 1, p. 62-83, jan-abr. 2006.

A MENSTRUAÇÃO NA OBRA DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Conceição Flores (UnP)

Entre as práticas históricas de condicionamento e controle exercidas sobre o corpo da mulher estão as que dizem respeito à menstruação. Na tradição judaico-cristã, o Levítico estipula que a mulher fica impura não só durante o período menstrual, mas também por 7 dias após o término do fluxo. Essas proibições visa(va)m o controle da sexualidade, impondo à mulher a gravidez como destino, dado que após esses dias a mulher entra na fase fértil. Fazer da menstruação tema poético é rasurar a doxa patriarcal judaico-cristã e estabelecer a centralidade do corpo e de seus fluxos na literatura. Na obra de Conceição Evaristo, o sangue menstrual comparece em alguns Poemas de recordação e outros movimentos (2008), em especial, em "Eu-Mulher" e "Bendito o sangue de nosso ventre", assim como no conto "Mary Benedita", de Insubmissas lágrimas de mulher (2011). O objetivo deste trabalho é analisar os modos como o sangue menstrual aparece nas obras citadas. Para tanto, conceitos da crítica feministas darão suporte a este trabalho.

MESA PLENÁRIA III TRADUÇÃO DE TEXTOS TEÓRICOS

DIÁLOGOS E CONFLITOS DA CRÍTICA FEMINISTA CONTEMPORÂNEA

Izabel Brandão (UFAL)

Um dos pontos relevantes da antologia Traduções da cultura: perspectivas críticas feministas (Mulheres, 2015) é a sua atualização em relação a novas vertentes críticas, a exemplo da ecocrítica feminista, entre outras, surgida na década de 1990. Partindo de estudos sobre essa vertente, esta apresentação propõe-se a problematizar questões 1) acerca da repetição de certas práticas que continuam a tentar apagar a presença da crítica feminista no cenário dos estudos e pesquisas acadêmicas, e 2) acerca das temáticas recorrentes deste viés crítico feminista que trabalha na interface do humano com o não humano.

ROTAS DO FEMINISMO: ANOS 70 E ALÉM

Ildney Cavalcanti (UFAL)

Partindo de leituras de ensaios da antologia, enfocarei os principais eixos da crítica feminista dos anos 70 para, em seguida, observar algumas das repercussões deste *corpus* nas décadas seguintes, com ênfase em questões cruciais e inaugurais do feminismo da segunda onda, tais como: as relações entre natureza e cultura e o *status* secundário das mulheres na sociedade; a escrita revisionista; a exploração das marcas de gênero instituídas nas/pelas formas de representação; a gramática do olhar; a centralidade do corpo na arena da cultura e na pauta da crítica. Salientarei também as formas pelas quais tais questões ainda informam utopias, distopias e heterotopias relativas às construções de gênero na contemporaneidade.



CADERNO DE RESUMOS

ISSN: 2238-0787

O PÓS-HUMANO E SUAS OUTRAS ONTOLOGIAS

Cláudia de Lima Costa (UFSC/ CNPq)

A crítica feminista contemporânea, ao desconstruir as fronteiras entre natureza/cultura e humano/não humano, abriu espaço para novos “sujeitos” (pós-humanos) e diferentes noções de corpo e corporeidade, quando o que se torna relevante não é tanto a questão dos significados que estes assumem, mas dos próprios processos de materialização. Quais são os desafios para a crítica feminista depois da virada não humana?

A LITERATURA CONTEMPORÂNEA ESCRITA POR MULHERES E AS FRONTEIRAS DO HUMANO

Ana Cecília Acioli Lima (UFAL)

Os crescentes avanços tecnológicos e as concomitantes transformações culturais que temos testemunhado de forma bastante acentuada nos últimos anos vêm, obrigatoriamente, trazendo consigo uma crítica profunda da ontologia do humano, que abre espaço para percepções e concepções muito mais ampliadas, expandidas e complexas do que conta como humano na contemporaneidade. O pensamento crítico-teórico, hoje, faz ruir radicalmente visões sedimentadas de natureza e cultura, ao expor, antes de tudo, a construção discursiva da subjetividade, das identidades, das noções de raça, etnia, da sexualidade; e, também, ao revelar o quanto estamos mergulhados em uma rede sócio-discursiva, ciber-tecnológica, na qual nossos corpos, gêneros e desejos são construídos. Pensadoras feministas como Donna Haraway discutem a fragilidade, ou a inexistência, das fronteiras entre o humano, as máquinas e outros organismos, levantando discussões políticas importantes sobre a relação entre as mulheres e a tecnologia, por exemplo. Judith Butler, por sua vez, promove um questionamento radical do sistema sexo/gênero e seu insidioso mecanismo de normalização e naturalização que estabelece como inteligível, e, portanto, humano, aqueles corpos que se enquadram no binário homem/mulher, masculino/feminino. Diante disso, o objetivo desse Simpósio Temático é propiciar um debate sobre as formas como a literatura contemporânea escrita por mulheres dialoga com as questões expostas acima e, imaginativamente, transgride e subverte os modelos normativos de configuração dos corpos e sugerem vias de rompimento com as estruturas e convenções do conceito tradicional de humano.

MESA PLENÁRIA IV LITERATURA E RESGATE

TROUXESTE A CHAVE? DO PORTAL E DA MALA

Tânia Ramos (UFSC)

Resultado de um esforço para deixar um legado para pesquisas dos acervos literários amontoados, embrulhados, depositados, desprezados, espólios, na maioria dos casos, pelas famílias, em um espaço multifuncional e, ao mesmo tempo, disfuncional, da Academia Catarinense de Letras, tenho coordenado o nuLIME, núcleo Literatura e Memória. A dedicação nos últimos anos ao Portal Catarina deve dar a conhecer, por exemplo, os cadernos da professora Delminda Silveira, nos anos 20, seus contos, suas crônicas, seus poemas, sua poesia para crianças, bem como quatro mil páginas de documentos da intelectual Maura de Senna Pereira que depois de organizados não são recebidos de volta pela Academia Catarinense de Letras? Será tudo isto, que recuperamos, catalogamos e digitalizamos, uma produção ratificadora da ideologia e modelos estéticos ultrapassados, colonizados, provincianos? José Lins do Rêgo, no início de *Gregos e Troianos*, adverte o leitor “não se tratar de um livro de viagens”, mas antes do livro “de um míope que precisa fixar-se mais nas coisas para senti-las melhor”. E complementava, “o míope não olha os homens e os fatos com rapidez. Pelo contrário, procura o mais que pode demorar a vista, ajudada pelas lentes, no que corre a sua frente”. Se os olhos míopes das instâncias culturais não permitem, pelo desinteresse, que se veja dentro de caixas um projeto estético, desencaixotar seu conteúdo foi um desejado projeto político de se desvendar a vida literária, as complexas margens do cânone e do centro. E descobrir que a instituição chamada UFSC, sintomaticamente situada numa ilha, pode deixar o que a imprensa chamou de “arrogante posição” de sequer cogitar a possibilidade de rever a reabilitação da Literatura de SC. De Santa Catarina. Em Santa Catarina. Catarinense. Em outras palavras: uma literatura antes disciplinar e obrigatória, para uma minoria,



CADERNO DE RESUMOS

ISSN: 2238-0787

passou a ser uma literatura acolhida em um *portal catarina*, a quem interessar possa. Ou que lhes interessar possa. Do espólio ao legado. E ainda temos a valiosa mala do *baiano* Jorge Amado...

TERRA E IDENTIDADE FEMININA: BILDUNGSROMAN FEMININO EM ALVINA GAMEIRO

Maria do Socorro Baptista Barbosa (UESPI)

Este trabalho discute a relação entre Literatura e História ao analisar três romances da escritora piauiense Alvina Fernandes Gameiro: *A Vela e o Temporal* (1957), *O Vale das Açucenas* (1963) e *Curral de Serras* (1980), propondo-se a pensar essa relação a partir da noção de construção identitária feminina, considerando que, na busca por uma identidade própria, essas mulheres buscam também construir uma identidade sertaneja, identificando-se com a terra natal de modo inexorável. Utiliza-se, para pensar a relação Literatura e História, as teorias de White (1983), Chartier (2002) e Pesavento (2006). Partindo do princípio que não se pode falar em identidade única, mas em identidades, utilizam-se nessa discussão os conceitos de Hall (2002) e Gardiner (1981). No que concerne a relação com a terra trabalha-se com as teorias de Zinani (2006), além de utilizar também o conceito de Bildungsroman de Labovitz (1988). Entendendo também que é necessário, para melhor entender como se dá a trajetória das personagens femininas, discutir como as mulheres eram vistas, e o que se esperava delas no período histórico das narrativas, usam-se para isso as ideias de Perrot (2005) e Pinsky (2012). O objetivo geral desta pesquisa foi verificar como cada protagonista se relaciona consigo mesma e com a terra, considerando suas trajetórias de vida e seus amadurecimentos. Conclui-se que as protagonistas gameirianas são capazes de qualquer sacrifício e de quebrar qualquer paradigma para permanecerem nas terras onde nasceram e que foram ensinadas a amar desde sempre, mesmo que tenha de matar ou morrer para que a terra de seus ancestrais seja protegida. Percebe-se ainda como, ao enfrentar conflitos e traumas, elas amadurecem e se tornam senhoras de si e de suas vidas.

A REBELDIA DAS POETAS BAIANAS ÀS NORMAS LITERÁRIAS DA MODERNIDADE

Ivia Iracema Duarte (UFBA)

Duas poetisas baianas, do século XIX, Adélia Fonseca e Amélia Rodrigues, vivendo um momento de transição na sociedade e na arte, isto é, do arcadismo para o romantismo, mostram-se contrárias às regras impostas pelo último movimento para a escrita das mulheres. Seus poemas desafiam as normas sem que o leitor se dê conta da grande subversão que elas fazem em algumas de suas poesias. Da mesma forma, a poeta Myriam Fraga, que começa a publicar nos anos de 1960, desorganiza o sistema do lar, com a sua Penélope.

MESA PLENÁRIA V

HISTÓRIA E NOVA HISTÓRIA DAS MULHERES NO BRASIL

HISTÓRIA DAS MULHERES – CATEGORIAS, NARRATIVAS E DISPUTAS

Joana Pedro (UFSC)

A apresentação pretende discutir a historiografia da história das mulheres e a historicidade das categorias utilizadas. Mostrar como movimentos de mulheres e feministas fornecem novas abordagens. Contextualizar as disputas neste campo historiográfico e apontar como a teoria *queer* revoluciona e desestabiliza as categorias.

POR UMA NOVA HISTÓRIA DAS MULHERES ESCRITORAS NO BRASIL: O CASO DAS IRMÃS LISPECTOR

Nádia Gotlib (Pesquisadora)

A reflexão propõe discutir parâmetros que têm norteado a história da literatura feita por mulheres no Brasil para, a partir de algumas das questões que o tema suscita, problematizar os resultados de uma leitura crítica de três escritoras brasileiras – as irmãs Lispector: Elisa, Tania, Clarice. Como adotar uma leitura analítica calcada no tripé – produção, divulgação, crítica? Como, em dias de mercantilização das leituras nem sempre críticas publicadas em periódicos, desenvolver um contato com o público leitor a partir de uma leitura analítica e crítica?



CADERNO DE RESUMOS

ISSN: 2238-0787

MESA PLENÁRIA VI
ESCRITORAS CONTEMPORÂNEAS

ESCRITORAS URUGUAYAS: DIÁLOGO INTERGERACIONAL DE SUSANA SOCA AL PRESENTE

Claudia Amengual (Uruguai)

En 1959, Susana Soca -poeta, ensayista, mecenas y gestora cultural uruguaya- murió en un accidente aéreo en Río de Janeiro. Con Susana se iba una época gloriosa para la intelectualidad uruguaya que había brillado en la primera mitad del siglo XX. Esa intelectualidad se había sustentado en una Escuela Pública de altísima calidad que ofrecía igualdad de oportunidades y se constituía en uno de los pilares de la democracia. La muerte de Susana marcaba el comienzo de una época turbulenta para el país que solo alcanzaría la estabilidad democrática en 1985 tras doce años de dictadura. A la huella profunda que estos hechos dejaron, se sumó la crisis económica de 2002 que forzó a otro tipo de exilio y cuyas consecuencias aún se sienten. Mientras esto acontecía, la literatura seguía su curso y las escritoras -herederas no solo de Susana Soca, sino también de María Eugenia Vaz Ferreira, Delmira Agustini y Juana de Ibarbourou- iban conquistando su espacio y consolidándose en el panorama cultural uruguayo. Esta ponencia propone un recorrido panorámico del trabajo de las escritoras uruguayas desde aquel fatídico día de 1959 hasta el presente.

O RETRATO DA ARTISTA QUANDO ESCRITORA

Lélia Almeida (Pesquisadora)

CAMINHOS DA VOZ ACUSADORA DURANTE MAIS DE QUATRO DÉCADAS DE EXERCÍCIO

Helena Parente Cunha (UFRJ)

A acusação indignada contra os excessos do autoritarismo dominador tem sido uma constante nos meus romances e contos, desde o início dos anos 80. Todavia, na última década, embora mantendo o dedo na ferida, se avulta o olhar compassivo para com as vítimas da exclusão. Quanto aos poemas, a voz angustiada ante o enigma do estar-no-mundo, se atenua e se abre para a visão compartilhada.

Voltar ao [SUMÁRIO](#)



CADERNO DE RESUMOS

ISSN: 2238-0787

MESAS-REDONDAS

MESA-REDONDA I

QUESTIONANDO A DOMINAÇÃO MASCULINA: DO RESGATE AO HUMOR

Coordenadora: Edilene Ribeiro Batista (UFC-CE)

Participantes: Algemira de Macêdo Mendes (UESPI), Elódia Xavier (UFRJ) e Carlos Magno Gomes (UFS)

As linhas de pesquisa sobre o resgate e sobre a literatura contemporânea se complementam quando pensamos no estudo da literatura de autoria feminina brasileira. Buscando apontar as aproximações metodológicas para essas linhas de pesquisa, esta mesa tem por objetivo divulgar a obra de escritoras esquecidas pela história literária e investigar o uso do humor e da paródia como estratégias de questionamento feministas da tradição androcêntrica. Por um lado, os estudos sobre o resgate ampliam o cânone com o estudo inédito sobre Ildefonsa Laura César e sobre Luiza Amélia de Queirós. Por outro, os estudos contemporâneos investem em novas estratégias de interpretação literária quando exploram o humor e a paródia como recursos estéticos contrários às normas e padrões impostos pelo sexismo e pela desigualdade de gênero. Com essas duas perspectivas, esta mesa contribui para a divulgação de abordagens interdisciplinares das pesquisas sobre o texto de autoria feminina.

MESA-REDONDA II

MULHERES E LITERATURAS NO CONTEXTO PÓS-COLONIAL

Coordenadora: Márcia de Almeida (UFJF-MG)

Participantes: Leila Assumpção Harris (UERJ), Liane Schneider (UFPB) e Ana Beatriz Rodrigues Gonçalves (UFJF)

A atribuição de identidades estereotipadas aprisionou mulheres e “culturas outras” no papel subalterno imposto a elas pelos grupos dominantes, em relação ao baluarte das identidades nacionais e no centro do confronto entre Ocidente e Oriente, excluindo subjetividades individuais, relações, conflitos, questionamentos e mudanças. Mas essas subjetividades estão vivas, se exprimem ao nosso redor e produzem uma nova literatura, que atravessa fronteiras territoriais e simbólicas. Nesse sentido, com base nos estudos de gênero, na crítica pós-colonial e nas reivindicações feministas de expressão, propomos a presente mesa-redonda, que tem, como corpus literário, as obras narrativas e poéticas das seguintes escritoras: Maryse Condé, Chimamanda N. Adichie, Nina Silva, Shirley Campbell e Igiaba Scego, cujas trajetórias são particularmente marcadas por várias influências culturais – brasileira, italiana, nigeriana, caribenha, somali, costarriquenha, francesa e estadunidense – e que reativam, denunciam e reelaboram o passado colonial, indelével e comum a todas, além de investigar a permanência de relações opressivas, de tipo colonial, nos dias de hoje.

MESA-REDONDA III

O AMOR EM 4 VOZES

Coordenadora: Christina Bielinski Ramalho (UFS-SE)

Participantes: Anélia Montechiari Pietrani (UFRJ), Nadilza Martins de Barros Moreira (UFPB) e Sandra Maria Pereira do Sacramento (UESC)

Partindo do amor como tema (em suas mais diversas formas e expressões), e do diálogo com os pensamentos de Georges Bataille, Zygmunt Bauman, Pierre Bourdieu, Andrea Nye, Nelly Richard e Elódia Xavier, a figuração do amor, do erotismo e do corpo feminino em produções literárias de autoria feminina de diferentes épocas serão dimensionadas a partir de questões de gênero como o empoderamento, a afetividade, a sexualidade e a transgressão aos modelos patriarcais de relações afetivas nos romances *Lésbia*, de Maria Benedita Bormann (1890) e *A viúva Simões* (1897), de Júlia



CADERNO DE RESUMOS

ISSN: 2238-0787

Lopes de Almeida, e nos poemas épicos *Romanceiro da Inconfidência* (1953), de Cecília Meireles, e *As marinhas* (1984), de Neide Archanjo, configurando as quatro vozes a partir das quais será possível delinear marcas de transgressão, de inovação e mesmo de reafirmação no que se refere à herança patriarcal que ainda permeia os códigos, as relações humanas e as práticas amorosas.

MESA-REDONDA IV

LITERATURA CONTEMPORÂNEA EM QUESTÃO: ABORDAGENS CRÍTICAS

Coordenador: Maximiliano Torres (UERJ)

Participantes: Ângela Maria Dias (UFF), Valéria Rosito (UFRRJ) e Lúcia Osana Zolin (UEM)

Em *O que é o contemporâneo* e outros ensaios, Giorgio Agamben, professor de filosofia da Universidade de Veneza, reúne ensaios escritos entre 2006 e 2008 que investigam a questão do tempo numa perspectiva moral e política. Para o filósofo italiano, a contemporaneidade é “uma singular relação com o próprio tempo”, sem que se conserve, com isso, apenas um olhar fixo sobre o período, mas continuamente à distância, “para nele perceber não as luzes, mas o escuro”, a fim de vislumbrar sua “íntima obscuridade”. Uma vez que, alcançar a visão nessa obscuridade é a condição de ser contemporâneo ao seu próprio tempo. Desse modo, na tentativa de “neutralizar as luzes que provém da época para descobrir as suas trevas, o seu escuro especial, que não é, no entanto, separável daquelas luzes”, a mesa redonda “Literatura contemporânea em questão: abordagens críticas” propõe caminhos de reflexões sobre algumas produções atuais de autoria feminina. Pelos escritos de Elvira Vigna, Conceição Evaristo, Tatiana Salem Levy e Cláudia Tajés, os integrantes buscam, nas diferenças de suas pesquisas, conjecturar sobre os liames entre passado, presente e futuro, como possibilidade de apontar para a relevância do próprio pensamento na cultura contemporânea.

MESA-REDONDA V

IMAGENS DISCURSIVAS DO CORPO NAS ARTES DE AUTORIA FEMININA

Coordenadora: Eliane Terezinha do Amaral Campello (UCPel)

Participantes: Nádia da Cruz Senna (UFPel), Otavia Cé (UCPel) e Renata Kabke Pinheiro (UFPel)

As questões acerca do corpo perpassam os séculos e seja nas artes ou nos demais meios de comunicação e áreas do conhecimento, a representação dos corpos das mulheres pode ser amplamente entendida como a celebração da beleza da forma feminina. Por outro lado, muitas destas representações servem para fetichizar a conformação física e como um meio (físico, simbólico, psicológico) de controle das mulheres. Quando a mulher se representa e representa o corpo feminino cria um espaço discursivo no qual são gerados sentidos (en)gendrados de raça, classe e orientação sexual. O corpo sinaliza para as identidades, sexualidades e ideologias. Esta mesa-redonda propõe relações inter/multi/disciplinares, na medida em que o corpo funciona como uma lente para a compreensão e análise da cultura, a partir das representações encontradas no texto literário e na pintura. No entrecruzamento do literário e da pintura com outros discursos, tais quais o discurso médico, jurídico, político-filosófico, fílmico, religioso, jornalístico etc. pode se instaurar o debate a respeito do corpo feminino, exposto, silenciado ou espetacularizado, nas mais diversas esferas — literatura e outras artes, cinema, televisão, mídia digital, artes visuais, performances, teatro, história, ciências sociais aplicadas, etc —, com o fim de verificar os procedimentos discursivos (impactantes?) de contextualização deste corpo às normas sociais. Alguns tópicos para debate podem incluir (sem se limitarem): - a forma feminina romantizada; - a figura historicizada; - partes fetichizadas do corpo; - mulheres inanimadas: bonecas, estátuas; - o corpo em movimento; o corpo e o espaço; - a mulher-deusa ou musa; - a mulher-maternal; - o corpo queer; - o corpo erótico.



CADERNO DE RESUMOS

ISSN: 2238-0787

MESA-REDONDA VI

MULHERES EM LETRAS: VOZES, PERCURSOS E RESSONÂNCIAS

Coordenadora: Iara Christina Silva Barroca (UFV-MG)

Participantes: Cláudia Maia (CEFET/UFMG), Maria Inês de Moraes Marreco (USP/UFMG)
e Ângela Laguardia (CLEPUL-Lisboa/UFMG)

Esta proposta busca, através da apresentação do grupo de pesquisa Mulheres em Letras, suscitar a discussão sobre os diversos percursos da escrita de autoria feminina, bem como apontar as possíveis ressonâncias que essa peculiar forma de escrita vem se inscrevendo na Literatura Brasileira. Como esse grupo de pesquisa tem seus trabalhos voltados para o estudo de textos exclusivamente produzidos por mulheres, propomos aqui apresentar algumas – dentre as tantas outras, grandes e ilustres – escritoras brasileiras, que, em e através de seus diversos gêneros literários – romances, crônicas, contos, poesias, ensaios –, colocam-nos frente a uma problemática um tanto contundente, especialmente no que diz respeito às formas e aos processos como essa inserção vem se constituindo no decorrer dos tempos. Em face disso, propomos apresentar algumas das temáticas mais recorrentes, quando se trata de observarmos as formas de re(a)apresentação de um determinado contexto, em que se predomina o universo tradicionalmente demarcado como feminino. Essa abordagem será feita a partir da apresentação de textos literários das respectivas autoras: Inês Pedrosa, Clarice Lispector, Nélide Piñon, Lya Luft e Paloma Vidal – o que não nos impede de traçarmos uma trajetória a partir de tantas outras inesquecíveis e imprescindíveis mulheres.

MESA-REDONDA VII

A PARTICIPAÇÃO DA MULHER NA LITERATURA BRASILEIRA NOS ÚLTIMOS 150 ANOS

Coordenadora: Anna Faedrich (FBN-Fund. Bibl. Nacional)

Participantes: Eurídice Figueiredo (UFF), Ana Maria Lisboa de Mello (PUCRS) e Stelamaris Coser (UFES)

A mesa-redonda aqui proposta tem por objetivo a reflexão sobre a literatura escrita por mulheres desde a virada do século XIX para o XX até contemporaneidade. A intenção é verificar as mudanças ocorridas na escrita bem como as condições de produção e as mudanças no contexto social em que estão inseridas. A mesa trará à luz mulheres como Narcisa Amália e Albertina Bertha (virada do século XIX para o XX), Pagu (Patrícia Galvão) e Cecília Meireles (século XX) e Conceição Evaristo (século XXI). As comunicações terão como enfoque: a literatura de vanguarda de Narcisa Amália e Albertina Bertha; a autobiografia de Pagu; Cecília cronista; Conceição Evaristo e a entrada em cena da literatura afro-brasileira.

MESA-REDONDA VIII

ESCRITAS DO CORPO FEMININO NAS LITERATURAS AFRICANAS

Coordenadora: Luana Antunes Costa (UFRJ)

Participantes: Eliane Gonçalves da Costa (UFES) e Cláudia Fabiana de Oliveira Cardoso (FAETEC/UNIABEU)

As escritas do corpo feminino, nas literaturas contemporâneas produzida por mulheres, é o meio de uma práxis de cidadania, pois que sua presença problematiza antigas estruturas de poder arraigadas em diferentes sociedades, sejam elas africanas, brasileira ou outras. Para essa mesa-redonda, elegemos como objeto de investigação e debate obras ficcionais do campo das Literaturas Africanas, de autoria feminina, produzidas por escritoras que apresentam, tanto na cena pública de seus países de origem, quanto na internacional, uma práxis intelectual ao revitalizarem o corpo da mulher e suas identidades, não deixando de questionar e convocar, em suas obras, o corpo social de seus países, sua historicidade e suas identidades sociais. Ganha vulto a necessidade de egermos um arcabouço teórico que seja capaz de problematizar as diferenças existentes entre os sujeitos intelectuais pós-coloniais, com recorte para a situação da mulher



CADERNO DE RESUMOS

ISSN: 2238-0787

escritora. Acredita-se que ao lançarmos um olhar crítico sobre as estruturas estéticas de corporeidade que se apresentam nas obras das escritoras mobilizadas, ampliamos o campo de visão da crítica literária que, então, passa a interagir com outros campos de saberes das Ciências Humanas e que nos possibilita também lançar luz à realidade situacional dos universos geopolítico e estéticos convocados pela palavra literária.

MESA-REDONDA IX

A CONSTRUÇÃO DO LUGAR DA MEMÓRIA, DA IDENTIDADE E DO PROJETO LITERÁRIO

Coordenadora: Leni Nobre de Oliveira (CEFET-MG)

Participantes: Aline Alves Arruda (UFMG/IFSUL-MG), Germana Henriques Pereira (UnB)
e Elzira Divina Perpétua (UFOP)

A produção literária de Carolina Maria de Jesus, cujo ponto alto é Quarto de despejo configura-se como uma peculiaridade na Literatura Brasileira. À margem do cânone literário, tanto sua produção publicada quanto a inédita tem despertado interesse de pesquisadores diversos, dada a sua especificidade como arquivo, como espaço de memória, como expressão linguística, e, ainda, como reflexo dos conflitos étnico-raciais vigentes no século XX, num país de escravidão recém-abolida. Esta mesa redonda propõe a apresentação de olhares sobre obras dessa escritora, a fim de lançar luzes sobre a preservação dos aspectos peculiares do estilo individual de sua obra, mediante a tradução para o francês, a compreensão da obra Quarto de despejo como um “lugar de memória”, a análise de “Dr. Sílvio”, obra inédita da autora, e seu projeto literário, e a percepção de Diário de Bitita como um espaço de construção de identidade e de memória coletiva e individual de sujeitos em situação diaspórica. Dessa forma, para além do universo da expressão feminina da obra de Carolina Maria de Jesus, pretende-se avançar na análise do aspecto arquivístico de sua produção e sua importância na construção memorialística dos sujeitos nas margens da sociedade.

MESA-REDONDA X

MULHERES EM DIÁLOGO: KATE CHOPIN, LÍDIA JORGE, VIRGINIA WOOLF E VICTORIA OCAMPO

Coordenadora: Maria Aparecida de Oliveira (UFAC)

Participantes: Aparecido Donizete Rossi (UNESP, FCL-Ar), Sheila Pelegri de Sá (FFCLH-USP)
e Maria Laura Monetta Carignano (UNESP)

A presente mesa-redonda tem como objetivo estabelecer um diálogo entre diferentes escritoras, como Kate Chopin, Lídia Jorge, Virginia Woolf e Victoria Ocampo. Ao analisar o trabalho de diferentes escritoras, pensa-se que diversas perspectivas sobre o feminismo emergirão desse diálogo, abrindo-nos os olhos para diferentes leituras e análises. Além disso, pretende-se verificar as diferentes identidades sexuais na obra do autor argentino Copi, por meio de sua obra teatral. O primeiro trabalho debruça-se sobre o gótico na obra de Kate Chopin, enfatizando as relações entre o gótico e o feminismo, uma discussão que ainda está bastante recente e merece maior atenção. O segundo trabalho tem como objetivo analisar os romances A costa dos murmúrios (1988), de Lídia Jorge e Nas tuas mãos (1997), de Inês Pedrosa, a fim de verificar uma atitude premente de recusa frente a tradição patriarcal portuguesa. Já o terceiro trabalho tem como objetivo analisar a questão da identidade nacional e sexual na obra do autor argentino Copi. Finalmente, o último trabalho pretende investigar a relação de Virginia Woolf e Victoria Ocampo, verificando como esse diálogo influencia a obra de ambas e a construção de suas identidades enquanto escritoras, feministas e intelectuais.

Voltar ao [SUMÁRIO](#)



CADERNO DE RESUMOS

ISSN: 2238-0787

SIMPÓSIOS TEMÁTICOS

SIMPÓSIO TEMÁTICO 1

A mulher no pensamento e na literatura da Idade Média: entre o ultraje e o elogio

O leitor Boorz e as mulheres em *A morte do Rei Artur*

Alessandra Fabrícia Conde da Silva (UFPA)

Em *A morte do rei Artur*, romance do século XIII, texto participante do ciclo da *Vulgata*, o bom cavaleiro Boorz mostra-se como um personagem não somente representante da *virtus* guerreira, mas de uma sabedoria que o distingue entre os seus pares. Ernst Robert Curtius em *Literatura européia e Idade Média latina* bem definiu a propagação na Idade Média da máxima clássica *sapientia et fortitudo*. De tal modo, seguiu-se o pensamento de que “toda perfeição consiste em força corporal e sabedoria” (CURTIUS, 1996, p. 232). É na *sapientia* de Boorz, muitas vezes manifestada no defeso da integridade do amor de seu primo Lancelot pela rainha (Guenièvre) que se verá, conforme a cultura patrística, sobretudo em São Jerônimo, o ranço da misoginia. O cavaleiro Boorz é leitor de imagens do passado e para compor suas argumentações retóricas perfila um catálogo composto por figuras masculinas que, segundo sua interpretação, sucumbiram por amar as mulheres. Assim, este trabalho procura discutir sobre os motivos que teriam conduzido Boorz a utilizar tal catálogo repleto de imagens de derrogação ao feminino, retiradas da tradição medieval patrística antifeminina. Howard Bloch, Ernst Robert Curtius, Heitor Megale, Pedro Carlos Louzada Fonseca, entre outros, nos trarão amparo teórico.

O papel divino da mulher Úrsula Iguarán em *Cien años de soledad*

Alix Costa Lima Pinto Bandeira (IFG)

Esta comunicação tem como objetivo estabelecer relações entre a personagem Úrsula Iguarán, que cria e sustém o mundo mítico de Macondo, e o Deus criador apresentado pela Bíblia, destacando a proeminência da figura e do papel feminino na obra em questão. *Cien años de soledad* (1967) é reconhecidamente o livro mais importante de Gabriel García Márquez. Está inserido na escola literária conhecida como Realismo Mágico, própria da literatura latino-americana da segunda metade do século XX, cuja principal característica é a percepção de elementos mágicos, sobrenaturais ou fantásticos como parte da normalidade da vida dos personagens. O livro conta a história de José Arcadio Buendía e Úrsula Iguarán e seus descendentes, durante um período de 100 anos. Na narrativa, Úrsula é o eixo condutor da trama. Ela é descrita, já no início da obra, como a mulher que “parecia estar em todos os lugares desde o amanhecer até avançada noite”, assim como o que diz a Bíblia em Salmo 121:4 “Eis que não dormita nem dorme o guarda de Israel. É ela que, ao chegar a Macondo, assim como Deus no Gênesis, limpa e organiza tudo, constrói o mundo (do latim mundare, limpar, purificar, organizar) mítico, Macondo, que se inicia como o Éden bíblico, segundo Salas (2006), apenas esperando para serem nomeadas. Úrsula permanece viva e inabalável, conferindo equilíbrio à sua estirpe, através de seis gerações dos Buendía. Segundo Recoba, García Márquez descreve Úrsula como uma mulher onipresente e quase onipotente. É a mulher vista como totalidade. Visão essa que o próprio García disse ter da mulher, reiteradas vezes.

A lenda de Melusina e as mulheres-serpentes: a visão demonológica da mulher

Carla de Lima e Souza Campos; Márcia Maria de Melo Araújo (UEG)

A visão monstruosa e destruidora do feminino faz parte de ancestrais cosmogonias míticas. Foi, entretanto, no período medieval que tal visão intensificou-se com a agregação de motivos demonológicos. A partir do século XIII, num período coincidente com o apogeu dos bestiários medievais e do Trovadorismo, a sereia tornou-se símbolo do amor maléfico. Não poderíamos deixar de comentar a serpente que se pactuou com Eva devido à sua natural vulnerabilidade à sedução e ao engano. Tal como as sereias com cauda de peixe, as mulheres-serpentes entraram no imaginário medieval, alimentando a tradição e os contos populares por muitos séculos. Exemplo disso é a lenda de Melusina, primeiramente aproveitada na



literatura romanesca por Jean d'Arras, em seu livro *Le noble hystoire de Luzignan*, escrito por volta de 1392-1393. Melusina foi uma fada que se casou com o senhor de Luzignan, com a promessa de torná-lo rico se ele nunca a procurasse aos sábados. Luzignan não cumpriu a promessa e, certo sábado, foi vê-la no banho. Percebeu, então, que ela era metade mulher, metade serpente. Melusina fugiu e o fim da história acabou por ter várias versões. A respeito da conhecida história de Melusina, o objetivo deste trabalho é investigar a tradição medieval da mulher-serpente sintonizando aquele aspecto da incontinência feminina para o libidinoso – primordialmente representada, na tradição judaico-cristã, por Eva na sua suspeitosa relação com a serpente do Mal –, e para o demonológico, em busca de entender como se formou a visão maléfica da mulher-serpente e os ecos do pensamento medieval de caráter misógino sobre a mulher. Esta comunicação é produto parcial do projeto de pesquisa intitulado “Bela, das brancas mãos” e o diálogo com a lenda de Melusina: as mulheres-serpentes, desenvolvido na Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Pires do Rio, com apoio da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da referida Universidade.

O reflexo das relações familiares: a situação doméstica da filha sob o poder vigilante da mãe em cantigas lírico- amorosas

Clarice Zamonaro Cortez (UEM)

A literatura é uma fonte potencialmente rica para a história, sobretudo para a história da Educação, podendo oferecer uma chave estimulante, levantar dados desfavorecidos pela historiografia que se vale apenas de documentos oficiais escritos como fonte. Os mais antigos textos literários escritos em língua portuguesa são composições em verso, reunidas em cancionários datados no final do século XIII e XIV, sendo que algumas reportam os fins do século XII. As cantigas de amigo, tema da nossa leitura, são consideradas um reflexo de uma tradição oral muito antiga. Spina (1971) refere-se a elas como “pequenos dramas da vida amorosa das donzelas, em que a vida do campo (com todas as sugestões da natureza), a vida burguesa e o ambiente doméstico formam a moldura desses singelos quadros sentimentais”. Costa Pimpão (1947) acrescenta-nos que a expressão “cantigas de amigo” pode ser aplicada a um grande número de composições de maior variedade formal e psicológica, mas que têm de comum o fato de serem “postas na boca da donzela, da menina em cabelo”. Predominantemente, a figura da mãe se desenha nos cantares de amigo, desconhecendo-se a autoridade paterna. Um estudo da situação doméstica da filha sob o poder vigilante da mãe e as reações sentimentais que suscita é o tema da nossa comunicação.

Morgana Le Fay e sua representatividade misógina em *Morte d'Arthur* e *Excalibur*

Fernanda Silva Neves (IFTO)

As lendas do Rei Arthur e os cavaleiros da Távola Redonda estão repletas de batalhas sangrentas, donzelas em apuros, armaduras, lealdade, igualdade entre a magia do Mago Merlin e das fadas de Avalon. Dentre os diversos personagens que povoam as diferentes versões da lenda estão, além do próprio Arthur, o seu mentor Merlin, seus pais Uther Pendragon e Igraine, sua meia-irmã, a fada Morgana, Guinevere, sua esposa, os cavaleiros sir Lancelot, sir Galahad, sir Percival, sir Gawain entre outros e seu sobrinho-filho Mordred. Todo esse material, seja ele histórico ou lendário, serve de tema para inúmeros poemas, romances, peças teatrais, musicais e filmes. O objeto deste estudo se encontra dentro da literatura e do cinema: a personagem Morgana Le Fay, em *Morte D'Arthur*, romance de cavalaria de Thomas Malory, de 1470, e em *Excalibur*, adaptação deste romance para o cinema, dirigido por John Boorman em 1981. O propósito deste trabalho é apontar o caráter misógino na construção desta personagem em ambas as obras. Para tanto será utilizado o conceito de misoginia, enquanto ódio e/ou aversão às mulheres, estudado por Georges Duby, R. Howard Bloch, Mario Pilosu e Roberto Sicuteri. Na cronologia deste estudo será apresentada uma visão geral sobre Morgana em toda a literatura medieval relevante para a época bem como uma apreciação sobre a mesma dentro da sociedade cristã e da sociedade celta. Por fim trataremos do aspecto misógino dentro de *Morte D'Arthur* e *Excalibur*.



CADERNO DE RESUMOS

ISSN: 2238-0787

Pelo direito de se narrar: mulher, literatura e discurso antimisógino na obra de Marina Colasanti

Kelio Junior Santana Borges (UFG)

Marina Colasanti é uma escritora assumidamente feminista. Em sua obra, encontramos um amplo painel de discussões relacionadas ao universo da mulher. Desde sua literatura de caráter infanto-juvenil aos seus textos ensaísticos, é notória a reiteração de uma crítica ao discurso misógino que há muito marca a cultura ocidental. Essa realidade de mulher escritora – em que ela pode usar sua voz feminina para explorar seus abismos e se contrapor a visões superficiais do discurso patriarcal – é bastante normal no mundo contemporâneo, mas não nos períodos como a Antiguidade ou a Idade Média, momentos de grande produção discursiva misógina. É graças a essa identidade moderna, de escritora, que Marina Colasanti lança mão da linguagem literária para compor uma voz atual que se volta contra os principais lugares comuns da misoginia herdada do helenismo e parafraseada pelos padres e santos medievais. A partir de textos da autora, pertencentes a diferentes gêneros, objetivamos analisar como acontece esse processo de desconstrução dos principais *topoi* de fundamentação misógina. A nosso ver, Marina Colasanti possui uma forma peculiar de desconstrução; por meio de intertextualidades, ela retoma ambientações e contextos de misoginia para, dentro deles, poder contestá-la. Numa realidade medieval ou num contexto cristão, essa escritora subverte os pilares da ideologia femifóbica, redefinindo o conceito de feminilidade e o papel da mulher determinados pelo passado. Para promover essa análise, nos apoiaremos em teóricos relacionados aos campos aqui envolvidos, a saber: misoginia, medievalismo e literatura.

A Cidade das damas e o topos da imperfeição feminina

Márcia Maria de Melo Araújo (UEG)

Esta comunicação apresenta como proposta um estudo sobre *Le Livre de la Cité des Dames* (ca. 1405), de Christine de Pizan (1365-ca. 1430), uma das mais significativas vozes de defesa da mulher no tradicional pensamento masculino de base misógina antiga e medieval. O objetivo deste trabalho é o de apresentar imagens e narrativas que tenham por fundamento a apologia da mulher, a exemplo do que faz Pizan em resposta a um número relativamente amplo de textos misóginos, entre os quais o famoso poema autobiográfico intitulado *Liber lamentationum Matheoli* (1295) de Mathieu de Bologne. Ao construir seus argumentos, Pizan tenta desconstruir a ideia de que todo comportamento feminino é cheio de vícios, dirigindo-se a filósofos, poetas e oradores, depreciadores das mulheres e incentivadores do *topos* da imperfeição feminina. Esse campo de investigação, focado na abordagem da história intelectual da mulher, tem como principal interesse a documentação textual de natureza científica e literária, embora não desconsiderando registros textuais de outras áreas do saber. Sua orientação consiste em abordagens teóricas e críticas acerca não só dos recursos técnico-formais, expressivos e temáticos, como também dos fatores condicionantes culturais e ideológicos que influenciaram os juízos de valor sobre a realidade feminina na Idade Média e sua produção intelectual. Este trabalho é produto parcial da pesquisa intitulada “Mulher difamada e mulher defendida no pensamento medieval: textos fundadores”, integrante da Rede Goiana de Pesquisa sobre a Mulher na Cultura e na Literatura Ocidental, apoiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás, sob coordenação do Prof. Dr. Pedro Carlos Louzada Fonseca, para o período 2013/2016. É também produto de plano de trabalho intitulado “Fontes e influências disseminadoras da representação da mulher na literatura medieval: em defesa da mulher”, desenvolvido como estágio no Programa de Pós-Doutorado da Universidade Federal de Goiás, sob supervisão do supramencionado professor.

Do texto à cena: a mise en scène clariciana na representação medieval de “A pecadora queimada e os anjos harmoniosos”

Mônica de Jesus Lopes (UFBA)

Este trabalho anuncia Clarice Lispector como dramaturga de única peça teatral: *A pecadora queimada e os anjos harmoniosos* (2005) cuja produção vem confirmar o caráter dramático que já se faz presente na narrativa ficcional da escritora. Neste sentido, Clarice Lispector dramaturga oferece ao leitor/pesquisador uma gama de possibilidades investigativas que culminam na ratificação da complexidade da obra e da marca indelével da escritora no universo literário. A representação teatral acaba por delinear, mais precisamente, a personagem na configuração de pessoa,



trazendo ao conhecimento do leitor uma tragédia em único ato, em ambientação medieval, cuja protagonista, a Pecadora, transgride o sétimo dos mandamentos - "Não Adulterarás". Movida pela *hybris* trágica, em atitude de desmesura, propõe-se a uma vida errante, aquém dos valores éticos, morais e religiosos da Idade Média. Levada a julgamento em praça pública, a personagem dessacraliza-se e sacraliza-se na voz de seus algozes. Entretanto, nada diz; apenas sorri, silenciosamente.

Abelardo e Heloísa: o legado patrístico misógino na expressão do ideário afetivo

Pedro Carlos Louzada Fonseca (UFG)

Abelardo foi um dos destacados intelectuais franceses do século XII no campo da filosofia e da teologia. O seu malfadado romance afetivo com Heloísa motivou a suposta interação de cartas entre eles. Nessa correspondência, que se caracteriza por seus pronunciamentos provindos da tradição patrística medieval, verifica-se uma espécie de internalização do legado misógino dessa tradição na expressão do ideário afetivo das cartas. Constitui objetivo fundamental dessa comunicação o exame desse processo psicossocial, procurando-se como resultado a demonstração teórica e crítico-analítica de que a misoginia constitui um dos mais arraigados essencialismos da complexa realidade androcêntrica da Idade Média. Destaque-se que a comunicação se apresenta como produto parcial do projeto de pesquisa intitulado *Mulher Difamada e Mulher Defendida no Pensamento Medieval: Textos Fundadores*, que, integrando a Rede Goiana de Pesquisa sobre a Mulher na Cultura e na Literatura Ocidental, é coordenado pelo Prof. Dr. Pedro Carlos Louzada Fonseca, com apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG) para o período de 2014-2016.

Voltar ao [SUMÁRIO](#)

SIMPÓSIO TEMÁTICO 2

Memória e imaginário nas Literaturas Brasileira e Africanas de Autoria feminina

O imaginário poético e plástico nas composições de Lília Silva

Job Lopes (UNIOESTE)

O presente estudo busca uma reflexão sobre o imaginário poético e plástico nas obras da autora brasileira Lília Silva. A escritora possui publicados mais de cem livros, nas mais diversas áreas, como poesia, romance, teatro, literatura infantil, Artes plásticas, entre outros. Gilbert Durand considera o imaginário como o "museu de todas as imagens passadas, possíveis, produzidas e a produzir" (1994, p. 03). Dessa forma, busca-se no "museu", de Lília Silva, investigar as distintas imagens que se manifestam na poesia e nas pinturas da artista. A leitura das obras parte da fenomenologia e da hermenêutica por considerar o significado das imagens uma interpretação subjetiva e instável. Observa-se, nas produções da autora, uma linguagem que vai se articulando com imagens, que refletem a inquietude e a melancolia do homem diante da existência. As pinturas expressam mais que formas e contrastes, elas revelam um universo tétrico, onde o indivíduo se revela sem máscaras, o que também pode ser analisado na lírica. Para este trabalho foram selecionadas duas telas da série "Palhaços", e o poema, "Em ritmo de crepúsculo, o anjo".

Sobre o narrador em *O amor de Pedro por João*

Maria Iraci Cardoso Tuzzin (UFMS)

O narrador em *O amor de Pedro por João* (1982) abre a narrativa revelando ações a partir de um conhecimento que passou a ter delas por observá-las em outros personagens, referindo-se a constatação feita por aqueles que formavam um grupo de exilados brasileiros, momentaneamente, refugiados na embaixada argentina, em Santiago no Chile, sobre uma cicatriz estampada no rosto do recém-chegado, Marcelo. Por outro lado, em *O narrador pós-moderno*, Santiago (2002) inicia sua exposição reflexiva destacando uma importante mudança na ficção de nosso tempo. A observação refere-se à dificuldade de contar histórias e, conseqüentemente, a exiguidade de autores bem como a mudança no perfil dos narradores. Nesse contexto, uma problemática se impõe: como se comporta o narrador do romance citado para revelar as histórias de um



grupo personagens que tomam o caminho da revolução em um período histórico em que dominavam forças conservadoras e reacionárias no continente latino-americano?

Vozes-mulheres: violência intrafamiliar e escola no conto "Shirley Paixão", de Conceição Evaristo

Ilane Ferreira Cavalcante (IFRN); Conceição Flores (UnP)

O livro *Insubmissas lágrimas de mulher* (2011), da escritora Conceição Evaristo, é constituído por 13 contos que abordam vários aspectos da violência sobre a mulher. Este artigo se debruça sobre o conto "Shirley Paixão", cujo foco é a violência sexual. A leitura do conto permite analisar o papel da escola na atenção à criança, além de alertar para questões que passam muitas vezes despercebidas, não só no âmbito escolar, mas dentro da própria família. Ao longo do artigo, traça-se uma breve reflexão acerca da violência doméstica no Brasil, que parte da compreensão de dados apresentados em relatórios do Ministério da Saúde e do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) além de uma breve revisão bibliográfica sobre a questão. A partir dos dados e dos autores referenciados, chega-se à compreensão do quanto a obra da autora se caracteriza como uma literatura engajada, no sentido de que, politicamente, indica a necessidade, na sociedade brasileira, de mais atenção às questões que se circunscrevem à violência de gênero, seja ela contra crianças e adolescentes, seja contra mulheres adultas.

Trauma, Memória e Amnésia em *Le Baobab Fou*

Meyre Ivone Santana da Silva (UFMT)

O trabalho propõe uma reflexão sobre as estratégias de reconstrução da memória em *Le Baobab Fou*, um testemunho que também se constitui pelo silêncio e pelo esquecimento produzidos pelo trauma. Ao discutir a homossexualidade feminina, um tema tabu em muitas sociedades africanas, a autobiografia da senegalesa Ken Bugul subverte as convenções de gênero em uma sociedade patriarcal. A narrativa apresenta a perspectiva de uma imigrante senegalesa em Bruxelas que ao sofrer a rejeição e o preconceito racial na Europa, experimenta a prostituição e as drogas, mas, na relação íntima com outras mulheres, encontra alívio e refúgio. A autobiografia de Ken revela a degeneração de uma mulher negra, africana e colonizada que através da literatura, restaura a sanidade e a espiritualidade e, nos interstícios da memória e da amnésia, reconstitui sua subjetividade. Neste sentido, *Le Baobab Fou* apresenta um sujeito feminino e pós-colonial ambivalente e fragmentado, buscando um espaço entre dois mundos: o masculino e o feminino, o africano e o ocidental.

Ecoss da memória na poesia de Conceição Lima

Maria Gabriela Cardoso Fernandes da Costa (UFAL)

A relação entre a memória e a literatura vem desde a Grécia Antiga, como se sabe. Os gregos fizeram da memória uma deusa, Mnemosine, cujas filhas, frutos das nove noites passadas com Zeus, são, segundo a mitologia grega, as fontes de inspiração dos poetas. Mnemosine é aquela que lembra aos homens os grandes feitos e seus heróis, através da figura do aedo, um adivinho do passado. Entre os gregos antigos, a poesia é identificada com a memória; o poeta é colocado entre os "mestres da verdade", sendo a ação de ver-sejar considerada por Homero como a ação de lembrar. Em África, a memória está ligada à tradição oral, por meio da figura dos griots, cuja função era transmitir de geração em geração os mais antigos acontecimentos da tribo, feitos das grandes personagens, crenças e tradições, genealogias. O livro *A dolorosa raiz do micondó* (2006), da santomense Conceição Lima, retrata, nos vários poemas que o constituem, a exemplo de "Canto obscuro às raízes", um eu lírico assumindo tanto o papel de aedo como o de griot, na ação de lembrar e testemunhar suas raízes identitárias.

O imaginário em Conceição Evaristo – por entre becos e memórias

Iêdo de Oliveira Paes (UFRPE)

O presente trabalho tem por objetivo evidenciar o imaginário poético-narrativo de Conceição Evaristo, evidenciado em cinco textos pinçados do livro *Olhos D'água* para o estudo sobre a discursividade imagética de algumas personagens.



CADERNO DE RESUMOS

ISSN: 2238-0787

Conceitos relativos ao entre-lugar, sobre o prazer do texto e o imaginário serão respectivamente analisados na perspectiva de Homi Bhabha, Roland Barthes e Gaston Bachelard. A ênfase nos estudos de autoria feminina corrobora com nosso estudo que é fruto do Grupo de Pesquisa MILBA – Memória e Imaginário nas Literaturas Brasileira e Africanas, da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

O caminho das águas na poesia de Livia Natália

Sávio Roberto Fonseca de Freitas (UFRPE)

A produção literária afro-brasileira de autoria feminina cada vez reforça a presença das temáticas voltadas às crenças afro-brasileiras na Literatura Brasileira Contemporânea. Nos versos de Livia Natália percebemos a devoção da voz poética à deusa das águas doces, o orixá feminino Oxum, entidade yorubá que representa a feminilidade, a fertilidade, a beleza, o amor e a maternidade. O objetivo de nosso estudo é desenvolver uma análise dos poemas da coletânea *Água Negra*, mostrando como o caminho das águas desenha os versos de Livia Natália e dá voz a um discurso afro-feminino que corrobora com a religiosidade afro-brasileira a partir de uma poética que se constrói sob o comando do imaginário mitológico yorubá.

Voltar ao [SUMÁRIO](#)

SIMPÓSIO TEMÁTICO 3

Feminismo na Amazônia: memórias de História e Literatura das Mulheres

Representações de mulheres negras nos livros didáticos de História

Flavia Rodrigues Lima da Rocha (UFAC)

O presente trabalho trata de uma proposta de pesquisa abordando a representatividade da mulher negra nos livros de História da Educação Básica, investigando assim como estas histórias têm sido contadas, bem como quais imagens e representações estes livros têm trazido para o mundo escolar. A importância deste trabalho está buscar revelar a posição marcada que a mulher negra possui no imaginário da sociedade, que é reproduzida pelo ensino de história através de seu livro didático e introduzida nas mentalidades, geração após geração, tornando fato consumado e verdades imutáveis ideias que foram historicamente construídas em determinados tempo e lugar e por motivações específicas. Segundo Bittencourt (2011) o livro didático é um dos mais poderosos formadores de mentalidades em nossa sociedade, uma vez que sua personificação de verdade absoluta convence facilmente seus leitores e estudiosos. Além disso, sabe-se que a história das mulheres é uma história contada por homens, o que implica dizer que é uma historiografia de poder e dominação (Perrot, 2010). O mesmo se pode dizer da condição da negritude, que sua história é escrita por brancos, porém em condição ainda pior, pois o negro foi de fato desumanizado para poder justificar a escravidão moderna (Munanga, 2011), imagem essa que tem chegado aos nossos dias, inclusive através do ensino de história. Sendo assim, pensa-se em separar livros didáticos de História da Educação Básica, editados depois da Lei 10.639/2003 e verificar seu discurso a respeito da mulher negra através de suas coleções. Considera-se que estudos como este não apenas desmascaram condições de racismo e desigualdade como nos mostra a necessidade de refletirmos sobre o assunto para que uma nova mentalidade se forme na busca por uma sociedade mais justa e igualitária.

“Das cobras, meu veneno”: uma leitura de Leila Jalul e suas crônicas

Margarete Edul Prado de Souza Lopes (UFAC)

Neste artigo, o objetivo foi descrever e analisar personagens femininas retratadas nas crônicas do livro *Das cobras, meu veneno* da autora acreana Leila Jalul, publicado como edição independente, em 2007. Leila Jalu tem mais dois livros de contos publicados: *Suindara*, de 2007 também e *Minhas vidas Alheias*, de 2011. Depois disso, publicou uma pequena novela denominada *Luzinete*, de 2012, sendo o livro mais recente o *Memórias Andantes*, de 2015. Em seus escritos, a autora conduz o leitor a refletir que vivemos em uma sociedade marcada pela diversidade, seja de gênero, de raça, de geração, cultural,



religiosa e política. Ela descreve com ironia fina e rebordada figuras femininas que marcaram época, gerações, famílias, que criaram ou derrubaram tradições. Não fala das mulheres que andaram em linha reta e numa superfície plana, mas daquelas que não temeram ou contornaram todos os buracos e pedras no meio do caminho. As cobras que percorrem as páginas, seja Naja, Surucucu, Cascavel, Anaconda, Sucuri ou Jararaca, elas serpenteiam mais que as palavras, as imagens seladas a ferro e fogo no coração daquelas que venceram os conflitos dentro dos diferentes grupos aos quais pertence cada indivíduo. Foram selecionados para viés teórico, artigos de Ivya Alves, Heleith Saffioti e Elódia Xaier que mostram como a mulher venceu seus grilhões e a vida submissa dentro dos padrões limitantes das leis patriarcais para conquistar seu próprio espaço e valores na sociedade contemporânea.

Autoria feminina em Macapá: tradição, silêncios e colonização

Marilene Pereira Salazar (UFAC)

Neste estudo, empreendemos uma leitura literária do livro *Encantos, Encontros - Poemas e Contos*, das professoras Leacide Moura e Iramel Lima, mesclando verso e prosa, que foi lançado em 2008, na cidade de Macapá. As autoras amapaenses Iramel Lima (formada em Letras e Antropologia) e Leacide Moura (formada em Letras), escreveram um livro de gênero misto, com prosa e poesia, de temas diversos. No caso dos contos, alguns são de cunho dramático, outros revelam um teor humorístico e até mesmo de alta tensão psicológica, porém sempre privilegiando os espaços regionais e retratando a Amazônia. Enquanto os poemas são líricos, também alguns de cunho político e ecológico, no tocante aos poemas de Leacide Moura. No caso dos poemas de Iramel Lima, são utilizados vocábulos de línguas indígenas, que expressam a diversidade da realidade étnica da região, além de explorar temas de lendas indígenas, além de outros temas ligados à floresta e o Ecofeminismo. O viés teórico adotado abarca textos de Teoria de Gênero, Teoria da Literatura e estudos culturais, de autoras como Margarete Lopes, Iraildes Caldas e Joan Scott.

Vozes afro-indígenas na literatura brasileira contemporânea: o lugar de Graça Grauna e Inaldete Pinheiro de Andrade

Eidson Miguel da Silva Marcos (UFRN); Amarino Oliveira de Queiroz (UFRN)

Durante bastante tempo, estudos acadêmicos respaldados por estatísticas oficiais costumavam referir a presença das populações indígenas e afro-descendentes no Rio Grande do Norte na condição de praticamente inexistentes ou extintas. Segundo essas fontes, fartamente utilizadas como subsídios para a educação formal, tais segmentos estariam circunscritos a alguns pequenos núcleos rurais, sendo minimizadas a sua presença e importância na conformação do perfil cultural do Estado dito potiguar. Mais recentemente, sobretudo a partir da pesquisa histórica, sociológica e antropológica desenvolvida por estudiosos como Julie Cavnac, Helder Macedo, Epitácio de Andrade Filho e Jussara Galhardo, entre outros, essas informações vêm sendo revistas e questionadas à medida que também eclodem grupamentos sociais organizados no sentido de reivindicar o reconhecimento de sua pertença identitária e cultural, como é o caso das comunidades quilombolas do Seridó ou dos conglomerados potiguares em processo de reestruturação em diferentes regiões do Estado. A literatura, nesse sentido, configura um espaço de resistência onde identidade, alteridade, etnia, gênero e auto-história são ressignificados e reafirmados por meio de estratégias como a incorporação de aspectos ligados à oralidade ancestral negra e indígena, entre outras iniciativas. Nesse viés, a obra de Maria das Graças Ferreira Grauna e Inaldete Pinheiro de Andrade, potiguares radicadas em Pernambuco consolidam, no campo literário, uma experiência voltada para a reivindicação e requalificação étnico-racial através de recursos como a contação de histórias, na condição de veículo de transmissão e manutenção dos saberes construídos coletivamente. No presente estudo, portanto, empreenderemos uma leitura recortada da obra das duas autoras, contemplando algumas questões de ordem étnico-racial, histórica, social e identitária que os seus ensaios, poemas e narrativas de ficção deixam entrever.

A conscientização da mulher indígena na poesia de E. Pauline Johnson

Eduardo de Souza Saraiva (FURG)

O objetivo do presente trabalho é o de apresentar a análise feita a partir do texto 'A cry from an Indian wife', do livro *Flint and Feather* (1997), de Emily Pauline Johnson, dando enfoque em como a autora traz a figura feminina no contexto do



poema. E. Pauline Johnson foi um grande expoente em sua época sendo a primeira mulher Aborígine a tratar dos problemas de seu povo e de sua terra dentro de seus textos poéticos e de ficção. Filha de um Chefe Mohawk e de uma mulher inglesa Pauline transitou por essas duas culturas em sua obra literária, bem como em suas performances. Com seus textos, Johnson deu início a um movimento que foi o de inserir a mulher, em especial a mulher indígena, em contextos que antes eram somente designados aos homens. 'A cry from an Indian wife' traz a mulher em duas perspectivas: a mulher Indígena e a mulher branca. O poema é construído a partir do apelo dessa mulher Indígena com relação à partida de seu marido para a guerra em defesa do território indígena, referência ao histórico conflito liderado por Louis Riel. A mulher branca é introduzida no texto a partir da visão da mulher Indígena que reflete sobre as inquietações que a segunda tem sobre a ida também de seu marido para a batalha. Ao longo do poema a esposa Indígena mostra-se hesitante sobre aceitar que o marido vá para a luta. Esse conflito permanece até o momento em que essa figura feminina decide que é dever do homem ir lutar de modo garantir que o branco não se aposse da terra Indígena. A resolução do conflito ao final do poema indica como a conscientização da identidade da mulher indígena se sobrepõe ao sofrimento amoroso neste momento de resistência colonial.

[Voltar ao SUMÁRIO](#)

SIMPÓSIO TEMÁTICO 4

Mulheres em cena: identidade, história e memória

A representação do feminino e a construção de identidade nos textos de Ana Eurídice Eufrosina de Barandas e Nísia Floresta

Sayonara Bessa Cidrack (UFC); Edilene Ribeiro Batista (UFC)

Desde os primórdios, o processo de dominação do masculino sobre o feminino é uma realidade na sociedade patriarcal. Isso acontece em todos os âmbitos: político, social, econômico e cultural. Na literatura, por exemplo, durante muito tempo, as mulheres foram marginalizadas e silenciadas. O cânone brasileiro, até o século XIX, privilegiou apenas figuras masculinas como representantes de nossa formação cultural, fazendo-nos acreditar que não houve produção literária feminina nesse período, apontando para a presença da mulher, na Literatura Brasileira, somente a partir das primeiras décadas do século XX – o que não é verdade. Ana Eurídice Eufrosina de Barandas (1806-?) e Nísia Floresta Brasileira Augusta (1810-1885) comprovam essa falácia. Essas Autoras transgrediram um sistema misógeno de suas épocas e dedicaram-se à poesia e à prosa. Apesar das produções serem consideradas periféricas em relação à literatura central (aquela produzida pelo masculino), a escritura de autoria feminina dos séculos XVIII/XIX não só serve de recurso para se analisar como se deu o processo de construção identitária da mulher nessa fase histórica, como também se faz necessária na reavaliação do papel feminino, no passado e na atualidade, desnaturalizando conceitos, negando diferenças das mais diversas ordens, estabelecendo mudanças nas relações binárias homem/mulher e combatendo a violência simbólica contra o feminino. Foi por meio do discurso que a mulher, no Brasil, ganhou autoridade autoral e passou a questionar, assim, as relações de poder instituídas pela sociedade e pelo próprio cânone. E é a partir dessa perspectiva que os textos de Ana Eurídice Eufrosina de Barandas e de Nísia Floresta Brasileira Augusta serão analisados.

Mulheres negras, ancestralidade e pertencimento nos romances de Conceição Evaristo

Tamires Mayara Santos Araújo (UFVJM); Rodrigo Guimarães Silva (UFVJM)

A proposta dessa comunicação é identificar e analisar as maneiras como a questão da ancestralidade e da memória da escravidão compõem nos romances Ponciá Vicêncio (2003) e Becos da Memória (2013), da escritora mineira Conceição Evaristo, por meio do protagonismo de personagens femininas. Nas obras de Evaristo podemos identificar "a consciência de pertencimento a um grupo social oprimido (DUARTE, 2015, p. 149)", que ganham especial relevo em sua escritura através da primazia da temática da ancestralidade ou a partir da memória de um tempo não vivido. A vivência das



personagens Ponciá e Maria Nova nos referidos romances traz em sua essência a história de uma coletividade que é permeada pela violência de classe e gênero. No âmago dessas narrativas literárias, reconhecemos que a memória tem uma função, entre outras coisas, de fortalecimento e solidificação de mecanismos culturais que aprofundam e estreitam o sentido identitário e de pertencimento a comunidades específicas e socialmente diferenciadas. Podemos perceber ainda que, essas questões colocadas anteriormente estão relacionadas com a posição da mulher na cultura afro-brasileira e como essas personagens se evoluem com o lugar do negro na sociedade em questão. Esse fator se manifesta através da busca coletiva por narrativas que pertencem ao seu grupo como no caso de Maria Nova, de *Becos da Memória* (2013), ou pela busca solitária de uma herança simbólica e ancestral como é a da personagem Ponciá, ambas nesse contexto, se encontram enquanto mulheres negras e testemunhas de sua situação social. Sendo assim cabe destacar que a literatura não só estabelece fortes laços com a memória coletiva e cultural, mas também aciona mecanismos de denúncias e de conscientização, característica que se fazem presentes de maneira contundente na escrita de Conceição Evaristo.

Gerando palavras, parindo versos: a representação da maternidade na poética de Cristiane Sobral

Franciane Conceição da Silva (PUCMinas)

Durante boa parte da história, os papéis de homens e mulheres estiveram muito bem definidos em termos de comando e obediência. Afinal de contas, assim como era da natureza masculina a inteligência, a altivez e a força; era da natureza feminina a estupidez, a subserviência e a fragilidade. Dessa forma, os homens deviam dominar, e as mulheres serem dominadas; os homens deviam trabalhar, e as mulheres cuidar da casa; os homens eram os progenitores e as mulheres instintivamente maternas. As mulheres tinham nascido para serem mães e se recusarem a cumprir esse papel era considerado uma grande heresia, uma agressão contra a sua natureza. Desse modo, ter filhos era o papel central da mulher na sociedade. Nesse contexto, pretendemos com esse trabalho analisarmos alguns poemas do livro *Não vou mais lavar os pratos* (2011), da escritora afro-brasileira Cristiane Sobral, com o intuito de investigarmos como a temática da maternidade é enunciada na voz do eu-lírico feminino. Desse modo, em um primeiro momento, estudaremos poemas em que a enunciação do sujeito poético feminino, em consonância com algumas teorias essencialistas, reforça o discurso que trata da maternidade como algo inerente à condição feminina, um instinto de toda mulher. Em um segundo momento, analisaremos poemas que trazem uma abordagem mais liberal a respeito da maternidade, abordando-a como uma escolha e não como instinto ou imposição. Para realizarmos esse estudo, utilizaremos aportes teóricos embasados em: BADINTER (1985), (2001), (2003) e MATA (2008).

Vozes-mulheres: violência intrafamiliar e escola no conto "Shirley Paixão", de Conceição Evaristo

Ilane Ferreira Cavalcante (IFRN); Conceição Flores (UNP)

O livro *Insubmissas lágrimas de mulher* (2011), da escritora Conceição Evaristo, é constituído por 13 contos que abordam vários aspectos da violência sobre a mulher. Este artigo se debruça sobre o conto "Shirley Paixão", cujo foco é a violência sexual. A leitura do conto permite analisar o papel da escola na atenção à criança, além de alertar para questões que passam muitas vezes despercebidas, não só no âmbito escolar, mas dentro da própria família. Ao longo do artigo, traça-se uma breve reflexão acerca da violência doméstica no Brasil, que parte da compreensão de dados apresentados em relatórios do Ministério da Saúde e do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) além de uma breve revisão bibliográfica sobre a questão. A partir dos dados e dos autores referenciados, chega-se à compreensão do quanto a obra da autora se caracteriza como uma literatura engajada, no sentido de que, politicamente, indica a necessidade, na sociedade brasileira, de mais atenção às questões que se circunscrevem à violência de gênero, seja ela contra crianças e adolescentes, seja contra mulheres adultas.

Protagonistas rachelianas: mulheres em interseção pela resistência e superação

Laile Ribeiro de Abreu (UFMG)

As protagonistas de Rachel de Queiroz são personagens que representam mulheres que, embora não estejam inseridas em um contexto que lhes proporcione o trabalho fora do "lar, doce lar", vencem barreiras e alcançam o espaço público



através do trabalho, cerceado às mulheres que vivenciaram o tempo cronológico das obras. Tal postura insere as mulheres construídas pela autora de *O Quinze* em um espaço de resistência e superação. Esta comunicação pretende, portanto, discutir a presença da mulher, nos romances da referida autora, nos espaços públicos através do trabalho, sendo essa inserção uma oportunidade de se discutir a insubordinação feminina.

A mimeses da narrativa de elevado valor: entre *Odissea* e *Americanah*

Anna Maria Clauss Motta (Fundação Torino)

Americanah, romance de Chimamanda Ngozi Adichie, aborda a questão da aproximação com o herói lendário de Homero, Odisseo ou Ulisses e suas características na narrativa *Odissea* que, ao lado da primeira, *Iliade*, serviu de modelo às ocidentais que se seguiram, como *L' Eneide*, de Virgílio e *Os Lusíadas*, de Camões. Ocupa o lugar do Herói a protagonista feminina, "heroína" da atualidade Ifemelunamma que, sem o auxílio divino ou das Musas, deixa de ser, por isso, o herói épico, superior em grau aos outros homens e seu meio, [...] cujas ações são maravilhosas, mas que em si mesmo é identificado como um ser humano [...] (FRYE (1973; p. 39), e enfrenta os problemas do cotidiano e luta para superá-los e superar-se. Além disso, a leitura busca evidenciar o deslocamento da protagonista, ser humano comum em situação diaspórica, seu sentimento de entre-lugar e de não-pertencimento; seu estranhamento diante das diferenças culturais, de raça/etnia, de gênero e de valores, e a reafirmação da própria identidade num país que não é o seu de origem. Todas essas circunstâncias são enfrentadas através da lembrança, memória revivida, nas palavras de BENJAMIM (1980; p. 66; 67) memória como capacidade épica; e lembrança como a musa da epopeia.

Projetando canções em nações literárias

Assunção Maria S. Silva (PUCMinas)

A escrita de autoras africanas e afro-brasileira traz como traço identificador, em sua maioria, a metáfora do corpo feminino sob controle institucional ou patriarcal. Numa margem, são escritas tecidas nos fluxos e refluxos da memória que revelam a violência sistêmica sofrida pelas mulheres; noutra margem são escritas que reivindicam o lugar de fala dos sujeitos femininos na perspectiva de gênero, no contexto patriarcal e pós-colonial. No caso africano, mesmo não correspondendo às chamadas vagas do feminismo ocidental, as construções poéticas das autoras contribuem para refletir sobre o espaço de participação do sujeito feminino na construção da nação. No caso brasileiro, evidencia-se uma escrita que identifica as fraturas sociais da nação brasileira, sinalizando para os entraves que dificultam a emancipação feminina. Os avanços conquistados ainda não foram capazes de modificar a realidade de opressão contra o sujeito feminino, especialmente negro. Nesse exercício de expor as rasuras socioculturais e identitárias, os poemas de Conceição Evaristo, Paula Tavares e Conceição Lima dialogam entre si e perseguem as vias de evidenciar os gestos de resistência ao controle do corpo feminino. As artimanhas de opressão sucumbem nos "projetos de canção" e de nações poéticas quando a figura feminina é evocada para clamar o seu "grito", expor suas "escarificações" como forma de resistir e denunciar. Por esta via reflexiva, nosso objetivo é desenvolver uma breve leitura de poemas das autoras supracitadas, embasando-nos nas ideias teórico-críticas de Rita Segato, Inocência Mata, Lélia Gonzalez e Suely Carneiro.

***Hibisco roxo*: (re)construção mnemônica de uma identidade nação/mulher**

Roberta Maria Ferreira Alves (UFVJM)

Durante séculos, o continente africano teve obscurecida a sua história e saqueados os seus recursos naturais. Chimamanda Adichie Ngozi, em *Hibisco Roxo* (2003), utiliza como contexto para sua obra um país africano colonizado por ingleses, repleto de crenças e costumes próprios e aqueles oriundos dos colonizadores. Essa junção acaba por gerar para o povo uma divisão entre a tradição a assimilação. A autora nigeriana conduz seu leitor a uma percepção diferenciada da história oficial da Nigéria, através de uma narrativa em primeira pessoa que mnemonicamente reconstrói momentos de memória individual e que de leve e arrebatadoramente alcança planos gigantescos de uma memória coletiva. Kambili, a narradora, e a Nigéria se aproximam e se distanciam durante a narrativa construindo uma identidade que de forma híbrida é constituída pelos costumes natais e pelos costumes de outras terras. Nosso artigo pretende



levantar questões sobre o papel da memória na construção de uma identidade, analisar as marcas deixadas pelo outro nessa construção utilizando a formação da identidade da narradora, e os elementos fundamentais para a construção desse ser feminino, que ainda em silêncio se sente dividida entre verdades e inverdades que se desenham ao seu redor.

Subalternidade em personagens femininas de Paulina Chiziane: raça, corpo e transgressão na obra *O alegre canto da perdiz*

Karina Calado (PUCMinas)

O presente trabalho pretende discutir percursos de subalternidade encenados na obra *O Alegre Canto da Perdiz* (2008), de Paulina Chiziane. Para tanto, analisa o movimento, as ações e as vozes das personagens Delfina e Maria das Dores no espaço da narrativa, que é situada na Zambézia, província de Moçambique. As reflexões que pautam a análise partem de questões como raça e corpo feminino e buscam pensar sobre o espaço subalterno reservado à mulher na tradição e na sociedade colonial. Buscamos desenvolver compreensões acerca do percurso ideológico impresso à obra, ao refletir sobre a maneira como a autora lança mão do questionamento da condição de subalternidade, com o qual busca um despertar de consciência da mulher moçambicana e para o qual utiliza estratégias como a transgressão e a ambiguidade na construção das personagens. O estudo se estrutura ancorado nas contribuições teóricas de Franz Fanon (2008); Inocência Mata (2007); Alberto Oliveira Pinto (2007); Carmen Tindó Secco (2013); e Gayatri Spivak (2014).

O espaço da memória ou a memória no espaço: uma análise do conto “Último dia”, de Banana Yoshimoto

Joy Nascimento Afonso (UNESP); Paulo Giovane e Silva (PUCMinas)

É possível dizermos que o espaço onde está o indivíduo influencia a sua memória? No caso da literatura, é possível dizer que o espaço possibilita uma produção diferente? Refletindo sobre estas questões, propomos este trabalho, tendo como foco a análise preliminar do conto “Último dia” (Saigo no Hi) da autora japonesa Banana Yoshimoto, cujo texto consta na coletânea “Traição e América do Sul” (Furin to nambei, 2010). Os contos dessa antologia estão reunidos pelo espaço em que se passam as narrativas: a América do Sul. Neles, as narradoras, todas mulheres japonesas, estão viajando pelo exterior, sob várias circunstâncias – trabalho, turismo, acompanhando o marido ou se afastando de uma situação desagradável. No conto em questão, a narradora acompanha o marido, que é músico de uma orquestra e está em Buenos Aires para uma apresentação. A fim de não passar os dias no hotel, a narradora vai até o bairro de Tigre, e ali reflete sobre as decisões tomadas no passado, as quais incidem sobre o presente, influenciando diretamente. Uma delas - o relacionamento com um homem casado, seu ex-chefe - ainda é sentida quando a narradora reflete sobre o amor e a impossibilidade de escolher a quem se ama. Nossa proposta é analisar esse conto observando a relação entre o espaço e as memórias da narradora, que, em espaço exterior: fora de seu país e em espaço público, elucubra sobre seus sentimentos mais profundos, e, talvez, indizíveis se o espaço fosse outro. O espaço exterior e público, tão pouco frequentado pelas mulheres é utilizado pela autora como locus de liberdade das reminiscências femininas, ao falar sobre doloridas lembranças sem ser julgada, o que, dentre tantos aspectos, funciona também como uma forma que a personagem encontra para entender-se a si mesma.

Narrativas de Artemísia Gentileschi: cartas e imagens como espaço de construção de identidade

Cristine Tedesco (FURG)

Este artigo integra um estudo sobre a trajetória de vida da pintora romana Artemísia Lomi Gentileschi (1593-1654), por meio do qual buscamos entender sua atuação como mulher e como artista. Trabalhamos com a produção pictórica de Artemísia e com sua correspondência, endereçada a negociantes de suas obras – entre eles mercadores, diplomatas, duques, membros de academias de arte e mecenas da Península Itálica. As cartas da artista elucidam questões importantes não apenas sobre sua vida cotidiana, mas também sobre sua atuação na pintura e revelam a rede de relações que construiu com alguns dos colecionares de arte mais importantes de seu tempo. Nesse sentido, o artigo propõe pensar como as narrativas tanto escrita como imagética de Artemísia Lomi Gentileschi se configuram enquanto espaços de construção de identidade de gênero. O trabalho tem mostrado que Artemísia desenvolveu, na primeira metade do século



XVII, uma linguagem pictórica inovadora, reinterpretando modelos iconográficos e ressignificando a estética feminina. A trajetória de mulheres como Artemísia Lomi Gentileschi, por exemplo, nos sugere uma perspectiva para além de um feminino fragilizado e preso ao lar, pois a pintora construiu espaços de atuação que podem desestabilizar representações pré-estabelecidas sobre a atuação das mulheres no mundo da criação artística.

Narrativas de vida e neo-orientalismo: (auto)representação e subalternidade em autobiografias de mulheres muçulmanas

Laísa Marra de Paula Cunha Bastos

O trabalho destina-se a problematizar questões acerca do gênero autobiográfico e de seu sucesso quando o tema são as mulheres muçulmanas. Isso porque, além das escritoras pesquisadas neste estudo – Ayaan Hirsi Ali, Sultana (com Jean Sasson) e Malala Yousafzai (com Christina Lamb) –, outras tantas também optaram pela biografia ou autobiografia como formas narrativas para denunciar o patriarcalismo de suas sociedades. Nesse sentido, faz-se importante perguntar o porquê da escolha massiva pelo gênero confessional, a ponto de as autobiografias de mulheres muçulmanas consolidarem-se como um subgênero, tamanha sua expressividade editorial. Parte-se da hipótese de que essas narrativas de vida, uma vez que fabricadas no Ocidente com base nas lógicas da indústria cultural de massa e da literatura de grande produção, são apresentadas ao público circunscritas pelos discursos neo-orientalistas do choque de civilizações. Referimo-nos aos discursos veiculados no pós-11 de setembro de 2001, que, reiterando o discurso orientalista criticado por Edward Said, dividiram o mundo em Ocidente superior versus Oriente inferior. Nesse sentido, propomos um questionamento dos modos de produção dessas autobiografias. Para tanto, tornamos visíveis as vozes editoriais e suas contribuições para a espetacularização do topos da mulher muçulmana enquanto vítima a ser resgatada de sua sociedade. Assim sendo, busca-se problematizar os limites e as possibilidades da auto-representação do sujeito subalterno em contextos marcados pela inequidade de forças e por agenciamentos da fala.

O sujeito erótico feminino em *O amante*, de Marguerite Duras

Clêuma de Carvalho Magalhães (FURG / IFPI)

O amante, obra da escritora francesa Marguerite Duras, apresenta como tema central o tórrido romance entre uma adolescente de quinze anos e meio e um homem doze anos mais velho. O escândalo dessa relação não se deve unicamente à diferença de idade dos amantes, mas também ao fato de ela ser francesa (porém pobre) e ele ser chinês (embora milionário). No entanto, a garota não se submete ao moralismo da sociedade, à opressão e à violência do irmão mais velho, como também não se deixa dominar no amor. Ela viola conscientemente os interditos, atende ao desejo que habita o seu corpo e busca o prazer que ele reclama, afirmando-se como sujeito na relação amorosa. O propósito deste trabalho é analisar o papel do sujeito erótico feminino representado pela garota que, entregando-se ao amante chinês, revela uma personalidade transgressora e subverte o papel historicamente atribuído à mulher, vivenciando a sua sexualidade como via de emancipação. A análise fundamenta-se nas reflexões de Georges Bataille sobre o erotismo e incorpora leituras da crítica literária feminista acerca da autoria feminina e do papel da mulher na sociedade.

Je ne fais rien sans gaieté: a dor por trás do riso – uma leitura do romance *Alice*, de D. Luiza F. de Carmargo Pacheco

Ivana Ferrante Rebello (UNIMONTES)

Em 1903, D. Luiza F. de Camargo Pacheco publica o romance Alice. No prefácio, a autora afirma que seu livro servirá à “educação das moças”, o que se comprova pelo enredo romanesco, em cuja trama a mulher apresenta-se como vítima e submissa a uma sociedade sexista. No entanto, algumas rasuras textuais deixam entrever o difícil percurso da literatura de mulher, que vai desde sua luta por ter acesso à voz até a forma como a escritora desenvolve estratégias discursivas para dialogar com a autoridade e o poder, no espaço exíguo de que dispunha. Este trabalho propõe uma leitura do romance, procurando evidenciar como o discurso da obediência e o da resistência, em suas discrepâncias, manifestam uma consciência de gênero e lugar, que merece ser mais ouvida.



CADERNO DE RESUMOS

ISSN: 2238-0787

SIMPÓSIO TEMÁTICO 5

A mulher: sua representação nos provérbios

A presença da mulher nos provérbios de língua espanhola

Kleber Eckert (IFRS)

O presente trabalho apresenta a síntese de um levantamento de provérbios em língua espanhola no que se refere à presença da mulher, e tem como objetivo principal analisar como a mulher encontra-se representada nessas formas de expressão. Quanto à metodologia, foram compilados provérbios em língua espanhola constantes em livros didáticos, em artigos científicos, em sites eletrônicos e em outras obras de referência. Os provérbios foram listados em planilhas e, ao lado de cada um deles, fez-se uma tentativa de tradução para a língua portuguesa. Quanto aos dados analisados, podem ser feitas algumas considerações: a mulher é representada, em usos e costumes, como um ser relegado a um segundo plano; é vista como um integrante passivo da comunidade em que se insere; na maioria das expressões a mulher recebe um tratamento discriminatório (é vista como mentirosa, histérica, hipócrita, fofoqueira, suja, traidora, vaidosa, contraditória, mas deveria ser calada e dedicada ao lar); a mulher não é considerada independente, e sim presa ao homem (pai, marido, filhos, etc). Enfim, os provérbios apenas mostram a visão discriminatória da mulher ao longo do tempo, e essas formas tendem a desaparecer à medida que também desaparecem o que as fez surgir: a discriminação social.

Toponímia e gênero: a representação da mulher nos nomes dos municípios da RCI

Bruno Misturini (UCS)

O presente trabalho tem como objetivo investigar a presença de nomes de mulheres nas denominações das cidades da Região de Colonização Italiana do Nordeste do Rio Grande do Sul. O *corpus*, constituído de cinquenta e cinco nomes e coletado no ano de 2001, foi retirado de Frosi e Mioranza (2009, p. 105-106). Inicialmente, os nomes foram categorizados de acordo com a taxonomia proposta por Dick (1990). Para a análise, foram considerados apenas os antropotopônimos (topônimos com nomes de pessoas) e os historiotopônimos (topônimos que remetem a fatos históricos e, por vezes, carregam nomes próprios pessoais). Feita a seleção, o número de nomes de municípios baixou para vinte e um. Destes, após revisão bibliográfica, constatou-se que apenas um nome faz referência a uma personagem feminina da história local: Serafina Corrêa. Há, ainda, o poliotopônimo Vila Maria, que homenageia uma antiga moradora da região. Constatou-se, portanto, que o gênero feminino, no que tange à denominação dos municípios da RCI, não possui tanto prestígio e representatividade como o masculino.

A presença da mulher nos provérbios dialetais italianos dos ítalo-brasileiros

Vitalina Maria Frosi

Este trabalho tem como tema a presença da mulher nos provérbios dialetais italianos da Região de Colonização Italiana do Nordeste do Rio Grande do Sul (RCI). O objetivo principal é o de identificar e tecer reflexões sobre a figura humana feminina revelada nas formulações desses provérbios. O texto é constituído por uma parcela dos resultados referentes a uma pesquisa mais ampla sobre os provérbios, realizada durante um longo período do processo histórico e linguístico da RCI. Os dados foram registrados, em sua maior parte, de 1987 a 1989 com acréscimos em anos posteriores. A metodologia adotada foi a da pesquisa de campo, por contato direto e com a aplicação de entrevista semiestruturada, em três municípios da RCI. O critério de seleção da área foi o da diversidade dialetal italiana. Muitos provérbios foram gravados, outros foram anotados pela escrita segundo as características formais dos dialetos manifestadas em sua formulação. Os provérbios sobre a mulher revelam uma visão machista, com atribuição a ela de uma função secundária em confronto com aquela desempenhada pelos homens. Ela aparece vinculada aos afazeres domésticos, subalterna à autoridade do marido e de dedicação constante à família. Não goza de status social nem familiar. Os provérbios, de modo geral, revelam uma figura feminina com defeitos e caracteres negativos, sem destaque, resumindo-se sua função em intenso trabalho e dedicação ao marido e aos filhos.



CADERNO DE RESUMOS

ISSN: 2238-0787

Poesias que enaltecem e anedotas que ironizam: a representação das mulheres nos almanaques *Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul e Popular Brasileiro* (1889-1910)

Linara Bessega Segalin (UM-España / IEEAF – Barão-RS)

O presente trabalho busca compreender a representação das mulheres nas páginas de dois almanaques importantes que circularam no Rio Grande do Sul no final do século XIX e início do século XX: Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul e Almanaque Popular Brasileiro. Observamos que, através das poesias enviadas aos almanaques, algumas características esperadas para as mulheres são exaltadas e, através das anedotas e provérbios, que também apareciam nas páginas dos almanaques, muitas vezes, as mesmas características exaltadas nas poesias são ridicularizadas. Através da comparação entre as poesias e anedotas é possível compreender aspectos dos papéis de gênero, sobretudo para as mulheres, esperados na sociedade naquela virada de século. É possível compreender como as transformações que estavam ocorrendo na sociedade já aparecem refletidas nas poesias e anedotas. O trabalho faz parte da pesquisa que desenvolvi na dissertação de mestrado da UFRGS, concluída em 2013, intitulada "Leituras confiadas às mais inocentes e mais puras leitoras"? As mulheres nos almanaques Gaúchos (1889-1910).

Os nomes femininos nos registros de batismo das décadas de 60 e 70 na Paróquia Santa Cruz em Nova Milano

Patricia Peroni (UCS)

O objetivo do presente trabalho é a análise dos nomes femininos das décadas de 60 e 70 na paróquia Santa Cruz em Nova Milano, comunidade situada em Farroupilha, Rio Grande do Sul. Os nomes foram coletados através dos registros de batismo do período citado. Para a seleção dos dados foi utilizada a ferramenta Antconc 3.4.3, e com isso foi compilada uma lista dos nomes femininos mais recorrentes nessas duas décadas. Foi realizada uma análise etimológica dos nomes mais incidentes e uma investigação para descobrir a motivação desses nomes, por exemplo, verificar se a influência religiosa era um dos critérios de nomeação, dentre outros. Além da motivação para nomear essas mulheres, leva-se em consideração os motivos históricos, como por exemplo, algum fato que ocorreu nesta comunidade nas décadas de 60 e 70 ou até mesmo algum costume presente nessa comunidade de origem italiana. Como referencial para o estudo, podemos citar CARVALINHOS (2003), DICK (1992), GUÉRIOS (1981).

Voltar ao [SUMÁRIO](#)

SIMPÓSIO TEMÁTICO 6

Momentos de ruptura social e a representação do feminino

A militância feminista na produção literária de Marina Colasanti

Angela Simone Ronqui Oliva (UEL)

Marina Colasanti é escritora contemporânea da literatura brasileira. Já escreveu mais de cinquenta obras, algumas destinadas ao público infanto-juvenil, muito estudadas no âmbito acadêmico, e outras de temática adulta, bem como livros de gêneros diversos, como ensaios, nos quais, muitas vezes, demonstrou seu desejo de lutar contra as desigualdades sociais em relação à mulher; além de crônicas, poesias, contos de fadas, contos e minicontos. Nas décadas de 70/80, quando a situação da mulher brasileira era de maior submissão, a ação feminista de Colasanti, tanto na imprensa (jornais e revistas) como nos livros que publicou sobre o assunto, ajudou a modernizar os costumes no Brasil. Conforme Fantinati, a posição do escritor(a) de caráter militante: "... consiste em afirmar não unicamente o caráter ideológico da obra literária, mas, e principalmente, em afirmar a necessidade de que ela atue como veículo de conscientização e de esclarecimento do público" (FANTINATI, 1978, p. 3). Apesar de Colasanti (2011) afirmar que não usa a literatura para fazer alarde ideológico, já que, quando quis fazê-lo, utilizou outros veículos, como os seus livros de ensaios, a imprensa, a televisão, ela acredita que toda boa literatura é social, e que certamente seus posicionamentos nas questões de gênero transparecem também em sua produção literária. Nesse sentido, o objetivo desse trabalho é, por meio da análise de três contos da escritora, verificar e demonstrar que a literatura de Colasanti "... traz nas entrelinhas uma



pungente crítica aos valores patriarcais” (XAVIER, 1999, p. 3). Os contos analisados neste trabalho são: “Para que ninguém a quisesse”, “Verdadeira história de um amor ardente”, presentes em *Contos de Amor Rasgados* (1986) e “Porém igualmente”, pertencente à obra *Um espinho de marfim & outras histórias* (1999). Todos eles mostram mulheres passivas, submissas e vítimas do domínio machista e patriarcal, do qual não conseguem se livrar.

A construção do feminino nos poemas de Adrienne Rich

Ariane Avila Neto de Farias (UFPel)

O presente trabalho tem como principal objetivo a análise dos poemas “Splittings” e “Cartographies of Silence” de Adrienne Rich. De um viés pós-moderno, a partir do *corpora* selecionado da poetisa estadunidense, pretende-se refletir sobre o processo de construção da subjetividade e sexualidade do sujeito feminino na contemporaneidade em oposição à figura feminina presente no discurso da heteronormatividade hegemônica. Desvinculado das representações sociais que assumem ser o corpo feminino um mero objeto masculino e indo além da noção de que a posse sexual da mulher é fator mantenedor da ordem social, o eu lírico de Rich é então, o sujeito formado pela e na diferença, figura marcada não apenas pelo seu gênero, mas por sua raça, classe, por sua linguagem e representações culturais. Hoje com a multiplicidade de valores, sentidos e representações, o sujeito feminino centralizado e estático perde seu espaço para uma figura contraditória, dinâmica e fragmentada, resultado de suas experiências. Nesta perspectiva, entende-se que as poesias de Rich aqui discutidas constituem um espaço de reflexão sobre o discurso hegemônico e práticas sociais guiadas pela cultura Ocidental. Assim, procura-se aqui articular a fala de autoras como Simone de Beauvoir e Teresa de Lauretis com os poemas de Rich, mostrando que com a crescente discussão de tal construção promove-se, não só uma nova percepção de mundo, mas uma mudança no quadro de referências e critérios, na avaliação de fenômenos sociais.

A guerra de imagens no período joanino: representações de Carlota Joaquina

Claudia Luna (UFRJ)

Um episódio pouco explorado de nossa história é a guerra de imagens que se trava, no período joanino, entre os partidários de D. João VI e sua política, e seus detratores e oponentes, na Corte e nas províncias. A imprensa ocupará papel determinante, ao construir certas representações do par D. João VI – Carlota Joaquina onde as tensões entre o projeto Carlotista e o projeto do Gabinete do rei se evidenciam. Pretendemos, neste trabalho, discutir algumas das representações de Carlota Joaquina, a partir das referências presentes no livro *Os escândalos de Carlota Joaquina* (1934), de Assis Cintra. Esta obra composta por “crônicas” de inspiração histórica, em que o autor se abriga no esfumado das fronteiras entre literatura e história, nos dá pistas preciosas sobre a produção de folhetos, panfletos e afins divulgados ao longo do século XIX, em especial sobre a existência de publicações satíricas sobre os monarcas. Nossa hipótese é de que a representação burlesca de Carlota Joaquina que se impôs na historiografia e no imaginário, iniciada naquele momento, foi a contraparte necessária para construir uma imagem ambígua de Dom João como homem bonachão mas sábio, o que, em última análise, encobria a face sombria da repressão e do controle naqueles tempos difíceis.

A personagem feminina em *De amor y de sombra*

Cristiane Aparecida da Rosa Rossi (UFSM); Luciana Ferrari Montemezzo (UFSM)

O rompimento dos valores patriarcais, a emancipação feminina e a integração da mulher na esfera profissional são temas instigantes, por fazerem parte da realidade do momento. A história da mulher, desde tempos imemoráveis, tem correspondido a uma história de submissão ao homem e de dependência econômica e, de certa forma, cultural (SCHMIDT IN NAVARRO, 1995; MURARO, 1995). Aprendemos, com o patriarcado, que a mulher deve permanecer em casa, dedicando-se à maternidade e aos afazeres domésticos. Por conta disso, o mundo exterior e a esfera acadêmica e profissional são majoritariamente dominados pelo sexo masculino. No presente artigo, dedicar-nos-emos ao estudo da mulher contemporânea, compreendendo-a como um ser inteligente e capaz de assumir posições anteriormente destinadas com exclusividade ao homem. Nesse sentido, tomaremos como base a personagem Irene Beltrán, protagonista da trama de *De amor y de sombra* (1984), da escritora chilena Isabel Allende (1942). Como resultado, aferimos que a mulher



da atualidade encontra-se amadurecida, em decorrência do aprendizado adquirido nos duros anos de repressão.

A semente da libertação feminina no conto “Colheita” de Nélide Piñon

Dileane Fagundes de Oliveira (UFSM)

A literatura é uma forma de expressão do homem, ou seja, um espaço para representações do sujeito e das suas relações com a sociedade; e como a literatura acompanha o homem em suas evoluções, acredita-se que o interesse crescente pela literatura de autoria feminina está visceralmente ligado às transformações culturais. A partir dessa questão, o presente estudo busca apontar os papéis impostos à mulher pelo patriarcado e os efeitos desta opressão através da representação do pensamento e das práticas sociais das personagens de Nélide Piñon no conto “Colheita”, presente no livro *Sala de armas* (1973). Com isso, objetiva-se discutir a construção da identidade feminina a partir das relações de gênero e conseqüentemente das relações de poder imbricadas nesse processo através da ótica feminina. Desse modo, espera-se destacar o papel que a narrativa de Nélide Piñon desempenha ao interferir no pensamento em torno do ‘eterno feminino’, inscrevendo na literatura nacional questões que são fundamentais para a superação de modelos discriminatórios presentes na sociedade brasileira.

Uma voz dissonante no Brasil colonial: uma leitura da representação feminina em *Desmundo*

Dinameire Oliveira Carneiro Rios (UFBA)

Neste trabalho analisa-se o lugar social da mulher no Brasil colonial conforme construído no romance *Desmundo* (1996), da escritora Ana Miranda. Partindo da perspectiva proposta por linhas de pensamento como a da nova história e dos estudos de gênero, investiga-se como foi construída a representação social da mulher no Brasil colonial a partir de uma narrativa romanesca que põe em cena a mulher enquanto sujeito oprimido por esse contexto, mas dotado de uma voz que possibilita expor seu olhar/leitura acerca do que a sociedade impunha acerca do comportamento feminino em diversas esferas sociais. Lido a partir da ótica da metaficção historiográfica, que visa revisitar, através da ficção, importantes períodos históricos e lê-los dentro de uma perspectiva outra, para além da versão oficial dos fatos, o romance de Miranda recupera aspectos relevantes dos primeiros anos do Brasil após a chegada dos portugueses, relendo-os pelo filtro do olhar da personagem-narradora Oribela. A ficção de Ana Miranda constrói uma personagem que se inscreve como representante do universo feminino que estava sujeita às imposições de uma sociedade marcadamente patriarcal e machista, porém, com determinação e rebeldia, questiona as imposições sociais engendradas. *Desmundo* contribui então para alargar a perspectiva desmistificadora proposta pela Nova História, desconstruindo a ideia de um modelo feminino marcado pela sujeição e fragilidade, para retratar uma casta de mulheres questionadoras e participativas ocultada pela história oficial.

Gilka Machado: uma *trobairitz* na poesia brasileira do século XX

Fernanda Cardoso Nunes (UECE)

No início do século XX no Brasil, a poesia escrita por autoras que transgredissem tudo o que não fosse mera exposição de sentimentos amorosos era vista como indecente e sofria duras críticas. A obra da escritora carioca Gilka Machado (1893-1980) rompeu com os padrões estabelecidos ao louvar os prazeres do corpo do amado. Este trabalho objetiva analisar sua obra sob a perspectiva do amor cortês. Nos seus poemas, carregados de um erotismo intenso, temos uma moderna *trobairitz* (trovadora) que, não apenas responde a uma voz masculina, mas apresenta o outro lado da história, ou seja, o ato de cortejar o amado. Isso nos faz lembrar a tradição lírica medieval das cantigas de amigo galego-portuguesas, nas quais temos a voz de uma mulher apaixonada, a declarar seus amores e suas dores ao seu amigo (amante, pretendente), o que demonstra ainda mais a influência da linguagem do amor cortês nos seus poemas. A presente análise pretende discutir sobre os elementos eróticos nos poemas de Gilka Machado, bem como o papel do eu lírico feminino como articulador do discurso amoroso. Investigaremos, através dos escritos de Telles (2002) e Zolin (2009), sobre a relação entre estudos de gênero e literatura; Paz (1993), sobre o amor cortês; Meleval (2002), sobre a poesia medieval no Brasil; além dos apontamentos de Bataille (2004) e Alberoni (1988), sobre erotismo e sexualidade, como a autora rompe com os limites



CADERNO DE RESUMOS

ISSN: 2238-0787

convencionados pelos padrões literários da época e reinventa a representação do eu lírico feminino na poesia brasileira de autoria feminina.

Representações femininas em Lygia Fagundes Telles: breve análise de *As meninas*

Daniele Marcon (UCS)

Este trabalho analisa a obra *As meninas* (1973), da escritora paulista Lygia Fagundes Telles, com o objetivo de discutir as representações femininas que perpassam a narrativa. Publicada no auge da ditadura militar brasileira (1964-1985), a obra configura-se em uma crítica à repressão desse regime – o que ocorre por meio da voz da personagem Lia, jovem militante política - ao mesmo tempo em que aborda questões pertinentes aos estudos culturais de gênero, problematizando a tradição patriarcalista e a dominação masculina que por tanto tempo marcou (e ainda marca) as sociedades em geral. Perpassando a vida das jovens Lia, Lorena e Ana Clara no Pensionato Religioso Nossa Senhora de Fátima, em São Paulo, a narrativa, predominantemente autodiegética, permite analisar, por meio da voz dessas meninas, o cenário político e social dos anos 1970 no Brasil. Para a discussão aqui proposta, são utilizados, entre outros, estudos que dizem respeito à crítica feminista, como o de Bourdieu (1998), Hollanda (1994), Showalter (1994), Padilha (1997), Lins (1998) e Adelman (2002).

As mulheres na ficção científica

Marlova Soares Mello (UFRGS)

A ficção científica foi durante muito tempo escrita por homens e para homens, especialmente para os jovens aos quais eram vendidos heróis destemidos e audaciosos como Buck Rogers, Flash Gordon e John Carter. Às mulheres, sobravam os papéis de seres frágeis e indefesos que frequentemente eram capturados por um inimigo extraterrestre e gritavam por socorro. Para as autoras que ambicionavam escrever ficção científica, a tentação de quebrar e subverter essa espécie de “parque de diversões”, de cutucar foguetes fálcos e de perturbar o imperialismo intergaláctico vai ser irresistível e algumas obras vão desencadear aquilo que Joanna Russ (1995:133) chamou de “mini boom” das utopias científicas feministas, desde o início da década de 60 e durante os anos 70 do século passado. Podemos dizer, no entanto que a quebra de paradigmas teve precedentes, pois já no século XIX e no começo do século XX algumas mulheres produziram literatura utópica que trazia à tona questões relevantes para a consolidação das ideias feministas. Até a década de 60 as mulheres não tinham quase nenhuma expressão dentro do ambiente da ficção científica, e frequentemente precisaram assumir uma voz masculina, optando, entretanto, por nomes que não tivessem uma marcação específica de gênero. Mulheres que desejavam se tornar leitoras ou escritoras desse gênero de ficção tiveram que assumir, de certa forma, uma identidade masculina, para não ter prejuízos com editores ou leitores, e só conseguiriam afirmarem-se, de fato, como autoras, na década de 70 do século XX. As construções de gênero, a postura feminina que a sociedade impunha à mulher, os direitos dos homossexuais, a luta do movimento negro: a ficção científica feminista também ajudou a conceder espaço e voz para esses grupos e temas. Através de alegorias sobre seres de outros planetas, as autoras conseguiram expor como era sentir-se estranha/estranho perante o resto do mundo.

Em busca de *Um teto todo seu*: a inserção das irmãs Brontë no cenário literário do século XIX

João Pedro Rodrigues Santos (PUCRS)

Neste artigo vamos discutir sobre a inserção das mulheres escritoras no cenário literário da Inglaterra do século XIX. Falaremos, mais especificamente, do caso das irmãs Brontë: Anne Brontë (1820-1849), Charlotte Brontë (1816-1855) e Emily Brontë (1818- 1848). Entendemos que estas mulheres representaram um movimento de ruptura na sociedade inglesa e na literatura do século XIX. Em um uma sociedade patriarcal, em que a literatura era feita em grande parte por homens, essas mulheres ousaram escrever romances com temáticas que normalmente não eram abordadas por mulheres. Além disso, algumas de suas personagens femininas mostram comportamentos considerados subversivos para o século XIX. Levando em conta este contexto, destacaremos as dificuldades que as irmãs Brontë enfrentaram para escrever e publicar suas obras. Apontaremos, também, como se deu a recepção dos romances bronteanos. Abordaremos ainda



como as questões da emancipação feminina e da subversão do poder do patriarcado aparecem representadas em alguns dos romances escritos pelas irmãs Brontë através do comportamento das personagens. Para isso, buscamos apoio teórico em vários autores e respectivos textos, em especial, no ensaio *Um teto todo seu*, da escritora inglesa Virginia Woolf, onde ela reflete sobre as dificuldades que as mulheres tiveram para se tornarem escritoras no século XIX.

Reconstrução do universo erótico feminino na obra poética de Alfonsina Storni

Karine Rocha (UFPE)

Entre o final do século XIX e início do século XX ocorrem várias rupturas nas sociedades, por conta do surgimento da modernidade e do feminismo. É em meio a estas mudanças que as escritoras passam a tratar o erotismo de maneira mais aberta na literatura. Durante este período, encontramos na literatura argentina, Alfonsina Storni, escritora que irá romper com muitos dos mitos criados em torno da sexualidade feminina. A obra poética de Storni tenta responder a questões como O que seria uma mulher? Quais seriam os seus reais anseios físicos? Em uma de suas vertentes poéticas encontramos um novo discurso dentro da literatura argentina, onde abertamente desnuda seu mundo íntimo e mostra para a sociedade que outra forma de se dizer mulher é possível. Seus versos não abrem espaço para um erotismo inocente, camuflado em diversas metáforas. Neles, encontramos um eu-lírico que se afirma como senhora de seu corpo. Nos propomos a analisar os poemas de Alfonsina Storni que trazem temas inovadores para a sua época como o uso de métodos anticoncepcionais, menopausa, amor livre, gozo feminino e reformulação dos papéis sociais na conquista amorosa.

(Im) Possibilidades do Narrar em *Obscena Senhora D*

Malane Apolonio da Silva (UEFS / CAPES); Rosana Maria Ribeiro Patrício (UEFS)

O presente artigo intitulado “(Im) Possibilidades do Narrar em *Obscena Senhora D*”, objetiva analisar como a escritora Hilda Hilst expõe especificamente através do ato de narrar, reflexões constituintes de uma lícita e liberta voz feminina que se faz presente nos questionamentos identitários da narradora- protagonista Hillé em narrativa contemporânea intitulada *Obscena Senhora D* (1982). A contribuição analítica para esse artigo contempla estudos desde as teorias de Ruth Silviano Brandão em *A vida escrita* (2006), Umberto Eco e sua obra *Seis passeios pelo bosque da ficção* (1994), Stuart Hall com o texto *Quem precisa de Identidade?* (2006), também estudos sobre a literatura contemporânea defendida por Beatriz Resende em *Contemporâneos* (2008), escritos de Walter Benjamin em seu texto *O narrador* (1994), Antônia Torreão Herrera com ensaio intitulado “Considerações sobre narrativa e o narrador em colóquio com Walter Benjamin” (2008), pressupostos de Zygmunt Bauman em *Identidade* (2005), e ainda Ítalo Calvino em *Seis propostas para o próximo milênio* (2010), entre outros teóricos e obras da própria Hilda Hilst que iram contribuir para a análise da narradora- protagonista Hillé a ser investigada nesse estudo.

A poesia de Alice Ruiz: crítica, leitura e recepção

Marivaldo Omena Batista (UFMG)

A obra *Dois em um* (2012), de Alice Ruiz, reúne todas as suas produções poéticas dos anos de 1980. Podemos perceber que a sua construção estética e temática possui diversas configurações, das quais a representação da mulher é uma das mais representativas. Uma perspectiva de leitura desta obra pode lançar mão da crítica feminista que analise as conjecturas ideológicas, os códigos estéticos e retóricos incorporados na produção de literatura de autoria feminina. Showalter (1985) observa que determinados grupos minoritários criam variadas formas de expressão em relação à sociedade dominante. Ainda segundo este teórico, a autoconsciência feminina perpassada na literatura apresentou um período de afirmação, outro de militância e, por fim, de consolidação. Esta comunicação apresenta uma análise de alguns poemas de Alice Ruiz (2012) a partir de duas categorias de produção formuladas por Showalter (1985): a) feminina, que corresponde a repetições de padrões estéticos e temáticos canonizados pela produção literária masculina; b) feminista, que representa uma ruptura em relação a esse modelo dominante de criação poética. Para elaborar esta análise, respaldamo-nos teoricamente em Eagleton (2002), Compagnon (2006), Showalter (1985), Zolin (2009), Antonio Candido (1995).



Momentos de ruptura social e a representação do feminino

Cristina Loff Knapp (UCS)

O objetivo deste estudo é discutir a representação do feminino na obra de Mário de Andrade. Para tanto, focaremos a análise no conto “Eva” que pertence a obra *Primeiro Andar* (1926). Esse é o primeiro livro de contos de Mário de Andrade, escrito antes do auge do movimento modernista. Ressalta-se que, mesmo anterior à fase de ruptura da Literatura que foi o Movimento Modernista, a obra marioandradeana já apresenta grandes inovações. A ruptura acontece de duas formas: na estrutura do conto e no comportamento da personagem. A primeira é possível perceber na organização textual. Focaremos o estudo na concepção de conto do autor. A segunda aparece na representação do feminino, fugindo aos padrões da época. Sendo assim, objeto de estudo será a contística de Mário de Andrade e a representação do feminino.

O travestismo na literatura escrita por mulheres em Portugal no final do século XVIII e início do século XIX

Elen Biguelini (UC / CAPES)

Os séculos XVIII e XIX apresentam grande quantidade de textos de autoria feminina portuguesa. A grande maioria destes são romances de temáticas consideradas no período como tipicamente femininas, ou poesia e textos religiosos. Ainda assim, algumas autoras tratavam em suas obras de temas e atitudes desviantes para a sociedade portuguesa do início do oitocentos. Este artigo tem o propósito de perceber a presença de personagens que transgridem através do travestir nesta literatura. Como o local da mulher era privado, ela necessitava de meios seguros para viajar, especialmente quando sozinha. Isto se reflete em: *Henriqueta de Orleans* de Francisca Paula Possolo da Costa (1783-1838), em *Aventuras de Diófanes* de Teresa Margarida da Silva Orta (1711-1793) e no folhetim *Pépa* de Maria Peregrina de Sousa (1809-1889). Considerando que estes textos surgiram em momentos no qual o corpo feminino era tabu e em que a situação das mulheres era a de subordinação, o travestir aparece como uma forma de libertação por parte da heroína, que vestida de homem passa a ter liberdades até então desconhecidas para o “sexo frágil”, ou quando no caso do travestismo masculino, uma forma de justificar atitudes masculinas e desviantes na personagem feminina. Através do uso da crítica literária feminista e especialmente do conceito de *anxiety of authorship* de Susan Gubar e Sarah Gilbert, este artigo visa perceber o uso do travestismo na literatura feminina portuguesa, de que forma ele é apresentado aos leitores, se são levantadas questões sobre a sexualidade das personagens que cercam aquelas que transferirem com o esperado na época, e se o uso desta estratégia por parte de mulheres que escrevem seria um paralelo com sua própria atitude transgressora- o ato público da escrita.

O bildungsroman feminino: um olhar sobre Jane Eyre

Paula Martins Rodrigues (PUCRS)

Com a ascensão do Iluminismo, grandes transformações ideológicas, sociais e políticas ocorriam por toda a Europa, modificando a maneira como o indivíduo via a si mesmo diante do mundo. A Revolução Industrial e o Capitalismo traziam o sentimento de solidão e de que o ser humano era agora responsável pelo seu próprio desenvolvimento. Nesse novo paradigma, o papel da mulher começava também a alterar-se; se o indivíduo dependia de seus próprios esforços, o que deveria fazer a mulher, uma vez que ela não possuía efetiva participação social e as condições adequadas para manter-se sozinha e desenvolver-se como plenamente? Os romances de formação (*bildungsroman*, no original alemão) proliferavam-se, mostrando a jornada de personagens masculinas em direção ao seu próprio destino e realização pessoal. Diante disso, ficaria a pergunta: seria possível um romance de formação feminino? O presente trabalho propõe-se a analisar e discutir o processo de desenvolvimento de Jane Eyre, personagem homônima do romance de Charlotte Brontë, tendo em vista o conceito de *Bildungsroman*. Espera-se trazer à voga o pano de fundo da escritura da obra, a teoria do romance de formação e a questão do feminino neste contexto. Para tanto, serão utilizados *A teoria do romance*, de Lukács (2009), *On the nature of Bildungsroman*, de Karl Morgenstern (2009), assim como os trabalhos de autoras que debatem sobre a literatura de escritoras femininas, como Gilbert & Gubar (2000).



CADERNO DE RESUMOS

ISSN: 2238-0787

Erotismo, irreverência e resistência: o diálogo entre os versos e as ilustrações na obra de Yêda Schmaltz

Paulo Antônio Vieira Júnior (UEG)

A incorporação de ilustrações nas obras de Yêda Schmaltz, não raro, ocorreu dentro de uma proposta consciente que refletia suas habilidades como poeta, como artista plástica e como professora de Estética. Assim, os livros que publicou foram todos objeto de sua atenção não só no âmbito da linguagem verbal, mas na comunicação não-verbal também. *Baco e Anas brasileiras* (1985) constitui o exemplo mais complexo desse aspecto da obra da autora. As gravuras de Henrique Alvim Corrêa (1876-1910) estabelecem correlação discursiva com os textos da poeta goiana, constituindo uma denúncia à violência sofrida pelas mulheres inseridas em sociedades norteadas pelo pensamento androcêntrico. Essa denúncia, entretanto, não deixa de exprimir sensualidade, irreverência e exprimir aspectos que tipificam os anseios eróticos, corroborando com o projeto geral do livro que atualiza o mito de Dioniso e tematiza assuntos sexuais através de uma linguagem lúdica e sugestiva. A presente comunicação pretende refletir sobre o jogo discursivo criado entre as composições e as imagens ilustrativas na obra em verso de Yêda Schmaltz, paralelamente a isso, procura-se evidenciar os modos de constituição da resistência feminina e feminista à moral vigente e, por fim, a convergência das perspectivas tomadas na obra com a literatura erótica e pornográfica moderna. Tais leituras se valem do aporte teórico de Théodor Adorno (2003), Dominique Maingueneau (2008), Eliane Robert de Moraes (2013), Linda Hutcheon (1989) e Sophie Van der Linden (2011), dentre outros.

Ana Hatherly : uma poesia de resistência e ruptura

Suzana Pagot (UCS)

Ao iniciar seu livro *Os filhos do barro*, Otávio Paz (1984) faz uma reflexão sobre a tradição da ruptura, o que num primeiro instante parece paradoxal, mas que serve bem ao objetivo deste ensaio: analisar a poesia de Ana Hatherly em *O cisne intacto* (1981) sob a perspectiva de um movimento cíclico de rompimento com a tradição poética através do recurso da metalinguagem. Ana Hatherly nasceu em Portugal num momento histórico em que o país atravessava dificuldades de ordem econômica e política. Quando começa a escrever poesia Portugal se encontra em plena ditadura salazarista. Esses elementos de contexto contribuem para se reconhecer a dificuldade da arte libertar-se e buscar formas novas de representação. Nessa esteira de metamorfoses culturais e sociais, Portugal entre as décadas de 50 e 60, também entra em cena com experimentações através da poética de E.M. de Melo e Castro, Pedro Barbosa, Almada Negreiros, Fernando Pinto do Amaral, Ruy Belo, Helder Macedo, Ana Hatherly, entre outros poetas que tentam pensar a poesia como meio de defesa e de resistência a esse nada padronizado que tende a suprimir o gesto e o risco da invenção do novo. (CASTRO, 1998, p. 14).

A degradação social pelos paradoxos femininos em *Joia De Família*, de Augustina Bessa-Luís

Aline Socorro Andrade (PUCGO); Deuzélia Rosa Gomes dos Santos (PUCGO); Roberta dos Santos Piedras (PUCGO);
Maria de Fátima Gonçalves Lima (PUCGO)

O presente estudo tem a análise da obra *Joia de Família*, de Augustina Bessa-Luís, em relação a degradação social dos personagens pelos paradoxos femininos. A autora possui uma forma de trabalho específica, que será analisado sob a teoria de Bakhtin e a estudiosa francesa Catherine Dumas. Assim, a percepção social feminina está presente nas obras de Augustina Bessa Luise a autora carrega uma complexa construção estética e psicológica de seus personagens femininos.

A representação feminina no romance *O Ponto Cego*, de Lya Luft

Solange Arruda da Silva (UFG)

A cultura ocidental nos lega e nos define valores e padrões de comportamento distintos para homens e mulheres, reservando para a figura feminina uma posição social de subalternidade e de total submissão ao homem. Mergulhadas neste universo de alienação, muitas mulheres não conseguem encontrar uma saída, e sua existência permanece marcada por relações conflituosas e fracassadas. Vislumbrando essa condição feminina, pautada nas relações de gênero, algumas escritoras se empenharam em produzir obras literárias que procurassem denunciar e promover uma reflexão sobre essa esmagadora realidade. O romance *O Ponto Cego*, da escritora gaúcha Lya Luft retrata com fidelidade essa situação e nos



permite adentrar em um universo familiar em que as pessoas parecem sufocadas pelo medo, pela insegurança, pela dor e exiladas no próprio lar; frutos da incomunicabilidade e de laços afetivos obscuros. Esta obra foi publicada pela primeira vez em 1999 num momento de efervescência da literatura de autoria feminina no Brasil, e apresenta várias personagens femininas que percorrem uma trajetória cercada pelas estruturas do sistema patriarcal sendo totalmente submissas à figura masculina, aos afazeres domésticos e aos papéis de mãe e esposa. Dessa forma, nosso intuito com este trabalho é discutir os lugares que estas personagens assumem como sendo lugares resultantes de práticas e de discursos engendrados nas relações de poder do sistema patriarcal. Tentaremos ainda verificar em que medida algumas destas personagens procuram romper com as mazelas de opressão a que são submetidas. Para atingir tal propósito buscaremos suporte teórico em autoras como: Judith Butler (2010), Joan Scott (1995), Silvana Carrijo (2013), Luciana Borges (2013), Cecil Zinani (2013), Elódia Xavier (1998) e Simone Beauvoir (1980).

Entre o arcaico e o moderno: as representações do feminino em *Um inimigo do povo*, de Ibsen

Vicentônio Regis do Nascimento Silva (UEL)

Henrik Ibsen (1828-1906) é autor de mais de vinte peças nas quais, entre outros temas, sobressai a emancipação feminina. A ação de *Um inimigo do povo*, publicada em 1882, discute os interesses privados em detrimento dos anseios coletivos, os limites da verdade e a mobilidade, fragilidade, fugacidade e superficialidade da opinião pública. Depois de receber exames que apontam contaminações nas águas da Estação Balneária da qual é médico, Dr. Stockmann busca defender a sociedade reivindicando ações eficazes para solucionar o problema. A “opinião pública”, inicialmente a seu lado, passa a apoiar os interesses do prefeito, dos proprietários de imóveis e dos acionistas da empresa. O jogo intenso e dinâmico da opinião pública reflete-se no arcaísmo de Catarina e na modernidade de Petra, respectivamente esposa e filha de Dr. Stockmann. Recorrendo-se a Foucault, José Luiz Fiorin e Pierre Bourdieu, analisamos os discursos e as ações das duas personagens femininas, observando a construção de paixões como medo, ousadia, temor, coragem, audácia ou idealismo. Seus comportamentos, ações e iniciativas igualmente simbolizam as oposições entre popular e erudito, senso comum e ciência, opiniões (volúveis) e princípios (perenes). Em *Um inimigo do povo*, analisam-se a estabilidade, a ordem e a interdição do discurso das personagens femininas representantes do espírito do século XIX, marcado pelas mudanças, efervescências e transformações políticas, sociais e científicas.

Voltar ao [SUMÁRIO](#)

SIMPÓSIO TEMÁTICO 7

Mulheres escritoras na virada do século

Literatura lésbica: um estudo sobre a obra de Karina Dias

Ana Aline Moreira Frich (UFSC)

Sabemos que a literatura contemporânea é um grande campo de fertilidade. Como nos apresenta Beatriz Resende, são obras dos mais variados assuntos, com autores diversos. Pensando nisso, esta comunicação pretende discutir a obra da autora Eliana Natividade, que escreve sob o pseudônimo de Karina Dias, e repensar o espaço que a literatura LGBT têm atualmente. Karina escreveu por muito tempo em *blogs*, tendo publicado na Internet vários romances. Em 2009, lançou seu primeiro livro, *Aquele dia junto ao mar*, e em 2012, *Diário de uma garota atrevida*. Seu último lançamento, em 2014, é *As Rosas e a Revolução*. No ano de 2011, Karina foi convidada para participar da primeira antologia de contos lésbicos da América Latina, *Vocês para Lilith: Literatura contemporânea de temática lésbica em Sudamérica* (2011), organizado por Claudia Salazar e Melissa Ghezi, com o conto *Al encuentro del amor*. Recentemente, ganhou o Prêmio PapoMix da Diversidade – 4ª Edição/2015, na categoria Literatura LGBT. Atualmente, há uma infinidade de autores LGBT's, porém, esses autores são visíveis somente dentro da própria comunidade; são autores de pequenas editoras, livros com poucas tiragens e o lugar de maior divulgação que esses autores encontraram é a Internet, em que existem muitos *sites/blogs* especializados em literatura LGBT. Karina é um exemplo desses autores.



Calcinhas penduradas no varal: novos paradigmas para o *Bildungsroman* feminino

Camila Canali Doval (PUCRS)

O *Bildungsroman* feminino, conforme Cristina Ferreira Pinto (1990), deriva do conceito tradicional do (sub)gênero, construído a partir da análise de romances de autoria masculina protagonizados por homens, em português traduzido como romance de aprendizagem, de formação, ou de desenvolvimento. A categorização do *Bildungsroman* responde mais pelos elementos temáticos apreendidos do que por uma estrutura determinada: trata-se de uma narrativa que registra as transformações do caráter do/a protagonista durante a jornada do seu desenvolvimento, sendo que essa formação é consequência da relação dele/a com o mundo exterior. Para Schwantes (2007), o processo de formação se refere diretamente às diferenças entre grupos sociais e meios de produção, imprimindo-se aí a questão do gênero como diferenciador fundamental entre o *Bildungsroman* tradicional e o feminino. A crítica feminista tem desconstruído o conceito de *Bildungsroman* tendo em vista que, da forma como foi estabelecido, exclui radicalmente a experiência feminina. O *Bildungsroman* feminino, por sua vez, convencionalmente se estabeleceu como a trajetória de uma protagonista rumo ao casamento e à maternidade, configurando-se no seu processo de domesticação, quase sempre com um desfecho fracassado, ao contrário do *Bildungsroman* masculino. A ruptura do círculo de domesticidade/fracasso é uma condição a ser vencida pelo *Bildungsroman* feminino contemporâneo, principalmente de autoria feminina, à medida que a representação de uma nova mulher potencializa as possibilidades desses textos intervirem na formação do cânone literário e, como consequência, na reconfiguração dos papéis sociais, determinando assim uma poética feminista aos moldes que propôs Lúcia Helena Vianna (2003). O objetivo deste trabalho é analisar dois exemplos de *Bildungsroman* feminino contemporâneo e avaliar em que pontos eles se diferenciam do *Bildungsroman* masculino e no que são capazes de fazer evoluir o *Bildungsroman* feminino convencional: *Calcinha no varal* (2003, Brasil), de Sabina Anzuategui, e *Ropa tendida* (2007, Espanha), de Eva Puyó.

O sublime nas vozes silenciadas em *Sinfonia em branco*, de Adriana Lisboa

Helena Schoepf (UFSC)

Sinfonia em branco, de Adriana Lisboa, traz temas de grande impacto e significado. Trata-se de uma obra singular, que conta a história de duas irmãs marcadas pelo trauma e pelo silêncio: Clarice e Maria Inês. Por meio de uma linguagem submersa em leveza, Adriana transforma uma história que teria tudo para ser pesada demais em uma bela sinfonia, mas nem por isso menos dolorosa. A trama se passa em meio à volta de Maria Inês para casa, para o encontro com as lembranças do passado e do traumático abuso de Clarice, por parte do próprio pai. Os acontecimentos que se seguem em suas vidas tomam rumos por consequência desse abuso. *Sinfonia em branco* fala essencialmente da condição humana, dos estigmas deixados por um acontecimento tão doloroso como um abuso e que vão acompanhar e transformar o futuro dos envolvidos. As memórias da infância e da adolescência são permeadas pelo silêncio e o proibido, em meio aos fatos que precisam ser escondidos, às vozes que precisam ser silenciadas. Esta comunicação pretende analisar a representação do sublime em *Sinfonia em branco* e como as vozes silenciadas de Clarice e Maria Inês, bem como das demais personagens femininas que venham a apresentar a mesma condição, contribuem para essa representação. As teorias do sublime aqui apresentadas são baseadas em Burke (1993), Kant (2002), Lyotard (1993) e na crítica literária feminista.

***We are all completely beside ourselves*, de Karen Joy Fowler: uma história de espécies companheiras**

Ildney Cavalcanti e Joan Haran (UFAL)

Este trabalho oferece uma leitura do romance *We are all completely beside ourselves*, da autora Karen Joy Fowler, *best-seller* muito bem recebido pela crítica após seu lançamento em 2013. Enfocamos esta obra como sendo profundamente informada por perspectivas feministas contemporâneas sobre estudos críticos sobre os animais, bem como pela filosofia pessoal e política da autora no tocante às preocupações feministas e mais-do-que-humanas. Enquanto a principal moldura narrativa pode ser percebida como uma aguçada crítica às abordagens científicas tradicionais (podendo, assim, ser lida *vis à vis* outras ficções por autoras contemporâneas que explicitamente expõem atitudes semelhantes), muitos de seus elementos revelam um diálogo próximo às ideias que vêm sendo desenvolvidas nos estudos mais recentes de Donna



Haraway (2003; 2008), que criticam o antropocentrismo a partir de um ponto de vista feminista. Essas temáticas incluem noções que têm se tornado centrais para a área dos estudos animais, tais como: naturezas/culturas emergentes, alteridade significativa e espécies companheiras. Nosso propósito é explorar estes temas na ficção de Fowler com o objetivo de salientar não apenas os trânsitos entre a literatura contemporânea e os estudos feministas da tecnociência, conforme discutidos por Haraway, como também sua qualidade fortemente ecológica.

Literatura de autoria feminina contemporânea: ainda há espaço para levantar bandeiras?

Lígia de Amorim Neves (UEM)

A literatura de autoria feminina contemporânea tem se distanciado da necessidade de levantar bandeiras, diluindo, dessa forma, a rigidez ideológica panfletária encontrada ainda nos textos da segunda fase feminista, conforme a divisão proposta por Elaine Showalter (1994). Mas ainda é possível encontrar narrativas que trazem um tom militante de contestação de valores patriarcais a partir de outros enfoques, como é exemplo o romance *Humana Festa* (2008), da escritora brasileira Regina Rheda, cujo percurso de escrita tem sido marcado pela preocupação com as relações entre animais humanos e não-humanos. Ao tratar o veganismo como tema central, o que configura a sua originalidade na história da literatura brasileira, o romance permite fazer uma releitura das estruturas de dominação masculina sustentadas e reforçadas cotidianamente na cultura da carne, como reflete Adams (2012, p. 103): a carne, enquanto símbolo masculino e de poder, precisa estar presente na mesa para que o domínio masculino seja “lembrado continuamente no prato de todos”. Assim, a narrativa permite entender como as relações de poder que a cultura da carne estabelece hierarquizam não só o ser humano em relação à natureza, mas também o homem em relação à mulher. Para analisar essas questões, empreendem-se as perspectivas da Crítica Feminista e da Ecocrítica.

[Voltar ao SUMÁRIO](#)

SIMPÓSIO TEMÁTICO 8

Corpos, Gêneros e Identidades: Construções do(s) Feminino(s) na Literatura Contemporânea

O estranhamento e o grotesco na obra da escritora paranaense Regina Benitez

Maristela Scremin Valério (UNICENTRO)

A escritora curitibana Regina Benitez é pouco conhecida no cenário literário nacional e mesmo no paranaense. Possui dois livros de contos publicados, *A moça do corpo indiferente*, publicado em 1965 e reeditado em 2012, e *Mulher com Avestruz*, de 2012. Embora pouco conhecida, a obra de Benitez tem muito a ser explorada no campo da representação da identidade feminina, visto que suas personagens carregam sentimentos de insatisfação com a realidade e a sensação de não pertencer ao mundo que as cerca. Para Zolin (2009), o resgate de escritoras negligenciadas contribui para a construção de uma crítica literária mais ampla, rompendo com discursos sacralizados pela tradição “nos quais a mulher ocupa, à sua revelia, um lugar secundário em relação ao lugar ocupado pelo homem” (ZOLIN, 2012, p.329). Ao considerar que o discurso literário é um campo para a formação da identidade feminina, pode-se afirmar que a obra de Benitez é representativa. De acordo com Cecil Jeanine Zinani (2006), tanto as transformações sociais, quanto as como as mudanças pessoais são perpassadas pelo discurso, uma vez que as normas e modelos através dos quais se criam as redes de dominação, são estabelecidos pela linguagem. Sendo assim, é possível perceber que as mulheres de Benitez estão localizadas na terceira margem, em busca da construção da sua identidade feminina. Em um mundo hostil a mulheres que saem dos padrões, elas se escondem na loucura e no grotesco, mostrando-se enigmáticas, introspectivas, sensíveis àquilo que foge da percepção de pessoas comuns, e por isso, incompreendidas. Há um quê de onírico em muitos dos seus contos, além de um ar macabro e grotesco em algumas narrativas. Sendo assim, este trabalho tem o objetivo de analisar o conto “A moça olhada pelo avesso”, no qual pode-se verificar o sentimento de não-pertencimento e angústia.

Uma reflexão sobre questões de gênero no romance transgressor *A senha*, de Natália B. Guzzo

Leticia Lazzari (UCS)



No presente artigo, propõe-se uma reflexão sobre como diversas questões de gênero, dominação patriarcal e opressão articulam-se com conceitos da área literária feminista através de breve análise do romance policial *A senha*, de Natália Brambatti Guzzo. A autora é natural de Antônio Prado (RS), é doutoranda em Letras - Teoria e Análise Linguística na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e *A senha* é seu segundo livro, datado de 2006, publicado pela editora do Maneco. Natália estreou na literatura em 2003, com a publicação do romance policial *Os cinco suspeitos*, publicado pela mesma editora. O romance analisado no presente estudo rompe com diversos paradigmas preestabelecidos: um dentre os fatores que contribuem para tal desconstrução é o fato de a protagonista do romance ser uma jovem mulher, em vez de um homem, que geralmente é tido como modelo de protagonista a ser utilizado por escritores, reforçando a ideia da dominação patriarcal. Assim, a principal personagem, Raquel, não possui um papel secundário na narrativa, muito menos acompanha o protagonista; ao contrário, encara os desafios com inteligência e perspicácia. O intuito da presente análise é contribuir para os estudos desenvolvidos nas diferentes áreas do conhecimento humano.

Reflexões sobre o corpo cigano feminino em Helena Parente Cunha

Antonielle Menezes Souza (UFS)

Esta pesquisa tem como propósito fomentar algumas indagações acerca da escrita de autoria de feminina, em particular, os textos da escritora Helena Parente Cunha, na obra *Fala e Falares*. O livro compila minicontos que, de forma breve e fugaz, desnudam o universo feminino tanto pelo mergulho existencial no âmago das personagens, como a partir questionamentos referentes às situações cotidianas que são desveladas em epifanias quase que à moda clariceana, entretanto com uma especificidade autoral que marca seus escritos, ao abordar de forma extremamente lírica o universo íntimo feminino. A pesquisa proposta partirá do estudo do texto literário, e, a fim de realizar tal tarefa, nos debruçaremos em aportes teóricos: Elódia Xavier, Nelly Richard, Lucia Santaella, dentre outros/as, que sustentarão o propósito de se analisar os contos à luz da trajetória dos estudos de gênero. No âmbito da categoria gênero literário, apoiados em Candido e Silva, refletiremos sobre os minicontos de *Fala e Falares*, verificando o trânsito híbrido dos textos entre conto, crônica, poesia e prosa poética como forma de apresentar as sutilezas e o sublime recorrentes nas vozes das personagens.

Amor e Restos Pós-Humanos: Reflexões sobre a sexualidade ginoide em *The Stone Gods*

Eduardo Marks de Marques (UFPel)

Uma questão basilar e frequente nas discussões acerca das concepções de gênero, especialmente a partir do estudo fundamental de Judith Butler, as vincula com a ideia de performance. Gênero, então, passa a ser visto como a forma como os corpos desejam ser vistos e identificados a partir de suas relações consigo mesmo e com o mundo social que os rodeia. Sexualidade, então, é apenas uma das muitas formas de expressão de uma performance que, tal como a de gênero (mas não necessariamente vinculada a ele), necessita de um veículo para se concretizar: o corpo. No entanto, a partir das discussões geradas a partir dos debates sobre pós-humanismo e transumanismo, uma pergunta surge: de que forma pode-se entender as manifestações performáticas de gênero, sexualidade e desejo em corpos transumanos ou mesmo não-humanos? Tal questão embasa o romance *The Stone Gods* (2007), da escritora e ativista britânica Jeanette Winterson, em que, em um futuro distante onde a humanidade está em busca de um novo planeta para o qual possam migrar depois de esgotarem os recursos naturais de seu planeta de origem, Billie Crusoe, uma cientista, apaixonou-se por Skipe, uma ginoide enviada àquele novo planeta para coletar dados e, também, para aliviar sexualmente os membros da expedição. A partir da relação entre uma humana e uma ginoide, esta comunicação pretende discutir as possibilidades de interface entre gênero, sexualidade e transhumanismo.

A donzela, a mãe e a anciã: uma análise da figura feminina na obra *Dois irmãos*, de Milton Hatoum

Maison Antonio dos Anjos Batista (SEDUC – AM)

Zana. É com esse nome que Milton Hatoum inicia o romance *Dois Irmãos*, com o nome dessa mulher, Houtom é um dos escritores contemporâneos que tem se destacado no meio literário, deixando de ser um autor amazonense para ser um



autor de valor nacional. É certo que outras obras também merecem destaque e, diante dessa quantidade de possibilidades é que escolhemos esse autor para analisar de que forma se dá a apresentação e o tratamento das personagens femininas em sua narrativa. Faremos essa análise, a princípio, pautado em características de três faces da figura pagã a Deusa (donzela, mãe e anciã). Usaremos o romance *Dois Irmãos* (2000), para traçarmos um molde das mulheres presentes na obra de Milton Hotoum. Nos comprometemos em uma leitura da obra do autor amazonense com um olhar para a figura feminina presente em sua obra. Essa visão se baseia no fato do sacro feminino estar presente em várias culturas, independente do grau de desenvolvimento. Esse sacro se debruça principalmente no sagrado feminino pagão da Deusa, onde essa personifica, principalmente, as imagens da Donzela, da Mãe e da Anciã.

Figurações da identidade na expressão do feminino na ficção de Clarice Lispector

Eneida Aparecida Mader (PUCRS)

Este estudo apresenta as figurações da identidade do sujeito feminino no conto *A imitação da rosa*, de Clarice Lispector, a partir de uma sexualidade feminina abafada pela dominação masculina e pelas relações de poder implicadas e, por conseguinte, a verificação da presença de duas vozes na narrativa em questão, uma delas representando a voz do silenciado, e, a outra, a voz do poder masculino dominante. Organizou-se a pesquisa à luz de teorias de Emmanuel Lévinas, Stuart Hall, Heloísa Buarque de Holanda e Michel Foucault, uma vez que esses estudiosos refletem culturalmente e filosoficamente sobre a identidade no mundo contemporâneo, sobre a crítica cultural feminista e sobre o comportamento ético frente às diferenças sociais, de gênero, raciais, étnicas e comportamentais que integram a existência.

"Yes, but I lie": Questões de gênero e identidade em "River of Names" de Dorothy Allison

Márcia Tavares Chico (UFPEL)

O presente trabalho pretende analisar as relações de gênero presentes no conto "River of Names", parte da coletânea *Trash* (1988), da escritora norte-americana Dorothy Allison; assim como a construção da personagem feminina, protagonista, levando em consideração, além da questão de gênero, a sexualidade e a classe social da mesma. Essa personagem principal, a qual não possui um nome definido, é também a narradora do conto. Original de uma cidade pequena no sul dos Estados Unidos, ela tenta esconder sua infância dolorosa, cheia de perdas e abuso, de sua namorada, Jessie. Allison assevera, em seu ensaio "A Question of Class", que o conto em questão, produzido primeiramente em forma de poema, foi escrito tanto para que ela própria não esquecesse quem realmente é, como para falar sobre a necessidade de mentir (ALLISON, 1994). Para a autora estadunidense, algumas pessoas são levadas a se esconder, negar quem são, tentam desfazer de seu passado e apagar sua origem, acabando por desaparecer completamente. Como arcabouço teórico da análise aqui proposta, serão utilizadas as reflexões propostas por Judith Butler, a qual afirma que "o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas" (BUTLER, 2003, p. 20). Sendo assim, este trabalho analisará como a protagonista e narradora do conto constrói sua história de duas maneiras: uma alegre e feliz, a qual ela conta para sua namorada; e uma infeliz e brutal, a qual apenas os leitores tem acesso. Serão realizadas, então, análises de gênero, classe, e sexualidade, com a finalidade de compreender o papel de cada uma destas questões dentro da narrativa.

A poética erótica colasantiana sob a perspectiva dos estudos feministas

Tássia Tavares de Oliveira (UFPB); Liane Schneider (UFPB)

Este trabalho analisa poemas eróticos de autoria feminina sob uma perspectiva feminista e pretende defender a autonomia do corpo feminino e a liberdade sexual para as mulheres. Acreditamos que os poemas de Marina Colasanti aqui estudados representam bem tal perspectiva, pois rompem com os padrões de representação do corpo feminino comumente presentes na publicidade e nos meios de comunicação de massa, ao mesmo tempo em que reivindicam a livre manifestação do desejo feminino. Nosso objetivo é analisar alguns dos poemas da escritora Marina Colasanti, presentes nos livros *Rota de colisão* (1993) e *Passageira em trânsito* (2009), que tratem da temática erótica e/ou tragam representações do corpo feminino, de modo a analisar, sob uma perspectiva declaradamente feminista e sob a égide dos



estudos de gênero, como a poesia erótica de autoria feminina consegue romper literariamente com as imposições feitas ao corpo feminino e às barreiras presentes nas manifestações sobre a sua sexualidade.

Tradição e modernidade em *Niketche*, de Paulina Chiziane

Andrea Czarnobay Perrot (UFPel)

O trabalho visa a analisar de que forma se dá o processo da construção da subjetividade feminina em *Niketche: uma história de poligamia* (2002), de Paulina Chiziane (Moçambique). Rami, protagonista de Chiziane, ao descobrir que seu esposo é polígamo, passa de uma subjetividade “tradicional” na sociedade moçambicana a uma condição “moderna” frente às tradições. Ao invés de desprezar as outras mulheres de seu marido, Tony, ela busca compreendê-las na especificidade de cada relacionamento com ele. Inicia, então, um percurso que vai reconstituindo a história de cada uma das cinco esposas de Tony, buscando os direitos de todas frente ao casamento polígamo. Representa, assim, o esboço da consciência de uma nova mulher africana, assumindo um papel de subversão em relação ao estabelecido pela sociedade em Moçambique. O amor aparece como fio condutor da narrativa, e sua presença na vida dessa mulher será definidora dos caminhos percorridos por essa personagem. Na busca de explicações para a poligamia exercida pelo marido, Rami vai encontrar mulheres como ela mesma, submetidas às vontades do seu homem por amor.

Corpos desterrados – sujeitos [des]construídos: um estudo das subjetividades femininas em *Oryx e Crake* e *The windup girl*

Sandra Mina Takakura (UEPA)

A distopia presente na literatura atual caracteriza-se pelo foco no corpo (MARQUES, 2014) e a noção de *eucronia*, ou deslocamento temporal. Contudo, pouco se fala no deslocamento geográfico presente na obra *Utopia*, de Thomas Morus, que continuou a ser representado, mesmo que de forma tímida, nas distopias clássicas como *1984* e *Admirável Mundo Novo*. O deslocamento geográfico torna-se crucial para que uma personagem seja reconstruída e/ou desconstruída enquanto sujeito. Três obras distópicas apresentam personagens femininas que se deslocam da Ásia para o ocidente ou para área ocidentalizada: *Oryx e Crake* (2003), de Margaret Atwood e *The Windup Girl* (2009), de Paolo Bacigalupi. Este estudo foca nas construções das subjetividades femininas nas obras mencionadas decorrentes do deslocamento geográfico e do contato com personagens masculinos ocidentais que acabam por desconstruírem-nas enquanto sujeitos. Para se realizar esse estudo foram acessados os estudos acerca da distopia e o foco no corpo (MARQUES, 2014; MOHR, 2007); noções de corpo transumano e corpo pós-humano (WOLFE, 2010), noções de sujeito pós-moderno (HALL, 2000); e as teorias do feminismo pós-estruturalista (WEEDON, 1997; 2003).

A “mulher-monstro” e sua relação com o ambiente ficcional de Caio Fernando Abreu

Raquelle Barroso de Albuquerque (IFPI)

O presente trabalho destina-se a refletir sobre a figura da “mulher-monstro”, descrita desta forma pelo seu próprio criador, Caio Fernando Abreu, em uma nota no conto intitulado “Creme de Alface”. Este conto traz, além de inúmeras outras abordagens, o embate entre o espaço e o psicológico, ou o reflexo de um sobre o outro. Os pensamentos e emoções da personagem parecem se emparelhar com o ambiente. Este, por sua vez, revela a dualidade do conflito da protagonista, pois, de um lado, temos a rua, lugar onde ela descarrega toda sua angústia e amargura, deixando cair então a máscara de burguesa-conformada-com-um-casamento-de-aparências. A rua torna-se o reflexo dos seus maiores demônios. É seu “inferno”. Do outro, temos a materialização do que seria o “céu” da personagem: o cinema. Este representa seu refúgio. É um lugar de paz, livre dos temores e do massacre psicológico pelos quais ela passa. Desta forma, o espaço atua e reflete as ações e emoções da protagonista, simbolizando ao mesmo tempo a condenação ou salvação desta mulher vista como “monstro”, mas que, na verdade, pode ser apenas mais uma sobrevivente não-idealizada do mundo pós-moderno.



CADERNO DE RESUMOS

ISSN: 2238-0787

Personagens femininas na trilogia do gaúcho a pé

Lisiane Ott Schulz (UCS / UniRitter)

Este trabalho tem como objetivo apresentar uma análise de como se dá a representação literária das mulheres nas narrativas que compõem a trilogia do gaúcho a pé de Cyro Martins: *Sem Rumo* (1937), *Porteira Fechada* (1944) e *Estrada Nova* (1954), pontuando a invisibilidade da mulher no contexto da obra. Conforme o próprio autor afirma, essa trilogia é baseada em seu ponto de vista de ordem sociológica. Por isso, embora apresentando uma narrativa ficcional, o romancista procura recriar nesse romance e de acordo com sua percepção como psicanalista, personagens e situações típicas da época em que viveu abordando problemas sociais, econômicos, políticos e, principalmente, humanos. Dessa forma, revela um pouco das mulheres gaúchas de origem humilde que viviam no Rio Grande do Sul no início do século XX. Valemo-nos, então, dessa literatura para melhor compreender como era vista a mulher gaúcha da época. A análise será apresentada por meio da recuperação de alguns fragmentos das obras e fundamentada com os estudos de Rocha-Coutinho (1994), Santos (2010) e Zolin (2009) entre outros, sobre a questão da mulher.

Azul é a cor mais quente: homoeroticidade feminina, gênero e discurso do *graphic novel* para a adaptação cinematográfica.

Ana Claudia Pinheiro Dias Nogueira (UFRN)

O presente artigo visa abordar as representações de identidades sexuais, a homoeroticidade e os discursos de gênero conforme é mencionado no romance gráfico (*graphic novel*) *Azul É a Cor Mais Quente* (Le Bleu est une couleur chaude, original em francês, 2010) de autoria da quadrinista Julie Maroh e na versão adaptada para o cinema dirigida por Abdellatif Kechiche (*La vie d'Adèle* no original francês, 2013). Para isso será necessário analisar os caminhos percorridos da história em quadrinho para a adaptação fílmica e as considerações adotadas por cada autor ao expressar opiniões sobre a obra, a partir de pontos de vistas adotadas pelo pós-modernismo, pela abordagem contemporânea em relação a arte em geral e sobre a questões e conflitos de gênero. Serão utilizados, referencial teórico-metodológico alguns conceitos propostos por Louro (2013), Hutcheon (1991, 2013), Swain (1999), Butler (2003), Giddens (1993), Bataille (1987), Foucault (1988).

Voltar ao [SUMÁRIO](#)

SIMPÓSIO TEMÁTICO 9

As mulheres na literatura africana em língua portuguesa: autoras e personagens

Os impasses do gênero no contexto pós-colonial em *O último voo do flamingo*, de Mia Couto

Evillyn Kjellin (UFSC)

Esta comunicação tem como objetivo propor que em *O último voo do flamingo* – como em várias obras do autor moçambicano Mia Couto – há a possibilidade de analisarmos as representações de gênero por meio das experiências vividas pelas personagens do romance: Ana Deusqueira, Temporina, Hortênsia, mãe do narrador e Ermelinda. As personagens femininas da narrativa desempenham um importante papel na história. Cada uma delas guarda sua singularidade e de alguma forma nos permite fazer uma analogia a figuras não fictícias, pois trazem consigo muito da história de seu país, embora muitas vezes elas representem isso de forma metafórica, através do sobrenatural, dos mitos e das tradições locais. Ainda que situadas num contexto pós-independência de Moçambique, as mulheres de Tizangara (cidade fictícia) trazem consigo as imposições do modelo patriarcal, o qual foi a base do discurso colonial, cujos frutos ainda são colhidos, sobretudo, pelas mulheres que tiveram marcadas na pele as mazelas do colonialismo – mesmo que este não vigore mais. Para tanto, trazemos como aporte teórico os estudos de autoras como María Lugones, Ella Shohat, Amina Mama, Gloria Anzaldúa, bem como contribuições de Mário César Lugarinho e Aníbal Quijano.



As diferentes faces do feminino e seus símbolos na obra *Antes de nascer o mundo*, de Mia Couto

Luara Pinto Minuzzi (PUCRS)

Este trabalho tem por objetivo analisar a figura feminina no romance *Antes de nascer o mundo*, do escritor moçambicano Mia Couto, à luz das teorias do imaginário e, em especial, das pesquisas de Gilbert Durand. O estudo terá como foco a relação dos personagens principais com as poucas mulheres que entram nesse mundo essencialmente masculino que é Jesusalém, localidade remota para a qual eles se auto-exilam. Será realizado um esforço no sentido de pensar os símbolos relacionados à mulher, da forma como eles aparecem na narrativa do autor africano, a partir da classificação das imagens em Regime Diurno e em Regime Noturno – e em suas estruturas, esquizomórficas do primeiro Regime e místicas e sintéticas do segundo – desenvolvida pelo antropólogo em *As estruturas antropológicas do imaginário*. Além disso, após se verificar quais são os sentidos que a simbologia referente à feminilidade adquirem dentro da obra de Couto, será feito um esforço no sentido perceber como esses diferentes significados relacionam-se com e enriquecem tal narrativa.

História e Identidade em *Brasil, fronteira da África*, de Maria Archer

Márcio Matiassi Cantarin (UTFPR)

Em seu *Brasil, Fronteira da África*, livro publicado no Brasil em 1963, a escritora portuguesa Maria Archer apresenta, sob forma de livro (com breves variações e acréscimos), uma miscelânea de textos publicados anteriormente (a partir de 1936) nos *Cadernos Coloniais*. Misto de história e literatura de viagem, o leitor pode depreender desses textos a visão de uma mulher portuguesa acerca da dinâmica do processo de colonização em África, nomeadamente em Angola, em que pese a posição política anti-fascista/salazarista da autora. Sabe-se que as sequelas deixadas tanto nas colônias quanto na metrópole pela chamada guerra do ultramar ainda estão a ser elaboradas pelo imaginário dos povos envolvidos e constituem um motivo frequente na literatura de expressão portuguesa contemporânea. Tais traumas afetam de modo particular as mulheres, as da colônia (duplamente colonizadas) e as da metrópole, em seu papel de mulher-mãe-filha de militar ausente. Dado este contexto, a presente comunicação pretende sondar como a mulher retrata e é retratada na obra de Maria Archer, perscrutando, por meio das relações entre história e memória, os meios encontrados por essas mulheres para elaborar os traumas advindos da atuação do governo salazarista nas colônias do ultramar, em um momento imediatamente anterior ao início das guerras de libertação.

A crônica de Vera Duarte na sala de aula: um olhar sobre a representação da mulher cabo-verdiana

Carmem Silvia de Almeida (UFS); Christina Bielinski Ramalho (UFS)

Este trabalho traz uma abordagem acerca da crônica da escritora cabo-verdiana Vera Duarte que, através de um olhar sensível e atento, revela em seus textos o cotidiano de sua gente. Assim, faremos uma análise sobre a representação da mulher no livro de crônicas da autora, "A palavra e os dias" (2013). Com o intuito de apresentar um estudo que possa ser realizado em sala de aula, a fim de mostrar, por meio da voz da cronista, o cotidiano e a literatura africana para os estudantes do Ensino Básico. Para tanto, o estudo aqui apresentado fundamenta-se, sobretudo, nas contribuições teóricas de Massaud Moisés e Antônio Candido no que diz respeito à definição e a importância da crônica para a literatura brasileira, bem como no tocante à função da literatura na formação do homem e da sociedade. Além de pautarmos-nos nas orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para o ensino de literatura.

Mariamar e Hanifa: representação das mulheres em *A Confissão da Leoa*

Terena Thomassim Guimarães (UFRGS); Jane Fraga Tutikian (UFRGS)

Este trabalho tem como objetivo analisar a representação das duas personagens, Mariamar e Hanifa, ao longo do romance *A Confissão da Leoa*, de Mia Couto. O livro conta a história de ataques de leões que ocorreram na aldeia de Kulumani, norte de Moçambique, presenciados pelo próprio autor. O presente estudo consistiu na localização e recolha dos diferentes momentos em que a vida destas personagens era o foco. Partindo desse material, analisou-se os motivos e repercussões de tais imagens. Primeiramente buscou-se tratar de elementos importantes da história moçambicana, por entender que é uma parte importante para compreender o livro e a literatura como um todo. Depois se centrou na



situação da mulher no país, percebendo como ela é vista pela tradição e costumes, pois tal comparação é fundamental para compreender o romance.. Encerra o trabalho a análise propriamente dita das representações femininas retiradas da obra. Pode-se concluir que muitos dos relatos presentes em *A Confissão da Leoa* relacionam-se à forma como a mulher tradicionalmente era vista e tratada, sendo poucos os momentos que mostram alguma mudança nesse paradigma.

A voz das mulheres na poesia da Guiné-Bissau

Alfeu Sparemberger (UFPel)

Esta comunicação apresenta e analisa a poesia de autoria feminina da Guiné-Bissau. O estudo tem como focos centrais o lugar social da enunciação e a temática desenvolvida pelas escritoras do país. A presença da produção de autoras africanas de língua portuguesa ainda é reduzida em países como Angola, Cabo Verde, Moçambique e São Tomé e Príncipe. Neste cenário, cabe destacar a singularidade da Guiné-Bissau que, nos termos de Manuel Ferreira (1987), constitui “o capítulo menos expressivo do espaço literário africano de expressão portuguesa”. Até a independência, em 1975, a produção literária da Guiné-Bissau não ultrapassou os limites da literatura colonial e esta, mesmo assim, foi de reduzido alcance. A produção literária de autoria feminina, de baixa visibilidade, como de resto todas as demais manifestações e mesmo o próprio país – distante dos centros mundiais de decisão – tem como representantes as seguintes autoras: Eunice Borges, Domingas Samy, Mariana Ribeiro, Maria Odete da Costa Semedo e Saliatu da Costa. O reduzido número de autoras tem, no entanto, discutido todas as principais questões do país: a condição da mulher, enfrentando condicionamentos étnicos e religiosos, a construção do país após a independência, a condição da criança, questões políticas, históricas e culturais da atualidade, questões existenciais, de gênero, da feminilidade etc. A análise da escrita feminina exige não somente a mobilização de componentes da historiografia literária, mas exige, ainda, a compreensão das condições de produção de uma obra e o papel do autor. A operação com os textos lida com lugares socialmente determinados, como o da (possível) subalternidade do papel feminino e, resultante dela, do reduzido acesso das mulheres à educação nas sociedades africanas.

Liloca: personagem feminina submissa na sátira *Quem me dera ser onda*, do angolano Manuel Rui

Chimica Francisco (UFSM)

O presente artigo visa fazer um estudo em torno da personagem feminina submissa a partir da obra *Quem me dera ser onda* (2005), do angolano Manuel Rui. Vai-se abordar a perspectiva feminina, muitas vezes, na literatura africana (quando aparece) vista numa posição de submissão ou de subalternidade. A personagem feminina passa despercebida, sem voz, e, quando se faz presente ou é doméstica ou é conotada com a fonte do mal, por exemplo, a prostituição. Identificar e explicar o comportamento da personagem feminina é objetivo deste artigo que seguirá uma metodologia analítica e descritiva assente na leitura e apreciação de trechos da obra. As teses sobre o patriarcado vão constituir o suporte teórico em que, sobretudo, nas sociedades africanas, existem separações quer nas atividades quer nas responsabilidades entre homens e mulheres, sendo os homens detentores de maiores poderes e dominação sobre as mulheres. A partir desses acontecimentos pode ser lido e entendido o comportamento de submissão da personagem feminina Liloca em *Quem me dera ser onda*, característico da maioria da mulher africana, como fruto de um legado deixado pelo colonialismo português que subalternizava a mulher submetendo-a a trabalhos domésticos não remunerados, atitude essa que se estendia até às famílias em que as mulheres eram conotadas com o sexo fraco e, por isso, deviam obediência “cega” aos seus maridos a quem se obrigavam a servir, cuidar e satisfazer.

Voltar ao [SUMÁRIO](#)



CADERNO DE RESUMOS

ISSN: 2238-0787

SIMPÓSIO TEMÁTICO 10

Enigmas do feminino: narrativas policiais escritas por mulheres

Aqua Toffana: o crime como obra de arte

Marta Rodrigues (CPII – Humaitá II)

Com *Aqua Toffana*, Patrícia Melo marcou sua bela estreia no mundo da literatura. Tendo como pano de fundo a questão da violência urbana, a autora mergulha seus personagens e, por extensão, seus leitores no universo contemporâneo e nos signos que lhe são característicos: Tv, jornal, sexo, drogas, cinema... Um cotidiano com o qual o leitor se identifica e com o qual é obrigado a se confrontar, não mais como alguém que vivencia essa realidade, mas como quem a observa em seus piores aspectos, a partir do ponto de vista dos narradores das duas histórias que constituem o enredo. A primeira trama, sob a qual nos voltaremos em especial, assim como a segunda ocorrem a partir de um ponto de vista pessoal, com a narrativa transcorrendo na primeira pessoa do discurso, mas longe das convenções dessa nomenclatura. A narradora, esposa de um suposto assassino, urde a tessitura do texto explorando as várias possibilidades que o foco narrativo interno lhe abre, e estabelece um diálogo que ora se dirige ao delegado a quem denuncia o marido, ora ao leitor, com quem compactua o olhar privilegiado em relação aos fatos, o que, longe de tornar a narrativa mais crível, maior desconfiança promove. Como toda boa trama policial de suspense, deve-se duvidar do que se lê, do que se vê, do que se relata. Desdobrar essa história e desvendar as tramas da escrita desse enredo é a proposta dessa comunicação.

A literatura policial brasileira de autoria feminina está aqui: Olívia Maia

Jorge Luiz Marques de Moraes (CPII – Engenho Novo II)

O trabalho em questão pretende analisar a obra da escritora paulistana Olívia Maia e, em especial, o seu romance *Segunda Mão* (2010). Nesse sentido, serão analisadas detidamente a estrutura narrativa sobre a qual se alicerça o enredo, bem como a construção psicológica das personagens, a técnica de construção de diálogos e, ainda, a elaboração sintática dos períodos do romance. Além disso, a partir do contraponto entre os textos “Cadê a literatura policial brasileira?” (Raphael Montes) e “A literatura policial brasileira está aqui” (Olívia Maia), essa análise pretende refletir acerca de questões como mercado editorial, vendagem, reconhecimento crítico e, ainda, autoria masculina e autoria feminina no policial brasileiro contemporâneo. Nesse sentido, o título da comunicação, ainda que provocativo, não sugere que Olívia seja a única voz feminina da literatura policial brasileira da atualidade, mas que é a única a refletir organicamente acerca de questões teóricas que levam sua produção e as de diversos outros autores a permanecerem à margem do mercado editorial.

Filmes proibidos, de Bruna Lombardi, hard or soft-boiled?

Marcela Miller (UFF)

O presente trabalho analisa o romance brasileiro *Filmes Proibidos* (1990), de autoria de Bruna Lombardi, a partir de suas subordinações e transgressões às convenções do subgênero hard-boiled, relacionando-as com as três grandes fases históricas deste subgênero, a saber: 1) fase de consolidação, que vai de seu surgimento na segunda metade dos anos 1920 ao completo estabelecimento de suas convenções na primeira metade dos anos 1950; 2) fase de transição, em que se processam transformações na forma adequando-a às mudanças sociais ocorridas ao longo dos 1960 e 1970; 3) fase moderna, a partir dos anos 1980, que incorpora definitivamente as discussões étnicas e de gênero esboçadas na fase anterior e promove sua expansão geográfica. A partir da análise das relações de subordinação e transgressão ao gênero identificadas no romance em questão, o presente trabalho investiga o caráter de pastiche da tradição hard-boiled que define o romance de estreia de Bruna Lombardi.

Atire em Sofia: memória e assassinato na fábula-opereta-colagem de Sônia Coutinho

Márcio Vinícius do Rosário Hilário (CPII – São Cristóvão III)

A tentativa de sistematizar as diferentes maneiras de expressar artisticamente a palavra fez com que se estabelecessem os limites nos quais se enquadraram os gêneros literários. Todavia, é o inequívoco desejo de singularizar-se



expressivamente, que faz com que os autores procurem ampliar os horizontes fixados pelos analistas. Foi justamente essa tensão dialética entre o formato pronto a ser reproduzido e forma inovadora a ser alcançada que nos a questionar se *Atire em Sofia*, de Sônia Coutinho, poderia ser classificado como romance policial. Será que simples fato de o enredo trazer como episódio central o crime denunciado no título já seria um elemento suficiente para enquadrá-lo nessa linhagem narrativa? A trama não se baseia na aplicação prática de uma bem definida linha investigativa por meio da qual se pretende chegar ao assassino. Não há a presença da figura do detetive, muitas vezes apresentado como uma personalidade bem excêntrica, mas vê o que ninguém mais consegue. Em nenhum instante, elabora-se um mistério que vai se mostrando cada vez mais insolúvel, embora, no último instante, tudo se revele ao leitor. Ao contrário, o que se vê em *Atire em Sofia* é um mergulho na condição existencial feminina imersa nas águas turvas da sociedade patriarcal, que, simbolicamente, acaba sendo a verdadeira responsável não só pela morte da protagonista, mas de tantas outras mulheres. Diante desse crime histórico-social-existencial e do desvelamento dos acontecimentos por meio da montagem de um enorme quebra-cabeças narrativo, esta comunicação pretende provocar uma reflexão a respeito do enquadramento dessa narrativa de Sônia Coutinho. Ou seja, ela afasta-se por completo do que se poderia dizer romance policial ou materializaria uma outra vertente que, embora não reproduza o esquema já consagrado, não o anulava completamente?

Sob a “máscara estilística” de Rubem Fonseca: a intertextualidade em *O matador*, de Patrícia Melo

Marta Maria Rodriguez Nebias (UERJ / CNPq)

Podemos afirmar que o gênero policial passou a ocupar lugar de destaque na literatura brasileira a partir da década de 1980, tendo a obra de Rubem Fonseca importância fundamental nessa revitalização. Dessa forma, percebemos na ficção policial brasileira contemporânea um diálogo recorrente com a obra do autor. Isso ocorre, por exemplo, no romance *O matador*, de Patrícia Melo, que promove um jogo intertextual com o conto “O cobrador”, de Rubem Fonseca. Tal jogo se configura não apenas através de referências intertextuais, mas também através do recurso do pastiche, que, segundo Fredric Jameson, “é a imitação de um estilo peculiar e único, o uso de uma máscara estilística”. Em outras palavras, a autora procura escrever um romance “à maneira de” Rubem Fonseca, em que se fazem presentes a violência, a ironia, e as frases curtas e diretas que caracterizam a narrativa do autor. Assim, o presente estudo pretende analisar o diálogo que ocorre entre ambas as obras, demonstrando que, ao colocar essa “máscara estilística”, Patrícia Melo propõe uma reescrita do conto de Rubem Fonseca, como uma forma de homenagem e também como estratégia de provocação do leitor, em sua tentativa de identificação dos intertextos.

Escrevendo no escuro: a morte em contos de Patrícia Melo

Ana Cristina Coutinho Viegas (CPII – Engenho Novo II)

Após uma série de romances iniciada com *Acqua Tofana* em 1994, Patrícia Melo lança, em 2011, *Escrevendo no escuro*, seu primeiro livro de contos. Um cientista que trava um debate com uma faxineira, um marido que contrata uma garota de programa para fazer ciúmes à mulher, duas irmãs idosas que vivenciam a proximidade da morte são algumas das personagens que povoam essas pequenas narrativas alinhavadas pela história de Cecília, personagem que encena alguns desafios impostos aos ficcionistas. A escritora, roteirista e dramaturga Patrícia Melo sempre resistiu a ser rotulada como uma autora de literatura policial. Em entrevista sobre *Escrevendo no escuro*, considerou o livro como uma tentativa de entender a morte. De qualquer modo, entre as pequenas histórias que compõem o livro, encontram-se também narrativas policiais. Este trabalho se propõe a discutir essas narrativas, levando em conta a estrutura tradicional do texto policial e outros livros da própria autora. Através de ambiguidades e perplexidades, as histórias de *Escrevendo no escuro* desafiam o leitor a distinguir fato e ficção, alucinação e fantasia, indicando que é preciso andar às cegas para perceber certas texturas nas superfícies.

A arte do fraco: a práxis cotidiana na ficção policial de Barbara Neely e Lucha Corpi

Carla de Figueiredo Portilho (UFF)

As práticas cotidianas permeiam os romances policiais das autoras contemporâneas Barbara Neely (série Blanche White



Mysteries) e Lucha Corpi (série Brown Angel Mysteries) protagonizados por detetives mulheres. Seguindo o rumo estabelecido pela conhecida personagem de Agatha Christie, Miss Marple, as protagonistas desses romances, Blanche White e Gloria Damasco, investigam crimes sem alterar suas rotinas diárias. O processo de investigação se desenvolve enquanto elas caminham pela vizinhança, conversam com amigos, cuidam de crianças e ouvem as últimas fofocas. Assim, a rotina torna-se o espaço de investigação em si, fornecendo os elementos necessários para a solução dos crimes. Tomando-se como base para argumentação a teoria de Michel de Certeau sobre a práxis cotidiana, desenvolvida em *A invenção do cotidiano*, busca-se discutir de que forma essas práticas se re-significam no embate entre o centro de poder e grupos 'invisíveis', além do seu papel político como uma tática de resistência empregada como oposição a práticas sócio-culturais dominantes.

Os fantasmas da ditadura militar em *Assassinato na Biblioteca*, de Helena Gomes

Welton da Silva Cordeiro (SEEDUC / CPII – PRD)

O presente trabalho, a partir da obra da escritora Helena Gomes, *Assassinato na biblioteca* (2008), livro selecionado para o PNBE de 2009, pretende demonstrar como a autora constrói uma narrativa policial contemporânea de cunho histórico e de denúncia sobre as impunidades e desgraças deixada pela ditadura militar brasileira. Uma trama ambientada em Santos, concentrando-se na biblioteca de uma escola tradicional, Colégio Santa Maria, fazendo uma ponte entre passado e presente, com enigmas de crimes cometidos na ditadura, que trazem consequências e novos crimes no presente. Esta ainda possui um caráter fantástico, pois dialoga com o sobrenatural, com a existência da vida pós morte, foge da ideia de um detetive solitário, há o elemento da paixão e amizade, sendo uma narrativa policial em que a vítima, fantasma Lara, também é detetive, rompendo assim, um pouco com o cânone do romance policial. Tendo em vista que a crítica julga, normalmente, o romance policial como sublitteratura, busca-se, aqui, corroborar com a ideia de que Helena Gomes tenta escrever o romance não como um gênero menor, mas sim como mais um gênero literário que pode alcançar uma apreciação crítica positiva.

***Safra macabra*: narrativa policial sob a ótica feminina**

Máxima de Oliveira Gonçalves (E.M.E.G.O – Duque de Caxias/RJ)

O objetivo desse trabalho é abordar o medo, decorrente do mistério na narrativa policial, a partir da ótica feminina e antropofágica nos contos de *Safra macabra*, de Patrícia Galvão, conhecida pelo apelido de Pagu. *Safra macabra* reúne nove contos, escritos para a revista *Detetive* no curto período de junho a dezembro de 1944, assinados por King Shelter, um dos pseudônimos de Patrícia Galvão. A revista, dirigida por Nelson Rodrigues, publicava nomes de peso do romance policial como Conan Doyle, Agatha Christie, dentre outros. A autora começa timidamente na revista para, logo em seguida, ganha destaque. O sumário do exemplar 207 apresenta a seguinte observação: “King Shelter é uma das atrações de *Detetive*. As suas histórias, pelo movimento e colorido, prendem fortemente a atenção dos leitores.” Patrícia Galvão tornou-se a primeira escritora brasileira de narrativa policial, publicada regularmente, cujos contos aliavam entretenimento e sofisticação.

Voltar ao [SUMÁRIO](#)

SIMPÓSIO TEMÁTICO 12

Representações e performances do feminino em literaturas regionais

Na corda bamba do cordel: representações e ressignificações do feminino na produção cordelística

Ariadine Maria Lima Nogueira (UFC); Edilene Ribeiro Batista (UFC)

Este trabalho fundamenta-se a partir da investigação de como a mulher costumava ser retratada nos textos de literatura de cordel nordestina, e como ainda o é dentro da produção cordelística atual, buscando identificar prioritariamente se o discurso emancipatório feminino está presente apenas nos textos de escrita feminina ou se os homens assim também o



fazem, atuando em uma postura de alteridade no que concerne à representação de gênero dentro da literatura de cordel. No Nordeste, e especialmente no sertão nordestino, gestou-se uma sociedade altamente estratificada e fundamentada no patriarcalismo, e é nesse contexto que floresce o cordel nordestino no século XIX. As mulheres, silenciadas pela obrigação de aterem-se ao espaço privado, podem ser, contudo, antevistas pelo modo como eram representadas nesses textos. Pode-se afirmar que essa literatura de cordel, muitas vezes, produzida nos mais ermos sertões nordestinos, emulava temáticas próprias da literatura trovadoresca da Idade Média. Assim, percebe-se que a representação do feminino encontra-se marcada em grande medida por tensões que a época medieval já retratava quanto a essa questão. A produção poética de Leandro Gomes de Barros (1865-1918), autor paraibano e grande expoente da produção cordelística, por exemplo, tem forte viés misógino, assim como a de muitos de seus contemporâneos. Em nossas prévias análises de cordéis atuais, verificou-se que muitos autores contemporâneos de literatura de cordel, escrevendo em pleno século XXI, continuam a reproduzir um discurso fortemente marcado por uma postura misógina, estando o discurso emancipatório associado normalmente aos textos de autoria feminina. Neste novo contexto, vemos várias cordelistas mulheres em atuação com um discurso engajado acerca da questão da mulher, destacando-se o fato de que muitas dessas autoras são hoje membros da Academia, atuando, portanto, em um espaço diferenciado daquele em que emergiu o folheto de cordel no Nordeste.

A representação da figura feminina no conto “As morféticas”, de Bernardo Élis

Josiane Silvéria Calaça Matos (UFU)

Bernardo Élis, o único escritor goiano a pertencer a Academia Brasileira de Letras, é autor de várias obras que alcançaram elogiosas críticas no meio literário nacional. Em suas obras Élis falava de Goiás e do povo goiano. A proposta deste trabalho é analisar a figura feminina no conto *As morféticas*, afim de demonstrar a histórica visão preconceituosa sobre a figura feminina. A mulher, durante muito tempo foi vista como um ser inferior, maligno e monstruoso. O conto *As morféticas* tem como cenário o sertão goiano e sua biodiversidade. As personagens femininas, que aparecem no conto moram em um ranchinho no meio do sertão goiano, isoladas do resto do munto. Um viajante ia de Anápolis para Goiás, a velha capital, quando o caminhão em que viajava quebra no meio do caminho, sendo que o povoado mais próximo ficava a léguas dali. O chofer vai rumo ao povoado em busca de ajuda e o viajante fica para vigiar o caminhão. No fim da tarde, cansado e com fome, o viajante avista um ranchinho, onde come e depois adormece na rede. Meio sonolento o viajante acorda e se vê agarrado por três criaturas nojentas, as morféticas, ele consegue se soltar e foge apavorado. No conto, é possível perceber que a figura feminina aparece como ser inferior e monstruoso. A fim de fundamentar a análise e comprovar a ideologia da mulher como ser insólito e maligno foi realizado um breve levantamento de como a mulher foi vista pela sociedade e qual foi o seu papel. Nesse percurso, chamaram a atenção os postulados de Aristóteles, as conquistas do movimento feminista e os trabalhos de Aida Kuri Nascimento, *A personagem feminina na literatura brasileira*; Elaine Gabriel Aires, *A mulher e a literatura: o poder da palavra*; Ruth Silviano Brandão, *Mulher ao pé da letra* e outros.

Senhoras do nordeste: entre o silêncio e a resistência das personagens femininas de Graciliano Ramos

Eudma Poliana Medeiros Elisbon (UFES)

Este texto propõe uma análise da representação feminina na literatura brasileira do período denominado regionalista. Para tanto, faremos emergir o perfil de quatro personagens dos romances de Graciliano Ramos, um autor que traçou uma trajetória literária de indiscutível atualidade e cujo legado é ainda contemplado pelas novas gerações. Luísa em *Caetés* (1933), Madalena em *São Bernardo* (1934), Marina em *Angústia* (1936) e sinha Vitória em *Vidas secas* (1938) são personagens que, mesmo distantes do perfil frágil, passivo e dócil, não confrontam o mundo, ao contrário, fazem parte dele. São mulheres representativas de um modelo de resistência silenciosa, mas persistente e que, na ficção de Graciliano Ramos, surgem não como presença, mas como ausência. Por outras palavras, em termos de encenação da fala patriarcal, a narrativa graciliânica aborda a mulher sob a aparência de voz ausente, o outro do discurso, ora escondida por trás da narração em primeira pessoa, mas impossível de levar a cabo, pois a voz silenciada retorna em forma de ecos, murmúrios, memórias, culpas, remorsos, crimes e desejos que teimam em emergir na voz dos narradores, ora com um narrador fora de cena narrada, que procura conciliar as diferentes vozes, paradoxalmente, sob a forma de um silêncio



recalcado e resistente de mulheres, aparentemente, subjugadas por um patriarcado agonizante.

A representação do mito de Electra no teatro moderno nordestino

Roseli Bodnar (UFT / PUCRS)

O presente trabalho propõe uma leitura do mito grego de Electra, em duas peças do teatro nordestino moderno, a saber, *Electra no circo* (1944), de Hermilo Borba Filho e *Lazzaro* (1948), de Francisco Pereira da Silva. Na escrita moderna, a figura mítica aparece inovada, mas ainda guarda em si, o destino trágico. A tragédia grega inspira as tragédias brasileiras, com tramas familiares, intrigas e conflitos. Os dois dramaturgos revelam uma intensa preocupação com a brasilidade, sobretudo com a cultura nordestina, assim os pontos de convergência e de divergência entre o mito e as peças são muitos, a começar pela transposição para o espaço cultural nordestino, pois a peça de Borba Filho, o espaço é um circo e em Pereira da Silva, um velho casarão arruinado. Em ambas as peças as figuras femininas são protagonistas, respectivamente, A Moça do Arame e Lourdes, e aliciam o irmão (O Rapaz do Trapézio/Lazzaro) ao ódio e desejo de vingança. Pela força do mito, refazem seu percurso redimensionado no tempo e no espaço, adquirindo atemporalidade e universalidade.

Livíria, Rivília, Irlívia, Vilíria: o disfarçado protagonismo feminino

André Tessaro Pelinser (UCS / PNPd-CAPES)

A ficção de João Guimarães Rosa notabiliza-se por sua capacidade de recorrer a sujeitos marginalizados, deslocados e incomuns sob diversos aspectos, construindo tramas nas quais os indivíduos mais inesperados adquirem singular protagonismo. Nesse sentido, *Tutaméia (Terceiras estórias)* é caso exemplar; provavelmente a mais experimental das obras rosianas, a última coletânea de contos organizada pelo autor ainda em vida apresenta uma galeria de personagens ímpares. Dentre eles, no âmbito deste trabalho, ganha destaque Livíria, Rivília, Irlívia ou ainda Vilíria, mulher cujos nomes anagramáticos assinalam seu papel e sua importância na narrativa do conto intitulado “Desenredo”. Assim, a esta comunicação, interessa lançar luzes sobre os aspectos que fazem com que, por um lado, muito embora a narração confira a Jó Joaquim os papéis de protagonista da história e de autor do “desenredo”, por outro, é Livíria quem protagoniza não um, mas dois triângulos amorosos, servindo de mote à narrativa e subvertendo a rígida estrutura social de uma pequena comunidade interiorana. Nessa linha, o feminino se articula não como simples pivô da traição, mas antes como elemento primeiro de um caso de amor dominado pela mulher que possuía “o pé em três estribos”.

“Sempre Mais Acima, Sempre Mais Além”: análise histórica da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul (1943 – 1973)

Camila Albani Petró (UFRGS / CNPq)

O presente resumo trata da pesquisa que tem como objeto a Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul (ALFRS), fundada em Porto Alegre no ano de 1943, e que segue em atividade na cidade. Inicialmente, analisou-se a criação, tendo como questionamento central o *projeto* de instituição pretendido e possível de ser construído pelas fundadoras, tomando a Porto Alegre da década de 1940 como um *campo de possibilidades*. Pretendeu-se, portanto, compreender como se estruturou esta academia de letras exclusivamente de mulheres e quais foram suas características iniciais, fazendo um estudo das biografias das fundadoras e da atuação que lhes foi permitida tendo em vista as dimensões de gênero e de espaço para as práticas literárias na cidade. A fundação da ALFRS teve repercussão no âmbito intelectual da sociedade porto-alegrense, já que certos literatos expressaram em cartas e reportagens suas opiniões depreciativas e machistas sobre as mulheres escritoras e em relação àquelas que criaram a entidade formada estritamente pelo sexo feminino. Contudo, é importante ressaltar que estas mulheres faziam parte da elite e os privilégios de classe contribuíram no processo de constituição da entidade. Esta investigação foi/é realizada através de documentação do acervo da ALFRS – mapear o *projeto* –, bibliografia sobre o tema – formular o *campo de possibilidades* –, bem como compêndios biobibliográficos – estudar as trajetórias. Atualmente a pesquisa busca pensar a atuação das escritoras em Porto Alegre da década de 1940 a 1970, através da ALFRS, utilizando suas atas e a revista *Atenéia* (órgão de intercâmbio cultural e de defesa dos interesses



da ALFRS que circulou de 1949 até 1972).

A voz de Letícia Wierzchowski para além das fronteiras, revoluções e guerras: uma reflexão acerca dos conflitos bélicos em *A casa das sete mulheres* e em *Um farol no Pampa*

Elisângela Aparecida Zaboroski (UFSC)

Quando se leem romances como *A casa das sete mulheres* e *Um farol no pampa* da escritora gaúcha Letícia Wierzchowski, tende-se a entendê-los como obras ficcionais sobre guerra, indiretamente sobre a formação social do gaúcho e sua índole guerreira, no entanto, o foco do livro *A casa das sete mulheres* é exatamente, essas mulheres da família de Bento Gonçalves, as quais ficam recolhidas na Estância da Barra, e o leitor pode observar a guerra e suas ramificações sob a perspectiva delas. A autora consegue nos transportar para a vida daquelas mulheres, que vivem as alegrias e agruras da revolução de uma forma tão intensa quanto os soldados. É importante ressaltar que uma das características do livro é a tristeza, uma vez que, o sofrimento de esperar a guerra acabar torna-se quase tão intenso quanto aquele sofrido pelos soldados em batalha. Por sua vez, em *Um farol no pampa* também se pode observar as agruras das personagens femininas como um todo ao longo da narrativa. São romances, sobretudo, que abordam a força da mulher, que diante das inúmeras dificuldades que lhes são impostas mantem-se firmes no objetivo de manter a família estruturada mesmo em um tempo de guerra. É sobre a ótica dessa força que se abordam as referidas personagens na obra de Letícia Wierzchowski.

Marcelina e Dóris: representantes femininas da obra de Cyro

Fábio Varela Nascimento (PUCRS)

Na literatura produzida no Rio Grande do Sul, existe a tradição da construção de personagens femininas fortes e marcantes como a Ana Terra e a Maria Valéria, de Erico Verissimo, a Catarina Schneider, de Josué Guimarães, e a Camila, de Luiz Antonio de Assis Brasil, para citar algumas. Esta proposta de trabalho procura mostrar que Cyro Martins, outro escritor com a produção vinculada ao cenário regional, também se insere nessa tradição. Com *Dóris*, de *Gaúchos no Obelisco* (1984), e *Marcelina*, de *Na curva do arco-íris* (1985), Cyro coloca em cena mulheres que apresentam comportamentos diferenciados para as épocas e os espaços nos quais suas tramas se desenvolvem – décadas de 1920 e 1930, na campanha ocidental do Rio Grande do Sul. *Marcelina* e *Dóris* tomam as rédeas de suas vidas ao se rebelarem contra as atitudes de maridos interesseiros, esbanjadores e infiéis e ao conduzirem seus negócios. As duas personagens buscam um comportamento sexual mais livre e têm relações conturbadas com a maternidade. Além de evidenciar a inserção de Cyro Martins na linha de criadores de personagens femininas fortes, o estudo faz breves relações com a produção ensaística de Cyro, que, na década de 1980, voltou seus olhos para o papel da mulher na sociedade.

Elos entre biografia, correspondências e alguma poesia de Kátia Oliveira

Bruno Mazolini de Barros (PUCRS)

Esta é uma breve biografia e apanhado da obra da poeta porto-alegrense Katia Oliveira (1948-1998), professora de língua portuguesa que correspondia-se com Carlos Drummond de Andrade e Lygia Fagundes Telles. A história de Katia desenrola-se paralela à produção e ascensão de Lygia na literatura brasileira e tange na importante posição e reconhecimento que C. D. de Andrade adquiriu pelos seus pares. Além disso, a trajetória de Katia está envolvida com concursos literários de Porto Alegre, assim como com um momento significativo da cultura gaúcha: a época em que o “Caderno de Sábado”, do jornal *Correio do Povo*, era uma dos pilares da vida cultural do Rio Grande do Sul. No entanto, Katia Oliveira continua desconhecida inclusive nos círculos literários gaúchos, apesar de *Elo*, seu único livro de poesia, publicado em 1980, possuir um singular prefácio de Carlos Drummond de Andrade.

“Do diário de Sílvia”: entre a História (geral) e a micro-história (regional)

Márcio Miranda Alves (UCS)

“Do diário de Sílvia” consiste em um dos mais interessantes episódios da trilogia *O tempo e o vento*. Primeiramente



porque nem poderia ser chamado de “episódio”, já que se trata de um diário. Pelo menos até a publicação da primeira parte de *O arquipélago*, Sílvia não era uma protagonista da narrativa. Ela passa a pertencer à família Cambará ao se casar com Jango, filho de Rodrigo, e as circunstâncias desse enlace será narrado por ela. À parte as implicações de ordem formal, em que o diário coloca em cena um narrador intruso no fluxo romanesco, interessa-me perceber as nuances do resgate histórico apontado por Sílvia, que vai de um espaço regional limitado (Santa Fé e o Sobrado) a um bem mais amplo (o Brasil e a Europa). O diário escrito entre 24 de setembro de 1941 e 4 de dezembro de 1943 recupera eventos históricos que não haviam sido explorados nos episódios anteriores da trilogia, como a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Civil Espanhola, e aprofunda com um olhar feminino as contrafações da Era Vargas, tema central das discussões masculinas nos episódios de “Reunião de Família.” Além disso, o diário revela o posicionamento ético e temperamental das principais personagens a partir das observações de uma mulher intelectualizada que rejeita a vida campeira e que gostaria, mas não tem coragem, de se livrar das imposições sociais. Partindo dos apontamentos de Carlo Ginzburg (2007), procuro mostrar de que maneira as anotações do diário de Sílvia se equilibram entre a representação da História geral e a micro-história regional.

A feira de Lourdes Ramalho: palavras e diálogos

Klebia Seliane Pereira de Souza (ETSC / UFCG)

A presente comunicação visa fazer uma análise da peça teatral *A feira*, da escritora potiguar/paraibana Lourdes Ramalho, com o intuito de observar a palavra como um lugar de diálogo entre os diversos elementos culturais e linguísticos que compõem a obra. Lourdes Ramalho é dramaturga e diretora, mas também exerceu a profissão docente. Nascida no Rio Grande do Norte, é na Paraíba que passa a viver e desenvolver o seu trabalho. A obra *A feira* tem como lugar da ação dramática uma feira livre na cidade de Campina Grande, e conta as vivências de uma família sertaneja nesse ambiente. Há, na peça, um contraste entre o sertão e a cidade que se evidencia na relação estabelecida entre a família e as demais personagens da obra. Esse estudo é do tipo bibliográfico e terá como uma das referências o conceito de palavra formulado por Bakhtin (2009), haja vista que essa é uma espécie ponte lançada entre os sujeitos do discurso. Como conclusão, é possível observar que a autora faz uso de uma variação linguística que traz expressões muito características do povo sertanejo, e ao utilizar a feira como ambiente para a encenação, através das personagens e dos elementos que os caracterizam, constrói uma imagem representativa de tal região.

A leitura como emancipação feminina: a personagem Malvina, de Jorge Amado

Paula Sperb (UCS / UniRitter)

As mudanças sociais que ocorrem no Brasil da década de 1920 tiveram reflexos também na incipiente emancipação feminina. A obra *Gabriela, Cravo e Canela*, de Jorge Amado, é um recorte dessas mudanças com peculiaridades regionais, que entendemos como regionalidades, da cidade de Ilhéus, no sul da Bahia. No romance, Malvina é uma personagem que quebra paradigmas e estereótipos femininos. Malvina conquista um grau de autonomia através da leitura, que compreendemos com um ato de transgressão das normas, já que ela lê livros considerados proibidos para mulheres. Entre as obras lidas por Malvina – e tidas como “impróprias” pelo bibliotecário da escola onde ela estuda – está *O crime do Padre Amaro*, de Eça de Queirós. A leitura, apesar de emancipadora, é vista como “degradante”, pela sociedade patriarcalista de Ilhéus.

Bibiana X Luzia: preservação e destruição em *O Tempo e o Vento*

Carina Fior Postingher Balzan (UCS / UniRitter)

A partir de fundamentos de teoria literária, busca-se analisar duas personagens femininas centrais na trama de *O Tempo e o Vento* de Erico Verissimo: Bibiana Terra Cambará e Luzia Silva Cambará, cujas representações não correspondem ao perfil das mulheres riograndenses. O confronto dessas duas forças antagônicas é decisivo para a condução da narrativa e o futuro das personagens delineado pelo escritor. Estão em jogo, nessa luta, os próprios fundamentos de *O Continente*: a posse do espaço físico, simbolizado pelo Sobrado, e a posse de uma criança, Licurgo, a garantia da descendência dos



Terra Cambará. Assim, a luta entre a vida e a morte é transferida dos campos de batalha para o conflito de duas mulheres, sendo que o triunfo de Bibiana assegurará a restauração e a permanência da vida. Convém destacar que grande parte da descrição dessas personagens é realizada sob a ótica do Dr. Winter, um intelectual estrangeiro inserido no contexto social de Santa Fé, constituindo um hábil recurso narrativo, já que, em última instância, ele representa a visão de mundo do próprio escritor a respeito da sociedade riograndense.

Mulheres e literatura de jornal em Caxias do Sul: breve relato de pesquisa

João Claudio Arendt (UCS)

Esta comunicação tem como propósito apresentar resultados parciais do projeto de pesquisa intitulado "Para uma história da leitura e da literatura em contextos regionais", desenvolvido junto ao PPGLet e ao PDLet da Universidade de Caxias do Sul (UCS). Pretende-se trazer à tona textos de escritoras publicados em jornais caxienses ao longo do século XX e discutir aspectos referentes à autoria e à *performance* literária femininas.

Voltar ao [SUMÁRIO](#)

SIMPÓSIO TEMÁTICO 13

Representações e performances do feminino em literaturas regionais

Quebra e Reforço de Estereótipos Femininos no Mundo de Oz, de L. Frank Baum

Ana Carolina Lazzari Chiovatto (USP / CAPES); Elizabeth Harkot de la Taille (USP)

O autor americano L. Frank Baum (1856-1919) declarou, na introdução do livro pelo qual é mais conhecido, *O Maravilhoso Mágico de Oz* (1900), que seu objetivo era escrever "um conto de fadas moderno". Embora se referisse, expressamente, à questão da violência e da moral contida nos contos de fada originais, o que observamos é uma inovação também em sua forma de representar o feminino na obra. Para tanto, ele se utiliza de reiteradas quebras e reforços de estereótipos já bem conhecidos do leitor. Os estereótipos acontecem no nível discursivo, por meio da figurativização, em que se situam as posições ideológicas do texto. Ressaltando a presença de determinadas marcas enunciativas, temos acesso à ideologia da representação do feminino realizada pelo escritor. Consideramos para análise personagens femininas humanas, feéricas e animais, dos quatro primeiros livros da série Mundo de Oz, dos quais *O Maravilhoso Mágico de Oz* é o primeiro, seguido por *A Maravilhosa Terra de Oz*, *Ozma de Oz* e *Dorothy e o Mágico em Oz*.

Harper e a representação da máscara de Cristo em *Angels in America*

Vanessa Cianconi Vianna Nogueira (UERJ)

Dan Vogel divide o teatro estadunidense em três máscaras distintas: a do diabo, a de Édipo e a de Cristo; lembrando a origem cristã do norte-americano. *Angels in America*, peça de 1985, de Tony Kushner, claramente não nega essa origem e coloca no palco todas elas. O fantasma da mulher louca e sofredora é literalmente encarnado em Harper, uma viciada em valium. Aqui, a louca de Kushner é o Cristo de Vogel. Pode-se dizer que a solidão imposta a ela pelo marido e pela sociedade é a imagem de seu sofrimento, a sua cruz é a loucura, decorrente dessa solidão, e a sua ressurreição, ao final da peça, é a devolução da sua lucidez. De fato, Harper percorre o caminho contrário do de Lady Macbeth, personagem de *Macbeth*, de William Shakespeare - a primeira vai da escuridão à luz, enquanto que a última, da luz à escuridão. Esse texto tenta elucidar as duas personagens enquanto figuras femininas ao mesmo tempo que delineia seus caminhos opostos no mundo em que vivem.

A Mulher na trilogia de García Lorca

Paulo Gaiger (UFPel)

O Grupo de Pesquisa "Gênero e Teatro: Processos Artístico-Sociológicos" – GETEPAS se formou em abril do corrente ano. O trabalho se desenvolve, resumidamente, em duas linhas complementares e igualmente importantes: a pesquisa teórica



que abrange áreas do conhecimento relacionadas à questão de gênero (dramaturgia, história, sociologia, cultura, filosofia, psicologia, comportamento, religião etc.); e a pesquisa plástica, que implica a montagem teatral de texto que tenha como eixo a questão de gênero. Para os dois primeiros anos (2015/2016) se elegeu, como ponto de partida para os estudos e composição plástica, a trilogia do dramaturgo, poeta e músico andaluz, Federico Garcia Lorca. “Bodas de Sangue”, “Yerma” e “A Casa de Bernarda Alba”, compõem a trilogia Lorquiana sobre a condição feminina, uma das mais significativas da história da dramaturgia. Este artigo, portanto traz uma reflexão sobre a mulher na obra de Lorca (a trilogia mencionada) e, também, se propõe a compartilhar o processo de criação plástica desta mesma trilogia. No corpo do artigo, se verá que o GETEPAS procura transpor e adaptar a linguagem e o contexto andaluz dos começos do séc. XX, para as charqueadas da região de Pelotas do séc. XIX, bem como, às realidades contemporâneas.

Um diálogo (im)possível: Jorge Amado, Noêmia Mourão e as três mulheres

Rosane Hart (UFSC)

O escritor Jorge Amado recolheu-se em um (auto)exílio em 1941 (Buenos Aires) e 1942 (Montevideú) deixando o período marcado por mais de 1400 páginas de documentos. Este acervo, carinhosamente chamado de “A mala de Jorge Amado”, foi doado em 2011, pela professora Leonor Scliar Cabral ao Núcleo de Literatura e Memória (Nulime) da Universidade Federal de Santa Catarina sob a tutela da professora Dr. Tânia de Oliveira Ramos. Este ensaio contempla dois documentos inéditos do acervo. O primeiro, catalogado sob o número 150, uma poesia datilografada com o título de “Rimance das três camponesas”, de autoria de Jorge Amado. O documento apresenta a história de três mulheres atravessadas pelo tempo e por uma sociedade patriarcal. O segundo, uma fotografia de uma pintura “Mulheres com leque” (Técnica mista, 67 x 50 cm.), datada de 1941, da artista paulista Noêmia Mourão Moacyr (1912-1992), apresenta três jovens vestidas para uma festa. Apresentam-se dois objetos de autorias diferentes que dividiram o mesmo espaço - físico e histórico - e estabeleceram um diálogo silencioso sobre a condição feminina em uma sociedade machista e patriarcal. Cotejam-se a condição das moças de família e das camponesas. As primeiras, cuja sexualidade era controlada pelos homens da elite para que fizessem um casamento apropriado ao seu status social; e as outras, eram com quem estes “homens da elite” se deleitavam. Portanto, ao estabelecer uma rota para cada documento e segui-la é possível ver-se o dilaceramento da própria poesia feita por Jorge Amado. Não só as personagens veem o tempo agindo sobre a forma de seus corpos como também a própria poesia de Jorge Amado que vai se transformando.

A adaptação de *Azul é a cor mais quente*: o conflito de vozes entre o graphic novel e o filme

Iuli Gerbase (PUCRS); Ricardo Araújo Barberena (PUCRS)

O presente artigo tem como objetivo refletir, a partir de uma perspectiva teórica ligada ao discurso e ao gênero, sobre a controvérsia causada pela adaptação fílmica do graphic novel “Azul é a cor mais quente”, que foi escrito por Julie Maroh, uma escritora francesa homossexual. O debate questiona se um diretor heterossexual, no caso Abdellatif Kechiche, seria capaz de adaptar para o cinema a trama sobre um casal de mulheres homossexuais sem distorcê-la e transformá-la em uma obra voyerística guiada por um olhar masculino dotado de preconceitos. Através da reunião de entrevistas com Maroh e Kechiche e da ponderação sobre as ideias de Elaine Showalter, Jonathan Culler e Regina Dalcastagnè, o artigo discute, de forma mais ampla, a questão do gênero e da apropriação da voz de um grupo ao qual o autor não pertence. A comparação entre as diferentes tramas do graphic novel e do filme possibilita analisar a possível influência do gênero do diretor sobre as escolhas narrativas, visto que a segunda obra baseia-se na primeira. Como principais resultados, foi possível com este artigo reunir de modo objetivo e revelatório os discursos de defesa e de ataque do autor e de seus críticos, gerando assim uma possibilidade de reflexão maior sobre as problemáticas de discurso desta adaptação. Também foi exposta neste trabalho a diferença entre o intento do autor ao realizar uma obra e o que de fato foi atingido com ela.



Narração e estratégias do olhar: a construção do feminino, em três contos de Sérgio Sant'Anna

Renata Requião (UFPEL)

Nos contos finais do livro *O voo da madrugada*, subtitulados “Três contos do olhar”, Sérgio Sant’Anna reúne ficção e ensaio, conjugando a voz ficcional do narrador (inventada para contar) à voz do autor (um homem busca palavras com que dizer). São contos, mas neles a voz do autor-escritor, aliada a um olhar percuciente, construído pela *experiência* com a Arte, se sobrepõe à do narrador. Revela-se, nesses contos, a intimidade do *espetador* frente às Artes Visuais, particularmente Pintura e Fotografia, mas também a Música. O *espetador* requerido pela Arte Contemporânea: homem que circula por vasto *museu imaginário*, reunindo *inputs* advindos de encontros-experiências com variadas formas/linguagens. *Espectador* que, como um artista, é capaz de produzir novos sentidos. Sant’Anna lida com a tensão entre mundo exterior e certa peculiar percepção de mundo. Entretons literários caros ao autor, como Beckett e Camus, conduzem a sensações de absurdo e vertigem, entremeando “especulações íntimas do personagem-narrador” e a realidade compartilhada. A voz que chega a nós leitores é de quem viveu o que ali é relatado/contado/narrado (“mantenho uma mesa, sento para rascunhar prosaicos relatórios; para escrever coisas”). Seu mote é um dos grandes temas da Arte, a “representação do feminino”. Associado a ele, o jogo paradoxal entre presença e ausência, base da arte da representação, afronta os limites da percepção entre representação e realidade: a mulher de quem o narrador-autor-ensaísta fala é real e é a representada nas pinturas, na fotografia; ela pertence concomitantemente aos dois registros. Nesses contos/ensaios, com personagens femininos quase-imóveis (fixados em quadros, na fotografia!), descrição, especulação e narrativa, engendram textos de reflexão (“Teoria do medalhão”? Machado?). Com personagens-mulheres emolduradas, evocam imaginação e desejo, controle e poder, fantasia e experiência, volúpia e morte. Em tempos de tecnologia virtual, aguçam a grande questão da arte: os limites entre representação e realidade (“me basta experimentá-las”).

Que coisas que nós não sabemos haverá entre o diabo e a mulher: o feminino e o demoníaco na literatura portuguesa contemporânea

Aline Corte

José Luís Peixoto e Valter Hugo Mãe são dois autores importantes da Literatura Portuguesa Contemporânea e que já foram agraciados com o Prêmio José Saramago, respectivamente em 2001 e 2007. As obras *Nenhum Olhar* (2000) e *O remorso de Baltazar Serapião* (2006) têm em comum não só o fato de serem os romances que renderam tal prêmio a seus autores, mas também de apresentarem em suas narrativas a figura da mulher relacionada ao demoníaco. Nas duas obras, o Diabo se faz presente de forma marcante, influenciando as histórias e também o destino das personagens femininas. O presente trabalho pretende analisar a figura da mulher construída nos dois romances por meio da relação entre as personagens femininas e o demoníaco, considerando aspectos históricos e culturais que contribuíram para essa concepção do feminino como pertencente ao diabólico. Assim, busca-se identificar também como a evolução da relação do homem com a mulher é representada nas obras desses autores portugueses.

As personagens femininas em *Frankenstein* nas vozes de narradores masculinos

Lilian Agg Garcia (UFSC)

O presente trabalho tem como objetivo identificar e compreender a representação estereotipada e minimalista das mulheres em *Frankenstein* (1831), levando em consideração a posição feminina da autora Mary Shelley (1797-1851) e a sua herança literária. A partir das perspectivas críticas feministas de Anne Mellor (1989) e de Ellen Moers (1978), identificam-se os perfis e analisam-se as vozes das personagens femininas Margareth Saville, Caroline Beaufort, Elizabeth Lavenza, Justine Moritz, Agatha De Lacey e a árabe Safie mediadas pelos narradores Robert Walton, Victor Frankenstein e a criatura, considerando-se que a obra, em questão, foi produzida no século XIX, período em que homens e mulheres eram separados nas esferas públicas e particulares e que não se acreditavam que as mulheres tivessem talento literário para elaborar um texto que expressasse significados significativos em cada palavra. Dentre as descobertas ao longo da análise acerca das posições femininas das personagens, identificaram-se que a representação feminina se manteve em



torno de papéis femininos estereotipados como mães, filhas e esposas, os quais puderam refletir os aspectos da sociedade inglesa daquele período e que o fato de que as mulheres não eram autorizadas a falar em *Frankenstein* deve estar relacionado, diretamente, ao mundo real, em que o sexo masculino tinha direito à fala e não o feminino, principalmente na esfera pública. Por meio da análise das vozes femininas e das suas representações nas narrativas masculinas, buscou-se levantar elementos que auxiliassem na compreensão do motivo que impulsionou Shelley a escrever *Frankenstein* de maneira ambígua e na detecção dos elementos da obra que puderam ser interpretados como comentário crítico ao domínio patriarcal na literatura e na família.

A representação do feminino em *Estórias abensonhadas*, de Mia Couto

Odara Perazzo Rodrigues (UEFS)

Por séculos a figura da mulher ocupou um espaço secundário na literatura mundial, que refletia o espaço que essa também ocupava na nossa cultura. As personagens femininas criadas até então, reproduziam os discursos patriarcais impostos pela estruturação da nossa sociedade. Tais personagens, especialmente as criadas por autores masculinos, eram a reprodução da visão masculina do lugar destinado à mulher; lugar esse de exclusão, abnegação e onde sua voz e seus anseios jamais poderiam ser ouvidos. A situação da mulher africana ainda é mais delicada, pois esta sofre uma dupla exclusão: de gênero e de raça. O processo de colonização ao qual foi submetido o continente africano alterou de forma permanente os seus aspectos culturais. Os colonizadores utilizaram-se de um discurso de dominação e silenciamento para subjugar o povo africano. Nesse processo, a mulher que já estava à margem da sociedade, acabou sendo reprimida em uma comunidade marginalizada. Mia Couto, escritor moçambicano, autor da obra que este presente trabalho pretende estudar, se destaca na criação de suas personagens femininas por dar voz a essa mulher marcada por uma herança colonial que a desqualifica e que tem na literatura a oportunidade para ressignificar seu papel na sociedade. O presente trabalho “A representação do feminino em *Estórias abensonhadas* de Mia Couto” tem por objetivo adentrar nos ambientes moldados pelo narrador criado pelo autor e analisar como a mulher africana é representada nessa sociedade. Para tal, serão analisados três contos da coletânea *Estórias abensonhadas*, publicada em 1994, sendo eles: “O perfume”, “O calcanhar de Virigílio” e “Na esteira do parto”.

Estranha e estrangeira: a solidão de Edna/Eduarda refletida nos modelos femininos apresentados em *Riacho Doce*, de José Lins do Rego

José Vilian Manguiera (UERN)

No que se refere ao universo das personagens femininas, *Riacho Doce*, de José Lins do Rego, apresenta um número considerável delas. Este trabalho procura investigar o modo como a protagonista, Edna/Eduarda, está relacionada às demais mulheres da trama, segundo a voz que comanda a narrativa. Levando em conta os dois espaços geográficos em que se passa o romance, Suécia e Brasil, percebemos que a protagonista não consegue se perceber como pertencente ao grupo de mulheres dos lugares em que habita. No seu país natal, ela se distancia do modelo de mulher que sua comunidade presa, sendo identificada com estranha. Já no Brasil, ela é identificada como a estrangeira, sendo diferenciada por vários aspectos, e, mais uma vez, não encontra nas outras mulheres ao seu redor uma identificação que lhe possibilite um reconhecimento de gênero. Diante dessa falta de identificação com as outras mulheres, Edna/Eduarda está fadada à solidão, como bem ela aponta, em uma carta para sua irmã Sigrid: “[...] tu me conheces e sabes como a solidão me persegue” (REGO, 2003, p. 174). Esta certeza de que está sozinha no mundo faz de Edna/Eduarda um exemplo do que Georg Lukács denomina de herói demoníaco. Ao longo da narrativa, vemos que Edna/Eduarda tenta se impor como sujeito de vontade, fugindo de estereótipos e criando vínculos com aqueles que lhe aprazem, sem se importar com o juízo de valor que a sociedade patriarcal faz dela. Estas suas ações apenas acentuam sua construção de o Outro, identificando-a, mais uma vez, com a categoria de herói feita pelo teórico húngaro.



CADERNO DE RESUMOS

ISSN: 2238-0787

As “Mulheres” de Apolinário Porto Alegre: narrativa e disputa social sobre os papéis femininos

Cassia Silveira (UNIPAMPA)

Neste trabalho, analiso um aspecto essencial da peça “Mulheres”, do escritor sul-rio-grandense Apolinário Porto Alegre. Esta comédia, que foi escrita por Porto Alegre e publicada na Revista do Parthenon Litterario – com o pseudônimo de Iriema – de janeiro a abril de 1873, é composta por quatro atos e se desenrola a partir das relações entre famílias populares e famílias de posses na cidade de Porto Alegre, num tempo impreciso. Um dos aspectos mais centrais tratados por Apolinário Porto Alegre - sem dúvida um dos mais proeminentes escritores sul-rio-grandenses do século XIX - é o tema da educação feminina, que é abordado na peça “Mulheres” por meio das relações entre “moças corretas” e “moças frívolas” e do debate a respeito das moças mais habilitadas para o casamento. Considerando a importância desta temática também no âmbito mais geral da Sociedade Parthenon Litterario, e da centralidade que foi ganhando a professora Luciana de Abreu na tribuna desta sociedade no ano de 1873, pretendo analisar tanto a narrativa de Porto Alegre, quanto sua posição nos debates mais amplos acerca do assunto no período.

Quando o silêncio é cúmplice

Vera Lúcia Pires (UFSM / UCPel); Noili Demaman

Quando Virgínia Wolff escreve – em *Um teto só seu* – sobre uma irmã fictícia de Shakespeare, que teve negado o desenvolvimento do talento de representar, dava conta da situação da mulher na época. O que surpreende é a verossimilhança entre a criação da personagem e a realidade das mulheres que sucederam às “irmãs” do dramaturgo. Esse é o caso de Katharina Mann que, aos 21 anos, em 1905, mesmo sendo filha de um matemático e neta de uma famosa ativista humanitária, abandona a possibilidade de tornar-se física para ser mulher de Thomas Mann. Enquanto seu irmão gêmeo torna-se dirigente de orquestra, ela só é reconhecida pelo marido famoso. Esse é o tema do livro que aqui pretendemos analisar – *Minhas memórias inescritas* – em que, solicitada a sair da discricção com que se manteve ao lado do marido, relata memórias aos seus filhos – Elisabeth e Michael – em que, mais uma vez, instigada pelo filho, renuncia a qualquer papel de protagonismo. Além disso, cabe examinar, a partir da obra, os temas silenciados pelas mulheres em suas memórias e os possíveis motivos de tal procedimento. Para tanto, cabe lembrar Foucault quando afirmou que, em nossa sociedade, só se tem acesso a uma parte do *dizível*, pois a propriedade do discurso, ou seja, o direito à voz, bem como a autoridade para o empreendimento desse discurso em decisões e instituições, está restrito a um grupo determinado; isso demarca uma identidade androcêntrica que tem limitado ou excluído a experiência das mulheres. A trajetória de Katja foi tocada por experiências que afetaram a ordem social e do trabalho, proporcionando desafios ímpares para as mulheres dos países europeus, sobretudo, convocadas a substituir os homens, em tempos de guerra, em todas as profissões; também foi quando as mulheres foram espectadoras e atrizes das maiores transformações nas relações entre os sexos.

A servidão feminina como identidade em *Winter* de Dermot Bolger

Daniela Nicoletti Fávero (PUCRS)

O presente trabalho visa explorar a construção da identidade feminina no conto *Winter* do escritor irlandês Dermot Bolger. Espera-se revelar, através da análise da obra mencionada, como a abordagem de conceitos como identidade e alteridade permitem uma compreensão mais profunda da representação do gênero feminino e dos pressupostos e desafios que o mesmo carrega na sociedade irlandesa a partir da década de 1920. O estudo da obra, aliado ao de pressupostos de teóricos como Stuart Hall e Eric Landowiski, revela a relevância do outro na construção da identidade de um indivíduo e como esta identidade/alteridade faz-se inscrita dentro de um contexto sócio-político que determina, ou ao menos induz, o lugar que este ocupará. Ao acompanhar a trajetória de Eva, personagem central do conto, e as relações que a mesma desenvolve ao longo de sua vida, torna-se possível revelar o conflito de uma figura presa entre as convenções e costumes reservados ao seu sexo e o desejo, mesmo que latente, de ir em busca da realização de suas aspirações pessoais passadas, e como esse conflito é abordado na visão do narrador de um autor masculino.



CADERNO DE RESUMOS

ISSN: 2238-0787

A representação do feminino na visão do realismo moderno: uma leitura de “Pamela”, de Richardson, e *Madame Bovary*, de Flaubert

Rafhael Borgato (UNESP)

A ascensão do realismo formal, que compreende um modo de representação próprio da configuração de mundo burguesa, relaciona-se intimamente à representação do feminino que tem como objetivo a confirmação de um ideal masculino de mulher. Na literatura inglesa do século XVIII, Samuel Richardson tomava para si esse papel, transformando a protagonista do romance *Pamela* em uma imagem da virtuosidade correspondente à concepção puritana de comportamento feminino. Trata-se, nesse caso, de uma narradora feminina, porém sua concepção de si própria e do enredo que a envolve abarca claramente um juízo masculino, que o autor apenas transfere para sua protagonista. No século XIX, o realismo flaubertiano parece romper com o moralismo richardsoniano, ao pôr em cena, em *Madame Bovary*, uma mulher que passa muito longe do ideal puritano. Emma Bovary é adúltera, pouco afeita à vida doméstica, não muito dedicada à filha, a completa antítese da imagem da mulher devotada à família e ao lar. Uma leitura apressada poderia indicar que Flaubert busca um contraste com o romance de Richardson, contudo não se pode desprezar o moralismo presente na obra do autor francês, evidenciado no caráter satírico do tratamento das personagens, bem como no destino trágico da protagonista. Procuo, portanto, discutir a representação dual da personagem feminina, pela mediação autoral de romancistas homens, na estética burguesa dos séculos XVIII e XIX, baseada na imagem da mulher virtuosa e naquela que seria sua antítese, uma espécie de anti-virtuosa, cujo destino apenas confirma o moralismo de uma configuração social estratificada: ou a mulher se adequa ao seu papel doméstico-familiar-passivo ou não lhe resta nada além do desfecho trágico, que sufoca qualquer possibilidade de libertação.

Nos subterrâneos da aventura: a opacidade de personagens femininas em *Narrativa de Arthur Gordon Pym*, de Edgar Allan Poe, e *A ilha do tesouro*, de Robert Louis Stevenson

Letícia Malloy (UFMG / FAPEMIG)

A partir do século XVI, o percurso de extensas rotas marítimas iniciadas no continente europeu impulsionou a escrita sobre espaços e alteridades até então desconhecidas. De registros epistolares a anotações de naturalistas que, já nos séculos XVIII e XIX, registraram pormenores de suas expedições científicas e conferiram vigor à literatura de viagem, a escrita sobre o desbravamento de novos territórios possui, como titulares, personagens históricas masculinas. Entre esta faceta das escritas de caráter histórico-documental e a escrita criativa, ainda que preservada a autonomia do texto literário, verificam-se relações de porosidade. Nesse sentido, a travessia dos mares e o desbravamento de territórios consistem em fatores que, perfilados ao despontar do protestantismo e do individualismo, participaram da fundação do gênero romanesco, como observa Ian Watt (1957) acerca do *Robinson Crusoe* de Daniel Defoe (1719). Ao relato das experiências de Crusoe, seguiu-se a composição de romances de aventura como *A Narrativa de Arthur Gordon Pym* (1838), de Edgar Allan Poe, e *A ilha do tesouro* (1883), de Robert Louis Stevenson. Nesses dois romances, verifica-se a existência opaca de personagens femininas, citadas pontualmente por narradores masculinos. A esta comunicação, interessa lançar luz às passagens de *A Narrativa de Arthur Gordon Pym* e de *A ilha do tesouro* em que se evidencia a interdição do protagonismo feminino nos domínios da aventura. Para isso, examina-se, no primeiro romance, a figura da mulher que morre em um navio holandês e não logra completar a travessia almejada; no segundo texto, reflete-se sobre a “mulher santa” e a “mulher de cor” ou “mulher velha”. Estas, fixadas no território inglês e postas silenciosamente à espera de homens, habitam não mais que os subterrâneos da narrativa e somente são lembradas à medida que mostram alguma utilidade à ação dos aventureiros.

As Horas: a representação feminina diante do tempo

David Raphael Araujo da Fé (UFRN); Regina Simon da Silva (UFRN)

Ao longo dos séculos XIX e XX, vários acontecimentos marcaram os movimentos feministas e, conseqüentemente, algumas mulheres surgiram como líderes nessas batalhas e conquistas e tiveram seus nomes escritos na história, como é o caso de Virginia Woolf. O livro *As Horas* (1999), do autor norte-americano Michael Cunningham, realiza uma imersão no



universo feminino da importante literata. As personagens de sua narrativa explicitam os ideais feministas exaltados e consagrados pela autora em seus livros. Este trabalho tem como objetivo analisar o elo construído entre esses dois escritores no que diz respeito à representação da mulher em diferentes tempos e espaços descritos no decorrer do romance. Estudo de base bibliográfica, utiliza as produções literárias da própria escritora, principalmente as obras *Mrs Dalloway* (1925), *Um teto todo seu* (1929) e *Profissões para mulheres e outros artigos feministas* (2012), pois serão primordiais para que as relações entre os criadores possam ser evidenciadas. Tendo em vista os pontos mencionados, espera-se demonstrar a intertextualidade na obra de Cunninhgam, que perpassa as conquistas femininas e reflexiona acerca de um tema que se encontra longe de ser examinado em sua totalidade, mas ao contrário, está sempre se renovando.

María de França: um nome, duas imagens em contraponto

Leny da Silva Gomes (UniRitter)

O romance *A Rainha dos cárceres da Grécia* (1976), de Osman Lins, dispõe, ao olhar do leitor, referentes e estratégias que envolvem a produção e a recepção do romance ficcionalizado *A Rainha dos cárceres da Grécia*, da personagem autora Julia Marquezim Enone. Construído em linguagem ensaística e organizado em forma de diário, datado de abril de 1974 a setembro de 1975, o romance/ensaio/diário apresenta as andanças infrutíferas da narradora Maria de França, em busca da sua aposentadoria. Ao mesmo tempo, o leitor/narrador/ensaísta registra sua apaixonada meditação a respeito das estratégias compositivas do romance de sua falecida amante. Relações, referências, reflexões são conduzidas pelo autor do diário que analisa também o discurso de Maria de França, personagem frágil, filha de lavradores, retirante, pobre, louca. O nome Maria de França remete aos Lais de Marie de France, narrativas poéticas originadas de cantos populares medievais. Movida pela mão de uma mulher, situada nas cortes da Idade Média, a criação dos Lais traz para o plano da linguagem escrita o conhecimento e a visão singulares de uma pequena parcela da sociedade medieval. Esse “eu” afirmativo e seguro de seus motivos e objetivos contrasta com o da personagem-narradora do livro de Julia Marquezim Enone. Maria de França de *A Rainha dos cárceres da Grécia*, vista pelo olhar analítico do narrador-professor, prende-se a uma linguagem delirante que não se furta a críticas sociais, denunciando as condições dos espoliados. No trânsito das mútuas infiltrações desses espaços, tempos e mediações, objetiva-se estabelecer relações entre a personagem histórica Maria de França e as duas personagens femininas envolvidas na trama do romance de Osman Lins, que encena a leitura e a produção do romance homônimo *A rainha dos cárceres da Grécia*.

Voltar ao [SUMÁRIO](#)

SIMPÓSIO TEMÁTICO 14

Diálogo sobre o gênero e suas itinerâncias

A cidade em devir: imagens e identidades fraturadas em “Pela noite”, de Caio Fernando Abreu

Ailton de Santana (UFBA)

A produção literária do escritor Caio Fernando Abreu é desencadeada, sobretudo, entre as décadas de 70, 80 e 90. O autor volta-se, essencialmente, para as discussões dos problemas e das estruturas sociais e traz para a cena literária diversas temáticas que expressam, imprimem e dialogam com o contexto sociocultural da época, como por exemplo, a ditadura militar, o movimento de contracultura, o surgimento da AIDS, bem como a forma pela qual os sujeitos se constituem em meio ao espaço urbano (Callegari, 2008; Leal, 2002). Nesta perspectiva, este trabalho tem por objetivo discutir de que maneira as imagens das cidades e as identidades se apresentam em constante devir na novela “Pela noite”, publicada em 1983. Busca-se demonstrar, de que forma, o autor, através do texto literário, constrói e fratura o ambiente urbano tornando-o *lócus* para que suas personagens, Pêrsio e Santiago, construam e expressem seus medos e desejos ao mesmo tempo em que desconstroem, (re) inventam e performatizam suas identidades, rompendo com ideias cristalizadas, historicamente, acerca dos papéis sociais e sexuais de gênero (Louro, 2010; Butler, 2010). O espaço urbano, portanto, torna-se o lugar onde tantas imagens (sociais, culturais, identitárias) são fraturadas – tendo a cidade-metrópole como



pano de fundo e elemento estruturante da narrativa (Bauman, 2009; Gomes, 2008; Simmel, 2005). Desse modo, demonstrar-se-á que, Caio Fernando, ao propor a inquietação de tais personagens utiliza a literatura como forma de problematizar a temática urbana; coloca em xeque o caráter heteronormativo aos quais suas personagens estão condicionadas (Louro, 2008; Miskolci, 2012). Enquanto aponta para a possibilidade do rompimento das “velhas” convenções e representações de gênero (Lauretis, 1994), e, por consequência, demonstra quão plurais são as itinerâncias e experiências dos corpos, desejos, as múltiplas faces e identidades dos sujeitos que (des) habitam e transitam pela urbe.

O renascimento de Tituba: Por um feminismo negro descolonial na literatura afro-caribenha

Ana Carolina Andrade Pessanha Cavagnoli (UFSC)

Teóricas feministas como Paula Moya e Maria Lugones sugerem a construção de uma filosofia pós-eurocêntrica como contributo para uma teoria crítica que resiste às múltiplas opressões vividas pelos saberes julgados como subalternos dentro do esquema da geopolítica do conhecimento. Acreditam na possibilidade de criar olhares para um mundo pluriversal e desconstruir as concepções de verdade absoluta através de um pensamento descolonial que se desprenda da lógica moderna/colonial tanto do corpo como da mente. Descolonizar é uma atividade que busca vencer essa lógica a partir de uma perspectiva epistêmica descolonial. É um projeto crítico que vai em busca de uma revolução epistêmica na sociedade, na arte e, portanto, na literatura. Pretende subverter as múltiplas estruturas de opressão, ao passo em que traz visibilidade às novas formas/representações de pensamentos (pensamentos outros) sobre o ser e a sociedade. É precisamente por isso que ele parte dos saberes subalternizados, julgados como inferiores e, portanto, inferiorizados pelo modelo colonial para propor diálogos interculturais abrangendo cosmovisões localizadas num mundo pluriversal. Assim, surge a proposta de uma releitura descolonial do romance de Maryse Condé, *Moi, Tituba, sorcière... Noire de Salem* (1988), traduzido pelo seu marido e colaborador, Richard Philcox, como *I, Tituba, Black Witch of Salem* (1994). Tituba é a viajante no mundo que leva consigo teorias e práticas de descolonialidade para a América do século XVII. Transitando entre dois extremos de diferentes cosmovisões, a protagonista cria relacionamentos coalitivos ao exercer sua habilidade de reconhecer a “intencionalidade resistente” (Lugones) que a ajuda em sua luta contra as múltiplas opressões a que é sujeita num mundo de sentidos hegemônicos. Seu conhecimento se move de uma cultura para a outra marcando um poderoso processo de transculturação de suas práticas descoloniais num mundo ainda colonial. Neste trabalho, o pensamento descolonial procura superar a lógica da colonização do corpo e da mente das mulheres de cor, sobretudo, de uma mulher negra, sujeitada à escravização.

Viagens: o sujeito feminino hifenizado na nova diáspora contemporânea

Ana Cristina dos Santos (UERJ)

Este trabalho objetiva discutir a experiência do deslocamento – territorial, linguístico e cultural - nas narrativas contemporâneas de autoria feminina, e verificar de que maneira esses deslocamentos pelos espaços urbanos modificam e, conseqüentemente, redefinem os sujeitos femininos em um contexto globalizado. A análise se centra especialmente no livro de contos *Mais ao sul* (2008) e no romance *Algum Lugar* (2009), da escritora Paloma Vidal que enfocam a mobilidade espacial, as questões de gênero e de identidade em um mundo global e cosmopolita. As obras de Vidal permitem a discussão dessas questões ao problematizarem o contínuo “estar em trânsito” do sujeito feminino e suas ambigüidades culturais que permitem, com base nessas experiências de deslocamento, a constante reconstrução da identidade desse sujeito diaspórico. Para a análise proposta, utilizam-se os textos de Shohat (2004), Hollanda (2005), e Almeida (2013), sobre as relações de gênero; de Bauman (2006), Augé (2007), Toro (2010) e García Canclini (2009) para as noções de espaço e deslocamento e Hall (2005) e Femenías (2013) para as questões das identidades nas sociedades pós.

A construção do feminino nos poemas de Adrienne Rich

Ariane Avila Neto de Farias (UFPel)

O presente trabalho tem como principal objetivo a análise dos poemas “Splittings” e “Cartographies of Silence” de Adrienne Rich. De um viés pós-moderno, a partir do *corpora* selecionado da poetisa estadunidense, pretende-se refletir



sobre o processo de construção da subjetividade e sexualidade do sujeito feminino na contemporaneidade em oposição à figura feminina presente no discurso da heteronormatividade hegemônica. Desvinculado das representações sociais que assumem ser o corpo feminino um mero objeto masculino e indo além da noção de que a posse sexual da mulher é fator mantenedor da ordem social, o eu lírico de Rich é então, o sujeito formado pela e na diferença, figura marcada não apenas pelo seu gênero, mas por sua raça, classe, por sua linguagem e representações culturais. Hoje com a multiplicidade de valores, sentidos e representações, o sujeito feminino centralizado e estático perde seu espaço para uma figura contraditória, dinâmica e fragmentada, resultado de suas experiências. Nesta perspectiva, entende-se que as poesias de Rich aqui discutidas constituem um espaço de reflexão sobre o discurso hegemônico e práticas sociais guiadas pela cultura Ocidental. Assim, procura-se aqui articular a fala de autoras como Simone de Beauvoir e Teresa de Lauretis com os poemas de Rich, mostrando que com a crescente discussão de tal construção promove-se, não só uma nova percepção de mundo, mas uma mudança no quadro de referências e critérios, na avaliação de fenômenos sociais.

Leituras de sertanejas de Irecê/BA e seus processos de subjetivação

Ivânia Nunes Machado Rocha (UNEB)

Nesse artigo, busca-se discutir as possíveis influências das leituras realizadas pelas colaboradoras da pesquisa na construção de suas subjetividades, observando as prováveis inter-relações entre as tramas ficcionais, a inventividade com as vivências dessas mulheres, bem como analisar as interferências de suas leituras, sobretudo as literárias, na construção da identidade dessas sertanejas especificamente. Para tanto, serão empregados dados de pesquisa em fase final e a respectiva revisão da literatura. Nesse sentido, a discussão proposta está ancorada nos teóricos que tratam da subjetividade como construção, tais como Foucault e Guattari; naqueles que lançaram um olhar na leitura para além daquela realizada sobre os textos escritos, como Paulo Freire, Márcia Rios e Hans Robert Jauss. Além de empregar outros autores que estão situados no âmbito dos estudos culturais e/ou crítica literária. Assim, pensamos traçar um breve perfil das leitoras mencionadas, através do que leem, defendendo a (re)construção de suas subjetividades nas/pelas leituras, sempre considerando a possibilidade de quebras de determinados papéis demarcados cultural e politicamente, ao longo dos séculos, como de caráter feminino.

Identidades de gênero em "Bomb Scare" de Adrian Tomine

Jaqueline dos Santos Cunha (UFG)

A presente comunicação, vinculada a pesquisa realizada dentro do programa de especialização em Estudos da Linguagem da UFG- Regional Catalão, tem como propósito a compreensão das performances de gênero em dois personagens de "Bomb Scare", história em quadrinhos (HQ) alternativa que compõe a série intitulada *Summer Blonde* (2003), do quadrinista estadunidense Adrian Tomine (1974). Nessa produção, desenhada pelo próprio autor, os jovens Cammie e Scotty, os personagens principais da HQ, se adequam a alguns dos estereótipos do modelo heteronormativo das identidades socialmente construídas de homem e mulher: a figura feminina sexualmente objetificada e a masculina, o objetificador. O propósito dos personagens é a inclusão no grupo do colégio em que estudam. Para isso, Cammie se sexualiza e oferece favores sexuais aos seus colegas e Scotty muda seu comportamento ao romper a amizade autêntica com seu único e verdadeiro amigo com o objetivo de não ser confundido com homossexual. Para cumprir com o nosso objetivo, lançamos mãos das teorias dos quadrinhos (MACCLOUD, 1994), das identidades (HALL, 2006) e de gênero (BEAUVOIR, 1970; BUTLER, 1990).

Do patriarcalismo ao pós-feminismo: dificuldades da mulher em transição representada na obra de Sonia Coutinho

Luciana Asadczuk (UEPG)

Desde os tempos de Regime Patriarcal até os dias de hoje muita coisa mudou em relação à condição feminina. Da submissão e enclausuramento no lar, a mulher passou a ter o direito de decidir sua vida sozinha. Mas, considerando que nem todas foram atendidas pela emancipação, muitas ainda continuam tendo que obedecer aos costumes patriarcais preservados por algumas famílias. Também, nem todas as reivindicações foram atendidas. Muitas mulheres vivem hoje à



deriva da sociedade, sozinhas a mercê da sorte, considerando que em muitas áreas quem domina ainda é o sexo masculino. Este período está sendo considerado pelos estudiosos da área como o pós-feminismo, pois segundo algumas correntes, o feminismo “deixou de representar adequadamente as preocupações e anseios das mulheres de hoje” (MACEDO, 2006, p.813). Esta problemática vem sendo abordada pela literatura feminina contemporânea. Uma das autoras que abordam este assunto é Sonia Coutinho. Partindo deste viés, este trabalho tem como objetivo principal analisar a personagem feminina do conto “Amigas (I), ou a liberdade secreta”, de Sonia Coutinho, observando a situação em que se encontra a personagem. A autora aborda, em sua obra, os anseios e dificuldades da mulher em transição, ou seja, aquela que saiu ou está saindo dos costumes ainda patriarcais e está experimentando um mundo de decisões, dando rumo à sua vida.

Entre fechaduras e faixas de areia: erotismo e reconfiguração identitária nas movências do gênero e da narrativa de autoria feminina

Luciana Borges (UFG)

O presente trabalho apresenta como proposta a abordagem de três contos da coletânea *Muito prazer*, conjunto de contos eróticos escritos por mulheres, organizado por Márcia Denser (1985). Partimos da hipótese de que “A chave na fechadura”, de Cecília Prada; “As sensações totais”, de Cristina de Queiroz e “Mulher sentada na areia”, de Renata Pallotini, ao ensejar o movimento das protagonistas em busca de sua satisfação erótica e reelaboração identitária, configuram o projeto literário e político da coletânea, marcadamente feminista, no âmbito ficcional. A inserção de escritoras no campo do erotismo literário constitui ruptura em relação ao cânone e às maneiras como o sexo e corpo femininos são culturalmente interpretados em meio às expectativas de gênero. Assim, quando textos eróticos se multiplicaram nas vozes de escritoras, em antologias de contos que, desde *Muito prazer* e *O prazer é todo meu*, organizadas por Márcia Denser na década de 1980, mostram o movimento em direção à *ars erotica* escrita por mulheres, tal movimentação provoca, por meio da escrita de ficção, deslocamentos e itinerâncias de gênero.

Subjetividade e identidade femininas: em busca da afirmação do “eu”

Manuela Matté (Prefeitura de Caxias do Sul)

No intuito de colaborar com o diálogo sobre as identidades de gênero, o presente trabalho, inserido nos estudos de crítica literária feminista, discute como ocorre a construção da(s) identidade(s) e da subjetividade da personagem Clara, protagonista do romance *Dois iguais* (2004), de autoria de Cíntia Moscovich. Escritora contemporânea sul-rio-grandense, Cíntia tem trazido à tona, em suas narrativas, temáticas relacionadas ao gênero e ao sujeito feminino, uma vez que suas protagonistas são, em sua maioria, personagens femininas. A partir do contexto sócio-histórico-cultural de inserção da personagem Clara – uma comunidade judaica regional, durante os anos da ditadura militar brasileira –, analisam-se as questões de gênero relacionadas à sexualidade e à subjetividade femininas, bem como questões relativas à expressão da(s) identidade(s) de gênero. Discutem-se, ainda, os conceitos de identidade enquanto construção individual e social, de subjetividade, de homossexualidade e de afirmação do sujeito feminino. Observa-se, também, como o processo de constituição identitária do sujeito feminino representado na narrativa contribui para a desconstrução das naturalizações e essencializações comumente atribuídas aos gêneros.

Do “Acervo Jorge Amado” à “Navegação de Cabotagem”: o apagamento das identidades femininas

Marina Siqueira Drey (UFSC)

Em 2011 o núcleo de Literatura e Memória (nuLIME) da UFSC acolheu a bagagem de uma herdeira: a *Mala de Jorge Amado*, um acervo com pouco menos de 1.500 páginas que trata da conjuntura política, literária e biográfica do autor nos anos de 1941 e de 1942, período em que esteve autoexilado na Argentina e no Uruguai. Tal arquivo foi reunido por uma amiga que, assim como ele, militava pela causa comunista; Rosa Scliar envelheceu e morreu como guardiã deste agrupamento documental que encontrou destino sob as mãos da filha, Leonor Scliar, que doou a *Mala* ao nuLIME. Em alguns destes documentos faz-se emergir a discussão de gênero por diferentes motivos, um deles, especificamente, toca à



existência discreta de Matilde Garcia Rosa, primeira esposa de Jorge Amado, apagada da narrativa biográfica do autor. Este apagamento torna-se latente não somente nas tessituras de vida em que é protagonista e à Matilde cabe parca ou nenhuma menção, mas no próprio discurso biográfico do autor, em *Navegação de Cabotagem*, livro memorialístico que se ocupa em compilar algumas passagens de sua vida. Nesta narrativa, além de dedicar à Matilde ínfimas palavras, Jorge Amado tece um movimento que reconheço como uma supressão das identidades femininas, de forma que tal gênero é mediado pelo *status* do nome próprio: de Zélia Gattai, segunda e largamente reconhecida esposa de Jorge Amado, às *Marias*, mulheres que, nas palavras do escritor, “por um motivo ou outro” tiveram seus nomes substituídos por este único. É sobre este apagamento da identidade do gênero feminino que pretendo discorrer nesta comunicação. Para isso, leio Pierre Bourdieu (1999) e Guacira Louro (1997) para tratar de gênero, reivindico Stuart Hall (2006) para discorrer acerca de identidade e, finalmente, faço uso da obra organizada por Wander Miranda e Eneida Souza (2011) para discutir questões relativas a acervos.

O olhar masculino e a estrutura narrativa em “Wuthering Heights”

Mariza Tulio (UEPG)

O objetivo deste artigo é apresentar uma análise da estrutura narrativa do romance *Wuthering Heights* (1847) de Emily Brontë, baseada no conceito do olhar masculino, teorizado por Laura Mulvey no artigo “Prazer Visual e Cinema Narrativo” (1975) o qual critica a relação entre o olhar masculino e a imagem feminina do prazer visual moldado pela sociedade patriarcal. Embora a teoria tenha sido produzida para o cinema, a análise é desenvolvida através da articulação dos elementos literários, presentes nos dois meios, cinema e literatura. Levando em consideração os valores patriarcais da época, busca-se desvendar como a imagem de Catherine é moldada pelo terceiro tipo de olhar, o olhar do autor, que está inserido no modo como o romance foi estruturado pelo autor real através do enredo, no ponto de vista do autor inserido na narrativa e no modo como as pessoas, e mais especificamente as mulheres, aprenderam a ler. Finalmente, busca-se descobrir se a personagem feminina consegue romper o tal olhar masculino.

A escrita de si e o erotismo na poesia de Florbela Espanca

Marly Catarina Soares (UEPG)

Florbela Espanca, figura ímpar das Literaturas de Língua Portuguesa, aparece com frequência nas discussões sobre Literatura de Autoria Feminina. Algumas questões que tomam o centro dos debates são a autorrepresentação, ou a escrita de si e o erotismo. Neste trabalho apresento algumas reflexões da crítica especializada que buscaram traduzir a poesia de Florbela a partir da autorreferencialidade. Maia (2007) e Abreu (1997) parecem concordar que se sobressai um sujeito em crise, seu anulamento e a projeção num Outro. A sensação de impessoalidade, despersonalização e dispersão a aproxima de outros poetas portugueses, mas não chega a uma fragmentação que possa aproximá-la de um Fernando Pessoa, apesar de existir uma clara autorreferencialidade heteronímica em “Castelã da Tristeza”, em “Sóror Saudade”. Leal faz referência a uma figura dupla que reflete a crise do Sujeito e da sinceridade poética que obriga à constatação, perfeitamente moderna, de que a única forma que o Poeta tem de conseguir afirmar a sua subjetividade é anular o seu Eu e projetá-lo num Outro, criando deste modo um abismo intransponível entre os dois seres, o real e o de papel. Este trabalho objetiva apresentar alguns pontos do debate sobre a autorreferencialidade e o erotismo que constituem ocorrências extraordinariamente subversivas na poesia florbeliana, e não é surpreendente nestas circunstâncias que a poesia de Florbela mantenha a sua atualidade, projetando-se em sucessivas gerações de mulheres.

A escrita de romance e autoria feminina na biblioteca da princesa

Moizeis Sobreira de Sousa (UNICAMP / FAPESP)

A presente comunicação tem por objetivo estudar a presença da escrita do romance na biblioteca da princesa portuguesa D. Maria Francisca Benedita (1746-1829) tomando como ponto de partida o critério de gênero. Assim, pretendemos mapear os textos escritos por mulheres e relacionar com os textos escritos por homens, buscando entender as razões que levam à prevalência de um gênero sobre o outro.



A representação da mulher nas campanhas de prevenção HIV/Aids: multimodalidade da linguagem e modelos culturais

Sheila da Rocha (UCS)

A Aids, surgida na década de 1980, trazia o rótulo de ser restrita a homens homossexuais. Uma falsa ideia que deixou as mulheres ainda mais vulneráveis. Sem proteção, elas passaram a contrair o vírus de seus maridos e companheiros, o que acarretou numa feminização da epidemia. Nesta pesquisa, vamos analisar a representação da mulher em diferentes campanhas preventivas de HIV/Aids, utilizando os estudos da multimodalidade da linguagem, acomodando-a a aspectos culturais, regionais e identitários e apontando novas formas de inserção das mulheres no mundo contemporâneo. Tais campanhas exercem um papel fundamental no combate a novas infecções e, por isso, são o objeto de estudo desta investigação, que destaca as relações existentes entre linguagem, gênero e cultura. O referencial teórico central desta análise são os estudos de Forceville (1996), Forceville e Urios-Aparisi (2009) sobre a multimodalidade da linguagem; Lakoff (1998) e Lakoff e Johnson (2002) em sua abordagem sobre metáforas e metonímias. Para Forceville (2009, p. 22), uma metáfora não pode ser analisada apenas pela sua forma verbal, pois isso pode constituir uma visão limitada. É por essa razão que passa a ser extremamente importante uma análise mais ampla, não apenas do que está sendo escrito, mas também do que está sendo mostrado, através da imagem, e do que está implícito no contexto. E é justamente por meio desses recursos, onde as emoções estão em jogo, que o discurso publicitário tenta provocar reações e mudar comportamentos.

Um destino esquerdo: a representação da mulher em "A gaiola" de Augusta Faro

Suely Leite (UEL)

Publicado pela primeira vez em 1998, a coletânea de contos intitulada *A friagem* de autoria de Augusta Faro, constitui-se em um conjunto de textos alegóricos que passeiam pelo terreno do insólito e traz para a cena, em um mundo contemporâneo, discursos que tratam da condição feminina. Tais textos apontam para uma representação de mulheres pautada em uma cultura ainda patriarcal. Os contos apresentam protagonistas e narradoras marcadas por um desconforto ou uma inadaptação ao seu lugar constituído socialmente, o que será um dos motivos da perda da subjetividade, que é a grande temática da obra. A solução encontrada para esse não lugar e esse não ser, pode estar na loucura, na solidão, na metamorfose ou ainda no silenciamento. Para esse trabalho escolhemos o conto "A gaiola", de título bastante sugestivo e que nos apresenta uma narradora que se percebe fora do mundo e presa em um estereótipo de mulher que abrange não só a sua geração, mas toda uma espécie de ser condicionado a comportamentos ditados socialmente. Temas como a domesticidade, idealização familiar, solidão, finitude, velhice, aparecem no texto tecendo um discurso condicionado a configurações de gênero pautadas por uma ótica patriarcal. Traremos como aportes teóricos os estudos sobre a representação da casa de Elódia Xavier, os ensaios de Ecléa Bosi que tratam da velhice, *O segundo sexo* de Simone de Beauvoir e os estudos de gênero das autoras Joan Scott e Judith Butler.

Voltar ao [SUMÁRIO](#)

SIMPÓSIO TEMÁTICO 15

O feminino como lugar de enunciação nas narrativas latino-americanas

A construção da identidade feminina em *Dez mulheres*, de Marcela Serrano

Bruno Brizotto (UFRGS)

Ao privilegiar o ponto de vista enunciativo da mulher no âmbito ficcional, a obra da escritora chilena Marcela Serrano (1951-) constitui-se como elemento indispensável para a compreensão e o alargamento das discussões em torno da perspectiva feminina e sua representação na literatura latino-americana contemporânea. Obras como *Nós que nos amávamos tanto* (1991), *O albergue das mulheres tristes* (1998), *Dez mulheres* (2011) e *Doce inimiga minha* (2013) traduzem esse rico espaço de reflexão sobre a mulher latino-americana, com ênfase para as chilenas. Levando em conta tais



considerações, pretendemos analisar *Dez mulheres*, romance que apresenta um grupo de nove mulheres – Francisca, Mané, Juana, Simona, Layla, Luisa, Guadalupe, Andrea, Ana Rosa – distintas entre si, que nunca se viram antes, mas que passam a compartilhar suas histórias de vida graças à reunião proposta pela terapeuta Natasha, a décima personagem dessa história. Esta acredita que as feridas presentes nas demais mulheres poderão começar a sarar quando as cadeias de silêncio forem efetivamente rompidas. Nesse sentido, o foco desta investigação centra-se na seguinte questão: como a identidade da personagem Mané é construída ao longo de sua trajetória de vida? Para que possamos atingir o objetivo proposto, buscaremos o amparo teórico necessário em autores como Adelman (2002), Bauman (2005), Butler (2008), Hall (2000, 2005), Lauretis (1994), Louro (2001), Schneider (2000), Showalter (1994), Woodward (2000) e Zinani (2013).

Cartografias de gênero: Reconfigurações identitárias em *O caderno de Maya*, de Isabel Allende

Cleusa Salvina Ramos Maurício Barbosa (IFAL)

Ao tratarmos da questão da identidade, percebemos a centralidade dela no contexto pós-colonial, do qual faz parte a América Latina. O processo da conquista e colonização do continente americano pelos europeus resultou em devastação ambiental, morte de populações nativas e conflitos entre dois entes: colonizador e colonizado. Esse processo colocou em xeque a questão da identidade, implicando num hibridismo étnico e cultural que caracteriza o sujeito latino-americano. Ao lançarmos um olhar sobre a literatura de autoria feminina, percebemos um olhar da diferença a partir de uma perspectiva e de um sujeito de representação próprios. No caso de Isabel Allende, as situações políticas transcorridas na América do Sul no século XX influenciaram fortemente sua percepção do contexto sócio-histórico-político. O presente trabalho visa discutir o processo da construção identitária da protagonista Maya Vidal. O eixo central deste estudo é constituído pela articulação entre as manifestações dos fenômenos culturais e a construção identitária de gênero, e a maneira como tais fenômenos são produzidos. Para tanto, fundamentamo-nos, principalmente, no conceito de identidade cultural o qual discute “aqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nosso ‘pertencimento’ a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais” (HALL, 2003, p. 8).

Representação feminina: uma análise comparatista entre o conto de Nélide Piñon e o episódio “Arlete” da série televisiva *As Canalhas*

Michele Neitzke (URI/FW); Rosângela Fachel (URI/FW)

Este estudo analisa comparativamente a representação da mulher no conto “I love my husband” (1998) de Nélide Piñon, e no episódio “Arlete” (2015) da série de TV *As Canalhas*, de Gustavo Rosa de Moura e Carmem Maia. O objetivo é comparar a representação da mulher em objetos artísticos de linguagens distintas, a literária e a audiovisual, produzidos em contextos sócio e culturais diferentes, a fim de analisar a mudança na representação da postura feminina ao longo do tempo. Utilizando os conceitos de gênero feminino e diferença sexual, o estudo está amparado teoricamente em proposições de Teresa de Lauretis e Simone de Beauvoir. Na análise constata-se que o perfil feminino construindo nas duas obras alterou-se. No conto percebe-se a imagem de uma mulher tímida e reprimida, devota ao seu marido. Já no episódio da série televisiva, identifica-se uma mulher mais ousada e inconsequente, sendo ao mesmo tempo devota aos seus ideais.

Gritos em silêncio: a condição feminina em “A deserção”, de Cristina Peri Rossi

Cássia Gianni de Lima (PUCRS); Regina Kohlrausch (PUCRS)

Pensar a condição da mulher apresenta-se como um desafio importante no exercício inadiável de (re)escrita da história literária latino-americana, porque muitas questões relativas ao feminino foram e ainda são esquecidas ou desconsideradas pela crítica, em resposta a um pensamento coletivo excludente e falocêntrico. A afirmação da nossa literatura depende de uma nova abordagem que considere o que ficou para trás, questionando o cânone e abrindo o espaço de direito da mulher. Nesse contexto, a escritora uruguaia Cristina Peri Rossi apresenta-se como um expoente a ser estudado, uma vez que seus textos atuam em defesa dos autores e desafiam o senso comum e as convenções literárias, inclusive aquelas relacionadas a gênero. Este trabalho propõe-se, então, a analisar uma de suas narrativas, exemplar



nesse movimento. O conto "A deserção", narrado em terceira pessoa, evidencia, através da visão masculina, os momentos cruciais que antecedem o suicídio de uma mulher e atuam como um discurso feminino calado, de defesa e afirmação. Alguns aspectos do conto parecem interessantes, então, para estudo com enfoque psicossocial das personagens, da relação entre elas, e das possíveis circunstâncias que podem justificar suas ações. Para isso, conta-se com o apoio teórico de autores como Schmit (1995), Navarro (2005) e Flax (1992), que discutem, respectivamente, o espaço da autoria feminina, as questões de gênero na América-Latina e a teoria feminista na pós-modernidade. Espera-se, dessa forma, contribuir para a revisão do cânone vigente e para o devido reconhecimento da literatura de autoria feminina latino-americana.

A construção da identidade pessoal e social na obra *A bolsa amarela*, de Lygia Bojunga Nunes

Juliane Della Méa (URI/FW); Ilse Marias Vivian (URI/FW)

O presente trabalho se compromete a observar, a partir da leitura da obra *A bolsa amarela*, a realidade feminina sob uma perspectiva revisionista, pensando as relações de gênero e como estas influenciam na formação da identidade. Por apresentar um narrador que exerce o elo entre texto e leitor, a obra contribui para a formação ideológica, democrática e social do ser humano. Este ensaio pretende analisar como se relacionam identidade e gênero na construção da narrativa, para, então, a partir da contextualização da autora no espaço e no tempo literários, refletir sobre os problemas existentes nas relações humanas e em especial o preconceito hierárquico e sócio-histórico que afeta a mulher. Para desenvolver esta proposta, foi adotada a pesquisa bibliográfica associada à análise da obra de Lygia Bojunga Nunes, *A bolsa amarela*, publicada em 1976, auge da Ditadura Militar. Ao focar a sociedade patriarcal da época, contrapondo com o imaginário, Lygia Bojunga Nunes, através da protagonista Raquel, revela de forma sutil críticas à estrutura familiar hierarquizada: pai, mãe, filhos; a sociedade patriarcal, na qual a mulher além de submissa sofre com a repressão e o abuso de autoridade, realizando um cotejo entre real e imaginário. A leitura dessa obra possibilita ao leitor refletir sobre a linha tênue que separa a organização sócio cultural existente na década de 70 e a condição feminina nos dias atuais.

Paraguaçu e Caramuru: uma nova perspectiva de alteridade feminina e indígena

Erika Bezerra Cruz de Macêdo (IFRN / UFRN)

A pretensão deste trabalho é expor um breve estudo da obra *Paraguaçu e Caramuru: paixão e morte da Nação Tupinambá*, de Assis Brasil, a qual exemplifica o novo romance histórico, apresentado por Seymour Menton em *La nueva novela histórica de la América Latina*, e a metaficção historiográfica preconizada por Linda Hutcheon em *Poética do pós-modernismo*, ao contar episódios da colonização brasileira pelo viés da ficcionalização e centralizar seu protagonismo na figura feminina, desafiando as tradicionais narrativas totalizantes. Com um discurso carnavalizado que dialoga com relatos históricos e literários, o romance narra a união do português Diogo Álvares, conhecido como Caramuru, com a índia Paraguaçu, além de debater o papel do indígena na formação cultural brasileira e propor uma releitura do espaço da mulher, principalmente a índia, na historiografia do país. Coube a muitos outros textos cantar a história de amor do branco com a índia, transformando-a em mito de fundação. Nesta versão, Caramuru é um prisioneiro dos Tupinambás sobre quem paira a ameaça da antropofagia. O que o mantém vivo é a voz de Paraguaçu, que, como uma Sheherazade tupiniquim, conta histórias de seu povo e oferece-lhe uma saída da morte. Numa inversão paródica comum às narrativas pós-modernas, Paraguaçu encarna a figura ex-cêntrica tanto por motivos raciais, culturais quanto de gênero, que não se submete ao dominante; antes, faz-se centro da narrativa. Ela é o verbo feminino que encarna como sedução e salvação, desconstruindo os imagotipos estereotipados em outras versões iconográficas e literárias do mito. Tal inversão faz-nos convocar fundamentos da imagologia e da heterogeneidade discursiva para darem aporte teórico ao nosso estudo, contribuindo para a análise do cruzamento de vozes que influenciam na formação de um povo e para uma nova perspectiva da alteridade feminina e indígena no prisma das representações sociais.



CADERNO DE RESUMOS

ISSN: 2238-0787

Mulheres escrevendo no século XIX na América Latina: campo literário e o conceito de nação

Fani Miranda Tabak (UFTM)

Ao estudarmos a literatura latino-americana desde a primeira presença dos colonizadores somos tentados a refletir diversas questões relativas às mulheres. Seguindo imagens criadas pelo discurso colonial para a vida "real" imposta na colônia, há um longo caminho em que podemos encontrar vários limites entre o imaginário produzido para a conquista e as representações de indivíduos pertencentes ao corpo monárquico, especialmente as mulheres. Como a educação literária tradicional estabeleceu um sentido de cronologia que é subdividido em períodos, que refletem um tipo especial de significado na leitura da produção de arte na época, nós gostaríamos de começar por discutir estes períodos, no caso brasileiro. No entanto, não deve constituir uma surpresa descobrirmos que esta cronologia foi produzida longe desses eventos e que representava, especialmente no século XIX, uma adequação para forjar a concepção de uma nova nação, almejando uma "modernidade" inspirada por ideias liberais. Como demonstrou Pierre Bourdieu com a noção de poder simbólico, este representa uma forma de poder que diz respeito a uma relação complexa entre muitas formas de dominação que devem sempre ser pensadas como paradoxos. No caso da América latina alguns desses paradoxos podem servir como base para a compreensão da produção de autoria feminina, posto que seja visível que essa produção tenha sido borrada da historiografia tradicional. O grande paradoxo sobre o qual partimos está ancorado na relação entre o campo literário de autoria feminina e sua relação discursiva com as formas de poder que propõem uma concepção "inovadora" para as identidades nacionais. Analisamos, a partir de textos literários produzidos por mulheres durante o século XIX na América Latina, a forma em que a representação do conceito de nação se interpõe como uma possibilidade de superação ou não do resquício colonial herdado das metrópoles.

Malinche, de Laura Esquivel, e a rescrita da história oficial pelo discurso feminino

Amanda da Silva Oliveira (PUCRS)

Por muito tempo, as mulheres tiveram nos espaços privados, fora da escritura tida como Oficial da história da América Latina, o seu redutor papel de do lar. No entanto, estar fora não implica em não existir, mas de não ser reconhecida na mesma validade: as evidências que confirmam a supremacia masculina de domínio persistem e são abundantes, pois "permanecem em atuação mecanismos que produzem desigualdades que sempre operam para a desvantagem das mulheres" (MIGUEL; BIROLI, 2013, p. 8), e "formas mais complexas de dominação exigem ferramentas mais sofisticadas para entendê-las". (Ibidem). A História cêrcea as relações sociais que as mulheres se permitem a adotar, e é comum que aconteça muitas vezes de percebermos que as mulheres devem sempre negar sua posição de mãe/esposa para estabelecer relações sociais e literárias, ou seja, sempre devem abrir mão da esfera privada em nome da vida pública, como se as duas posições não fossem permitidas de serem investidas por elas, afinal, são os discursos dessas mulheres que reescrevem a sociedade e as histórias dos povos, porque é outro o ponto de vista, não legitimado pela história oficial. A obra de Laura Esquivel, *Malinche*, aborda justamente isso: a personagem principal do texto não é Hernán Cortez, protagonista histórico, mas Malinalli, "que vem da água, e a água fala" (p. 14). Historicamente, a personagem é tida como a índia que se une com o colonizador espanhol e nega seu povo; na obra de Esquivel, ela é o elo que une duas culturas, e a que detém o conhecimento da tradução entre os dois idiomas: como um portal entre duas culturas, ela domina ambas. Assim, a escritura feminina marca-se pela reflexão (auto)biográfica das histórias íntimas, pessoais e coletivas de si, do outro, do povo. Porque escrever é identificar-se; porque escrever é existir.

As personagens femininas na obra *El señor presidente*, de Miguel Ángel Asturias

Margarete Jesusa Varela Centeno Hülsendeger (PUCRS); Regina Kohlrausch (PUCRS)

O guatemalteco Miguel Ángel Asturias (1899-1974), escritor, diplomata e Prêmio Nobel de Literatura (1967), foi um dos grandes escritores do boom latino-americano, junto com Gabriel García Márquez e Mario Vargas Llosa. Entre suas várias obras destaca-se *El señor Presidente* (1946), o romance que lhe trouxe fama internacional e no qual traça, de forma caricatural e grotesca, o retrato de um típico ditador latino-americano e de seu governo baseado no terror, na maldade e na morte. Nesse contexto, onde predomina o medo e a crueldade, aparecem duas mulheres que, unidas pela tragédia,



terão de fazer frente a esse jogo de poder entre o bem e o mal: a filha de um general que caiu em desgraça, Camila Canales, e a mulher do povo, pega em uma armadilha política, Niña Fedina. Na análise da trajetória dessas duas personagens femininas se poderá perceber a construção de uma narrativa que coloca à mostra a luta travada entre as forças da luz – o povo oprimido do qual fazem parte as mulheres, muitas vezes ignoradas – e a das trevas – o ditador e todos que, por medo ou ambição, compactuam com ele –, segundo os mitos latino-americanos. Este trabalho tem por objetivo apresentar a análise da forma como as personagens Camila e Niña foram construídas, dando-se especial atenção aos elementos narrativos (tempo, espaço, ponto de vista e narrador) utilizados por Asturias para dar consistência e credibilidade à narrativa. O trabalho teve como referenciais teóricos Mikhail Bakhtin e Antonio Candido, autores que examinam as questões que envolvem a criação e construção de personagens.

Lagar I: Gabriela Mistral e suas loucas mulheres

Mary Anne Warken Soares Sobottka (UFSC) ; Meritxell Hernando Marsal (UFSC)

A proposta deste trabalho é analisar o discurso poético presente na obra, *Lagar I* (1954), da escritora chilena Gabriela Mistral (1889-1957), que em 1945 recebeu o Prêmio Nobel, sendo o primeiro autor latino-americano a receber essa distinção. A palavra *Lagar* se refere ao lugar onde se amassa a uva para fazer o vinho, ou a azeitona para extrair o azeite, e simboliza o transformar-se em outro elemento. *Lagar* foi a primeira obra da autora publicada no Chile, e marca o regresso ao seu país depois de 16 anos de afastamento. Nesta comunicação analisaremos o capítulo "Loucas Mulheres". Nosso objetivo é refletir como a representação do feminino se desenvolve na obra, comparando o discurso presente em alguns versos selecionados dos quinze poemas do capítulo, nos que se destacam os temas da morte, o luto, a loucura e a maternidade. A obra *Lagar*, que tem seus poemas escritos a partir de 1938, se localiza em um período histórico conflitivo, quando a Segunda Guerra e o Holocausto deixam suas cicatrizes.

Lucy Sonne: uma personagem de fibra

Jenifer Royer Thiel (URI/FW); Ilse Maria Vivian (URI/FW)

O presente trabalho visa analisar a personagem feminina, Lucy Sonne, da obra *No tempo das tangerinas*, escrita em 1983, por Urda A. Klueger, cujo posicionamento, em relação a si mesma e ao contexto familiar, transforma-se ao longo da narrativa. Nesta obra da literatura catarinense, é narrado o romance de Guilherme, filho de Lucy, com Terezinha, moça de outra origem, o que provoca dificuldade de aceitação do relacionamento por parte da mãe do rapaz. Nesse sentido, objetiva-se observar a influência da memória na construção identitária da personagem, bem como o reflexo desse processo no convívio familiar. Tendo em vista a primazia da personagem Lucy, configurada como imigrante alemã estabelecida no Brasil, objetiva-se analisar também a mudança de seu posicionamento crítico em relação à própria experiência, durante a Primeira Guerra Mundial, e no momento em que é declarada a Segunda grande Guerra.

Cineastas argentinas contemporâneas: a consolidação do olhar feminino no audiovisual latino-americano

Rosângela Fachel de Medeiros (URI/FW)

O Cinema Argentino vive um momento impar de produtividade e de reconhecimento, que se revela tanto no aumento de espectadores na Argentina para as produções nacionais quanto no reconhecimento de seus filmes em festivais internacionais. Destaca-se, nesse contexto, a presença crescente e significativa de cineastas argentinas que vêm conquistando um espaço cada vez maior tanto no âmbito comercial quanto no artístico. Lucrecia Martel, Lucía Puenzo e Verónica Chen são nomes reconhecidos e respeitados na atual cartografia de sucesso do Cinema Argentino. Apesar de possuírem estéticas cinematográficas e narrativas autorais e únicas, juntas elas compõem o viés feminino na paisagem audiovisual do chamado "nuevo cine argentino". E, cada uma a seu modo, elas colaboram para a consolidação de um olhar feminino (MULVEY, 1973; KAPLAN, 2002) no audiovisual latino-americano, tirando a mulher do papel passivo de objeto do olhar masculino, instaurado pelo *mainstream* hollywoodiano e replicado pelos cinemas nacionais, e afirmando a condição feminina de portadora do olhar, que ressignifica a própria posição da mulher no cinema contemporâneo.



CADERNO DE RESUMOS

ISSN: 2238-0787

Duas mulheres, duas Cabral: uma leitura comparativa entre Urania e Hypatía Belicia

Raíssa Cardoso Amaral (UFPel); Alfeu Sparemberger (UFPel)

Este texto situa-se no campo dos estudos literários comparados. Para fins de exegese literária, o objetivo é analisar duas personagens femininas de romances distintos: Urania Cabral do romance *A Festa do Bode*, de Mario Vargas Llosa (2000) e Hypatía Belicia Cabral, do romance *Fantástica vida breve de Oscar Wao*, de Junot Díaz (2007). Além de retratarem, de modo geral, o mesmo período histórico da República Dominicana (a ditadura da Era Trujillo [1930-1961]), os romances utilizados nesta pesquisa também realizam intertexto explícito: na leitura de *A Fantástica Breve Vida de Oscar Wao*, o narrador cita, sem rodeios e pelo uso de notas de rodapé, o romance de Llosa. Aliás, os romances desta análise são considerados metaficcões historiográficas. Conforme as ideias de Linda Hutcheon “Ao mesmo tempo que explora, ela [a metaficção historiográfica] questiona o embasamento do conhecimento histórico no passado em si.” (HUTCHEON, 1991, p. 126). Partindo do pressuposto deste diálogo entre os textos literários, a intenção aqui é explorar o possível diálogo entre duas personagens que possuem o mesmo sobrenome (Cabral), mas não se referem à mesma família: Urania Cabral é criação ficcional de Llosa, já Hypatía Belicia Cabral pertence ao universo literário de Díaz. Não é apenas o sobrenome que coincide, mas algo muito mais complexo: a vivência no período ditatorial da República Dominicana. Desse modo, o propósito deste resumo é demonstrar o quanto as personagens femininas Urania Cabral e Hypatía Belicia Cabral são centrais para o entendimento da representação da ditadura nos romances, e também evidenciar o quanto a vivência em um período limite da história da República Dominicana – a ditadura trujillista – permanece viva nas personagens, como cicatrizes incuráveis.

Voltar ao [SUMÁRIO](#)

SIMPÓSIO TEMÁTICO 16

As escritas de si femininas: os diários e cartas como espaços de produção literária

“Amor, amor! Sempre o amor”: diário pessoal e missivas de uma moça apaixonada (1946-1952, Caxias do Sul)

Pâmela Cervelin Grassi (UDESC); Maria Teresa Santos Cunha (UDESC)

Foram com as imagens projetadas em Enio, que Ada, em outubro de 1950, iniciou os registros do vivido em seu diário pessoal. Nos anos anteriores, quando matriculada no ginásio, a moça trocou missivas com o rapaz. A prática das correspondências desdobrou-se na ocasião do namoro e, concomitantemente, manteve seu diário pessoal, cujas páginas eram espaços privilegiados para expressar os desejos e as expectativas da experiência amorosa. Após o noivado, os escritos no diário pessoal tornaram-se cada vez mais raros, restando nas últimas páginas apenas a lista de convidados do enlace matrimonial, concretizado em fevereiro de 1952. Os registros pessoais de Ada foram guardados em acervo pessoal e hoje, conservados à ação do tempo, constituem, junto a um amplo conjunto de documentos de sujeitos ordinários, o Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami (AHMJA), em Caxias do Sul. O estudo, inscrito nos marcos teóricos da História Cultural, quer analisar o significado dos elementos afetivos e amorosos presentes nos escritos da jovem, que contribuíram na cristalização do imaginário da instituição do casamento como sendo a realização da apoteose romântica. O diário pessoal e o conjunto de 12 missivas, quando tomados pela investigação histórica como vestígios materiais de um tempo passado, apontam para os sentidos que Ada elaborou, em diálogo com as representações de amor e de mulher vigentes na época. A linguagem, como elemento privilegiado que possibilita a reflexão de si, é o espaço em que Ada estrutura suas experiências vividas e estas, por sua vez, são tramadas de significações que dizem respeito às experiências históricas das mulheres. Sobretudo, porque a escrita autobiográfica era uma prática prescrita para as mulheres, num projeto de educação dos sentimentos. Perante as representações de mulher e de amor que orientavam a subjetividade e o devir feminino, Ada adotava sustentava as prescrições normativas ou operava com desvios?



***Cocina ecléctica*, de Juana Manuela Gorriti: A receita culinária como voz feminina singular e plural na América Latina do século XIX**

Betina Mariante Cardoso (PUCRS); Maria Eunice Moreira (PUCRS)

A presente comunicação aborda o livro *Cocina ecléctica*, concebido pela escritora argentina Juana Manuela Gorriti em 1890, que reúne as receitas culinárias de suas amigas de diversos pontos da América Latina, convidadas a participarem da publicação. O papel da receita amplia-se para além do âmbito da cozinha: a obra é composta por textos autobiográficos embutidos nas receitas, em que as mulheres escrevem de si, de suas vivências e de seus temas de interesse, presentes em suas obras literárias. O resultado é a reunião do singular, no campo das escritas de si, com o plural, pois o conjunto de receitas manifesta a pluralidade cultural das mulheres letradas que Gorriti convidou para o projeto, dando voz ao feminino. O ato culinário é, ao mesmo tempo, uma experiência individual e coletiva, e eis a essência da obra, através das receitas. *Cocina ecléctica* tem, entre seus propósitos, o de propiciar à mulher sua expressão, saindo da esfera domiciliar e atingindo o âmbito cultural das páginas de um livro, papel então atribuído aos homens. Outro aspecto relevante: cada receita é enviada como carta, já que as autoras moram em diversos países. Tal característica dá ao material uma curiosa mistura de ingredientes: o escrever de si, no conteúdo da receita, e o contar de si ao outro, no formato de carta. Há o remetente- cada colaboradora, e há o destinatário- Gorriti. A referida mistura, assim, possibilita a integração do singular e do plural na voz feminina latino-americana do século XIX. Ressalta-se que, implícita, lê-se a história de vida da própria organizadora: as receitas que compõem o livro formam um mapa cultural específico dos lugares que permaneceram latentes em suas recordações. Tal configuração deve-se ao fato de que as amigas convidadas representam os países onde Juana Manuela Gorriti morou e onde construiu seus laços de amizade.

Crescendo à sombra de saudades do Brasil numa vila portuguesa – Agustina Bessa-Luís

Odalice de Castro Silva (UFC)

Este artigo propõe, ao modo de um diálogo com outros exercícios de leitura, com apoio dos estudos comparatistas de Inês Pedrosa (2011), a respeito de escritos de Agustina Bessa-Luís (1922-), destacar sobretudo as articulações que a escritora empreendeu, desde os inícios de sua obra de ficção, com *Mundo Fechado* (1948), *A Sibila* (1954), ao longo de sua experiência com vários gêneros, como o conto, a crônica, até a trilogia *O Princípio da Incerteza*, de 2001 a 2003, em relação à memória do pai, do tempo vivido no Brasil. Esta memória irrompe a linguagem na criação de tipos, figuras e situações, metaforizando-se em uma saudade curiosa de lembranças que a escritora passou a construir de episódios que ela mesma não viveu. O fascínio da memória alheia recebe o impacto de viagens de Agustina ao Brasil, já escritora, para, num processo de deformação de imagens, desassemelhar, na escrita, o que ouviu ao longo da infância e da adolescência. A escrita de uma saudade sentida pelas vivências de outro, dentro das discussões de Olgária Matos (2006), não deixa transparecer as tensas e, muitas vezes, disfarçadas interrogações entre os portugueses de torna-viagem e a consciência das novas gerações, aquelas que cresceram no século XX, à sombra de relatos pós-coloniais. O imaginário, com a complexidade das culturas em debate crítico, amplia-se, agora, permitindo ao leitor acompanhar e discutir com Agustina os caminhos das “raízes errantes”, conforme Mauro Maldonato (2006), sobre a ponte do Atlântico.

‘Um espaço todo seu’: Uma análise das limitações na narrativa de viagem de Marianne North no Brasil

Louise Marie Goodman (UFMG)

Segundo a crítica Ana Lúcia Almeida Gazzola, os relatos escritos por mulheres viajantes durante o período vitoriano mostram um deslocamento, literal e simbólico, da mulher (GAZZOLA, 2001). Dentro das tensões de tal deslocamento, observamos no relato de Marianne North, no Brasil, um exemplo de como as mulheres tentaram criar um espaço privilegiado, por meio da própria escritura, ao saírem da limitações sociedade vitoriana europeia. Os relatos de North, que fazem parte do texto autobiográfico *Recollections of a Happy Life* (1894), serão lidos a partir do horizonte teórico dos estudos de Homi Bhabha, Sara Mills, Luis Alberto Brandão e Mary Louise Pratt. Com o auxílio dessa sintaxe crítica, analisamos o nível de autonomia, agencia, mobilidade que North tinha no seu próprio espaço escrito, considerando a elaboração do espaço descrito no próprio texto, bem como o processo de edição, recepção e publicação de tal texto após a



CADERNO DE RESUMOS

ISSN: 2238-0787

morte da autora. O trabalho contribui para uma conversa mais ampla sobre o espaço feminino no gênero de narrativas de viagens e sobre as possibilidades, ou falta de, para a elaboração de um espaço que permita agência e autonomia para as mulheres fora da sociedade limitada no período vitoriano.

Relato de viagem, autobiografia e autoria feminina em *Uma Colônia no Brasil*, obra de Marie van Langendonck

Pamela Pinto Chiareli Fachinelli (IFTM)

Uma Colônia no Brasil é um livro pouco conhecido no meio acadêmico. Escrito por uma belga, Madame van Langendonck, tem o propósito de relatar as experiências da autora em terras brasileiras no período em que residiu em uma colônia ao sul do país, entre os anos de 1857 e 1859. Marie van Langendonck, aos sessenta anos, embarca em um navio de emigrantes seduzida pelo desejo de vivenciar a floresta virgem do Brasil. Ainda que contivesse o subtítulo *Relatos históricos*, quando o livro foi publicado na Bélgica, ele foi avaliado pela crítica como um diário, contudo, à medida que pesquisávamos sobre o gênero, algumas questões de natureza teórica foram levantadas, uma vez que, o relato de Marie extrapola características capitais apontadas por Blanchot e Lejeune inerentes ao diário. Assim sendo, procuramos revelar como a reconstrução memorialística de Mme. van Langendonck converge a uma atitude de escrita própria, que ultrapassa as noções de gênero, de maneira que o espaço autobiográfico da obra esta intrinsecamente ligada à condição de Marie como mulher, escritora, narradora e personagem em uma sociedade marcada por inúmeros preconceitos, que delimitavam a atuação da mulher.

Ficção e realidade: as cartas de Jane Austen

Priscila M. M. G. Kinoshita (UNIANDRADE)

Jane Austen foi e ainda é uma mulher além de seu tempo. À sua incrível capacidade de explorar as mais íntimas peculiaridades da natureza humana na criação de seus personagens se agrega, em paralelo, a posição cônica da autora frente aos acontecimentos da época. Com grande sensibilidade e poder sobre o nanquim e a pena, aborda de maneira magistral um leque de questões universais, objeto da obra de arte em todos os tempos. As obras de Jane Austen funcionam como sátira sutil da sociedade, em seus aspectos mais turvos, escamoteada pelo humor e pelo final feliz. O acervo não ficcional de Jane Austen que compreende as cartas que escreveu à irmã Cassandra, aos irmãos Francis William-Austen e Charles John-Austen e à sobrinha Fanny fornece material amplo como subsídio para análise e interpretação da verdadeira Jane Austen, aquela de carne e osso, cujas argutas palavras são apresentadas revelando uma mulher crítica e capaz de enxergar além. A presente reflexão trata de um estudo das cartas da autora com propósito de expor sob que parâmetros de observação os romances foram escritos.

A escrita diarística de Anaïs Nin em *Henry & June*: entre a autoficção e a autobiografia

Giselle Silveira da Silva (FURG / CNPq); Michelle Vasconcelos Oliveira do Nascimento (FURG/FAPERGS/CAPES/CNPq)
Anaïs Nin (1903 - 1977), escritora francesa, iniciou sua escrita diarística ainda quando criança e via o diário como um confidente, um espaço para reflexões e especulações. *Henry & June* (1931 - 1932), é um trecho dos diários íntimos de Anaïs Nin, que cobre o período em que ela conheceu e se relacionou com o escritor Henry Miller e sua mulher June. *Henry & June* foi considerado por muitos o melhor livro de Anaïs Nin, pois é um relato íntimo do florescer sexual da autora. Ao ler esta escrita diarística, o leitor pode se questionar o quanto de realidade e ficção esse diário contém, tendo em vista que Anaïs tinha interesse em publicá-lo, após John Erskine afirmar que nos seus diários continham seus melhores escritos. Partindo das discussões acerca de autobiografia e autoficção, destacando as características e funções da escrita diarística, considerada autobiográfica, segundo Lejeune (2008), este trabalho tem como objetivo analisar a escritura da Anaïs diarista e a romancista, destacando o “eu” múltiplo conciliado em uma obra que desvenda um pouco mais esse sujeito feminino que viveu seguindo todas as suas fantasias misturando a emoção e o intelecto.



CADERNO DE RESUMOS

ISSN: 2238-0787

Entre Marias, Ana. De Castro Osório. Entre correspondências

Isabel Maria da Cruz Lousada (CICS.NOVA.FCSH / UNL / FCT / CNPq)

O espólio Castro Osório existente na Biblioteca Nacional de Portugal integra uma série de cartas trocadas por insígnias figuras do tempo que assinalam – finais do século 19 – início do século XX. Parecendo-nos um caso paradigmático o da autora em apreço e sabendo estarem incluídas nesse espólio um grande número das cartas, enviadas por Ana de Castro Osório, e para ela enviadas, no seio de um núcleo bastante mais vasto de familiares seus, pretendemos explorar a rede que podemos vislumbrar com os dados recolhidos nas fontes consultadas. Uma entre muitas outras autoras ... a singularidade de Ana de Castro Osório desprende-se das linhas que foram preservadas ao longo dos séculos, o que é invulgar ao tempo e ao «género». A discussão que provocaremos será mediada pelo reconhecimento da obra escrita legada por uma autora que viajou entre Portugal e o Brasil, e cujas marcas indeléveis perpassam os seus textos, entre a ficção e a realidade, em que ficamos no tocante à sua teia, das vivências às reminiscências?

Florbela Espanca: uma contística de si

Andreia Bezerra de Lima (UFRPE / UEPB)

O poeta português José Régio, um dos organizadores da Revista Presença, afirma que “Literatura Viva é aquela que o artista insufrou sua própria vida”, podemos identificar essa temática que Régio chama de “Literatura viva” na obra da escritora portuguesa Florbela Espanca. Vários acontecimentos reais da vida da poetisa estão presentes tanto na poética, quanto na prosa, a exemplo de a relação familiar, a perda do irmão, a incessante busca por amar e ser amada, dentre outras ocorrências. Sendo assim, o presente artigo tem por finalidade analisar a contística florbeliana tomando por base os estudos literários sobre a escrita de si; uma vez que percebemos em seus contos forte presença de suas vivências, discutiremos questões a respeito da autobiografia e autoficção, para tanto nos baseamos em Diana Klinger (2012); Lejeune (2008); Dal farra (2002); dentre outros. Diante do exposto, gostaríamos de ressaltar a importância de conhecer a vida dessa escritora para melhor compreender sua obra, no entanto, acreditamos que a obra literária não deve ser avaliada isoladamente, sem considerar os fatores históricos – sociais, pois, conforme Abreu (2006, p. 49) “[...] mais do que o texto, são os conhecimentos prévios que temos sobre seu autor, seu lugar na tradição literária, seu prestígio (etc.) que dirigem nossa leitura”; por isso é possível afirmar, complementando a ideia anterior, que “[...] a imagem que se tem do lugar do autor do texto na cultura é um dos elementos que afetam fortemente a maneira pela qual se leem seus textos e se avaliam suas obras” (ABREU, 2006, p. 50). Ainda, ressaltamos que não devemos analisar a escrita de Florbela Espanca apenas como uma confissão, uma vez que mesmo uma obra literária demonstrando ser autobiográfica, ela será sempre muito maior que a realidade circundante do autor e de sua expressão individual.

A performance da voz agônica na representação de si mesma em *C'est tout*, de Marguerite Duras

Pablo Lemos Berned (UFFS)

Marguerite Duras (1914-1996) lançou, em 1995, aquela que seria sua última publicação em vida: *C'est tout*. Como um ponto final ou um fechar de cortinas, este pequeno livro expõe a sua angústia ante a solidão e a iminência da sua própria morte, apresentando um grande apelo confessional ao trazer informações de cunho íntimo que insinuam a indistinção entre a autora e a narradora-protagonista. Ao escrever sobre si mesma, a voz autoral recorre ao diário íntimo, propondo revelar aos leitores a sua intimidade, suas impressões por acontecimentos presentes e o seu desespero em virtude da consciência de proximidade da morte. O texto se alterna entre fragmentos de escrita sobre si e a transcrição de breves diálogos da protagonista com seu interlocutor, Yann Andréa, representando a consumação de um desejo simbólico de encontro do leitor com o escritor. Os aspectos biográficos de *C'est tout* são atestados, por sua vez, através de indícios dispersos ao longo do texto que permitem ao leitor familiarizado com a obra de Marguerite Duras reconhecê-los como pertencentes à representação da vida privada da escritora. O objetivo desse trabalho consiste em analisar a imagem de si mesma, constituída em *C'est tout* por uma voz autoral que evoca um imaginário vinculado à pessoa pública e à obra de Marguerite Duras. O tom autobiográfico, assumido em seus textos nos anos 80, desde então ressignifica publicações anteriores e minimiza as fronteiras entre os gêneros ficcionais e os não-ficcionais, o que sugere o acesso dos leitores à voz



real do sujeito que escreve por meio de uma linguagem que demonstra almejar a sinceridade e a transparência, ou que revela uma performance permanente da escritora articulada com sua produção literária, cinematográfica, teatral, mas também em entrevistas para jornais, revistas, televisão e documentários.

Os casos Mariana Alcoforado e Florbela Espanca: a escrita íntima como espaço para a ficcionalização da vida

Michelle Vasconcelos Oliveira do Nascimento (FURG / FAPERGS / CAPES / CNPq)

A escrita íntima feminina em Portugal tem como principal obra precursora *Cartas portuguesas* publicada, pela primeira vez na França, em 1669, sob a autoria de Mariana Alcoforado, sóror do convento de Beja, região do Alentejo, Portugal. O texto, composto por cinco cartas de amor, tornou-se um dos ícones da literatura de autoria feminina em Portugal, e, embora sua autoria tenha sido discutida nestes últimos três séculos, os seus valores estético e literário são indiscutíveis, assim como a influência que exerceu na literatura feminina posterior, cujo caso mais conhecido é o de *Novas Cartas Portuguesas* (1972), de Maria Teresa Horta, Maria Isabel Barreno e Maria Velho da Costa. Florbela Espanca (1894- 1930), poetisa alentejana, também é um dos nomes femininos da literatura portuguesa que recebe influência de Sóror Mariana, notadamente na construção de Sóror Saudade, espécie de personagem que acompanha vários de seus escritos, desde poesias a cartas e diário. A influência também é notada na própria utilização da escrita íntima como espaço não só para a confissão e evasão, mas para a ficcionalização do eu feminino, a partir de que inscreve os modelos sociais, as questões relativas ao corpo, sexo e à liberdade feminina. Partindo da confluência das *Cartas* de Alcoforado e da escrita íntima de Florbela Espanca, o presente pretende discutir como e porque a escrita de si serve de espaço ficcional para essas mulheres e refletir como ambas constroem a ficção da vida em sua produção.

Desdobramentos ficcionais de uma existência: a exposição do eu autoficcional em *Estar sendo. Ter sido* de Hilda Hilst

Anna Giovanna Rocha Bezerra (UEPB / UFPB)

Nosso estudo se justifica a partir do pressuposto que considera a literatura produzida por Hilda Hilst, como sendo autoficcional. Muito embora, o conceito de “confessional” adquira significados que nos permitiram compreender melhor o conceito “autoficcional” proposto por Santiago (2008). Ler Hilda Hilst a partir das concepções teóricas que norteiam os conceitos de autobiografia e, principalmente, de autoficção, nos permite enfim compreendermos o que foi o projeto literário hilstiano, e, de maneira inusitada, propor uma maneira de “ler” a sua obra. Empreenderemos uma leitura analítica da obra *Estar sendo. Ter sido* (1997) de Hilda Hilst que nos conduza a uma compreensão mais profunda do que realmente se constituiu a matéria-prima para a criação literária da escritora. Sendo assim, não há também como escaparmos das armadilhas da biografia, uma vez que teremos de recorrer, aos episódios da existência real de Hilda para compreendermos sua escrita. De fato, o que guiará nosso olhar mediante o trabalho de Hilst é a crença de que a autora amalgamou-se tão intimamente aos seus escritos que, dessa maneira, transfigurou-se na sua poética mesma. Sendo assim, o que tornaria a literatura de Hilda Hilst tão incomum encontraria explicação no fato da autora ter se metamorfoseado na grande – e talvez única – personagem de seus textos: ela mesma; configurando, assim, uma forma de conversão poética, ideia esta que procuraremos defender no decorrer desta investigação. O trabalho hilstiano apresenta nítida inclinação autobiográfica e, uma vez que direcionaremos nossos olhares para a composição literária que tem como ponto constante a relação especular vida/obra, utilizaremos alguns conceitos que subsidiam essa temática, tais como os postulados por Doubrovsky (1988), Gasparini (2004), Lecarme (1994), Lejeune (1975), Klinger (2012), Arfuch (2010), Eneida Souza (2011), Molloy (2003) Costa Lima (2009) Santiago (2008) entre outros.

Escritas de si, leituras do outro: as múltiplas vozes em Inês Pedrosa

Tatiana Alves Soares Caldas (CEFET/RJ)

O romance contemporâneo *Nas tuas mãos* (1997), da escritora portuguesa Inês Pedrosa, apresenta as histórias de três mulheres de uma mesma família, por meio da memória e de seus diferentes registros. As três gerações, que se entrecruzam e dialogam entre si, tecem um panorama feminino do mundo de seu tempo. Como se trata de uma linhagem, o período de tempo contemplado nos testemunhos – diários da avó, Jenny; fotografias da mãe, Camila, e cartas



da filha, Natália – é extenso, abarcando a referência a guerras mundiais, ao movimento feminista e às dores e conquistas de cada uma delas. O decálogo deixado por elas – dez capítulos de um diário, dez fotografias artísticas e dez cartas – subverte, cada um a seu modo, as normas que regem a modalidade a que pertencem, assinalando a transgressão presente em cada um dos três discursos. Tendo por base o olhar lançado sobre o mundo em três tempos que se entrelaçam e dialogam entre si, o presente trabalho tem por objetivo refletir acerca do testemunho que cada uma lega à(s) outra(s). A partir de aspectos como *tempo*, *memória*, *confissão* e *transgressão*, presentes nos discursos das protagonistas, nossa leitura busca analisar a percepção de si e do outro nos diários e cartas que estruturam a referida obra.

Readings of Virginia Woolf in *The Diary of a Writer*, *The Hours* and “*The Hours*”

Monica Chagas da Costa (UFRGS); Elaine Barros Indrusiak (UFRGS)

The image of the writer is placed at the heart of our culture, playing an important part in readers' imagination and in the productions within the cultural industry. Virginia Woolf, as an author, is an interesting figure, considering her thought-provoking writing and mysterious image. The objective of this work is to analyze, through the readings of her diaries, edited by her husband Leonard Woolf, the ways in which she perceived herself as a female author, especially while writing *Mrs. Dalloway*, and to compare her writings with the fiction created by Michael Cunningham in his novel *The Hours* and its film adaptation directed by Stephen Daldry. By comparing the three works, it is possible to delineate the different versions of Mrs. Woolf, which draw on her life story, but stress and manipulate different parts of her trajectory, according to their intended effect. With the interpretation of the texts, it is viable to affirm that the representations of the English writer in her diary, Cunningham's novel and Daldry's film show conflicting features, particularly when referring to her history of mental illness.

O caráter testemunhal e ficcional na epistolografia de Delmira Agustini

Carolina Kersting Guimarães (FURG / CAPES / CNPq); Michelle Vasconcelos Oliveira do Nascimento (FURG / FAPERGS / CAPES / CNPq)

A escritora uruguaia Delmira Agustini (1886-1914) publicou três livros de poesia em vida: *El libro blanco* (1907), *Cantos de la mañana* (1910), *Los cálices vacíos* (1913). Após sua morte, foram publicados mais três: *El rosario de Eros* (1924), *Los astros del abismo* (1924) e *La Alborada*, este com poemas publicados entre 1902 e em 1903, na revista literária de mesmo nome. Delmira, por ser uma escritora reconhecida no cenário montevideano, trocou muitas correspondências com escritores e jornalistas para divulgar sua obra poética. Inclusive uma das cartas que trocou com Rubén Darío tornou-se o prólogo de um de seus livros: *Los cálices vacíos*. Após a morte de Delmira e de todos seus familiares, em meados dos anos cinquenta, veio ao público uma doação de caixas contendo material guardado pela família da escritora e que estava em uma antiga propriedade. Nessa doação, que está disponível na Biblioteca Nacional do Uruguai, no setor dos Arquivos literários, foram encontrados manuscritos de poemas, livros da autora e diversas correspondências pessoais que até então eram desconhecidas. Surgiu daí uma nova possibilidade de conhecer o processo de criação da obra Delmira e um pouco de mais de sua personalidade através das correspondências íntimas. Vamos analisar nesse trabalho como se dão as interlocuções do material epistolar de Delmira de caráter testemunhal e ficcional com base na teoria proposta por Philippe Lejeune sobre autobiografia.

Pagu: o visceral em sua carta depoimento

Solange da Luz Rodrigues (UESPI)

Este trabalho tem como objetivo analisar as representações de gênero na obra *Paixão Pagu: uma autobiografia precoce de Patrícia Galvão* a partir da crítica feminista. A mesma trata-se da autobiografia de Patrícia Rehder Galvão, conhecida pelo pseudônimo de Pagu (1910-1962). A mesma foi escritora e jornalista brasileira. Essa revolucionária, militante comunista e feminista deixa uma carta depoimento que foi escrita durante e após sua prisão no Estado Novo (1937-1945), que ficou guardada por mais de seis décadas e vem a público, principalmente pela iniciativa de seu filho Geraldo Galvão Ferraz que quis compartilhar esse testemunho, o que permite de forma única, conhecer de forma mais desnudada (muito já se



falou e se escreveu sobre ela) essa personagem brasileira polêmica, tão criticada e tão querida, pois a escrita testemunhal permite que o eu feminino se mostre de forma mais intensa, mais inteira. Uma mulher que contribuiu com a esquerda brasileira e com o feminismo.

A dor do exílio na epistolografia de Patrícia Galvão e o reflexo na sua produção literária

Liziane de Oliveira Coelho (FURG / CAPES / CNPq); Michelle Vasconcelos Oliveira do Nascimento (FURG / FAPERGS / CAPES / CNPq)

O objetivo deste artigo é analisar a carta escrita pela poetisa do período Modernista brasileiro: Patrícia Galvão para Geraldo Ferraz, seu então companheiro. A carta foi produzida no dia 17 de janeiro, entre os anos de 1938 e 1940, enquanto a autora estava presa na Casa de Detenção de São Paulo, um dos presídios em que Patrícia Galvão esteve durante os seus quatro anos e meio de cárcere. Por meio dessa análise iremos propor uma reflexão sobre a construção desse 'eu' feminino que "fala" do seu exílio do mundo e dos seus sentimentos perante essa condição, ressaltando o contexto histórico de produção dessa carta e de que forma isso se reflete em sua produção literária posterior. Para isso utilizaremos especificamente o poema "Nothing", publicado em 23 de setembro de 1962, na página do jornal dominical de *A Tribuna* (Literatura Artes Cultura). O poema apresenta indícios que remetem a uma despedida, o que indica que possa ser o último poema de Patrícia Galvão publicado em vida.

Inesperadas posições: o diário fingido de Ana Cristina Cesar

Jucely Regis dos Anjos Silva (UFRN); Tânia Lima (UFRN)

Numa entrevista em que trata das particularidades da escrita feminina, Ana Cristina Cesar afirma: "Mulher, na história, começa a escrever por aí, dentro do âmbito particular, do familiar, do estritamente íntimo" (CESAR, 1999, 256). Resgata, desse modo, uma dimensão histórica da escrita feminina quanto à escrita de cartas e diários, apontada, por exemplo, no livro de Michele Perrot (2007). Ao tratar de um romance de Marilene Felinto, Cesar identifica-o como um "livro de mulher", do qual seria característica uma voz "dirigindo-se eternamente a um interlocutor, falando sempre para alguém, como numa carta imensa" (p. 248). Nessas afirmações, percebe-se como essa escritora encontra algo próprio à escrita feminina nos ditos gêneros da intimidade. Quanto à sua poesia, porém, percebe-se uma tensão entre o puramente expressivo e o construtivo, visto que, cruzando-se os registros do diário e do poema, estabelece-se uma tensão entre uma linguagem que revela a realidade, pela forma e pela imagem, e uma linguagem que quer revelá-la – a partir do relato das vivências –, mas não consegue. Desse modo, pretendemos explorar essa tensão posta pelos poemas de Ana Cristina Cesar em *Inéditos e dispersos* (1998) e *A teus pés* (1998), cruzando-os com os discursos críticos da autora presentes em *Crítica e tradução* (1999). Também contribui para a análise a leitura de Margareth Rago (2004) sobre Foucault e as "estéticas da existência".

Voltar ao [SUMÁRIO](#)

SIMPÓSIO TEMÁTICO 17

Representações da mulher em fontes documentais

"Fazei dela a vossa credencial perante nossas irmãs estrangeiras!": feminismo e intercâmbios culturais nas páginas da revista *Brasil Feminino* (1932-1934)

Alessandra da Silva Ramos (UDESC / CAPES); Viviane Trindade Borges (UDESC)

A revista *Brasil Feminino* ficou mais conhecida na historiografia por ter sido, durante alguns anos, a voz feminina da Ação Integralista Brasileira. No entanto, em seus primeiros anos de publicação, entre 1932 a 1935, ela foi totalmente escrita e construída por mulheres que levantavam bandeiras pela educação e literatura femininas e propunha maior ação para o segundo sexo no espaço público. Damas da sociedade, mulheres de classe média, casadas com políticos e diplomatas, elas circulavam nas mais altas rodas da elite carioca. Assim como, se juntavam para discussão e leitura de poesia,



construção de programas de rádio educativos e empreitadas filantrópicas que atendiam especialmente meninas carentes. Além disso, nas páginas do periódico havia um ampla circulação de literatas de outros países, principalmente europeias e latino-americanas, algumas delas possuindo, até mesmo, colunas fixas na publicação. Esse caráter transnacional faz com que possamos ouvir vozes femininas diversas e presenciar o intercâmbio de noções diferentes sobre o que significava o movimento de mulheres da época. Assim, analisaremos as edições publicadas entre 1932 e 1934 para um primeiro levantamento dessa circulação de ideias que ocorria em suas páginas. Quem são essas moças? Quais os países que mais participam nessa troca de ideias? Como era estabelecidos esses contatos? De forma que, o objetivo desse trabalho, é mapear essas vozes e entender, além de tudo, qual modelo de feminino ansiavam.

Amostragem de crimes sexuais contra a mulher no início do século XX na vara crime do Acervo Documental de Conceição do Coité

Celina Márcia de Souza Abbade (UNEB / UAB)

Os documentos da vara crime do Acervo Documental de Conceição do Coité, objeto de pesquisa deste trabalho, estão dispostos em 109 caixas numeradas aleatoriamente. Dos diversos processos existentes no acervo, apresentar-se-á aqui a caixa 76 que continha os documentos mais antigos dessa vara, datados de 1917 a 1922. A caixa contém dez processos, em que quatro são de crime contra a mulher, sendo três referentes a crime sexual. Sabendo da necessidade da época em se preservar a reputação feminina, protegendo a sua honra e honestidade, buscou-se neste trabalho, partir de um dos processos, o manuscrito 40, para iniciar um levantamento do vocabulário utilizado em processos que envolvem crimes sexuais. O objetivo maior é tentar conhecer e entender um pouco como eram tratadas as mulheres daquela época e comunidade. Mais do que a história, encontramos a nós mesmos em cada documento que desvendamos. E esse encontro individual e coletivo, faz com que os estudos lexicais se tornem a cada pesquisa mais gratificante e interessante.

A figura feminina no tropeirismo do sul do Brasil

Giselle Olivia Mantovani Dal Corno (UCS)

O ofício de tropeiro tornou-se comum no cenário do Brasil num período em que se verificou a necessidade de transportar a produção das minas gerais, em meados do século XVIII, para os portos do Rio de Janeiro, de onde seria levada ao Reino. A mão de obra escrava não dava conta do árduo trabalho, e por isso os muares tornaram-se imprescindíveis. Era essa a função dos tropeiros: levar tropas de mulas xucras à grande feira de Sorocaba, onde eram comercializadas para atender à demanda. Era um ofício tipicamente masculino, não só pela exigência em termos de condições física, mas pelas características inerentes a uma tropeada: a possibilidade de deslocamentos por longos períodos de tempo, cavalgando, enfrentado intempéries, índios, bandidos e feras; alimentando-se conforme as condições, congregando com outros tropeiros. A mulher tipicamente era a que ficava, que cuidava da casa, dos filhos, da fazenda, quando fosse o caso. Com o término da feira, no final do século XIX, o tropeirismo continuou com outra configuração. No Rio Grande do Sul, verificou-se o tropeirismo regional ou doméstico, em que tropas de mulas arreadas eram conduzidas não mais com a finalidade de vender as mulas, mas sim de levar mercadorias e até correspondência a locais distantes e de outra forma inacessíveis. Neste cenário começa a atividade da mulher, algumas como auxiliares e outras até como tropeiras. Os relatos constantes dos anais de diversas edições do SENATRO – Seminário Nacional sobre o Tropeirismo (1996,2000, 2004) trazem informações sobre essas mulheres. Nosso objetivo é aqui observar de que forma os relatos representam essas mulheres e seu ofício, em contraste com a descrição das atividades masculinas, e propor uma discussão sobre o que isso revela a respeito do papel da mulher nessa sociedade.

Representação da personagem Alice no game *Alice: Madness Returns* em publicações on-line

Mayra Moreira (UCS); Giselle Olívia Mantovani Dal Corno (UCS)

Este trabalho se propõe a apresentar um estudo na área de Estudos do Léxico apoiado principalmente em Biderman, Carvalho, Crystal, Faraco, Isquerdo, Krieger e Oliveira. O objetivo do trabalho é examinar as opções lexicais, utilizadas para descrever a personagem Alice Liddell e o ambiente de jogo do game *Alice: Madness Returns*. O corpus desse estudo é



composto por publicações de propagandas e comentários em *sites* especializados em *games* e em *blogs* de fans do referido jogo. Os dados foram coletados em publicações de períodos distintos, todos em língua portuguesa, e classificados em quatro temas: opiniões sobre o jogo, descrições do jogo, descrições das personagens e do ambiente e descrições da personagem principal do jogo. A análise das opções lexicais refere-se à semântica e à morfologia das lexis utilizadas nos textos sobre Alice e sobre os ambientes que ela frequenta durante o jogo, os quais refletem as atitudes e sentimentos desta mulher ficcional. Em relação aos trechos dos textos que são vinculados especificamente ao jogo o estudo se debruça sobre o grande número de estrangeirismos de língua inglesa utilizados. Diante do que já foi possível constatar, as lexis presentes nas publicações sobre o jogo lançado em 2011, pela Eletronic Arts, inspirado em *Alice no País das Maravilhas* de Lewis Carrol, pouco lembram a personagem principal e os espaços da obra de 1865.

A presença da mulher nos topônimos das cidades gaúchas

Odair José Silva dos Santos (UCS / IFRS)

É notável a diferença na relação de poder, ao longo dos séculos, na maioria das sociedades ocidentais, entre homem e mulher, à medida que esta se manteve silenciada e submissa. A presente proposta de trabalho visa a levantar e analisar a presença feminina na toponímia do Rio Grande do Sul, estudando os nomes dos 497 municípios do estado e verificando em que medida há motivação referente a mulheres. Historicamente o estado do Rio Grande do Sul formou-se a partir das contribuições de diferentes etnias, desde os índios que já estavam nessas terras à chegada de colonizadores portugueses e espanhóis, bem como de imigrantes de diferentes países. Ainda que se defina o léxico como um “acervo”, são os falantes da língua, nos processos de interação, que mantém e transformam cada item lexical, ora reafirmando sentidos, ora ressignificando, uma vez que “ao atribuírem conotações particulares aos lexemas, nos usos do discurso, os indivíduos podem agir sobre a estrutura do Léxico, alterando as áreas de significação das palavras” (BIDERMAN, 2001, p. 179). Interligado ao processo de denominação existem aspectos e marcas do contexto social, à medida que concretizam simbolicamente características culturais e ideológicas. Para Isquierdo (1997, p. 33), a origem de alguns topônimos está ligada a “fatores extralinguísticos como as características geo-sócio-econômicas de uma região e, consequentemente as marcas étnicas e sociais da população habitante em tal espaço físico-cultural”. Estudar os topônimos de dada comunidade pode, então, revelar traços de cultura e visões de mundo, como a intenção proposta aqui, levantar e analisar dados que permitam refletir sobre a presença da mulher nos topônimos das cidades gaúchas.

O percurso histórico da literatura feminina nos PALOP de 1935 a 2013

Pedro Manoel Monteiro (UNIR)

No dia 25 de abril de 1974, explode o golpe militar contra o governo ditatorial. A senha para essa eclosão, a emissão por rádio de uma música proibida pela censura, era o fim da ditadura, a população saiu às ruas para comemorar. A história registra esse apoio popular com a distribuição de cravo - aos soldados rebelados, batizando o levante. A Revolução não foi importante só para a redemocratização de Portugal, sabidamente, põe fim ao sofrimento causado pela guerra colonial e o terror instaurado pela PIDE. Hoje percebemos o mundo sem maniqueísmos, compreendemos o surgimento das novas nações africanas alcançando a autodeterminação Santilli (1985). Contudo, acompanhamos o surgimento das guerras civis nas ex-colônias portuguesas, essas também legaram o seu próprio quinhão de sofrimentos pelas próximas décadas, os combates se fazem de acordo com a premissa de substituição do colonizador pregada por Fanon (2005). Após o 25 de Abril, a luta das mulheres acontece em outras trincheiras tão difíceis de serem vencidas, quanto às do velho imperialismo, que possuía o rosto do “tuga”, a nova/velha luta agora é local. Portanto, o combate ocorre dentro das novas/velhas sociedades nacionais/locais, são cidadãs invisíveis lutando uma guerra silenciosa, conforme define Perrot (2006). “Onde estavam as mulheres no 25 de Abril? A revolução dos cravos não teve heroínas nem relatoras.” segundo esse registro Estrela (1999) que serve de norte para as nossas inquietações buscamos identificar esse percurso da literatura escrita por mulheres nos PALOP's, partimos desse silenciamento chegando anunciado até a escrita d'*A oportunidade do grito*, escrito por Dina Salústio (1994) que emblematiza o instante de revolta e de tomada de voz, que implica na saída da subalternidade a que propõe Spivak (2009).



As novas masculinidades em “Outros Sais na beira mar” de Filinto Elísio

Raquel Aparecida Dal Cortivo (USP / FAPEAM / UFAM)

O livro *Outros sais na beira mar* (2010), de Filinto Elísio, representa e traduz, numa estrutura fragmentada, a complexidade das relações de gênero. Evidencia-se o percurso da construção do gênero masculino, numa perspectiva relacional com o feminino e com as demais masculinidades, desde a ruptura com o universo/corpo da mãe, passando pela identificação com os pares, nas brincadeiras de infância e na guerra, até o forte sentimento de desajuste, causado pelo modelo da masculinidade hegemônica que Robert Connel denomina como incompleto, uma vez que este modelo desconsidera as demais masculinidades. Esboça-se, também, uma transição para o surgimento de uma masculinidade nova, que Elisabeth Badinter denomina de “homem reconciliado”. Tal representação das masculinidades sugere a percepção de que a mudança do sujeito liga-se com a mudança de toda uma estrutura social e pode possibilitar o aparecimento de uma sociedade mais equânime no que tange ao gênero.

[Voltar ao SUMÁRIO](#)

SIMPÓSIO TEMÁTICO 18 Mulheres, raça e Literatura

Os deslocamentos heterotópicos e afro-brasileiros em Conceição Evaristo

Marluce Freitas (UNEB)

Esta comunicação apresenta um estudo sobre o espaço heterotópico em *Ponciá Vicêncio* (2003), de Conceição Evaristo. Analisamos o processo de construção da identidade afro-brasileira da protagonista desse romance a partir de seus deslocamentos espaciais. Observa-se que essa personagem não aceita os espaços da tradição patriarcal e se desloca por várias opções subjetivas em uma busca pessoal. Ao rejeitar os lugares tradicionais da casa paterna e do matrimônio, Ponciá é questionada por suas opções heterotópicas, isto é, a valorização de outros espaços poéticos de seu imaginário. Nessa luta particular, a jovem vai se transformando em uma mulher que prima pelo lugar de resistência. Como caminho metodológico, partimos dos conceitos de casa propostos pela pesquisadora Elódia Xavier, que identifica a casa jaula, como lugar de prisão da mulher, em oposição a casa ninho, pregada pela concepção patriarcal. Quanto ao estudo dos deslocamentos heterotópicos, respaldamos esta análise pelas categorias propostas por Michel Foucault para os espaços sociais e pelas leituras literárias sugeridas por Carlos Magno Gomes para o deslocamento da mulher nas narrativas da escritora brasileira. No que tange à identidade literária afro-brasileira, dialogamos com a concepção de Eduardo Duarte que considera Conceição Evaristo uma escritora engajada com a luta pelos direitos da mulher negra. Assim, apresentamos uma releitura desse romance para destacar as particularidades dos deslocamentos feministas e afro-brasileiros que a autora articula de forma politizada e poética.

O grito de Carolina ecoa na atualidade: as marcas de Carolina Maria de Jesus nas *escrevivências* afrofemininas atuais

Amanda Crispim (UEL)

Carolina Maria de Jesus, escritora afro-brasileira, tornou-se conhecida mundialmente por meio de sua obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, publicada em 1960. O livro foi um marco dentro da historiografia literária não só brasileira, mas universal, por se tratar de um comovente e duro relato, sobre as condições nas quais viviam os favelados no Brasil, na metade do século XX. Era a voz de um subalterno que, pela primeira vez, se ouvia ecoar com tanta intensidade, a ponto de vender mais de 100 mil cópias no ano de publicação e ser traduzido para mais de 13 línguas. A voz de Carolina inspirou outras vozes e hoje, quase 40 anos após sua morte, é possível continuar a ouvi-la por meio da fala de outras escritoras que, como a musa, têm na escrita, sua arma para subverter o destino que lhes fora reservado. Neste sentido, pretende-se neste artigo, analisar nessas novas afrofemininas vozes a presença da escritura caroliniana, não só na temática, mas também no estilo.



CADERNO DE RESUMOS

ISSN: 2238-0787

Escritoras e representações identitárias na literatura afro-brasileira

Maria Carolina Godoy (UEL)

De Maria Firmina dos Reis às escritoras contemporâneas da literatura afro-brasileira, observa-se a crescente participação das mulheres negras na produção literária. Vozes autorais, temáticas e pontos de vista ligados ao universo feminino estão marcados em contos, romances, crônicas, poesias e diários que descrevem o cotidiano, as lutas e as conquistas de mulheres negras desde o século XIX até o início do XXI. A proposta deste trabalho é discutir a produção dessas escritoras, mostrando nuances da construção identitária da mulher negra presentes nos contos de *Insubmissas lágrimas de mulheres* e *Espelhos, miradouros, dialéticas da percepção*, ambos publicados em 2011, respectivamente, pelas autoras Conceição Evaristo e Cristiane Sobral. Além da análise das marcas identitárias deixadas na escrita literária, é interesse deste trabalho refletir de que modo ocorre a divulgação das obras dessas autoras, levando-se em consideração editoras, meios digitais, saraus e outras formas de difusão de sua arte, uma vez que expandir a produção literária é uma maneira de (a)firmar a identidade dessas escritoras em espaços diversos. Para esta reflexão, são considerados os estudos sobre literatura afro-brasileira de Eduardo de Assis Duarte; estudos sobre a mulher negra, como o trabalho de Sueli Carneiro e, no que se refere à identidade, a análise baseia-se nos pressupostos de Stuart Hall.

Firmina, Carolina e Evaristo: uma escrita – lugar, onde os pés pisam na negritude e pós-feminismo

Carlos Alberto de Negreiro (UFRN)

A escrita-lugar é o espaço de alteridade das subjetividades de autoras que versam uma vida literária, um compósito de obra mergulhada no caldo cultural de uma sociedade excludente e veladamente racista. Investigamos neste trabalho o processo da escrita de três autoras peculiares na historiografia literária brasileira: Maria Firmina dos Reis (1825-1917), no conto “A escrava”, (por volta de 1859); Carolina Maria de Jesus (1914-1977), em “Quarto de despejo” (1960) e Conceição Evaristo (1946-), com “Ponciá Vicêncio” (2003). A singularidade da escritura indica como cada autora expressa um ponto de vista interno, e um universo por meio de relatos e histórias, configurando-se em narrativas de si e narrativas do outro. A escrita dessas mulheres se localiza em três tempos distintos, no entanto como duas pontas de um fio da vida e do destino se unindo para mostrar o percurso de uma escrita feita por mulheres, de uma escritura eivada de feminilidade e um olhar para trás na história biográfica que ultrapassa o sujeito e reconta a história do espaço-lugar de um contexto excludente duplamente e racista à brasileira. Tudo o que essas escritoras viveram e cresceram e espelham um lugar na escrita e todas finalizam para ver essa matéria se concluir tratada em um “livro”. O aspecto literário aqui incide em uma provocação, visto que a priori o texto não ambiciona pretensões estéticas ou literárias dentro do ponto de vista convencional, ou seja, da Literatura tradicional, percebemos, então, como um “constituente literário” ao considerar o espaço e seu cenário enunciativo em que a obra se insere. Relacionamos, para isso, as considerações de “literatura autônoma” (LUDMER, 2010); a ideia de “corpo educado” (LOURO, 2013); o feminismo e a “subversão da identidade” (BUTLER, 2014). As narrativas se entremeiam de fios que enlaçam história/vida, mulher/feminino, negritude/identidade; as subjetividades forjadas nesse processo histórico ressaltam como meio subversivos de um contexto social extremamente adverso. As escritoras inseridas falam e escrevem do ponto “onde seus pés pisam”, da periferia em que se encontram para romper com as barreiras do centro.

A Literatura Crespa de Cristiane Sobral: representatividade e valorização da estética negra no texto literário

Marcelle Ferreira Leal (UFRJ)

A obra de Cristiane Sobral é um importante instrumento de visibilidade e valorização da estética negra na arte literária. Quando se apropria da representação da negritude brasileira, a autora possibilita a desmistificação de estereótipos construídas a partir do ponto de vista do outro e dá voz à subjetividade oriunda das experiências de ser uma mulher negra no Brasil. Desta forma, resgata a poética silenciada ou estigmatizada pelos padrões canônicos ao longo de anos e assume uma escrita comprometida com a afirmação da identidade afrodescendente. Enquanto característica étnica dos povos de origem africana, o cabelo crespo é um elemento estético relevante na obra de Sobral. No conto “Pixaim”, proposto para análise, o enredo se desenvolve na relação de uma menina com a sua cabeleira. Sob constante tensão do



apagamento de suas raízes por um produto químico e exposta ao discurso preconceituoso do seu entorno, a personagem principal provoca o leitor a refletir sobre questões como a discriminação racial, a depreciação da beleza negra e a perversidade dos métodos de subjugação de culturas que não correspondem aos modelos hegemônicos. Uma vez que propõe a apresentação da temática do cabelo a partir de personagens negros, a autora carioca destaca e exalta as características próprias da natureza afro. Portanto, à luz da teoria crítica feminista e de teóricos da diáspora, visamos à demonstração da relevância do texto de Cristiane Sobral para o aumento da representatividade e da valorização da estética negra na literatura.

As Mornas de Cesária Évora

Geni Mendes Brito (UFRN)

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre as questões 'raça e gênero' presente nas cantigas denominadas "Mornas de Cabo Verde", apresentadas por Cesária Évora em Cabo Verde. Pretende-se também conhecer a contribuição histórica, literária, cultural e de como este gênero musical representa as questões de 'raça/gênero' em Cabo Verde e no mundo. Cesária Évora canta o exílio, a dor da partida, dos que vão e dos que ficam, do lamento de mulheres negras, emigrantes, pobres, prostitutas, abandonadas ao destino. Conhecida como "a diva dos pés descalços" assim se apresentava nos palcos, em solidariedade aos "sem-teto", às "mulheres" e às "crianças pobres" de seu país; Cesária tornou-se sinônimo de Cabo Verde e contempla toda uma gama da cultura musical do Arquipélago. A cantora africana é considerada a "embaixadora da morna" - gênero musical marcado pelos sentimentos. As 'Mornas' designam, ao mesmo tempo, a dança e as canções típicas de Cabo Verde. Observa-se nesta análise a relação entre canção, oralidade, griots e poesia no arquipélago africano. Também não se pode descuidar da relação entre literatura e raça, literatura e gênero, literatura e estudos culturais. Para realizarmos este trabalho, faz-se importante releitura das teorias de Corsino Fortes, Edward Said, Eugênio Tavares, José Ramos Tinhorão, José Luís Hopffer Almada, Luiza Lobo, Pires Laranjeira, Simone Caputo Gomes.

Maryse Condé e as literaturas de língua francesa pós-coloniais das Antilhas

Fabiana dos Santos (UFPI)

O presente trabalho tem por objetivo discorrer acerca da literatura pós-colonial destacando a escritora afrodescendente Maryse Condé e sua contribuição nas literaturas de língua francesa das Antilhas. Segundo Bonnici (2012), "a inscrição colonial na consciência, na língua e na cultura de milhões de pessoas de todos os continentes permanece nas cicatrizes profundas causadas pela alteridade dentro do pretexto da hegemonia cultural europeia" (p.11). Conforme o autor, a partir dos movimentos pró-independência e conscientização, ocorre um processo de descolonização cultural a fim de resgatar a identidade dos povos colonizados. Neste segmento a literatura pós-colonial das Antilhas atua como elemento de desconstrução de tal hegemonia, na medida em que questiona o imperialismo da cultura branca, o valor conferido ao cânone literário, busca resgatar as origens, entre outros. Um exemplo é a escritora pós-colonialista francófona Maryse Condé que, em sua obra *Corações Migrantes* (2002), denuncia o processo de internalização da cultura europeia pelo negro antilhano colonizado e a inferiorização da mulher negra que, para ao menos ser aceita na sociedade, precisava "embranquecer-se" assimilando os valores do branco europeu. "Através de suas obras, os escritores francófonos contribuem para modificar os sistemas dos valores, a definição da literatura francesa, a concepção da literatura e sua função". (ALONSO, 2004, p. 687). Fundamentaremos o trabalho do ponto de vista dos autores Frantz Fanon (2008), Stuart Hall (2003), Thomas Bonnici (2012), entre outros.

As dunas do Kalahari: uma leitura sobre o erotismo na poesia de Paula Tavares

Cannigia de Carvalho Gomes (UFRN)

Este trabalho tem por objetivo analisar o erotismo presente nos poemas "Mantém a tua mão" e "Deixe a mão pousada na duna", de Ana Paula Tavares. Inseridos no livro *Manual para amantes desesperados*, de 2007, os referidos poemas trazem, na imagem das dunas, um possível retrato para o erotismo feminino, recuperando o corpo da mulher nas imagens áridas dos desertos. Nas obras, as dunas ora representam os traços da mulher ora os caminhos para o prazer



desta, apontando para este terreno arenoso como um labirinto movente, permeado pela falta, que perfaz o desejo, o devir do ser no gozo feminino. Observa-se na poesia de Ana Paula de Tavares, uma escrita transgressora que vai de encontro com os preceitos e preconceitos patriarcais pelo fato desta trazer a exposição do corpo da mulher através da literatura, uma vez que reconhece as podas morais e sociais que toda mulher é instigada e educada a aceitar. Essas amarras vetam à mulher o direito de se tornar sujeito de si e dona de seu corpo, pois a ela foi designado aos afazeres domésticos e à aprendizagem de viver para servir. Pretende-se aqui uma discussão de gênero em sintonia com o suporte teórico de O riso da Medusa, de Hélène Cixous (1976), de O corpo erotizado, de Elódia Xavier (2007), de O erotismo (1987), de Georges Bataille, e de Pode o subalterno falar?, de G. Spivak.

Mayara Santos Febres: gestos performáticos de uma intelectual afro-caribenha

Cristian Souza de Sales (UFBA)

Este artigo busca evidenciar o posicionamento intelectual, da escritora negra contemporânea Mayra Santos Febres (Porto Rico), frente às questões de raça e gênero. O intelectual é um sujeito que examina, reflete ou especula acerca de ideias e questões, de modo que este uso possua uma relevância social e coletiva. Ele constrói um horizonte ético-político no qual descortina motivações ideológicas. Os intelectuais são comprometidos e preocupados com mudanças sociais radicais e assumem a função de representar um grupo e de, principalmente, conscientizá-lo. Na América Latina e Ilhas do Caribe, na segunda metade do século XX, tem sido significativa a presença de intelectuais negros produzindo obras ficcionais (romances, contos, novelas, peças de teatro e poemas) e não ficcionais (ensaios e artigos) que buscam refletir e problematizar o processo do escravismo colonial no século XIX. São textualidades que questionam e interpelam a própria escritura dessa história, vista como espaço de realização de um discurso de poder elaborado por uma cultura hegemônica, falocêntrica e eurocêntrica. Por meio desse trabalho, procuro compreender os gestos performativos e o agenciamento dessa voz intelectual afro-caribenha que se pronuncia, nesse espaço-tempo, munida de um engajamento político diante das situações de exclusão vivenciadas pelas mulheres negras em seu país. Para tanto, utilizo como referenciais teóricos: Hooks (1996), Hall (2003), Said (2003), Butler (2003), Setenta (2008), Glusberg (2009), entre outros.

As mulheres de Kulumani: representações femininas em *A confissão da Leoa*, de Mia Couto

Maria de Fátima de Lima Lopes (UFRN)

O romance *A confissão da leoa*, de Mia Couto, discorre sobre ataques de leões que aterrorizam Kulumani, uma aldeia moçambicana, os quais têm vitimado principalmente mulheres. No entanto, a narrativa não é uma história de caçadas, uma vez que o autor utiliza os leões como metáfora para denunciar os discursos de poder que regem aquela sociedade e que se refletem, sobretudo, na vida das mulheres. A narrativa é centrada na família Mpepe, formada pelo patriarca Genito, a mãe Hanifa Assulua e as filhas Silênciosa e Mariamar, mulheres que têm suas vidas marcadas pela opressão e pela violência produzida dentro do sistema patriarcal. Essas personagens são caracterizadas pela subalternidade e sofrem o estigma da mulher pós-colonial que foi duplamente marginalizada, relegada ao serviço do homem e ao silêncio. Este trabalho objetiva analisar o discurso pós-colonial e patriarcal na construção de algumas personagens femininas do romance, sendo elas: Silênciosa, Hanifa e Mariamar, tendo como aparato teórico a Crítica Pós-colonial e a Crítica Feminista, a partir de leituras de Lúcia Ozana Zolin, Ana Luiza Amaral e Ana Gabriela Macedo, Gayatri Spivak, Thomas Bonicci.

O racismo e o seu combate em *Claudia* e *TPM*: discussões sobre raça e gênero

Gabriele Bittelbrun (UFSC)

As revistas femininas são creditadas como espaços para as mulheres se verem e serem vistas, como canais para falarem e se ouvirem. Mas um olhar mais atento sobre as publicações *Claudia* e *TPM*, consolidadas no mercado editorial brasileiro, pode sugerir que nem sempre esses veículos são tão igualitários como propõem. Tendo como base a análise de edições especiais de combate ao racismo, de setembro de 2009 de *Claudia* e de abril de 2014 de *TPM*, pretende-se considerar como as negras aparecem (ou deixam de aparecer) e a maneira com que é apresentada a categoria “mulheres”, sem deixar de se considerar ainda questões fundamentais referentes a outros exemplares. Com o apoio de autores como Gayatri Spivak



(2010), Santiago Castro-Gómez (2007), entre outros, intenta-se estimular o debate sobre aspectos de gênero e raça, observando-se escolhas, e consequentes exclusões, das publicações. Além disso, com base em autores como Stuart Hall (2000), pretende-se questionar como tais processos podem influenciar na construção de identidades e debater ainda sobre o modo com que novos espaços de visibilidade poderiam ser conquistados pelas não-brancas. Admite-se que as duas revistas podem funcionar como um palco de proposições relativas à contemporaneidade. Afinal, se *Claudia* é a revista feminina mais antiga em circulação no país a manter o mesmo formato, com 54 anos de existência, *TPM* surge em 2001 com a ideia de se contrapor aos estereótipos e às fórmulas dos outros veículos do setor disponíveis nas bancas.

Mães adocicadas: escravas africanas no Nordeste e suas práticas culturais em *Casa Grande & Senzala*

Ana Paula Ody Batista (UCS)

Gilberto Freyre construiu ao longo de toda sua produção intelectual uma representação simbólica do Nordeste, caracterizado por práticas culturais que, segundo ele, deram ao Brasil sua característica de nação, muito embora o autor seja considerado pela crítica e por si mesmo como regionalista. Este Nordeste simbólico representa, segundo Freyre, a gênese da sociedade brasileira através dos atores sociais que auxiliaram na sua formação e nas suas principais características culturais: o índio, o negro e o português. Através de uma pesquisa bibliográfica e de leitura estruturada de *Casa Grande & Senzala* (1933) é possível verificar que Freyre aponta certas práticas culturais das mulheres de origem africana (sexualidade, culinária, cuidado com as crianças brancas) que contribuíram e influenciaram na formação do 'povo' brasileiro, com um peso consideravelmente grande. Desta forma, este estudo evidencia que para o sociólogo pernambucano o papel da mulher é imprescindível para a compreensão "do que é ser brasileiro", demonstrando assim, que seu modelo nacional de povo, contraditoriamente fruto do movimento regionalista nordestino que encabeçou, vê na figura feminina da escrava sua matriz e formação.

As personagens mulheres em *O Coração das Trevas*, de Joseph Conrad

Julia Charão (UFPEL)

O objetivo será analisar como são apresentadas as três personagens femininas presentes na obra *O Coração das Trevas*, de Joseph Conrad, um exemplar da literatura inglesa. Apenas duas delas têm fala – ambas pertencentes ao mesmo país e cor do narrador. A outra, que aparece apenas como corpo selvagem e negro, é tema de maior concentração desta comunicação. Pretende-se deter ao que levou o narrador a não dar-lhe voz e as principais discrepâncias com as demais mulheres. A feminilidade descrita e o medo do narrador perante o poder feminino desconhecido, fora da imposição católica dominante na Europa do século XIX ao qual o narrador pertence. Também será analisado o que as personagens com voz dizem e como o fazem. Para tanto, fará parte do nosso referencial teórico o autor Edward Said, que irá embasar ideias de colonialismo e esmagamento de identidade local em prol de uma "missão civilizatória". Iremos discutir sobre gênero, raça e dominação cultural a partir da visão de um colonizador que enxerga o outro como bárbaro, rudimentar. Iremos apresentar como aparece uma mulher negra na criação literária que marcou gerações de leitores e, por conseguinte, revela sobre os preconceitos enraizados no imaginário iluminista, eurocentrista ocidental.

A mulher negra e a sociedade multicultural canadense na obra de Dionne Brand

Marcia Maria Oliveira (UFPE)

A sociedade canadense se autointitula multicultural, mas essa suposta multiculturalidade esconde muitas questões problemáticas, entre elas está a posição da mulher negra e sua inserção na dinâmica sociocultural. Este trabalho tem como objetivo analisar o conto *A train to Montreal* (1989) e o romance *What We All Long For* (2005), ambos da escritora afro-canadense Dionne Brand, a fim de refletir sobre a desconstrução do 'mito de multiculturalidade' e igualdade social a partir das personagens femininas nas narrativas brandianas. Através de personagens que estão sempre num lugar de desconforto identitário e muitas vezes em trânsito (físico ou psicológico) Brand apresenta as relações sociais canadenses desnudadas do rótulo de harmonia e homogeneidade, abordando a disfuncionalidade das relações (familiares, sociais, empregatícias, etc.) e o lugar de subalternidade dos indivíduos negros, que precisam enfrentar sua inadequação na



sociedade. Os dois textos partem da perspectiva de mulheres negras que vivenciam uma realidade social fundamentada no racismo e na exploração das pessoas; Brand adota um percurso crítico sobre questões relacionadas ao gênero, raça, etnicidade, espaço, classe social, identidade, problematizando essas questões com o objetivo de encontrar meios para a desmarginalização das 'minorias'. Com o suporte teórico de autores como Anibal Quijano, Roland Walter, Carole Boyce Davies, Gayatri Spivak, entre outros, buscaremos evidenciar os aspectos que nos levam a entender o texto brandiano enquanto constructo discursivo em que questões como a subalternidade e a colonialidade do poder se fazem presentes de forma latente.

O diário íntimo de Frida Kahlo: as representações heterodiscursivas de raça, identidade feminina e cultura mexicana

William Breno dos Santos Oliveira (UFRN)

Entre os anos 30 e 40 do século passado, o México viu surgir, das cinzas da revolução mexicana, uma figura singular. Frida Kahlo é descrita, até hoje, pelo imaginário social – em seus quadros, em suas fotografias – como uma mulher que marcou uma época e que se tornou símbolo de lutas, e isso se estende até a contemporaneidade. Criou-se, em volta da pintora mexicana, várias imagens sociais que eram delineadas no jogo dialógico entre suas obras e seus interlocutores. Partindo disso, nosso objetivo com este trabalho é pensar as representações ideológicas de raça, identidade e cultura nos registros escritos deixados por Frida Kahlo, mais precisamente em seu diário íntimo publicado pela editora La vaca independiente. Buscamos, também, aqui, refinar uma imagem estética e ideológica de Frida Kahlo que se recobre de graus dialógicos diversos e de vozes sociais da pós-modernidade para dar conta de um acabamento estético e de um projeto dizer sociocultural e politicamente engajado. Destarte, é na literatura, ou seja, no espaço híbrido e mestiço do texto literário, que ela deixa pistas discursivas nas quais, hoje, bebemos para recuperar as representações de raça, as marcas de sua identidade feminina e a defesa de sua cultura indígena. Este trabalho tem suas bases teóricas fincadas nas seguintes discussões: cultura mexicana e indígena, encabeçadas por PAZ (1984) e FROST (2009); noção de cultura e hibridismo, inspiradas em EAGLETON (1997) e CANCLINI (2008); noção de liquidez de BAUMAN (2001); ideologia, vozes sociais e heterodiscursividade de BAKHTIN (2003; 2009; e 2013); noção de identidade advinda de HALL (2006); e para as discussões que envolvem a noção de raça dialogaremos com BHABHA (2005).

Uma intelectual na diáspora: uma leitura de África por Chimamanda Ngozi Adichie

Neila Roberta Ramos (UFBA)

Chimamanda Ngozi Adichie é uma escritora, ativista, feminista nigeriana que divide seu tempo entre Nigéria e Estados Unidos. Sua literatura nos ajuda a refletir sobre o lugar de fala dessa mulher africana em diáspora que tem se destacado por questionar os papéis femininos na sociedade nigeriana e problematizar a representação (ocidental) do continente africano. As mulheres negras africanas são duplamente subjugadas, pelo gênero e pela raça. Portanto, esse espaço de enunciação ocupado por Adichie, enquanto intelectual e escritora negra, é de grande importância para formulação de uma teoria feminista africana que possa refletir sobre as relações inseparáveis entre gênero, raça e classe. Ao longo do tempo, devido ao processo de colonização, o continente africano vem sido representado pelos mais diversos intermediários, essas representações, em sua maioria, tendem a universalizar o continente e criam estereótipos. O ensaio "Uma intelectual em diáspora: Uma leitura de África por Chimamanda Ngozi Adichie" faz uma reflexão sobre o trabalho intelectual e artístico de Adichie enquanto uma ferramenta capaz recontar a história e reconstruir a imagem do continente africano estabelecendo um diálogo entre a palestra O perigo da história única e alguns contos do livro A coisa em volta do teu pescoço.

Chimamanda Ngozi Adichie: racismo e opressão de gênero

Thayane de Araújo Morais (UFRN)

Reconhecendo na produção da nigeriana, Chimamanda Ngozi Adichie Adichie, a crítica feita às convenções culturais, este trabalho se propõe analisar duas personagens presentes no livro de contos A coisa à volta do teu pescoço (2012), intencionando-se perceber a mulher que encontra na criação literária espaço para contestar a realidade instituída e o



discurso hegemônico na literatura, contrapondo-se aos padrões impostos às questões de gênero e raça, em uma conjuntura dita pós-colonial. No contexto contemporâneo, faz-se cada vez mais necessário questionar as categorias estabelecidas com o propósito de contrapor os preconceitos diversos, alimentados pelos padrões dualistas da modernidade. Abordando essas questões na escrita feminina africana, Adichie problematiza em sua criação ficcional, e crítica da cultura, o silenciamento histórico da mulher. Chimamanda, inserida no lugar fronteiro da diferença cultural, aponta o racismo e a opressão de gênero como elementos que atravessam as subjetividades da mulher nigeriana, e reforçam o silêncio feminino, viabilizado nas diversas instâncias culturais. Nesta travessia, teceremos comparação entre as ações das personagens e o discurso crítico da cultura da escritora, divulgado em palestras e livros, objetivando evidenciar a convergência entre as vozes dos dois campos, literatura e crítica. A fim de melhor compreender a relação existente entre literatura, raça e gênero, pretende-se buscar amparo nas teorias sobre o lugar subalterno da mulher em uma perspectiva cultural de análise da produção literária. Para tanto, faz-se relevante às contribuições de Gayatri Spivak, Homi K. Bhabha, Kebengele Munanga e Stuart Hall.

Identities e Laços de Família em Sônia Fátima da Conceição

Sueli Liesbig (UEPB)

Este estudo pretende relacionar alguns aportes teórico-metodológicos à condição da alteridade na sociedade pós-moderna, de modo geral, e mais especificamente às questões concernentes à identidade fragmentada, à globalização, à comunidade, às instituições sociais, notadamente à família, aos laços afetivos, ao resgate das raízes étnicas dos afrodescendentes e às estratégias de ressignificação do eu enquanto sujeito ontológico, tomando como referência o conto "obsessão" (1998), da escritora Sônia Fátima da Conceição e utilizando como respaldo teórico os conceitos de "modernidade líquida" (BAUMAN, 2007); "identidades" (GOMES & ENNES, 2008); "sentimento de insegurança" (LAGRANGE, 1996) e "identidade cultural na pós-modernidade" (HALL, 2002), entre outros. A narrativa ilustra como os novos laços sociais estabelecidos pela sociedade de capitalismo tardio pressupõem uma ambivalência que pode originar a necessidade de proteção e o retorno a um mundo familiar restrito que cria barreiras para manter à distância o Outro, seja lá quem for.

Sethe: possibilidades de *trickster* em *Beloved*, de Toni Morrison

Monaliza Rios Silva (UFPB)

Diante do espaço ficcional do romance "Beloved" (1987), de Toni Morrison, a personagem Sethe inscreve algumas possibilidades de fugas discursivas que ousamos chamar de *tricksters*. Partimos do pressuposto colocado por Hynes; Doty (1993), ao apresentarem seis características paradigmáticas para as figuras *tricksters*, a saber: ambiguidade, trapaça, metamorfose, inversão de situações, mensageiro e sagrado. Na tentativa de perceber as negociações que a personagem citada trava em relação às práticas de opressão contra uma mulher negra e escravizada, experimentamos essas jogadas discursivas que subjazem à estrutura do romance "Beloved", de Morrison, de 1987, no intuito de investigar como são problematizadas as relações de poder de gênero e raça. Vale salientar que esta proposta inicial objetiva analisar as cenas de fuga de Sethe do "Sweet Home", narradas em primeira pessoa e sob o tom memorialístico, cuja voz narrativa é pronunciada pela protagonista mencionada.

A crítica acadêmica da literatura afro-brasileira sob o viés de Maria Nazaré Soares Fonseca

Sueli de Jesus Monteiro (IFPR)

A base desse estudo se encontra no horizonte de expectativa do leitor, a qual é considerada como condicionante para a compreensão da função exercida pela crítica literária acadêmica. A especialização da crítica literária, tornando-a acadêmica, possui uma diversidade de nuances segundo os aportes teóricos utilizados. Haja vista o estudo literário se balizar nas abordagens histórica e linguística, compreendendo o discurso do escritor como resultado da influência de ambas e coloridas pela vivência individual. A literatura afro-brasileira, por si só já possui peculiaridades marcantes, envolvendo a própria história do negro, merecendo um olhar crítico mais apurado e responsável. A historiadora mais



indicada para efetuar tal olhar é a escritora e crítica literária Maria Nazareth Soares Fonseca, a qual demonstra em estudos a necessidade de ultrapassar algumas posturas que ainda se ligam a visão do negro "tutelado", pois, ao falar por ele, silenciam a sua voz e imobilizam reações concretas para desarticular os papéis estabelecidos pela sociedade. Sob esse viés é que a comunicação em questão articula a crítica literária acadêmica frente ao discurso literário da mulher afro-brasileira.

Irene e Claire em *Passing* de Nella Larsen: (in)visibilidade

Isabel Cristina Rodrigues Ferreira (UFLA)

Passing (1929) de Nella Larsen é um romance sobre identidade, sobre o jogo de se ter diferentes identidades. O contexto histórico-social é a década de 1920 nos Estados Unidos, período no qual a "color line", linha de limite entre negros e brancos, determinava de forma rígida quem podia ou não frequentar certos lugares, ter determinados empregos e morar em alguns lugares, a prática de "passing", que transformava o conceito de identidade em algo fluido para quem era mestiço, era quase como uma forma de sobrevivência. O livro é sobre a história das amigas Irene Redfield e Claire Kendry, personagens mestiças criadas no Harlem em New York, que vivem situações diferentes na idade adulta. Apesar de ambas poderem passar, apenas Claire precisa driblar a invisibilidade imposta pelo racismo e pela desigualdade e tornar-se visível para sobreviver. Irene vive a sua identidade racial, não esconde nenhum segredo, mas ocasionalmente "passa". Portanto, nesta comunicação, deseja-se discutir a questão do que é "blackness" e "whiteness" ou do que significa ser negro ou branco na sociedade americana da década de 1920 na perspectiva teórica de Judith Butler (1993) para explicar o fenômeno da visibilidade e invisibilidade das personagens Irene Redfield e Claire Kendry.

Voltar ao [SUMÁRIO](#)

SIMPÓSIO TEMÁTICO 19

Imaginação Criadora e Insólito: imagens femininas nas artes plásticas, no cinema e no texto literário

Desejo feminino e alteridade: a irrupção do insólito em um conto de Maria Teresa Horta

Ana Paula dos Santos Martins (USP / CNPq)

Rosemary Jackson, em "Lo 'oculto' de la cultura", afirma que entrar no território do fantástico significa substituir a familiaridade, a comodidade pelo estranho, pelo misterioso. O caráter subversivo do fantástico estaria ligado à representação do que é excluído da ordem cultural dominante, aspirando à dissolução de uma outra ordem, opressiva. No conto "Lídia", de Maria Teresa Horta, acompanhamos as transformações que ocorrem com a protagonista que, progressivamente, é transformada em um ser alado, tal qual um pássaro, aproximando-se cada vez mais do universo telúrico e afastando-se dos ditames comportamentais apregoados pela ordem patriarcal. O medo que ela sente diante das modificações insólitas ocorridas em seu corpo, especialmente onde se formarão suas asas, promove o deslocamento dessa personagem de uma situação de passividade e desconforto para uma nova realidade. Lídia, encerrada no espaço doméstico, ocupa uma posição de submissão ao marido, à qual seu corpo passa a reagir, com um desejo de liberdade que aparentemente a desumaniza. Ao voar pela janela de seu quarto em direção a uma vida plena, ela se estabelece pelo discurso da alteridade e vence as artimanhas impostas pelos representantes do sistema patriarcal, derrotando o marido e as autoridades médicas que desejam interná-la em um sanatório, diante do quadro de suposta loucura da protagonista. Diante do que foi exposto, o objetivo desta comunicação é analisar como a instauração do insólito na narrativa em questão leva a uma releitura das relações de gênero, destacando a presença emudecida e silenciada do outro, da mulher.



No espelho da linguagem, a elisão das diferenças: uma proposta de espelhamento entre os contos “A Benfazeja” e “Sinhá Secada”, de João Guimarães Rosa

Fábio Antônio Dias Leal (UniRitter)

O presente trabalho propõe-se a analisar as personagens femininas *Mula-Marmela*, do conto “A benfazeja”, e *Sinhá*, do conto “Sinhá Secada”, que integram respectivamente as obras *Primeiras estórias* e *Tutaméia: Terceiras estórias*, do escritor mineiro João Guimarães Rosa, segundo uma proposta de alteridade que sugira um enfraquecimento dos limites constituintes dos gêneros masculino/feminino para uma melhor apreensão do indivíduo enquanto *ser*. Para tanto, proporemos, para além das diferenças do enredo, uma aproximação entre as diferentes personagens, que passa pela narrativa “Os irmãos Dagobé”, para se estender aos contos dos quais fazem parte as personagens, segundo uma ampliação do espelhamento sugerido por Consuelo Albergaria em sua obra *Bruxo da linguagem no grande sertão*. Consideradas as afinidades identitárias destacadas entre as personagens, a despeito de todas as diferenças contextuais, concluiremos com uma reflexão apoiada no pensamento de Henri Bergson, que questiona a separação sujeito/objeto para introduzir a ideia de uma matéria indivisível, que sugere uma essência humana imperscrutável para além dos traços identitários, inclusive de gênero, como proposta de uma melhor apreensão do *outro*.

Corpo e mulher: a escrita selvagem em Clarice Lispector

Luis Lucini (UniRitter); Noeli Rack Maggi (UniRitter)

A mulher e o feminino na perspectiva do mito se aprisionam no condicionamento da linguagem-imagem proferida. A escrita lispectoriana permite algo que reverencia o indizível, abre discurso ao que infringe sua própria identidade em suas construções sociais. A força da escrituração de Clarice sossega no nomadismo e na migração de gênero e espaço, isto é, em um não-lugar. Em contraste, a mulher ocupa um espaço demarcado no discurso civil, que se apóia na memória da narrativa da classe, como *ser*, domesticada numa ordem societária. Numa perspectiva psicológica, podemos encontrar ruídos de uma outra mulher, um arquétipo da mulher selvagem que reside em cada uma, que, por diferentes vias, se apresenta em ações plurais de linguagem. Este estudo se debruça na análise da obra *A via crucis do corpo* (1974) de Clarice Lispector, o qual procura identificar vestígios de uma escrita de “dizer selvagem” da autora, feita, também, pela tutela do corpo sentido, percebido e representado publicamente em sua subjetivação e na identidade feminina de uma época. O manuscrito de Clarice conserva a autora e a personagem, tocando uma à outra na fluidez do texto. Ao escrever se concede espaço ao estilo, revelador da subjetividade - que, na própria escrita condena o autor - mas também busca intencionalmente ferir o acordo comum das significações sociais. Ainda no escrever da autora, construído em descontento do senso comum, parece habitar essa violação, o resgate de um corpo afetivo-simbólico na busca de prazer. Desta forma, a escrita da obra se compõe como um inventário das coisas ausentes.

A mulher e o *Instinto Primeiro*: as representações femininas através do traço do artista plástico caxiense Bruno Segalla

Mariana Duarte (UCS / CAPES)

A presente comunicação buscará versar, por meio de imagens e da leitura das mesmas, as apropriações do metalúrgico, político e artista plástico caxiense Bruno Segalla (1922 – 2001) ao desenhar e modelar a figura feminina em grande parte de suas criações de arte. Para a análise aqui proposta, observaremos aspectos pessoais da vida e trajetória social do artista, como a precoce separação dos pais nos anos 1930, o empenho da mãe para sustentar os filhos com a profissão de parteira e a sua luta junto ao sindicato dos metalúrgicos em busca de melhores salários para as mulheres. Notamos que muitas de suas obras representam a figura feminina em diferentes situações, entre elas: a mulher dando à luz, a mulher amamentando, a mulher campesina, as reproduções da figura cristã *Pietá* e a mulher gestante, em especial na obra *Instinto Primeiro* – monumento erguido na praça central de Caxias do Sul em homenagem ao centenário da empresa *Eberle S/A* – escultura a qual Segalla deixou registrado em cartas e a anotações que esta seria uma celebração ao aniversário da empresa, mas, sobretudo, uma simbólica homenagem para todas as mulheres da região. Para esta pesquisa serão utilizados elementos do acervo do artista encontrados no Instituto Bruno Segalla, como as próprias obras, periódicos locais, esboços e rascunhos, documentação pessoal e história oral, junto à pesquisa bibliográfica, que abordará temáticas da linguagem da arte, a memória e a história cultural das imagens.



ELA, a estranha: *Anticristo*, de Lars Von Trier, e o gótico contemporâneo

Gabriela Semesato Ferreira (UFRGS)

O Éden de *Anticristo* (2009), filme dirigido por Lars Von Trier, não é o castelo sombrio dos contos góticos mais conhecidos, mas apenas uma simples cabana em meio à mata. Apesar disso, é espaço estranho e ao mesmo tempo familiar. ELA, a protagonista (nome informado nos créditos finais), interpretada por Charlotte Gainsbourg, vai com o marido psiquiatra até este local para atravessar as dolorosas etapas do luto. Isolando-se com ELE, seu companheiro, nesta casa de campo, ela procura enfrentar seus medos depois da perda do filho. Entra em contato com a natureza, participante ativa desta narrativa, e luta com memórias que se aproximam imageticamente do sonho. Investigadora dos seus próprios tormentos interiores, ELA acaba projetando suas angústias em manifestações de um sobrenatural de origem desconhecida, como em um episódio em que ouve o chamado do filho, mas não pode encontrá-lo. Nesta obra fílmica dividida em prólogo, capítulos e epílogo, que lembra, portanto, uma tese, ELA chega à transgressão radical do próprio corpo e à tentativa de castração. Nesta obra cinematográfica, o gótico contemporâneo pode ser percebido de forma marcante, sensivelmente poética, em que se manifesta o insólito a princípio contido na própria interioridade humana. Ao passar por “sofrimento”, “dor” e “desespero”, capítulos deste filme, a personagem ELA, a mulher, torna-se participante de uma irmandade cujo fim, feminicídio, é tema de sua própria tese. Por isso, para a análise desta personagem a que se propõe este trabalho, parte-se da estrutura narrativa, ensaística e poética da obra, assim como sua faceta gótica, tomando referências como *Gothic on Screen*, 2002, de Misha Kavka, e *Literature and Film*, de Gerald Mast (1982). Considera-se também como texto-chave *O Estranho (Das Unheimliche)*, 1919, de Sigmund Freud, porém, aproximando a personagem do mito de Medeia, como sugerido por Menezes (2011), ELA, aqui, é “a estranha”.

A transa ilegal amazônica: uma exploração implícita da índia e cabocla no seringal do norte, segundo Alberto Rangel (2001) e as pesquisadoras Cristina Wolf (2011) e Maria das Graças Nascimento (1998)

Francisco dos Santos Nogueira (SEMED – Secretaria Municipal de Educação e Desporto)

O trabalho trata da Amazônia representada por suas mulheres, sofrendo com as marginalidades impregnadas dentro dos seringais da região norte, onde proprietários e funcionários escravos dos grandes barracões do seringal passavam a perseguir as índias e praticar abuso sexual. Como assinala Lima (2009), está presente em narrativas como *No circo sem teto da Amazônia* (2001), de Ramayana Chevalier, *Desertado* (1921), de Carlos Vasconcelos, *Dos ditos passados nos acerdados de Cassianã* (1969), de Paulo Jacob e *Beiradão* (1958), de Álvaro Maia. Estes três últimos contêm flagrantes de estupro (marginalização), aliciamento e outras formas de aberrações sexuais cujos extremos são, de um lado, a pedofilia e, de outro, a violência contra idosas sem esquecer, é claro, dos maus tratos impingidos a animais que eram violentados com grande frequência. A pesquisadora Cristina Wolf (2011), destaca em um estudo que desenvolveu a respeito das mulheres da floresta, que a crise da economia gomífera foi um dos principais fatores responsáveis por mudanças significativas nos seringais. Segundo a pesquisadora Maria das Graças Nascimento (1998), a mulher passou a ajudar o homem no corte da seringa, numa dura labuta que envolvia as filhas, inclusive as que eram crianças. Seu trabalho ajudava no sustento da família e na luta pela quitação da dívida no barracão do seringal. A partir 1912 especialmente nas décadas de 20 e 30, do século XX, a improvisação de grupos familiares começou a se intensificar de forma notável, tendo em vista a necessidade forjada pelo momento de crise.

Entre a donzela frágil e o ser diabólico: representações da mulher na narrativa fantástica *Carmilla*, de Sheridan Le Fanu

Rodrigo Santos de Oliveira (FURG)

Desde primeira aparição do gênero vampírico, com a publicação do poema *O vampiro* de Heirich August Ossenfelder, a mulher é representada de forma maniqueísta em dois campos opostos: a donzela frágil (ou a santa) ou o ser demoníaco. Entre os dois extremos, percebemos o reflexo do imaginário social construído em torno da mulher, que se perpetuou na mitologia judaico-cristã ao longo do tempo. Tal fenômeno se refletirá na narrativa insólita, nas vertentes gótica e romântica. Na presente comunicação objetivamos analisar as representações do feminino no conto *Carmilla* de Sheridan



Le Fanu. A escolha desta narrativa se deu por duas razões: a primeira por ser uma das primeiras a colocar as mulheres como protagonistas principais neste gênero literário e a segunda pelo fato do autor se inspirar em Isabel Bathory, também conhecida como a “Condessa Sangrenta”, nobre húngara do século XVI, cuja história apresenta semelhanças com o conde Vlad, O Empalador (ou o Conde Drácula) para criar a imagem da vampira, centralizada na personagem Carmilla.

Feminino e Grotesco em “Good Country People”, de Flannery O’Connor

Débora Balliello Barcala (UNESP / FAPESP); Cleide Antonia Rapucci (UNESP)

O presente trabalho é fruto de uma pesquisa de Mestrado em andamento denominada “O grotesco e a personagem feminina em Flannery O’Connor” e pretende apresentar uma análise do conto “Good Country People”, de Flannery O’Connor. Neste conto, narra-se a história de Hulga/Joy, uma mulher na casa dos trinta anos que volta a morar com a mãe, Mrs. Hopewell, após conseguir o doutorado em filosofia, pois tem uma doença cardíaca grave e uma perna prótica, já que a sua fora amputada num acidente. As deformidades físicas e espirituais (falhas de caráter) são uma constata na narrativa. O grotesco tem presença marcante neste conto, bem como em toda a obra de O’Connor, portanto, esta análise será baseada nas obras de Kayser (2003), Bakhtin (2013) e Russo (2000) sobre o grotesco romântico, medieval e feminino, respectivamente. Apesar de “Good Country People” não ser um dos contos mais violentos de O’Connor, nele ocorre o que muitos críticos procuraram interpretar como um estupro figurado, que seria, no entanto, mais corretamente definido como uma castração figurada de Hulga, personagem que tenta assumir um papel considerado masculino para seu contexto histórico-social. Essa comunicação propõe, portanto, uma leitura do conto como uma crítica minuciosamente construída, por meio das imagens e personagens grotescas e da ironia do narrador, aos papéis de gênero e à sociedade patriarcal, com especial destaque à imagem grotesca de Hulga.

“O que está em cima e o que está embaixo”: uma leitura dos romances *Jane Eyre* e *Villette*, de Charlotte Brontë através de uma Hermenêutica do Imaginário

Valter Henrique de Castro Fritsch (FURG / UFRGS)

Ao entrarmos em contato com o mundo ficcional da escritora vitoriana Charlotte Brontë, percebemos que cada detalhe é uma resposta emocional às circunstâncias de sua vida, e isso se torna especialmente claro se abordarmos os romances *Jane Eyre* e *Villette* como um díptico, examinando o fato de que eles são simétricos, complementares e antagônicos ao mesmo tempo. Em ambos, temos protagonistas do sexo feminino que narram suas próprias jornadas em primeira pessoa, desde a infância até a idade adulta, na forma de autobiografias ficcionais que são curiosamente paralelas e inversas. *Jane Eyre* é uma composição primaveril, na qual encontramos os elementos físicos, mentais e emocionais em harmonia, concedendo a força que a protagonista necessita para cumprir sua jornada. O romance está alinhado com a estrutura do *Bildungsroman*, tão sintonizado com o século XIX e as noções vitorianas de moralidade, disciplina e progresso. *Villette*, por outro lado, apresenta-se como uma obra invernal, na qual a protagonista está em um processo desarmônico de apagamento de sua própria história, que direciona sua jornada para um caminho de desintegração e loucura. O objetivo do presente trabalho é apresentar uma leitura dos romances de Charlotte Brontë *Villette* e *Jane Eyre* através de uma Hermenêutica do Imaginário. Então, concentro a análise sobre o confronto das protagonistas com o mundo em torno delas, movimento emblemático para entender ambas as obras e também para entender o conceito de mudança de identidade na literatura no século XIX. Esse confronto produz uma quantidade abundante de imagens simbólicas que são reveladoras e, uma vez exploradas, podem ajudar o leitor a esclarecer o fato de que as regras estão mudando e que o que foi considerado harmônico era talvez apenas uma máscara que agora está quebrada e revela desequilíbrio e uma queda no vazio. Ambos os universos ficcionais parecem ser complementares e suas personagens parecem cumprir jornadas semelhantes em uma intrincada jornada de construção de identidade.

O espaço e o insólito em Ana Cristina César

Cinara Ferreira Pavani (UFRGS)

Os espaços refletem as relações do sujeito consigo e com o mundo e, quando representados pelo insólito, possibilitam



múltiplas interpretações. As diferentes espacialidades contemporâneas observadas na construção da subjetividade são índices fundamentais para o entendimento de como se configuram as representações individuais e sociais na literatura de autoria feminina. Este trabalho tem o propósito de investigar as representações do espaço e do insólito em textos de Ana Cristina Cesar, autora representativa na literatura brasileira contemporânea, por propor rupturas com um discurso unitário através de uma escrita que aponta para a incompletude e o fragmentário do humano. O insólito aparece em sua obra em textos em que predomina a ambivalência na representação do cotidiano e dos dramas inerentes à existência. O estudo se insere no projeto de pesquisa *Configurações do espaço na literatura de autoria feminina contemporânea*, que tem como aporte teórico textos sobre espaço de Gaston Bachelard, Michel Foucault, Marc Augé, Michel de Certeau e Pierre Bourdieu.

Mater Omnium: assistência, representação e poder da Virgem da Misericórdia na região do Prata nos séculos XVI e XVII

Larissa Patron Chaves (UFPel)

O presente trabalho propõe investigar a representação da Virgem da Misericórdia nos séculos XVI e XVII no âmbito da espiritualidade e assistência na região do Prata (sul do Brasil, Uruguai, Argentina e Paraguai). Procura-se pensar como algumas práticas culturais europeias, tais como o culto das imagens, chegaram ao continente americano, como se misturaram, recriaram, adaptaram e contribuíram para moldar as sociedades coloniais nessa região. Sendo assim, visa-se o estudo da iconografia pela missão jesuíta no extremo sul do Brasil, reforçando a necessidade de sua análise e alargando o foco de investigação sobre a religiosidade na América colonial.

O insólito e o lúdico na poesia "Fita Verde", de Lila Ripoll

Tânia Regina Silva da Silva (UniRitter); Regina da Costa da Silveira (UniRitter)

Parte-se da premissa de que a imaginação criadora e o insólito são temas importantes quando associados ao jogo e ao lúdico. O insólito encontra-se vinculado a todo comportamento estranho, ao que foge do senso comum. É nosso objetivo compreender como o fantástico (ROAS, 2011) se apresenta na poesia "Fita Verde", mediante metáforas originais, em *Lila Ripoll: obra completa* (1998). Já a partir da segunda estrofe do poema, observa-se o estranhamento com a presença do insólito: "Troquei de alma e de idade/ e brinquei entre as crianças./ Meus pesares voavam longe.../ e as minhas desesperanças!"; na sequência, a presença do animismo, na figura da prosopopeia: "O mar ficou branco, branco,/de tanta luz sobre as águas./O céu não pode descer:/chorou por todas as mágoas. Para tratar do lúdico e do jogo no poema de Lila Ripoll, a afirmação de Johan Huizinga (2014) põe em cena, de certa maneira, o jogo de palavras com que a autora constrói versos e rimas. Para o autor de *Homo Ludens*, "o que a linguagem poética faz é essencialmente jogar com as palavras. Ordena-as de maneira harmoniosa, e injeta mistério em cada uma delas, de modo tal que cada imagem passa a encerrar a solução de um enigma". (HUIZINGA, 2014, p. 149). Nesta comunicação analisa-se o poema à luz dos conceitos e das teorias mencionadas, verificando o lugar da autora na poesia intimista que "não se enreda em queixas feministas" (CAMPOS, 1998), mas alça-se ao universal.

Figurações insólitas do corpo performático no documentário *Pina*, de Win Wenders

Luiz Guilherme dos Santos Júnior (PUCRS / CAPES / FAPESPA)

A comunicação analisa as figurações insólitas do corpo performático no documentário *Pina* (2011), de Wim Wenders. O filme de Wenders realiza uma célebre homenagem à coreógrafa alemã Pina Bausch (1940-2009), a partir de filmagens que abrangem espetáculos realizados pela companhia Tanztheater Wuppertal. As performances corporais da companhia de dança compreendem as peças "A Sagração da Primavera", "Café Müller", "Kontakthof" e "Vollmond", compostas por Pina Bausch, que mostram a importância do legado e da "imaginação criadora" dessa coreógrafa que revolucionou a arte da dança moderna, através de performances que convergem para uma dimensão insólita do corpo. Neste sentido, o estatuto do corpo, no âmbito da dança, configura-se como um dos pontos centrais do documentário. As coreografias elaboradas por Pina colocam em cena figurações do corpo numa vertigem que "desorganiza" a compleição natural dos



movimentos e dos gestos, numa compleição insólita que entendemos, com base em Carlos Reis (2012), capaz de romper a lógica comum da sociedade. Aproximamos, nesse sentido, o conceito de figuração insólita do corpo da ideia de performance elaborada por Paul Zumthor (2000) e Jorge Glusberg (2009). Do primeiro autor, pensamos a relação entre performance, corpo e espaço de atuação, que Zumthor remete ao aspecto de teatralidade, algo que é marcante no documentário em análise. Já a performance concebida por Glusberg se engendra como uma dinâmica do corpo artístico, com o intuito de re-significar e transcender os limites do próprio corpo. Toda configuração estética dos corpos em performance em *Pina* transfiguram e questionam a materialidade corporal em contato com os elementos da natureza como o ar, a terra e a água, assim como desafiam a gravidade dos corpos e confrontam os limites impostos pelos espaços da vida moderna, já que diversas performances se passam, em algumas sequências, na cidade de Wuppertal, na Alemanha.

Imagens do insólito e do feminino em *Velas na Tapera*: um romance de Carlos Correia Santos

Danieli dos Santos Pimentel (PUCRS / CAPES)

A comunicação de pesquisa estuda as imagens do feminino em *Velas na tapera* (2009), de Carlos Correia Santos. Desse modo, centramos o trabalho na representação do feminino, sobretudo, a partir da construção da personagem – Rita Flor – órfã, viúva, pobre e prostituta. Acreditamos que as imagens do romance, no âmbito das adjetivações, revela com bastante profundidade a conflituosa relação com o meio social a que pertence a protagonista: do ponto de vista da religião luterana da família; dos moldes rígidos da língua e da cultura inglesas em que foi educada, e, por fim, a ruptura com os laços familiares no passado, época em que decidiu ir viver uma relação amorosa contrariando a ordem familiar. Logo em seguida, a experiência do infundável luto, primeiro o do marido, depois o da filha. Adiante, a personagem se entrega a um período de abandono, solidão e exílio de si. No entanto, a trágica morte de sua filha durante um incêndio dará início a uma série de eventos insólitos: o mistério das velas acesas no chão da floresta e o choro da filha fantasma a clamar pela construção de uma capela no antigo lugar da casa, levará Rita Flor a um profundo desespero, sem amigos e sem a ajuda dos parentes, decide dar início à construção da capela *in memoriam* da filha milagreira. Já pobre e sem casa, é acolhida pelo prostíbulo da cidade, nesse espaço, renasce Rita Flor como cortesã. Utilizando-se da arte do amor para ganhar dinheiro, mas seu propósito é exclusivamente sagrado, movida apenas pelo sonho de construção da capela. Daqui em diante, o sagrado e profano estabelecem um contrassenso, a aparição das velas acesas na floresta se aproxima da ritualística religiosa. Assim, o sagrado e profano se aliam às imagens da sexualidade, da religiosidade e do corpo feminino presentes no romance.

As personagens femininas e a violência simbólica na imaginação criadora de Ondjaki

Karine Miranda Campos (UniRitter)

A comunicação analisa o que há de insólito na construção das personagens Xilisbaba, de *Os Transparentes* (ONDJAKI, 2014) e Dissoxi, de *O Assobiador* (ONDJAKI, 2011) a partir da lógica androcêntrica que, segundo Pierre Bourdieu em *A Dominação Masculina: A condição feminina e a violência simbólica* (2014), se estabelece como neutra e por isso dispensa justificações em discursos que visem a legitimá-la. Parte-se da premissa de que as personagens femininas representam, via insólito, a mulher angolana na contemporaneidade, visto que a simbologia do sal está para Dissoxi assim como a faculdade de manter o marido suspenso por um fio está para Xilisbaba. Conforme Bourdieu, as estruturas dominantes estabilizam a legitimação dos discursos de poder como legados masculinos e em acordo com a realidade biológica tradicionalmente perpetuada. Trata-se de uma visão mítica de mundo enraizada na relação arbitrária de dominação: homem sobre mulher em que inviabiliza-se a valorização e o empoderamento do outro, projetando um suposto e desejado equilíbrio.

Memória e intersubjetividade em Fernando Pessoa e Florbela Espanca

Osmando Brasileiro (UniRitter); Regina da Costa da Silveira (UniRitter)

A faculdade que o eu poético tem de transmitir seus sentimentos interiores e suas expressões do mundo por meio da



poesia caracteriza uma forma especial de subjetividade. O poético se faz na medida em que o mundo é transfigurado e levado ao leitor de uma forma que ele extraia outras informações desse mundo, vistas pela ótica do sujeito lírico do poema. A literatura está relacionada, dessa forma, diretamente com a subjetividade que o eu lírico estabelece com o leitor, caracterizando a intersubjetividade, pois o leitor ao interagir com o eu lírico do poema une sua subjetividade com a dele. O presente trabalho reflete sobre aspectos da memória e da subjetividade nas poesias selecionadas de Fernando Pessoa (“Aniversário”, do heterônimo Álvaro de Campos) e de Florbela Espanca (poema “Velhinha”). Para o embasamento sobre a memória, buscamos o aporte de Ricoeur (2007) e de Le Goff (1992), para este, a memória conserva certas informações por meio de um conjunto de funções psíquicas, assim, ela é o lugar de onde é extraída a matéria para o eu lírico construir sua poética, tornando-a subjetiva e múltipla de significados e leituras diversas. Para o embasamento filosófico e da subjetividade, o estudo levou em consideração teóricos como Octavio Paz (1982), Sophia Paixão (2015) e Johan Huizinga (2000).

Entre la virtud y la coquetería: la construcción de la imagen de las mujeres poblanas y la “china” em la Puebla de mediados del siglo XIX

María José Patricia Rojas Rendón (UNAM – México); Angélica Rocío Velázquez Guarradama (UNAM – México)

La representación de lo “femenino” fue tópico en la producción literaria y visual a mediados del siglo XIX en Puebla, México, la cual fue construida por hombres. En la mentalidad masculina poblana existían dos pares opuestos: la mujer virtuosa concebida como “virgen” y la mujer coqueta señalada como “prostituta”. Esto se reflejó en la prosa como un instrumento para moldear la condición y educación de las poblanas. Si bien, lo singular de Puebla, fue que surgió un tercer tipo de mujer, identificado como “la china”. Ella fue reconocida por su atuendo, su independencia y comportamiento galante e intercambio amoroso con los hombres. Esta ponencia busca indagar por qué se dio esta actitud masculina en torno a la representación híbrida de la feminidad en un ambiente conservador en Puebla. Considero que la china, este insólito personaje femenino, se distinguió a través de ambos pares opuestos y por tal, tuvo mucho éxito en una sociedad que se guiaba por una doble moral. Esta presentación busca explorar cómo este tipo de mujer quedó construida bajo los modelos de la virtuosa y la perdida en dos lienzos de 1851: *Tertulia de pulquería* y *La pensativa* de José A. Arrieta, así como también en la literatura de costumbres de Guillermo Prieto: “Ocho días en Puebla”, “Carta al Nigromante” y el relato de “Viaje a Veracruz” de Manuel Payno. Más aún, la ponencia propone una lectura de la china como transgresora ante los discursos moralistas y con una participación “activa femenina”. A partir de la categoría de género se buscará mirar cómo se configuraron ambos sexos socio-culturalmente. En función de la china podemos hojear cómo se delinearon las relaciones de poder hacia las mujeres, quienes quedaron idealizadas como vírgenes o atacadas como prostitutas, pero a fin de cuentas, subordinadas y excluidas.

Babel Bárbara: representações do feminino na poesia de Cristina Peri Rossi

María de Fátima Alves de Oliveira Marcarí (UNESP-Assis)

Em seu poemário *Babel bárbara* (1991), a escritora uruguaia Cristina Peri Rossi propõe a recriação de uma linguagem simbólica feminina anterior à cultura patriarcal. Para tanto, cria uma figura arquetípica, Babel, deusa da linguagem poética, que se nutre de diversos mitos, estabelecendo relações simbólicas principalmente entre o mito da Mãe Terra e o mito do nascimento da linguagem. Os poemas apresentam o ritmo lento e grandiloquente que caracteriza a ritualidade religiosa, evidenciando o desejo do eu-poético de decifrar o que pertence à ordem simbólica: Babel é ambígua, “extranjera”, “ciega de línguas”, “diosa primitiva y pagana.” Em nosso trabalho, pretendemos analisar como a autora, por meio do discurso mitopoético, propõe uma nova concepção da linguagem e da constituição do inconsciente centrada no feminino, contrapondo-se às teorizações de Jacques Lacan que, em seus estudos sobre a constituição do sujeito, nega ao feminino qualquer protagonismo ontológico. Para tanto, contaremos com o apoio da crítica de Luce Irigaray (1985) sobre os pressupostos de Lacan, bem como das concepções sobre linguagem e mito de Cassirer (1972) e Mielietinski (1987), dentre outros teóricos.



Sagas Fantásticas e a representação feminina: a Trajetória de Daenerys em *A Guerra dos Tronos*

Pedro Afonso Barth (UPF); Fabiane Verardi Burlamaque (UPF)

Neste trabalho, temos o objetivo de compreender como o feminino é representado em uma saga fantástica. A pesquisa tem como corpus de análise o universo ficcional inaugurado no livro *Guerra dos Tronos* (2010) de George R.R. Martin e as obras subsequentes que constituem *As crônicas de Gelo e Fogo* – os mapas, a série, glossário, jogos –. Sagas são constituídas de uma interessante hibridação – os mitos e oralidades da ancestralidade humana são reconfigurados com os valores da modernidade, ao mesmo tempo em que a mesma história é contada por diferentes meios semióticos. Elencamos a trajetória da personagem Daenerys como ponto de partida para a análise do feminino em *Guerra dos Tronos*. Verificamos que a personagem inicia a história exilada, como prisioneira do próprio irmão, é vendida e vira escrava sexual do marido, até que após confrontos e desafios, torna-se líder de seu povo e mãe de dragões. Daenerys, uma mulher, marginalizada em uma sociedade medieval, patriarcal, emerge socialmente e ganha o respeito de seu povo ao tornar-se mãe de criaturas fantásticas como os Dragões. Os principais referenciais teóricos para conceituar uma saga fantástica são Alberto Martos García (2009, 2011) e Eloy Martos Núñez (2007) e, para refletir sobre arquétipos e a trajetória do Herói nos ancoraremos nos estudos de Joseph Campbell (2007) e Vladimir Propp (2001). Na análise, verificamos que a personagem mobiliza diferentes arquétipos ligados ao feminino: a virgem, a esposa, a puta, a mãe e concomitantemente tem uma trajetória com elementos convergentes à Jornada do Herói de Campbell. Concluimos que *A Guerra dos Tronos* mobiliza mitos e elementos do insólito, como dragões, e ao mesmo tempo, os reorganiza e ressignifica com elementos da modernidade – como a reflexão sobre o papel feminino e, provavelmente, esse seja um dos fatores que faz com que as sagas sejam tão bem sucedidas atualmente.

Cloto, Láquesis e Átropos: personificação do mito em *As Horas*

Fábio Rolim Peixoto (IFRN)

Em todas as manifestações artísticas, o conceito de mito sempre esteve subjacente, dada a sua natureza metafórica e alegórica. Presente em todas as culturas, o mito está profundamente ligado ao sagrado, à eternidade, à origem de todas as coisas, etapas da vida, à psique... O mito narra um acontecimento; mas, além disso, dá respostas a questões que a razão humana não pode compreender. Dessa forma, tenta explicar o inexplicável. Considerando esse aspecto do mito é que podemos pensar em obras de caráter mítico ou fantástico, que apelam para soluções transcendentais ou sobrenaturais de problemas que a consciência humana não consegue resolver. No romance *As Horas*, Michael Cunningham foi além da mera referência mitológica; percorrendo um caminho que vai da morte para a vida, o leitor trava um encontro com as Moiras, personificadas em Laura Brown, Clarissa Vaughan e Virginia Woolf (protagonistas do romance). Apoiada no referencial teórico legado por Durand, Eliade e Cassirer, esta pesquisa nos guiará ao encontro com a riqueza do mito das Moiras – personificado nas personagens femininas de *As Horas* – ressaltando a liberação do espírito feminino.

Voltar ao [SUMÁRIO](#)

SIMPÓSIO TEMÁTICO 20

Criador e criatura: o gendramento social na construção dos personagens literários

Problemáticas da autoria e da camuflagem feminina em *As Aventuras de Diófanes* de Teresa Margarida Silva e Orta

Moizeis Sobreira de Sousa (UNICAMP / FAPESP)

A obra *Aventuras de Diófanes*, de Teresa Margarida Silva e Orta, teve diversas edições, mas muitas delas ocultaram a autoria de Orta. O objetivo deste trabalho é apontar as possíveis razões que teriam levado à ocultação da autoria desse romance, o qual levanta muitas questões em torno da autoria feminina. Pretende-se também discutir, a partir da análise da obra (observando também o diálogo com as *Aventuras de Telêmaco* de Fénelon, que é apresentado como parâmetro para a autora), o processo de camuflagem das personagens, o que contribui para problematizar as questões relativas ao feminino e masculino.



Dependência e estagnação: a construção das personagens femininas em “Na baía”, de Katherine Mansfield

Tainah Freitas Rosa (UFU)

A neozelandesa Katherine Mansfield (1888-1923) é reconhecida com uma das maiores contistas de língua inglesa. Radicada na Inglaterra, ela priorizou personagens femininas, destacando os pequenos acontecimentos do cotidiano e a vida silenciada das mulheres na passagem para o século XX. Em “Na baía”, acompanhamos a família Burnell, composta majoritariamente por mulheres de diferentes idades e *status*: Linda, casada e mãe de quatro filhos; Beryl, solteira e irmã de Linda; a Sra. Fairfield, avó viúva; Lottie, Isabel e Kezia, as três filhas; além de Stanley, o pai de família, mais o bebê e a criada Alice. Durante a trama, presenciamos o desgosto de Beryl por ser solteira, a infelicidade de Linda, a resignação da Sra. Fairfield com a tarefa de cuidar das crianças (já que Linda não se preocupava com elas); além da criada Alice, conformada com seu destino de servidão. O sentimento de alívio tomava conta das mulheres sempre que Stanley saía de casa, podendo elas se ocuparem de suas tarefas sem ter de atender e agradar ao patriarca. A “literatura de atmosfera” de Mansfield deixa no ar o destino dessas mulheres e a impossibilidade de qualquer alteração significativa de seus destinos. Assim como suas criaturas, mulheres que dependiam do sustento do homem, a criadora também precisou submeter-se à influência do pai, importante banqueiro neozelandês, e, depois, do marido, o editor John Middleton Murry, para publicar seus textos. Em vida e obra, o patriarcado ditou o destino delas, contribuindo para a manutenção das relações hierárquicas de gênero e da dependência emocional e financeira das mulheres, o que só começou a mudar com o avançar do século XX, quando Katherine Mansfield já havia partido sem presenciar o que viria. Assim, procuramos evidenciar as questões da representação feminina e das relações de gênero tomando, como referência, os estudos de Virginia Woolf sobre a mulher e a ginocritica de Elaine Showalter.

O retrato de uma sociedade patriarcal na obra *Uma vida em segredo*

Terezinha Richartz (UNINCOR)

Os conceitos de identidade de gênero e de patriarcado são uma construção social e, portanto, os livros de literatura são um dos artefatos culturais mais importantes na formação das noções de feminino e masculino. Considerada por muitos como inocente, em suas narrativas, a literatura expõe personagens que representam o papel esperado que mulheres e homens desempenhem na sociedade. Uma vez que a ideologia permeia as obras literárias, o valor metafórico dos signos é recorrente. Tendo-se em vista que o gênero de quem escreve também é um elemento importante na produção textual, pois as representações estão impressas no imaginário coletivo, o objetivo deste artigo é analisar a trama que Ubiratan Ambrósio constrói na obra “Uma vida em segredo”, através de uma rede de artifícios minuciosos e sutis, atentando para os conceitos de identidade de gênero e de patriarcado presentes no contexto histórico do autor. O livro retrata a anulação total da personagem principal e a necessidade de adequação aos padrões sociais para que a mulher se case e seja aceita na sociedade. Outras dimensões da vida como realização pessoal e prazer sexual passam despercebidas na narrativa do autor. No Brasil de início do século XX, muitas mulheres já estudavam e estavam inseridas no mercado de trabalho, bem como o debate sobre a cidadania feminina estava em pauta, assim, entende-se que Ubiratan Ambrósio reforça no enredo da sua obra o que era esperado para a rotina de uma mulher mineira daquele período, numa sociedade ainda fortemente gendrada e hierarquizada.

Análise do discurso da obra *Bom-Crioulo*, de Adolfo Caminha

Zionel Santana (Faculdade Cenecista de Varginha – FACECA)

O presente texto busca analisar a obra “Bom-crioulo”, de Adolfo Caminha, a partir dos pressupostos do esclarecimento habermasiano. A compreensão de Habermas sobre o conceito de esclarecimento tem sua base nas concepções kantiana, hegeliana e marxista, não seguindo uma única linha de pensamento e estando distante das tradições europeias do esclarecimento. Assim, Habermas acredita que a emancipação da humanidade passa obrigatoriamente pela utilização da razão na construção histórica da liberdade – a qual entende ser inacabada. Não há clareza de que os pressupostos do esclarecimento constituem algo comum. Por isso, toda vez que o esclarecimento é abordado neste texto, pressupõe-se as noções de liberdade, autonomia, maioridade, humanidade, emancipação e direitos humanos. A tese de Habermas é de



que o esclarecimento implica sempre um nexo essencial entre a liberdade humana e a história, bem como um nexo entre a tradição e a emancipação, o que remete à crítica a certas tradições e à necessidade da liberdade do complexo homem na sua constituição histórica. Na obra “Bom-crioulo”, Adolfo Caminha aborda a questão da homossexualidade, recorrendo aos traços marcantes do naturalismo e acentuando a sexualidade guiada pelos instintos e de forma natural; evidencia o naturalismo em oposição ao romantismo idealista pautado nas realizações dos desejos em função de princípios morais. Caminha se contrapõe à estrutura da sociedade na intenção de alterar o destino de Amaro e Aleixo, personagens principais da sua obra. Na segunda metade do século XIX, o autor expôs uma sociedade em crise no que diz respeito a valores e costumes, acreditando que o discurso literário pode transformar as estruturas sociais a partir da exposição crua e direta das relações humanas. Por meio dos personagens da sua obra, Caminha apresenta uma nova identidade para os papéis sociais, mas esbarra nas contradições históricas e sociais, mantendo-se preso aos mesmos princípios que tentou criticar: os preceitos do idealismo.

Caracterização e transformação da personagem feminina em “Preciosidade”

Stephany Ferreira Coletto (UFFS)

Este trabalho tem por objetivo apresentar as reflexões sobre a condição da personagem feminina sobre sua perspectiva pessoal em “Preciosidade”, de Clarice Lispector, realizadas a partir do modelo de análise estrutural da narrativa e em textos de Auerbach, Barthes, Bradbury, Compagnon e Todorov. No conto, publicado no livro *Laços de Família* em 1960, a protagonista é uma adolescente que vive sua rotina entre a casa e a escola, em uma fase pessoal complexa e transitória, em que ainda possui dificuldades de se reconhecer e se aceitar. Assim, ela busca manter-se sempre resguardada. Porém, diante da necessidade da protagonista em se expor, o conto aborda a consciência sobre si e a sua transformação. Um dos aspectos contemplados na análise estrutural foi o emprego dos tempos verbais na narrativa quando comparou-se os dois dias em que se passa a narrativa para distinguir os acontecimentos da rotina da personagem dos acontecimentos determinantes na sua transformação pessoal. Em seguida, através do modelo triádico de ações proposto por Todorov, observou-se as ações da personagem nos três espaços que ela transita – sua casa, a rua e a escola – e a maneira pela qual o espaço interfere no comportamento e na transformação da personagem. Dessa maneira, observou-se certas marcas discursivas que possibilitam uma leitura sobre a repressão ao feminino e, conseqüentemente, permitem a reflexão sobre a condição da mulher percebida no conto. Por fim, conclui-se que em sua transformação pessoal a personagem toma consciência da repressão social que sofre por causa de sua condição feminina mas opta por manter-se resguardada, supostamente protegida. Entretanto, vale salientar que essa tomada de consciência é pessoal mas ainda não é política. Este trabalho vincula-se ao projeto de pesquisa Estruturas poéticas emergentes da Modernidade, cujo objetivo consiste em promover estudos sobre distintos modelos de representação estética na modernidade.

Mulheres em *Hanói*, memória e transitoriedade

Wagner Coriolano de Abreu (UCS / UNIRITTER)

A trajetória de vida das personagens deslocadas que entrelaçam a fábula, no romance *Hanói* (2013), de Adriana Lisboa, corresponde a variados modos de resistência e superação que as mulheres desenham, em face das difíceis condições de sobrevivência, como refugiadas ou como migrantes, na segunda metade do século 20. Pretendo reconstituir a memória das mulheres vietnamitas e da mulher mexicana, valendo da técnica utilizada pela escritora, de escrever e reescrever a mesma ideia em partes diferentes do romance, tendo em vista a análise da situação de refugiadas, que se encontram sem direito de exigir coisas (p.117), e da situação da migrante, que se encontra doente e parte deixando seu filho com o pai brasileiro. Igualmente, uma leitura da transitoriedade dos homens na vida destas mulheres oportuniza realçar a autonomia com que se posicionam no mundo e a escolha com que traçam caminhos próprios e se recolocam em cena como sujeito desejante. A ficção de Adriana Lisboa amalgama música e história, nas notações que faz da história do jazz, com tributo a Miles Davis, e nas marcas históricas do Vietnã e da guerra fria, a vida do ex-monge budista e a morte da cachorra vira-lata Laika.



CADERNO DE RESUMOS

ISSN: 2238-0787

SIMPÓSIO TEMÁTICO 21

Literatura de representação feminina e ressignificação de um trauma

O jogo da vida e da morte

Andiara Maximiano de Moura (UEM – Maringá)

Desde pequenos, aprendemos que a vida é um ciclo, que o homem nasce, cresce, envelhece e depois morre. Quebrar este ciclo acarreta um trauma, já que a morte é uma situação negada pela sociedade, mesmo sabendo que o ser humano é limitado e caminha em sua direção. Para tanto, este trabalho tem como objetivo geral analisar a presença da morte no romance *Com que se pode jogar*, de Luci Collin, publicado em 2011. Como objetivo específico, levar-se-á em consideração como a morte influencia a vida de três personagens femininas do romance, traçando um perfil de como o ciclo da vida sofre mudanças e traumas existenciais perante a morte, bem como a forma com que essas personagens buscam ressignificar a sua vida narrando suas próprias experiências. Como embasamento teórico, esta pesquisa está fundamentada em teóricos Existencialistas e na crítica Literária Feminina, que discutem questões filosóficas sobre a forma de lidar do ser humano com a vida e a morte, além da escrita feminina como representação da personagem.

Quem costura a alma cura: da opressão e submissão à emancipação e plenitude em *The Color Purple* e “Everyday Use”

Carla Denise Grüdtner (IFSC – São Miguel do Oeste)

Mulheres e escravos não tinham acesso à educação formal nos Estados Unidos no século XIX. Por outro lado, costurar era uma atividade obrigatória até mesmo para meninas da mais tenra idade. O exercício da costura proporcionava também resultados subjetivos, sendo prescrito para acalmar as mulheres quando se irritavam com os deveres domésticos. No entanto, as mulheres transformaram o peso das obrigações em oportunidade. Enquanto se encontravam para fazer *quilts*, elas se fortaleciam como grupo, discutindo tanto assuntos domésticos quanto públicos, como a confecção de uma colcha de núpcias, ou o direito das mulheres ao voto. Assim, elas encontraram nas agulhas um meio de expressão que lhes era negado na leitura e na escrita. As principais personagens criadas por Alice Walker em *The Color Purple* e “Everyday Use” revelam mudanças interiores em suas trajetórias que são intimamente relacionadas com as atividades de costurar e fazer *quilts*. Semelhantemente ao processo de cortar, costurar e fazer *quilts* a partir de retalhos e sobras de tecidos que resulta em uma peça única e artística, estas personagens tem suas almas curadas e suas identidades tornadas íntegras. Deixam de ser figuras oprimidas e submissas para serem mulheres plenas e emancipadas, pois curam suas almas enquanto costumam.

Abordagens do espaço em “La Pietá”, de Cecília Prada

Fabiola Guimarães Pedras Mourthé (PUCMinas)

Buscaremos analisar no conto “La Pietá”, de Cecília Prada, as cenas de violências sofridas por Damiana, mulher pobre, que mora em um barraco, na Favela da Rocinha, no Rio de Janeiro. Abusada sexualmente pelo irmão desde a infância, ela espera um filho do marido. Em trabalho de parto, ela aguarda por muito tempo atendimento no hospital e acaba falecendo, juntamente com o filho, na hora do parto. Concomitantemente, analisaremos a notícia da depredação da famosa escultura LA Pietá, de Michelangelo, na Basílica de São Pedro, em Roma. Evento esse, que causa grande comoção mundial. É importante ressaltar que o conto nos apresenta um jogo elaborado de configurações espaciais a partir das relações histórico-sociais que perpassam todo o texto. Buscaremos abordar também, segundo o estudioso Luís Alberto Brandão, os diversos modos de abordagem do espaço no conto analisado. Enfim, buscaremos mostrar como a autora desnuda as mazelas sociais e culturais que permeiam esses espaços.

Confissões de um monstro: o abandono e a vontade de “ser” humano em *Frankstein*, de Mary Shelley

Jânderson Albino Coswok (PUC-Rio); Eliana M. Yunes (PUC-Rio)

Desde o surgimento da Filosofia, o homem passou a questionar seu modo de vida e as relações sociais nas quais esteve inserido no decorrer da História. No que diz respeito às relações humanas, a partir do século XVIII, percebe-se que as



mesmas passaram a deixar de se estabelecerem por meio de uma conveniência tradicional para uma relação embasada no amor. Com a crise do sistema feudal e o advento do capitalismo e do mercado, muitas pessoas, na condição de trabalhadores, migraram e, ao deixarem seu local de origem, abandonaram também suas tradições de modo a escolherem com quem casariam. A mudança no paradigma das relações familiares por conveniência para as relações com base no amor foram analisadas por Luc Ferry, que enxerga no amor a chave para refletir sobre a construção dessas relações e de que maneira elas foram fundamentais na estruturação do que ele chama de “espiritualidade laica”, ou seja, desconstruiu-se os laços de afeto baseados em Deus, no discurso patriótico e na razão. Com isso, a noção de “sagrado” também se alterou: a vida humana se “sacraliza”. O sacrifício não acontece mais em nome de Deus ou das ideias republicanas. Gira, principalmente, em torno do amor pelos filhos, do amor pelo outro e da preocupação do que deixar para as gerações futuras. Sob essa ótica, pretende-se discutir de que modo esses conceitos perpassam a obra *Frankenstein*, de Mary Shelley, com a intenção de se observar a maneira pela qual ela lida com as questões relativas à ciência, à criação humana, à relação “Criador versus Criatura”, o amor parental, o perdão e de que maneira isso traduz suas experiências traumáticas relacionadas à perda da mãe, dos filhos e ao infanticídio que assolou o continente europeu no século XVIII.

Fontes primárias e a poesia de resistência em *Inventário do medo*, de Lara de Lemos

Mara Lúcia Barbosa da Silva (UFSM)

A obra poética de Lara de Lemos inscreve-se tanto numa vertente feminina, detendo-se na representação da mulher, quanto em temas sociais que vão desembocar numa poética de resistência à ditadura militar brasileira, nas obras *Inventário do medo*, *Adaga lavrada* e *Para um rei surdo*. A autora esteve presa por dois meses nos anos de 1970 e foi coautora do *Hino da Legalidade*, cântico do movimento popular que defendia a posse de João Goulart na Presidência da República quando da renúncia de Jânio Quadros. Cristiano Jutgla em sua pesquisa de pós-doutorado, “A poesia de resistência à Ditadura Militar: um estudo de suas configurações”, classifica a poesia de resistência à ditadura militar brasileira (1964-1985) em dois grupos, o dos poetas consagrados, como Ferreira Gullar, José Paulo Paes e Paulo Leminski, cujos poemas críticos ao regime aparecem “soltos” em meio a outros de temáticas muito diversas; e o dos poetas que testemunham o mundo que observam, como Alex Polari e Lara de Lemos, que apresenta uma forte introspecção e reflexão sobre as consequências da violência sobre o corpo e o espírito em *Inventário do medo* (1997). Minha proposta para este simpósio é apresentar alguns aspectos da produção e recepção de *Inventário do medo*, através de manuscritos da obra e da correspondência trocada por Lara de Lemos com escritores e intelectuais brasileiros, materiais que estão sob a guarda do Delfos – Espaço de Documentação e Memória Cultural da PUCRS.

A Paixão Segundo GH: Da reconstrução de significados à ressignificação da realidade

Paula Érica Lopes de Melo (UECE); Jaquielania Aristides Pereira (UECE)

O presente estudo tem como objetivo fazer uma análise da obra *A paixão segundo GH*, que repercutiu de forma muito densa no cenário literário brasileiro, principalmente no nível da linguagem, da forma e do estilo, aproximando-a do gênero poesia. A obra é considerada de enredo banal e descreve uma experiência vivida por uma personagem que se apresenta apenas pelas iniciais G.H., que goza de uma posição sociocultural abastada. Devido a sua perspectiva intimista e psicológica, ao longo da narrativa, o leitor vai imergindo nesta perspectiva, levando-o a (re) construir significados, segundo a experiência de cada um. Posteriormente, percebemos uma inclinação à (des) construção de valores, de forma que possa livrar-se de estruturas engessadas e organizadas. O referencial teórico baseia-se nos estudos de Coutinho (2004), Nunes (1985 e 1995), Bosi (2006), entre outros. Como metodologia, utilizamos a pesquisa bibliográfica e a leitura e análise da obra *A paixão segundo GH*. Ao final, pudemos constatar que o seu rigor e apuro na escrita fizeram-na produzir uma obra que figura entre os grandes clássicos da nossa literatura, por seguir despertando, ao longo das gerações, sensações e reflexões individuais únicas.



De mãe para filha: autoficção, trauma e afeto em *Uma morte suave*, de Simone de Beauvoir e *O lugar escuro: uma história de senilidade e loucura*, de Heloísa Seixas

Bruna Farias Machado (UFRGS)

No seu livro intitulado *The trauma question* (2006), Roger Lockhurst afirma que a partir dos anos 90 as pesquisas relacionadas ao trauma se expandiram, uma vez que a partir dessa época doenças terminais são consideradas traumas familiares. Não obstante, o crescente número de narrativas autoficcionais que exploram experiências traumáticas tornou-se uma tendência. Aliada à possibilidade de dualidade, a autoficção possibilita uma reinvenção dos fatos, mascarando a realidade e tornando-se um campo privilegiado para a tentativa de reelaboração da memória do evento traumático. Desse modo, proponho-me a analisar duas obras autoficcionais que abordam um drama familiar no contexto de doenças terminais, sendo elas *Uma morte suave* (1964) de Simone de Beauvoir e *O lugar escuro: uma história de senilidade e loucura* (2007) de Heloísa Seixas. Por se tratarem de narrativas que evidenciam uma relação entre mãe e filha conflituosa, buscar-se-á fundamentação teórica nas teorias pós-freudianas de afeto, numa tentativa de evidenciar – por intermédio do contraste das obras e a partir do gênero identificado como autoficção –, como a (tentativa de) superação de um trauma familiar num contexto de doenças terminais de um ente querido é representada nas obras, evidenciando, de um lado, a diluição de fronteiras entre autoficção, narrativa confessional e narrativa de trauma, de outro, as relações entre a narradora e a necessidade de narrar. Para fundamentar a análise entre as duas obras, far-se-á necessária utilizar, primordialmente, aportes teóricos que definam o trauma e o (re)aparecimento da memória do evento traumático (CARUTH, 1991; 1995), bem como a análise da construção da narrativa, uma vez que a fragmentação causada pelo trauma pode (e deve) ser reorganizada e ressignificada através da narrativa, uma vez que é necessário tornar a experiência traumática coerente e libertar o indivíduo do caos (RICOEUR, 2010).

Reconciliando-se com a vida: o sofrimento como inspiração para *Have you seen Marie?*, de Sandra Cisneros

Débora Almeida de Oliveira (UFRGS)

O campo da literatura traumática vem se desenvolvendo amplamente na medida em que autores se esforçam para retratar emoções, sentimentos e pensamentos advindos de eventos traumáticos causadores de desequilíbrios psíquicos temporários ou permanentes. Nessa linha de atuação, a autora hispano-americana Sandra Cisneros escreveu a obra *Have you seen Marie?* (2012), na qual articula o luto pela perda de sua mãe com o fazer literário. Sendo assim, a presente comunicação objetiva analisar como essa obra de autoria feminina contemporânea é utilizada enquanto ferramenta de resiliência ficcionalizando o trauma real. Para tanto, o instrumental teórico tem como base os estudos da crítica literária, assim como estudos da psicanálise concernentes ao trauma psicológico causado por perdas e luto. Pretende-se mostrar que a autora, através do processo de produção de sua obra, consegue desenvolver a capacidade de resiliência, conceito que explica a capacidade do indivíduo de superar, resisitir, adaptar-se ou lidar com as adversidades.

***L'événement* de Annie Ernaux, interfaces entre autobiografia e ensaio**

Isadora de Araújo Pontes (UFJF)

A pesquisa em questão tem por objetivo estudar a obra *L'événement* [O acontecimento] (2000) de Annie Ernaux, tendo em vista a hipótese de que a autora, ao relatar a experiência do aborto, ressignifica o trauma e o inscreve numa perspectiva para além da experiência individual através de uma escrita que ultrapassa os limites da autobiografia tradicional. As autobiografias de Annie Ernaux, que têm como foco, a exceção de uma, fragmentos de sua vida, partem de um distanciamento que não a impede de explorar as emoções envolvidas, ao mesmo tempo em que é capaz de chamar atenção para os mecanismos de dominação, como a condição das mulheres. Desse modo, a escrita de Ernaux funciona como um ato político, que ao invés de buscar a distinção, afasta-se da sofisticação da arte para que possa aproximar-se o máximo possível do real. Ao narrar a experiência do aborto, tema tabu, feito em Paris em 1964 quando ainda era proibido o procedimento, a autora volta a transgressão que foi realizá-lo e rompe com o silêncio, através de uma escrita que apresenta uma hibridez com outros gêneros, como o ensaio.



CADERNO DE RESUMOS

ISSN: 2238-0787

As marcas da devastação: o trauma da submissa protagonista de *Sinfonia em branco*

Jéssica Fraga da Costa (UFRGS); Gínia Gomes (UFRGS)

O presente trabalho tem como objetivo analisar Clarice, uma das protagonistas do romance *Sinfonia em Branco*, da autora brasileira Adriana Lisboa. Ela, moradora da pequena Jabuticabais, fora abusada pelo pai ao longo de dois anos durante a infância e isso a deixou grandes marcas. Por sempre ser obediente e submissa, a personagem nada fazia, apenas aceitava tudo que lhe era imposto. Será destacado o momento “antes de tudo” na vida da personagem, repleto de inocência e alegrias, contrastando com os seus tormentos posteriores. Pretende-se mostrar os momentos angustiantes vividos por Clarice, seja junto às investidas do pai, seja com suas lembranças atormentadas. Mostrar-se-á um pouco sobre a relação estabelecida entre a protagonista e sua irmã e dela com sua mãe, que mesmo sabendo de tudo que acontecia apenas tardiamente tomou alguma atitude. Visa-se ainda, destacar a influência do trauma em sua vida ao longo dos anos, assim como as consequências da tentativa de reprimi-lo. Como subsídio teórico serão utilizadas os escritos de Sigmund Freud, Marcio Seligmann Silva e Sándor Ferenczi.

Literatura de representação feminina e ressignificação de um trauma, em Caio Fernando Abreu

Tânia Maria Cemin Wagner (UCS); Lia Mara Netto Dornelles (UCS)

Muitas vezes uma obra literária representa um resgate ou uma forma de reparação de um trauma vivido. A dificuldade em nomear ou encontrar as palavras certas para explicar o que acontece pode estar relacionada a uma reação própria de quem sofreu um trauma, sendo que isso pode ser percebido pelo leitor e significar um atrativo no seu horizonte de expectativas. O trauma é caracterizado como uma desorganização psíquica, algo que não está sendo possível ser representado e elaborado simbolicamente. Uma construção literária dessa experiência, pela sua apresentação em linguagem, pode servir como elo de compreensão da dimensão desse sofrimento e a partir disso, o sujeito poder ressignificar a situação traumática. Caio Fernando Abreu foi um dos escritores brasileiros que abordou o tema da Aids, doença que não tinha espaço para ser discutida, não tinha voz e que, ainda hoje, seus portadores são estigmatizados. Pode-se relacionar o fato dessa doença ainda ter que lutar por um espaço digno, sem preconceito, com o lugar da mulher durante muitos anos, a qual nunca foi o Um, sempre o Outro, nas palavras de Simone de Beauvoir. O protagonista de *Linda, uma história horrível*, de Caio Fernando Abreu, ao visitar sua mãe, observa várias manchas que se espalham pela casa velha; pela cachorra Linda, que está doente e idosa; e por seu próprio corpo. As manchas podem ser consideradas metonímias da doença, projetando nesse ambiente o reflexo do seu próprio corpo. Junto com isso, existe a percepção de um tempo longínquo, de que muito tempo já se passou e que tudo está velho. Em psicanálise, a noção de tempo refere-se a algo construído e não que existe *a priori*, uma vez que o inconsciente é atemporal, sem linearidade quanto a passado/presente/futuro. Portanto, entende-se que a escrita pode representar uma forma de dar voz, principalmente se tratando de situações traumáticas que ainda necessitam de um processo de elaboração, sendo que isso acontece no tempo de cada um e com a ressignificação que é possível ser construída.

Voltar ao [SUMÁRIO](#)

SIMPÓSIO TEMÁTICO 22

Diálogos femininos ou feministas: construções, reconstruções e desconstruções literárias nas Literaturas de Língua Inglesa

***The testament of Mary*, de Colm Tóibín, e as construções da figura de Maria, mãe de Jesus**

Delzi Alves Laranjeira (UEMG)

A imagem de Maria, mãe de Jesus, é resultado da elaboração de um modelo feminino que carrega o peso de dois mil anos de cristianismo. Presença discreta na narrativa dos Evangelhos canônicos, a figura dessa mulher foi (re)construída, ao longo da era cristã, pelos textos apócrifos, pela liturgia, pela hagiografia, pelos templos erguidos em seu nome, resultando em uma das mais cultuadas personagens religiosas. Maria assume, dentre os vários papéis que lhe são



atribuídos, o da noiva e mãe virgens, da rainha que ascende aos céus, da *mater dolorosa* que pranteia seu filho morto e da grande intercessora da humanidade junto a Deus e a Jesus. A Maria de *The testament of Mary*, porém, é uma mulher dura, amarga, incapaz de apreender os acontecimentos que envolveram seu filho e o que ele significou no contexto do judaísmo do primeiro século. Ao reescrever a narrativa evangélica pelos olhos de Maria, o romancista constrói uma imagem perturbadora da mesma, a qual contrasta profundamente com a da tradição do culto mariano, suscitando questionamentos sobre a construção das identidades e papéis femininos e desestabilizando modelos estabelecidos e introjetados.

Espaço e gênero em literaturas contemporâneas da diáspora: percursos e redefinições possíveis

Juliana Borges O. Morais (UFMG)

A questão que perpassa meu trabalho é a relação entre espaço e gênero em *Geographies of Home* (1999), *The Agüero Sisters* (1997) e *Breath, Eyes, Memory* (1994) - romances escritos pelas autoras contemporâneas Loida Maritza Pérez, Cristina García e Edwidge Danticat, respectivamente, cujos enredos privilegiam personagens femininas diaspóricas. Há, nas três obras, personagens cujas relações de gênero aparentemente se enquadram no modelo tradicional no que se refere à divisão gendrada do espaço, no qual a mulher está associada ao espaço privado, assim como à subjugação e à passividade. Essa associação entre espaço e supostos papéis de gênero, discutida pela geógrafa Gillian Rose (1993), encontra, de fato, resquícios nas três narrativas. Todavia, um olhar atento revela também nuances que distanciam as personagens femininas de quaisquer essencializações. Suas "identificações," à luz de Stuart Hall (2003) e de Avtar Brah (1994), desafiam noções normativas no que se refere a papéis de gênero. Em suma, as personagens percorrem e constroem para si também espaços outros, de forma a sugerir que redefinições são possíveis. São essas redefinições o cerne do trabalho que proponho.

Frankenstein e Frankie Stein: entre o canônico e o contemporâneo

Lilian Cristina Corrêa (UPM-SP)

Releituras de obras canônicas já, há muito, deixaram de ser novidade no contexto da literatura contemporânea. Entretanto, considerar obras que quebram os parâmetros tradicionais e fazem uso de suas atribuições para promover um novo conceito, chamam a atenção de um leitor mais interessado no que podemos chamar de "novidade". Nesse sentido, o propósito dessa comunicação é apresentar o romance infanto-juvenil *Monster High* (2010), de Lisi Harrison, que abre uma coleção de livros destinado a esse público, trazendo como personagens protagonistas adolescentes que mantêm relações com protagonistas de obras consagradas do cânone, como Victor Frankenstein e Drácula, por exemplo. O interesse por essas personagens se dá justamente por seu desenvolvimento ao longo do romance que, de fato, foi originado a partir de uma série de desenhos feitos para a internet e que hoje se desdobram em desenhos para a televisão e uma série de bonecas, bolsas, cadernos e outras tantas possibilidades que a mídia nos traz para divulgação e consumo. De maneira geral, o que as personagens em *Monster High* buscam é (re)conhecimento do próprio "eu", principalmente a partir da personagem Frankie Stein, a líder desse primeiro romance. Neste contexto, propomos apresentar um estudo comparativo entre a literatura dita canônica e uma vertente literária mais atual, de massa, com um público totalmente distinto daquele idealmente vislumbrado pela obra hipotexto, *Frankenstein*, de Mary Shelley (1818). Com *Monster High*, Lisi Harrison traz a releitura do monstro de Shelley na pele de Frankie Stein, personagem *teen*, igualmente recriada a partir de outras vidas, com um universo próprio, ao mesmo tempo próximo das concepções da criatura de Victor Frankenstein e distante do imaginário mágico e sombrio de Mary Shelley, mas igualmente transgressor, em todos os sentidos, demonstrando que o apelo pela perfeição é, de fato, cíclico e parte constituinte do comportamento humano quer seja na antiguidade quer seja na contemporaneidade.

As Sobreviventes do Apocalipse: Uma Leitura Ecocrítica de *The Year of the Flood*, de Margaret Atwood

Suênio Stevenson Tomaz da Silva (UFMG / UEPB)

O objetivo desta comunicação é apresentar uma leitura ecocrítica do romance *The Year of the Flood* (2009) [O Ano do



Dilúvio], de Margaret Atwood - considerada uma das mais proeminentes escritoras dentro do escopo da literatura canadense contemporânea de língua inglesa. O romance em questão constitui a segunda narrativa da trilogia distópica *MaddAddam*, em que nos é apresentado um universo ficcional futurista e pós-apocalíptico que descreve um mundo devastado após um desastre causado por uma pandemia, resultado de experiências biotecnológicas. Neste cenário de destruição, poucos são os sobreviventes, dentre os quais, destacamos as protagonistas femininas, Ren e Toby. Diante do exposto, esta proposta de trabalho elege essas duas personagens que partilham a narração de *The Year of the Flood* como categoria de análise. A partir desta mescla de vozes narrativas neste romance, característica marcante da literatura pós-moderna, pretende-se engendrar uma análise literária pela abordagem da ecocrítica, corrente teórico-literária de dimensão política. Essa análise desenvolver-se-á sob a perspectiva do feminino, como também do feminismo, aspecto recorrente no fazer literário de Atwood. Dentre os aspectos ecocríticos, será evidenciado na análise o tropo apocalipse que perpassa toda a trilogia atwoodiana, e que segundo Garrard (2006) é a mais poderosa metáfora de que dispõe a imaginação ambiental contemporânea.

A meta-arte de Alison Bechdel e a existência lésbica

Maria Eugênia Bonocore Morais (PUCRS / CAPES); Carlos Alexandre Baumgarten (PUCRS / CAPES)

Este trabalho trata da introdução da antologia *The Essential Dykes To Watch Out For*, da autora estadunidense Alison Bechdel. O presente estudo procura demonstrar, ou ao menos incitar uma discussão para a possibilidade da obra de Bechdel tratar-se de meta-arte, segundo conceitos expostos por Clement Greenberg no artigo *Pintura Modernista*. Ao falar sobre o processo de construção da obra, expondo-o na maioria das páginas, e ainda ao refletir sobre aspectos teóricos e literários presentes tanto na obra quanto na existência da artista, Bechdel propõe um fazer artístico singular. Discute-se aqui a relação entre partes da obra teórica de Adrienne Rich, especialmente o artigo *Compulsory heterosexuality and lesbian existence*, e as reflexões teóricas misturadas à ficção de Bechdel, assim como a admiração de Bechdel por Rich. Ao expôr-se e derramar-se na própria obra, Bechdel transpõe as noções mais fixas de literatura, narrativas gráficas, e inclusive algumas noções de arte.

Paradas no umbral: silêncios incômodos e vozes perdidas em *A Map to the Door of No Return: Notes to Belonging*, de Dionne Brand, e em *Sorry*, de Gail Jones

Fernanda Vieira de Sant' Anna (UERJ); Leila Assumpção Harris (UERJ)

Ao cruzar uma porta, tem-se um passado e uma direção a seguir. Mas o sujeito híbrido pode sentir-se aprisionado, incapaz de cruzar a soleira. Nem aqui ou lá. Como possuir uma história que nunca será contada, dividindo uma voz que foi silenciada para sempre? Esta angústia pode ser encontrada em *A Map to the Door of No Return: Notes to Belonging* (2001), de Dionne Brand, e em *Sorry* (2007), de Gail Jones. Um silêncio que nunca será quebrado, uma sensação de não pertencimento, um eterno viver entre mundos. Ambas as obras abordam, através da não-ficção e ficção respectivamente, a natureza da identidade e pertencimento em um mundo pós-colonial e culturalmente diverso. Este trabalho pretende explorar a construção das noções de identidade e pertencimento em *A Map to the Door of No Return: Notes to Belonging* e *Sorry*, a partir de um referencial teórico que inclui Shohat (2006), Spivak (2003), Gilroy (2000), Hutcheon (1991), Hall (2001), entre outros. Pretendemos, dessa forma, examinar as heranças pós-coloniais de identidades híbridas, seus silêncios/silenciamentos e suas vozes, bem como as heranças daqueles privados de histórico pessoal, mas que compartilham ao mesmo tempo uma história anônima e coletiva. Dessa maneira, visamos alcançar um entendimento parcial de História e história pessoal, através das vozes autobiográficas e aspectos pós-coloniais de ambos os livros, explorando a construção de identidade e hibridismo resultantes da "ruptura na história e ruptura na qualidade da existência" (BRAND, 2002, p. 4, tradução própria).

Tessituras do Eu: identidades femininas em *O assassino cego*, de Margaret Atwood

Leonardo Davi Gomes de Castro Oliveira (UESPI)

Esta pesquisa se enquadra no âmbito do estudo das literaturas pós-modernistas e tem como corpus de investigação o



romance *O assassino cego* (2001), da escritora canadense Margaret Atwood. Trata-se de uma obra de metaficção por excelência, e aborda as relações de gênero em uma sociedade patriarcal, retratando o Canadá durante o final do século XIX e o século XX. O estudo de *O assassino cego* (2001) evidencia a problematização da mulher na condição de narradora de sua própria história. Ao dar voz às figuras tradicionalmente silenciadas, as narrativas de Atwood apresentam possibilidades de novas leituras que desafiam as tradições e os postulados patriarcais. A investigação consiste em um estudo qualitativo bibliográfico que procurou investigar de que modo as identidades femininas são representadas no romance *O assassino cego* (2001), de Margaret Atwood. Os resultados do estudo apontam que no romance o comportamento de submissão das personagens não faz parte da natureza feminina, mas sim pela pressão do sistema patriarcal. Percebe-se que, por meio da insubordinação e das resistências, essas personagens vão constituindo novas identidades. Observa-se, ainda, a importância da escrita feminina, que atua não só como um instrumento de insubordinação e resistência ao discurso patriarcal, mas também como ferramenta que contribui para a tomada de consciência da personagem Iris Chase, o que contribui para o apagamento de sua identidade passiva e a formação de nova identidade. Esta pesquisa tem como embasamento teórico o conceito de metaficção de Hutcheon (1985); relações de gênero Scott (1995); Bourdieu (2002); e Saffioti (1995, 2001, 2004, 2009); e de identidade de Silva (2009).

Leitor, espectador e o encontro da identidade em *A Cor Púrpura*

Luciana Duenha Dimitrov (UPM-SP)

Antes de ser apresentado à última carta que Celie escreve para Deus, o leitor-espectador de *A cor púrpura* (romance de Alice Walker, 1982 – filme de Steven Spielberg, 1985) se vê envolvido naquilo que Peter Ramadanovic define como “[...] um emaranhado além de todas as possibilidades de libertação”. A protagonista, vítima de uma sociedade machista que não lhe apresentou possibilidades senão aceitar aquele fado ao qual fora designada, (sobre)vive anos atrelada a uma vida quase inerte, em que quaisquer resquícios de sonhos são sufocados. Dona de uma identidade fragmentada cuja estabilidade ora se desmancha de forma contraditória, ora de forma insolúta (Stuart Hall), a libertação momentânea de Celie – e sua consequente “completude” identitária – se dá nas cartas que ela escreve a Deus; sua libertação derradeira na última delas. É nessa carta que o (in)esperado destino se cumpre: a remissão narrada nesta derradeira carta se mostra, de maneira quase inacreditável, o fio condutor do emaranhado da vida da protagonista, conduzindo, então, leitor e espectador à percepção de que “[...] emoções são [sempre] aquilo que nos movem” (Sarah Ahmed)

Diálogos Feministas: A escrita de mulheres negras nas literaturas de língua inglesa

Natália Fontes de Oliveira (UFMS)

Esta comunicação tem como objetivo discutir narrativas contemporâneas que contemplem o universo feminino na escrita afro-americana. A escrita de mulheres negras em língua inglesa conquista cada vez mais espaço no cenário literário mundial, por meio de uma poética que busca trazer para o centro literaturas antes marginalizadas. Esta comunicação visa analisar a representatividade e a relevância nos âmbitos literário, cultural e social da escrita de mulheres Afro-Americanas. Para tal, comparamos dois gêneros literários distintos: a peça teatral *A Raisin in the Sun* (1959) de Lorraine Hansberry e o romance *Song of Solomon* (1977) de Toni Morrison. Ambas autoras marcam o percurso de construção da literatura Afro-Americana e ao aproximar suas obras podemos perceber os traços que se entrelaçam na evolução da escrita de mulheres negras nos Estados Unidos. Ao problematizar conceitos e desconstruir estereótipos associados à mulher negra, tanto como personagens quanto como autoras, a análise literária de *A Raisin in the Sun* e *Song of Solomon* possibilita diálogos feministas sobre as literaturas afro-americanas de língua inglesa.

Três imagens de fuga: *Fugitiva*, de Alice Munro, *Canção Tórrida*, de James Ellroy e *Desculpe incomodar*, de Hilary Mantel

Cristhiano Motta Aguiar (UPM-SP)

Munro, Ellroy e Mantel são três dos mais destacados autores da literatura em língua inglesa contemporânea. Cada um, a seu modo, conseguiu ao longo da carreira prestígio de público e de crítica. Mantel e Munro, em especial, ocupam uma



posição de bastante legitimação literária, ao passo que a obra de Ellroy, por ser com frequência enquadrada no contexto da literatura policial, ainda sofre de um injusto preconceito crítico por parte de alguns leitores. Nos três contos a serem analisados através de uma perspectiva comparada, é possível encontrar bastante variação de temas, ideologias e estilos, mas as três narrativas possuem uma mesma imagem em comum: a de uma personagem feminina que, envolvida em uma relação afetiva (não necessariamente amorosa) sufocante com um homem, decide empreender um ato de fuga. A partir desta imagem, os autores estudados propõem, em seus contos, uma série de discussões sobre sexualidade, desejo, identidade e, em especial, gênero. No conto “Fugitiva”, da escritora canadense Alice Munro, uma jovem entediada do interior do Canadá tenta fugir do seu marido; no conto do norte-americano James Ellroy, “Canção Tórrida”, um detetive particular tenta traçar o destino de uma cantora de cabarés que o abandonou; por fim, no conto “Desculpe incomodar”, da inglesa Hilary Mantel, uma mulher inglesa de meia-idade, vivendo numa opressiva Arábia Saudita, tenta escapar do assédio constante de um empresário paquistanês. Serão essas fugas tortuosas de um patriarcalismo opressor, com suas consequências tragicômicas, o cerne da reflexão do presente trabalho.

(Re)Negociando Identidades Diaspóricas em *The Joy Luck Club*

Ruan Nunes (UERJ); Peonia Viana Guedes (UERJ)

Com a publicação de *The Joy Luck Club* em 1989, Amy Tan atraiu críticas não só daqueles que a reverenciavam como uma nova voz sinoamericana, mas também daqueles que a acusavam de farsa na criação de suas obras, por explorar temas chineses de maneira essencialista, em especial na criação de personagens chineses diaspóricos. Em introdução a uma coletânea de estudos sobre *The Joy Luck Club*, Harold Bloom (2009) chama atenção para uma limitação temática nas obras de Tan, a saber, a relação entre mãe(s) e filha(s). O crítico sugere que esse foco temático talvez seja uma limitação na visão da escritora e que a obra seja parte de um “*period piece*”. Entretanto, Bloom deixa de lado questões levantadas por outros ensaístas, como a função do Mah Jong dentro da obra e do papel da memória na construção das identidades das personagens. Essa comunicação foca no segundo item, privilegiando a (re)negociação de identidades diaspóricas entre mães e filhas. Se para Stuart Hall (1999) a noção de identidade é formada na interação entre o eu e a sociedade, podemos pensar como as relações entre as mães e filhas em *The Joy Luck Club* não apenas questionam a existência de uma identidade única e estável, mas também privilegiam um debate sobre as fronteiras culturais, quando as filhas buscam se compreender como americanas e chinesas.

Adaptações literárias contemporâneas de *Orgulho e Preconceito*

Maria Clara Pivato Biajoli (UNICAMP / CNPq)

Orgulho e Preconceito, o romance mais famoso da escritora inglesa Jane Austen (1775-1817), vem sendo reconstruído por inúmeras adaptações e continuações literárias desde meados da década de 1990. Trata-se de obras que utilizam o romance de Austen como base para as mais diferentes formas de apropriação, desde inspirações mais distantes para um ‘chick lit’ moderno como em *O Diário de Bridget Jones* (1996) até para romances policiais como na continuação *Morte em Pemberley* (2011). A presente comunicação pretende trabalhar a ideia de como essas apropriações contemporâneas, de muito sucesso de público, reconstruem a imagem da própria autora, produzindo, por exemplo, a ideia de Jane Austen como uma escritora sentimental que deu origem aos romances românticos voltados para mulheres, e reconstruem também a própria obra, transformando *Orgulho e Preconceito* em uma ingênua história de amor. Ambas as imagens entram em choque com a forma como a crítica literária feminista vem trabalhando os romances de Austen desde a década de 1970, escancarando um processo através do qual a autora passou a ser percebida de forma totalmente diferente pela academia e pelos seus fãs. Essa comunicação pretende também analisar algumas dessas adaptações literárias para mostrar, especificamente, a forma como tanto a trama do romance quanto as personagens principais são ressignificadas em papéis de gênero conservadores que apagam as críticas irônicas à sua sociedade que Jane Austen soube inserir de forma discreta porém contundente. Assim, curiosamente, essas adaptações contemporâneas “pós-feminismo” trazem uma releitura muito conservadora do romance de Austen, perpetuando uma ideia de que a felicidade, especialmente da mulher, só pode ser atingida através de um casamento heterossexual tradicional, enquanto que a obra original, de



duzentos anos atrás, já indicava sua desconfiança em relação a essa ideia.

Voltar ao [SUMÁRIO](#)

SIMPÓSIO TEMÁTICO 23

Representações identitárias e de gênero na literatura feminina africana de língua portuguesa

Mornas eram as noites: símbolos da transformação feminina na contística de Dina Salústio

Demétrio Alves Paz (UFFS / UFRGS)

O presente trabalho tem por objetivo analisar o simbolismo presente em *Mornas eram as noites* (obra publicada pela primeira vez em 1994, com segunda edição em 1998), de autoria da cabo-verdiana Dina Salústio, e propor uma tipologia temática para os contos. Nas trinta e cinco narrativas, observamos que há temas comuns em vários deles, tais como: partida e regresso; a condição feminina; relações familiares; pobreza e necessidade; memória e passado, e violência (doméstica ou social). Da mesma forma, notamos que há figuras femininas diferenciadas, representando um amplo apanhado de todas as classes sociais e de diferentes idades. A grande maioria das histórias é narrada em primeira pessoa, o que aproxima o leitor e também funciona como uma espécie de pedido de cumplicidade por parte das narradoras ao leitor. Percebemos que a noite surge em muitos enredos como um símbolo de transformação, tendo em vista o subtítulo da obra: ... *De como elas se entregam aos dias*. Igualmente, constatamos a dubiedade do subtítulo que pode tanto referir-se às noites (do título) como às personagens femininas representadas nos contos.

O ventre da identidade moçambicana: as mulheres em *O Alegre Canto da Perdiz*, de Paulina Chiziane

Christini Roman de Lima (UFRGS)

O trabalho se propõe à análise da obra *O Alegre Canto da Perdiz*, de Paulina Chiziane, tendo como perspectiva o papel das mulheres negra e mestiça moçambicanas a partir das relações sociais e das relações familiares na sociedade em que atuam. Dentro deste contexto, buscar-se-á caracterizar, por meio do viés literário, o espaço ocupado por elas na formação de uma identidade nacional – para tanto, tem-se como horizonte os passos das personagens femininas da obra em questão. A escritora Paulina Chiziane caracteriza Moçambique a partir do ano de 2008, ano de publicação da obra, mas recorre ao retrospecto, à Moçambique colonial, na tentativa de, por meio do passado, ilustrar como foi orquestrada a construção das mentalidades e das estruturas que erigiram a Moçambique de seu presente. Destarte, em *O Alegre Canto da Perdiz*, encontra-se o retrato do passado colonial que transformou Moçambique no que é hoje, porém, em suas linhas distingue-se fundamentalmente a força, a luta e o sofrimento da mulher africana diante de um mundo sem possibilidade de esperança. Chiziane é uma voz feminina que se pronuncia para discutir os problemas femininos até então silenciados.

Paula Tavares, em *O lago da lua*: a representação do silêncio

Érica Patrícia Rodrigues de Sousa (UFPI); Sebastião Alves Teixeira Lopes (UFPI)

Este artigo examina a representação de mulheres angolanas no contexto pós-colonial, a partir de *O lago da lua* (2011) de Paula Tavares. O objetivo do trabalho é investigar a relação entre a voz do eu-lírico e o silêncio da mulher representada; assim como avaliar se a representação poética de Paula Tavares sobre as mulheres angolanas abre espaços de fala para elas. A metodologia utilizada é a pesquisa bibliográfica e qualitativa. A base teórica centra-se em Ducados (2004) no que diz respeito à subalternização das mulheres na sociedade pós-colonial e tradicional angolana; Secco (2013) e Mata (2006) no que concerne à discussão sobre questões acerca do pós-colonialismo em Angola; Secco (2011), Souza (2011) e Padilha (2002) no que trata da produção poética de Paula Tavares; Glissant (2005) para estudar os rastros e resíduos na memória do sujeito diaspórico; Spivak (2010) para avaliar o silêncio das mulheres subalternizadas. Paula Tavares pode não representar a heterogeneidade de mulheres angolanas, mas é uma voz que traz à tona a invisibilidade e o silêncio das mulheres do país.



Alteridade e poder: a imagem feminina na obra *Baladas de amor ao vento*, de Paulina Chiziane

Abílio Neiva Monteiro (UESPI); Algemira de Macedo Mendes (UESPI)

O presente trabalho analisa as formas de representação da mulher na obra *Baladas de amor ao vento*, de Paulina Chiziane. O estudo enfatiza as relações entre as personagens e o contexto em que elas estão inseridas na obra, visando os fatores destacados pela narrativa como cruciais para a construção de uma identidade do sujeito feminino. A pesquisa é de caráter bibliográfico, tendo como base os textos de Judith Butler (2003), Michel Foucault (2007), Joan W. Scott (2011), Heleieth Saffiotti (2004), Elaine Showalter (1993), entre outros. O trabalho investiga também, os caminhos em que a sociedade, marcada pelo patriarcalismo e impregnada de preconceitos sociais, percorre, julgando e condenando as ações das mulheres que não se submetem ou questionam as normas, frutos do discurso de poder, impostas a serem seguidas como verdade. É nesse viés que se observa a representação feminina das personagens Sarnau e Sumbi, ambas apresentam imagens e comportamentos distintos na obra. Percebe-se que a sociedade, representada de forma machista, controla, subjuga, castiga e silencia a mulher, e que os variados tipos de comportamentos que não se enquadram nas normas regidas pelo ciclo social, como modelos de valores morais a serem seguidos, são repudiados. Com isso, o desejo de amar, o grito de liberdade em um meio ao qual se veem submissas, o anseio de uma ascensão social, uma transgressão, são elementos que contribuem para a ruptura da realidade, em que, as personagens estão inseridas.

Gênero e identidade na narrativa de Paulina Chiziane: vozes femininas e ressonâncias

Áurea Regina do Nascimento Santos (UESPI); Algemira de Macedo Mendes (UESPI)

A literatura usada, inicialmente, como um veículo de informação e difusão anticolonial e a favor dos ideais nacionalistas, tornou-se um lugar privilegiado para as reflexões intelectuais que surgiram em meio à construção da identidade coletiva, permanecendo como o centro dos discursos culturais de nação que se seguiram ao nascimento das nações-estado no período pós-independência. A colonização e a escravidão em países africanos geraram conflitos que, mesmo após a independência, ainda repercutem econômica, social e culturalmente. Dentro das sociedades pós-coloniais, as mulheres, principalmente, demonstram as marcas deixadas pelos anos de escravidão, colonização, aculturação e negação de seus direitos. O tema que tem a figura da mulher escritora na África lusófona pode parecer descontextualizado do resto da produção literária africana em língua portuguesa, se considerarmos que, na África e em outros continentes, o domínio masculino na literatura é amplamente verificado. A partir dessa realidade, consideramos que o interesse sobre as literaturas africanas, demonstrado desde as últimas décadas do século XX, exige uma abordagem do texto africano de autoria feminina com a crescente importância assumida pelos estudos comparativos envolvendo as literaturas africanas em língua portuguesa. Diante disso, analisamos três romances da escritora moçambicana Paulina Chiziane, *Balada de amor ao vento*, *O alegre canto da perdiz* e *Niketche: uma história de poligamia*, para identificar como os papéis de gênero são apresentados para simbolizar conscientização e resistência dentro de sua própria cultura e sociedade. Portanto, a proposta desta comunicação é identificar como a narrativa de Paulina Chiziane desafia as regras de uma sociedade marcada pela cultura patriarcal, usando sua própria voz como uma forma de recuperar a memória ancestral de seu povo e, em particular, das mulheres, oferecendo uma nova significância para elas.

Representações do feminino moçambicano em *Sangue Negro* da moçambicana Noêmia de Sousa

Lília Maria Santiago de Lira (UESPI); Algemira de Macedo Mendes (UESPI)

É no início dos anos 80 que as mulheres intelectuais criam a categoria "gênero", a partir desta data iniciou-se um trabalho metódico, pontual, de crítica de todas as estruturas do patriarcado e da sociedade de classes – seja do ponto de vista prático, vivencial ou teórico. Portanto, essa nova categoria "gênero", criada pelas mulheres a fim de dar conta na história e na condição humana do fim do século XX, vem acrescentar e complementar a classe social, para dar conta da existência da opressão de diversas naturezas postas na história. Nessa pesquisa tem-se como objeto de estudo a poesia de Noêmia de Sousa precursora da literatura poética moçambicana, apresentaremos teoricamente a partir dos estudos de gênero alguns aspectos do feminino em alguns de seus poemas. Utilizamos a pesquisa bibliográfica e fichamentos para identificar os aspectos do feminino nos poemas "Negra", "Nossa irmã a Lua", "Se me quiseres conhecer", "Deixa passar



o meu povo” e “Moças das Docas”, de Noêmia de Sousa. Albert Zinane ao mostrar a importância dos estudos de gênero na problematização das práticas femininas dentro de novas configurações históricas, afirma que “a recodificação do papel da mulher, a partir dos estudos de gênero, implica a constituição da subjetividade feminina à medida que a modificação do padrão tradicional abala a maneira de lidar [...] forçando a mulher a assumir seu lugar”. Jurema José afirma que a produção literária de autoria feminina é bastante restrita nos países africanos de expressão portuguesa. Sendo assim, o percebe-se a necessidade de análise dessas autorias como uma forma de aprofundamento de outras realidades possíveis representadas nessa literatura específica, inclusive a que se relaciona com a representação dos papéis femininos nessas sociedades.

A identidade da mulher subalterna em *Niketche: uma história de poligamia* de Paulina Chiziane

Rosa Áurea Ferreira da Silva (UFPI); Sebastião Alves Teixeira Lopes (UFPI)

O romance *Niketche: uma história de poligamia* de Paulina Chiziane, narrado em primeira pessoa, retrata a história de mulheres que vivem em situação de subalternidade, seja ainda em consequência do colonialismo ou por conta do regime patriarcal. As identidades femininas moçambicanas representadas no romance, geralmente, apresentam-se atreladas ao espaço doméstico que, por seu turno, torna essas mulheres invisíveis socialmente, consequência de um processo histórico que exclui a mulher do acesso ao ensino escolar e, conseqüentemente, a outros espaços sociais, políticos e econômicos da sociedade moçambicana. A presente pesquisa objetiva investigar como as identidades de mulheres subalternas são retratadas no romance, observando as funções que lhes são relegadas na sociedade e que espaços ocupam no contexto social do país. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico no campo da Crítica Literária, com diálogo interdisciplinar com a Sociologia. Foram tomados como base teórica pressupostos de Bamisile (2012), Castells (1999), Hall (2006) e Spivak (2010). As conclusões parciais apontam para a importância das questões identitárias que envolvem o gênero feminino em Moçambique e de como as identidades vão se modificando e se transformando em relação dialógica com as outras mulheres, ao empreenderem uma luta por ocupar outros espaços e batalhar contra a invisibilidade social.

Ritos, identidade cultural e relações de gênero, em *Balada de Amor ao Vento*

Maria do Desterro da Silva Oliveira (UESPI); Algemira de Macêdo Mendes (UESPI)

Este trabalho teve como objetivo analisar os aspectos culturais, em especial os ritos destinados à mulher na sociedade moçambicana, presentes no romance “Balada de Amor ao Vento” da escritora Paulina Chiziane. Este Romance aborda questões políticas, culturais e religiosas de Moçambique, bem como a visualização do papel da mulher dentro de sua estrutura social. Questões como família, casamento, separação, traição (adultério), poder e tradição perpassam em sua narrativa como os pontos chaves para o desenrolar da trama, traduzindo a mensagem que a autora deseja externalizar. A narração em primeira pessoa por uma mulher dá voz à personagem feminina, que no decorrer da história cultural do país sempre esteve silenciada. Através da análise realizada evidencia-se a identidade da mulher africana ou pelo menos a tentativa de sua construção, por meio do destaque às características da protagonista Sarnau e como esta se vê, indo de encontro à questão da autopercepção do sujeito e também de sua percepção do outro. Também se pode evidenciar que a construção dessa identidade se dá de forma inconsciente, no decorrer das experiências vividas pela protagonista, quando ela vai questionando os costumes aos quais está sujeita em contrapeso às suas aspirações. Deste modo, a questão de gênero e identidade apresentam-se de forma contundente na narrativa da obra. Com vistas à análise dessa narrativa selecionou-se os teóricos Butler (2003) Spivak (2010), Eliade (1989), Giacomini (1988), Secco (2007), Beauvoir (1980), Hall (2003), Bhabha (2013).

Voltar ao [SUMÁRIO](#)



CADERNO DE RESUMOS

ISSN: 2238-0787

SIMPÓSIO TEMÁTICO 24

Representações do feminino na canção popular brasileira

Elas por eles: as musas rebeldes cantadas por compositores da Música Popular Brasileira

Ana Cláudia Paschoal (UEM)

A mulher sempre foi a musa maior da Música Popular Brasileira. Retratada em sua beleza e doçura, a figura feminina foi poematizada na canção popular de acordo com o olhar do homem, refletindo o desejo da dominação masculina apoiado por uma sociedade patriarcal. Mas, ao longo do século XX, notam-se transformações no padrão de comportamento da mulher, refletidas em musas rebeldes, atrevidas, corajosas, autônomas, criadas por famosos compositores brasileiros. Este trabalho visa a analisar a representação da figura feminina através de canções de autores que a conceberam fora dos estereótipos construídos pela ótica masculina. Assim, as conquistas sociais da mulher brasileira, a canção popular como manifestação cultural e as questões relativas à dominação masculina são consideradas elementos fundamentais para a elaboração do presente estudo. Demonstra-se que, assimilando a evolução empreendida pela mulher brasileira, famosos autores anteciparam-se na percepção do surgimento de novos modelos femininos em nossa sociedade.

Representações do feminino nas canções de Carolina Maria de Jesus: a questão da alteridade

Carla Lavoratti (UFSM)

Segundo Chartier (2002), na dinâmica das representações sempre estão envolvidos o poder e a dominação, e nesse sentido, que é importante estudá-la. Para o historiador o conceito de representação mantém sua importância porque articula a leitura de três registros da realidade “as representações coletivas; [...] as formas de exibição e estilização da identidade que pretendem ver reconhecida; enfim, a delegação a representantes [...] da coerência e estabilidade das identidades assim afirmada” (CHARTIER, 2002, p. 11). Por isso, o que pretendemos é colocar em relevo o caráter histórico do sujeito e da cultura, problematizando a construção das identidades de gênero nas canções produzidas por Carolina Maria de Jesus, escritora que ocupou as margens da literatura e da sociedade brasileira. O que, por sua vez, lança uma nova perspectiva para se pensar a linguagem, as construções das identidades de gênero e, conseqüentemente, o território da História e da Literatura como registros de subjetividade, como “[...] processos instáveis na formação do sentido, e não mais produtos finais do sentido passado e fixo.” (HUTCHEON, 1991, p. 240). O objetivo desse estudo, portanto, é analisar as letras das músicas que compõem o disco *Quarto de Despejo* (1961), de autoria de Carolina Maria de Jesus, a escritora brasileira conhecida mundialmente após a publicação do livro diário de mesmo nome, em 1960. A análise terá como fio condutor as possibilidades representativas de facetas da alteridade em suas composições, com atenção especial para as marcas de classe e gênero presentes em suas canções. Como suporte teórico para aprofundamento das reflexões foi retomado autores como Landowski (2002), Zigmund Bauman (1999), Simone de Beauvoir (1980), Margarteh Rago (2004).

Certa representação de uma operária em “Três apitos”, de Noel Rosa

Carlos Augusto Bonifácio Leite (UFRGS)

A partir da canção “Três apitos”, de Noel Rosa, composta entre 1932 e 1933, gravada somente vinte anos mais tarde por Aracy de Almeida, este trabalho pretende analisar a representação da figura da musa operária a partir de um olhar relativamente abastado, leitura presente, mas velada na forma cancional. Para tal, vale-se do modelo analítico de Luiz Tatit em *O cancionista*, mas busca investir mais nas tensões sociais presentes no aparente canto enternecido de um homem apaixonado. Ouvindo mais de perto, é possível conferir sentimento de posse, despeito, reificação, chistes com a condição despossuída da musa e ciúmes, tudo em chave passional e grande virtuosismo. Este trabalho ainda busca analisar mais detalhadamente em específico a gravação feita na década de 50 para verificar o quanto a voz de Aracy e o arranjo de Radamés Gnatalli acentuam ou não a leitura a contrapelo da canção escolhida, bem como o atrito formado entre uma violenta canção de posse do outro e uma canção típica de amor mal realizado, duas das leituras possíveis para “Três apitos”.



Encenações do feminino a partir da canção “Caça à raposa”

Fernanda Valim Côrtes Miguel (UFVJM)

Partindo da canção “Caça à raposa”, de João Bosco e Aldir Blanc, que dá nome ao álbum de 1975, e da versão regravada e popularizada, mais tarde, na voz de Elis Regina, percorreremos efeitos de sentido e possíveis envios de encenações do feminino em busca de questões de gênero que se constituem nesses jogos culturalmente situados de linguagem, numa rede de *semelhanças de família*. A investigação toma como referência a atitude terapêutica praticada por Wittgenstein e reflexões atuais sobre a terapia de dispersão espectral. No jogo sustentado por “Caça à raposa” tais encenações reincidem sobre a lógica da fuga e da ação persecutória e provoca impressões da ordem dos sentidos. Dessa maneira, as fronteiras entre a caça ao animal em meio à floresta nublam-se com a perseguição do corpo humano feminino e ao jogo do desejo dos amantes: caçador ou homem, raposa ou figura humana feminina, caça e fuga obstinada, branco e rubro cujas cromáticas mesclam-se entre dentes, línguas, corações, paixão, incandescência e o fogo. Sem incidirmos no erro de reduzir a obra ao seu conteúdo e interpretá-lo, sem correremos o risco de domar a canção, visualizamos em *Caça à raposa* todo o movimento de uma caçada até o abate final da presa perseguida.

Linhas de fuga da canção: interlocuções entre poesia e arte sonora na trilogia “Compositoras”

Isabel Porto Nogueira (UFRGS); Luciano Zanatta (UFRGS)

Este trabalho apresenta uma reflexão sobre o processo de composição de três canções de Luciano Zanatta e Isabel Nogueira sobre recriações ficcionais da escritora Monique Revillion a partir de aspectos biográficos das compositoras Violeta Parra, Chabuca Granda e Maria Elena Walsh, compondo a trilogia “Compositoras”. A trajetória de Monique Revillion, escritora e dramaturga, autora dos livros *Teresa que esperava as uvas* e *O deus dos insetos*, apresenta um novo aspecto ao abordar a trajetória de três compositoras latino-americanas, todas elas autoras de canções, dialogando assim com a temática do congresso. Assim, buscamos descrever e refletir sobre o processo de criação artística, destacando a interação música e poesia a partir de uma delimitação apriorística e conceitual de um modelo de canção considerando as ideias de Tatit, mas trazendo outros elementos de construção de significado não contemplados na perspectiva deste autor. O resultado é um jogo, dentro do campo artístico, com os limites epistemológicos do conceito de canção, buscando entrelaçamentos e interlocuções com a música experimental e eletroacústica. Inserido no contexto do projeto de pesquisa de mesmo nome desenvolvido no Instituto de Artes da UFRGS, as reflexões que trazemos aqui apoiam-se no conceito de linhas de fuga (Guattari), nas aplicações em música da filosofia de Deleuze realizadas por Silvio Ferraz e nas definições de Bernardo Oliveira sobre a canção do século XXI. O trabalho traz uma reflexão sobre o percurso de criação destas três canções, observando processos, interlocuções, resultados e sonoridades, onde incorporamos, como texto-significado, as relações amplas entre as estruturas poéticas e sonoras, incluindo voz expandida, recortes de gravação, processamento digital e “conflitos programados” em harmonia, contrapontos, timbres e tempos.

“Gismontiana 2”: transversalidade de olhares entre feminino e masculino na canção de Déa Trancoso

Isabel Porto Nogueira (UFRGS); Nikolas Gomes Ferranddis; Isadora Nocchi Martins

Este trabalho traz uma análise da canção “Gismontiana 2” (dedicada a Egberto Gismonti), da cantora e compositora mineira Déa Trancoso, e que faz parte do disco de composições autorais *Serendipity*, lançado em 2013, produzido por Rogério Delayon e Déa Trancoso. A canção em foco apresenta o caso de uma canção composta por uma mulher (Déa Trancoso), inspirada e dedicada a um homem (Egberto Gismonti) e que logo recebeu uma versão/releitura para piano e voz do próprio Egberto Gismonti. Esta situação configura-se como incomum dentro da produção de canções no Brasil, uma vez que se trata de uma canção composta por uma mulher e dedicada à um homem, trazendo sentidos de admiração musical e vivencial. A letra da canção refere uma atmosfera com elementos da natureza, trazendo de forma muito viva a região do Vale do Jequitinhonha, característica presente em obras anteriores da compositora. Ao mesmo tempo, a dedicatória da canção expressa a amplitude da importância e dimensão de Egberto para Déa, quando diz: “dedicada a Egberto Gismonti cuja música me leva diretamente para o colo de Deus”. Neste trabalho, analisaremos duas versões da canção, pensando no termo “originais múltiplos” utilizado por Juan Pablo Gonzales: a primeira versão,



CADERNO DE RESUMOS

ISSN: 2238-0787

gravada por Déa Trancoso com voz e violão no arranjo de Juarez Moreira (2013), e a versão gravada por Isabel Nogueira, com piano e voz no arranjo de Egberto Gismonti (em 2014). Observaremos assim as permanências, modificações e peculiaridades de cada uma das versões, a partir das relações entre letra, música, timbre e performance.

Berenice Azambuja: viva a bombacha, tchê! A perpetuação da tradição gauchesca na composição de autoria feminina Karen Gomes da Rocha (UCS)

O presente ensaio visa à análise de três músicas, cujas letras são de composição de Berenice Azambuja, do álbum intitulado *Fogo de chão*, da autora e d'Os Açorianos, lançado em 1975. As letras escolhidas são: "Lanceiro negro", "Querência" e "Lamento de um gaúcho", as quais são analisadas quanto à manutenção da tradição e à inovação na temática Regionalista e Tradicionalista gauchesca, sob a perspectiva da visão feminina nesse processo. Através da cultura popular, por sua vez, é que foram fundadas as bases e difundidas as ideias que até hoje são parte do acervo cultural memorialístico do povo gaúcho. Assim, em meio a todo o processo de manutenção do ideário relacionado à figura do gaúcho, é importante a reflexão acerca do papel desempenhado pela mulher na guarda e continuidade da tradição, assim como se existe alguma forma de superação dessa significação. A sua importância no meio social, artístico e cultural, como disseminadora dos ideais e costumes gauchescos, muitas vezes, encontra-se sobreposta e quase apagada, haja vista a maior quantidade de homens como representantes da cultura, sendo em maior número, também, os compositores e os intérpretes da música tradicionalista gauchesca do sexo masculino, o que implica dizer que a visão masculina está intimamente ligada à legitimação da figura do gaúcho.

Quando a caipira canta: representações do universo popular rural feminino em duas canções Lígia Rodrigues Balista (USP)

Proponho debater duas canções com eu-lírico feminino que compõem peças do dramaturgo Carlos Alberto Soffredini. São personagens que dependem em larga medida das canções que cantam para serem caracterizadas ao público – ambas representações do universo do caipira brasileiro, o que nos obriga a olhar para uma fatia específica do popular dentre a chamada "canção popular brasileira". Na primeira, a personagem Mariquinha (da peça *Na carrêra do divino*) é identificada como "a desesperada por casar" através da canção "Apuros de um santo casamenteiro", composta (por homens) especificamente para a peça. Foi gravada posteriormente, cantada pela atriz que fez a personagem na primeira montagem, em 1979, Eliane Giardini, e depois utilizada no filme "Marvada Carne" (1985), se tornando um dos trechos cômicos mais conhecidos da produção cinematográfica. Alternando trechos em prosa (de fala direta com o santo) com trechos em versos musicados, essa canção traz muito do universo poético, na estrutura e nos temas, da música caipira paulista. Na segunda canção, temos também uma personagem feminina que se identifica na peça (*A Madrasta* - 1995) muito pela canção que a acompanha. Trata-se novamente do universo rural, mas aqui a peculiaridade está em ser um canto pós morte: a voz da menina que foi enterrada viva ecoaria do mato, como se estes fossem seus cabelos pedindo para não serem cortados – canção de domínio público, recolhida do universo popular por Câmara Cascudo, foi incorporada na construção do enredo geral dessa dramaturgia, na qual as figuras femininas rurais são as protagonistas: é cantada por Joana após sua morte, ou reproduzida por um toca discos ao longo da peça. Interessa-me entender as especificidades desses eu-líricos femininos nas duas canções, especialmente dentro do universo machista e violento no qual se encontram, e em como funcionam para a construção da representação dessas figuras rurais femininas.

A representação da mulher nas canções de *Orfeu da Conceição*, de Vinicius de Moraes, e em *Orphée Noir*, de Marcel Camus

Marina Bonatto Malka (UFRGS); Carlos Augusto Bonifácio Leite (UFRGS)

A partir de uma análise minuciosa de *Orfeu da Conceição* e *Orphée Noir* desenvolvida em meu Trabalho de Conclusão de Curso, dessa vez investigo as escolhas das canções nas duas obras e quais delas mostram mais nitidamente a representação do feminino. Exemplificando as obras, *Orfeu da Conceição* é uma peça escrita entre 1942 a 1954 por Vinicius de Moraes na qual ele assume o papel de tradutor de culturas: a do negro e a do grego. Em sua peça, o mito grego é



inserido no morro carioca e mostra o amor com final trágico entre Orfeu e Eurídice, personagens provenientes do Mito de Orfeu. *Orphée Noir* (em português *Orfeu Negro*) é o filme adaptado da peça Orfeu da Conceição dirigido por Marcel Camus. Por ser uma adaptação, ele não é totalmente fiel à peça, embora preserve o tema principal (amor entre Orfeu e Eurídice) e adicione outras personagens e cenas. A peça e o filme possuem representações muito fortes dos tipos de mulher brasileira em suas personagens, sendo o estereótipo da mulher pura e europeizada visto em Eurídice e o da mulher sensual e brasileira visto em Mira e Serafina (a última aparece somente no filme). Na peça de Vinicius, a canção “Mulher, sempre Mulher” aparece após a agressão de Orfeu à Mira. A letra dessa música mostra o estereótipo da mulher brasileira de personalidade forte, que faz mandinga e luta pelo seu amor, sendo assim rejeitada pelo seu amante. Já no filme de Camus as canções falam sobre o amor em geral, sem destinarem suas letras à exemplificação do estereótipo feminino brasileiro. Os repertórios do filme e da peça são diferentes, o que faz a análise desses mais interessante. As canções das obras foram compostas pelo próprio Vinicius, em parceria com Tom Jobim e Luiz Bonfá. É interessante pensar que elementos como a trilha sonora do filme e as canções que aparecem na peça podem influenciar a maneira de interpretar o que o autor quer dizer, sendo em *Orfeu da Conceição* mais nítidas que em *Orfeu Negro*, por causa de uma questão comercial das escolhas das canções do último citado.

Popozudas e Poderosas: Representações de Mulheres nas Músicas de Cantoras Brasileiras de Funk

Patrícia Fernandes Lazzaron Novais Almeida Freitas (UFBA); Ivía Alves (UFBA)

Com a crescente presença dos mais diversos meios de comunicação e informação, temos acesso, de forma fácil e rápida, a notícias, comentários, entrevistas, vídeos, músicas, programas de televisão, seriados, filmes, novelas, videoclipes, que apresentam conceitos que permeiam as interseccionalidades de gênero, raça, etnia, classe e sexualidade. Tais mídias, de alguma maneira, influenciam os discursos dos espectadores. Esta comunicação tem como objetivo analisar e discutir, em meio a essa diversidade de aparatos culturais, a produção musical das funkeiras Anitta e Valesca Popozuda, atentando especialmente para as letras das músicas destas cantoras. O funk, música originariamente da periferia, vem sendo trazido para um público maior, para o centro, através da internet e de canais de televisão. Na primeira década de 2000, as funkeiras praticamente não estavam presentes como cantoras, mas sim como dançarinas. Os funkeiros (homens), em suas composições, falavam das mulheres quase sempre as desqualificando. Mais recentemente, as cantoras de funk, a exemplo de Anitta e Valesca Popozuda, transformaram-se em artistas de grande popularidade e são cada vez mais aceitas pelas classes médias, circulando, inclusive, em programas da Rede Globo e canais de música. Elas parecem buscar, em suas composições, responder às desqualificações dos funkeiros (homens). Assim, as músicas dessas duas cantoras apresentam sua oposição à dominação do homem sobre a mulher, sua contrariedade ao sistema patriarcal, evidenciam a mulher não submissa, além de sua independência, liberdade e poder. Em entrevistas, elas se dizem feministas. Mas até que ponto, elas têm, em suas composições musicais, uma posição feminista? As representações de mulheres em suas músicas podem ser relacionadas ao Feminismo? São estas questões que este texto pretende analisar e discutir.

A mulher e a canção gauchesca: como intérpretes e compositoras posicionam-se na trajetória da Califórnia da Canção Nativa

Patrícia Lima de Lima (UFRGS); Carlos Augusto Bonifácio Leite (UFRGS)

Criada em 1971, a Califórnia da Canção Nativa é, desde então, o evento mais representativo para o lançamento e divulgação de canções de temática gauchesca e estética sulina – em falta de termo mais apropriado. Formatado por poetas, cancionistas e agitadores culturais e sediado no CTG Sinuelo do Pago, em Uruguai, desde a primeira edição, o festival é o principal responsável pelo surgimento dos maiores clássicos do cancionário nativista – algumas das músicas apresentadas no palco da Califórnia são regravadas e reinterpretadas até hoje, com grande repercussão. Cabe, então, observar de que forma as mulheres marcaram presença na história deste evento. Um olhar desatento, que tenha em conta uma observação geral do repertório acumulado nas 38 edições, sugere uma participação pífia das mulheres. Especialmente se o observador posicionar-se na história recente do festival, que além dos problemas financeiros, também apresentou escasso elenco feminino entre intérpretes e compositores. Uma visão mais ampla, no entanto, revela que as



mulheres já freqüentaram com mais assiduidade as listas de canções selecionadas para as finais da disputa pela Calhandra de Ouro, o troféu até hoje mais cobiçado pelos músicos nativistas. Para se ter uma ideia, a primeira edição, em 1971, teve como vencedora a canção Reflexão, interpretada pelo Grupo de Artes Nativas Marupiaras, em cujo elenco estava a poderosa voz de contralto de Cecília Lopes. No mesmo disco, que reúne as 12 canções finalistas daquela edição inaugural, os Marupiaras executam outras quatro músicas. Na terceira edição, em 1973, a vencedora foi Canto de Morte de Gaudêncio Sete Luas, poema de Luiz Coronel musicado por Marco Aurélio Vasconcellos e interpretado por Rosa Maria, uma outra voz feminina presente nesta história. O trabalho que se pretende apresentar não espera esgotar o tema da presença feminina na Califórnia da Canção Nativa. Pelo contrário. A intenção é abrir os olhos e as discussões sobre a importância da mulher nos anos inaugurais do festival e nos seguintes, até os dias atuais e, dessa forma, observar o elemento feminino em um dos pilares da gauchesca – a canção.

Encenações do feminino a partir do canto das lavadeiras do Vale do Jequitinhonha

Suely Aparecida Dias (UFVJM); Fernanda Valim Côrtes Miguel (UFVJM)

Nesta comunicação, apresentaremos o percurso de busca por encenações do feminino a partir da canção “O Canto das Lavadeiras (Lenço Branco)”, do CD-Livro *Batukim Brasileiro* (2003), de autoria popular e coletiva interpretada pelas Lavadeiras de Almenara, grupo de mulheres cantoras do Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais. A investigação toma como referência a atitude terapêutica praticada pelo filósofo Ludwig Wittgenstein e reflexões mais atuais, no campo dos estudos literários e culturais, sobre a terapia de dispersão espectral. Partindo da letra da canção e de seus efeitos de sentido, percorremos os envios dessas encenações em busca das relações de gênero que as constituem e que estão dispersas no vasto arquivo cultural, não exclusivamente literário, compondo uma série de imagens surpreendentes. O grupo das Lavadeiras é guardião de antigas canções e responsável pelo resgate de memórias culturais regionais. Seus cânticos trazem temas como o trabalho, o lúdico, a louvação, e possuem influência africana, indígena e portuguesa. Eles revelam a mistura étnica que originou a rica música popular brasileira. Os repertórios foram criados a partir de canções de domínio público unido à atividade das lavadeiras, com adaptação e compilação do compositor Carlos Faria.

Voltar ao [SUMÁRIO](#)

SIMPÓSIO TEMÁTICO 25

A mulher na literatura infantil e juvenil: entre autoria e representações

No limiar das fronteiras: identidade e representação feminina em *A Bolsa Amarela*, de Lygia Bojunga

Ailton de Santana (UFBA); Isis Santos Costa (UEFS)

Lygia Bojunga Nunes é considerada hoje uma das mais importantes escritoras no cenário da Literatura Infantojuvenil. Este aspecto confirma-se no seu reconhecimento tanto nacional quanto internacional. A autora é detentora, dentre outros prêmios, de um dos mais importantes na categoria infantil, o Hans Christian Andersen. Considerada pela crítica literária e por seus leitores, de diferentes faixas etárias, como uma tecelã de histórias, das palavras e de vidas. Assim, Bojunga, consegue atrair grande público leitor e tematizar, via texto literário, assuntos que tratam de problemas sociais (pobreza, preconceito de gênero, violência urbana) quanto existenciais (morte, amor, paixão, solidão). Tendo em vista estes aspectos, o presente trabalho tem por objetivo analisar de que forma a obra infantojuvenil, *A Bolsa Amarela* (1976), faz vez de texto de autoria feminina, que na tentativa de fugir do crivo da ditadura militar, a autora utilizou-se de uma linguagem metafórica, à medida que, através da personagem principal da obra, a menina Raquel, denuncia as situações de opressão, preconceito e estigmatização social às quais as mulheres têm sido postas durante séculos. Para fundamentação teórica recorreu-se à crítica de Literatura Infantojuvenil, com os estudos propostos por Coelho (2000) e Souza (2006), bem como aos estudos sobre o surgimento e boom dos textos de autoria feminina (Xavier, 1991 e Zolin, 2009). Busca-se demonstrar, de que modo, Bojunga, nos propõe uma nova leitura acerca da condição feminina na sociedade patriarcal. A autora rompe com as velhas representações que põem a mulher num lugar subalterno,



desqualificado e sem voz – em detrimento aos papéis sociais, culturais e historicamente cristalizados entre o gênero masculino e feminino (Louro, 2010; Butler, 2010). Bojunga utiliza a criança-menina, Raquel, como a principal representante de uma nova condição e identidade feminina: a de mulher livre, que passa a buscar e deter voz e vez no âmago das nossas relações sociais.

A imaginação como um movimento de aceitação-resistência ao gendramento em *Dentes de Rato*, de Agustina Bessa-Luís

Samuel Frison (UFRGS)

A presente comunicação objetiva investigar a obra *Dentes de Rato*, da escritora portuguesa Agustina Bessa-Luís, como um espaço de problematização da representação do gendramento (Lauretis, 1994) na fase de transição da infância para a adolescência como forma de resistência à normatização imposta pelo adulto. Dessa maneira, utiliza uma metodologia crítica para analisar a construção da personagem central Lourença, apelidada pela família como Dentes de Rato devido ao seu hábito de perfurar maçãs com os dentes e devolvê-las ao prato como forma de inserção, desejo e crítica ao mundo que se desvela. A postura de Lourença diante dos modelos familiares representa o universo de aceitação-resignação do gênero pela criança em desenvolvimento. Isso se verifica pela relação da personagem com os três irmãos mais velhos e com a mãe que lhe impõem os rituais de uma educação normativa. A família, a escola e a igreja, espaços pelos quais Lourença circula, surgem assim como categorias discursivas que reproduzem o poder (Foucault, 2008), elementos de assimilação-confronto explorados pelo texto no processo de crescimento e construção da personagem. A fascinação e o medo de Lourença por seu tio Antônio, um navegador desterritorializado (Deleuze, 2004), servem de contraponto para pensar o movimento de adaptação-ruptura da caracterização do gênero na família e no texto infantil e juvenil. Dessa forma, pode-se apontar a narrativa de Bessa-Luís como uma obra importante para discutir a ruptura com as questões da normatividade na literatura feita para crianças e jovens (Zilberman, 1998), pois toma a postura de enunciação da personagem como resistência ao gendramento imposto por instituições que visam reproduzir a episteme (Foucault, 1996).

As faces femininas no imaginário infantil em *Histórias de Bruxa Boa*, de Lya Luft

Roberta dos Santos Piedras (PUC-GO); Deuzélia Rosa Gomes dos Santos (PUC-GO); Aline Socorro Andrade (PUC-GO);
Maria de Fátima Gonçalves Lima (PUC-GO)

O presente estudo propõe uma discussão sobre a abordagem do gênero feminino presente na obra *A volta da Bruxa Boa*, de Lya Luft, e a relação do devaneio e do imaginário infantil. Utilizando a Estética da Recepção e estudiosos como Langer e Coelho, a percepção social sobre o gênero feminino e os desdobramentos de suas faces está presente na obra. Assim, a partir da construção artística, a autora consegue dialogar com o público infantil a complexa questão do gênero feminino.

Literatura de autoria feminina na escola: uma proposta de leitura

Adriana Maria de Abreu Barbosa (UESB); Ana Sayonara Fagundes Britto Marcelo (UESB)

O projeto de pesquisa Memórias das Escritoras Brasileiras na Escola tem por corpus livros infantil e juvenil de cinco autoras brasileiras consagradas: Ana Maria Machado, Zelia Gattai, Silvia Orthof, Marina Colasanti e Adriana Falcão. Os livros selecionados foram objeto de estudo e análise na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia em parceria com docentes envolvidos no projeto em duas escolas públicas da cidade de Jequié – BA. O resultado dos estudos foi transformado em ações pedagógicas na sala de leitura/biblioteca das escolas parceiras. O resultado dessas intervenções pedagógicas visa à produção de livros digitais e a publicação de um catálogo contendo todas as etapas metodológicas da pesquisa, as ações pedagógicas realizadas, as dificuldades encontradas e as alternativas possíveis. Embasa nossa investigação, a Crítica Feminista (LAURETIS, 1994), que procura dar visibilidade ao trabalho empreendido por mulheres escritoras na cultura brasileira. Há interesse em investigar estéticas e temáticas abordadas pelas autoras em especial o trabalho com temas relacionados à identidade de gêneros, conceitos de feminilidade e masculinidade, relações de gênero



e sexualidades. Nossos principais objetivos são melhorar a qualidade de ensino e aprendizagem de literatura, dando visibilidade a escrita de autoria feminina em textos literários infantis e juvenis; discutir criticamente com embasamento da Crítica Feminista obra de autoras brasileiras com professores regentes das escolas públicas e alunos do curso de Letras; fomentar a leitura crítica das obras em análise entre docentes e futuros docentes como multiplicadores da leitura nas escolas, além de discutir o conceito de cânone e consequentemente o que deve ser lido na escola e estabelecer as relações possíveis entre leitura literária e produção de textos. Os resultados desse trabalho serão expostos com o objetivo de socializar experiências e saberes e incentivar novas iniciativas com objetivos semelhantes.

Kuami: educação feminista pela ancestralidade

Lúcia Tavares Leiro (UNEB)

Esta comunicação visa apresentar a narrativa Kuami, de Cidinha da Silva, 2011, Editora Nandyala (Belo Horizonte) para pensar como através da literatura infanto-juvenil dá-se uma educação feminista, tendo ainda a ancestralidade como dispositivo teórico afro-referenciado. Trata-se de uma leitura que destaca o papel importante da educação iorubana, preservada na Bahia pelos terreiros e pelas mulheres de candomblé, que engendram uma prática civilizatória secular, discutidas por algumas escritoras brasileiras, porém com menos incidência na literatura para crianças e adolescentes. Neste artigo, usarei o conceito de ancestralidade, de diáspora, de feminismo, de colonização e descolonização para desenvolver a minha reflexão, destacando o feminismo pela ancestralidade como tema literário e como epistemologia, isto é, categoria analítica para se pensar as práticas e vivências do povo de santo de uma perspectiva de gênero e de pensar em uma educação mais ampla voltada para o mundo, tendo a filosofia iorubana como referência. É por esta razão que as narrativas de Cidinha da Silva são importantes para a literatura brasileira infanto-juvenil, pela inovação e tratamento temático, e por responder a uma demanda reprimida de uma parcela da sociedade que ansiava por uma literatura que a representasse e valorizasse aspectos humanísticos tão importantes para a formação e fortalecimento de qualquer projeto civilizatório.

Marina Colasanti e as narrativas breves

Valeria Cristina de Abreu Vale Caetano (Colégio Pedro II – Rio de Janeiro)

Voltar ao [SUMÁRIO](#)

SIMPÓSIO TEMÁTICO 26

A literatura infantil e juvenil e demais produtos culturais para infância e juventude e as relações de gênero

Desafios da literatura infantil e juvenil no século XXI

Ângela da Rocha Rolla (ULBRA); Maria Alice da Silva Braga (ULBRA)

Este estudo analisa leitores e mediadores de literatura infantil e juvenil contemporâneos em suas práticas de leitura, manifestadas em gestos, espaços e hábitos cotidianos que constituem a sua relação com o livro como um produto cultural. O aporte teórico é a sociologia da leitura, partindo especialmente de estudos do pesquisador francês Roger Chartier sobre leitura, concebendo-a como um espaço próprio de apropriação jamais redutível somente ao que é lido. Interrogar os textos não somente como textos transmite informações sobre o seu modo de usar: um livro não chega jamais ao seu leitor sem marcas e um dos papéis da sociologia da leitura é tentar descobrir o sistema de classificação implícita que os leitores põem em ação ao inserir determinada obra em seu circuito ou não. A análise desenvolvida neste artigo parte da premissa de que as práticas culturais são historicamente variáveis, fazendo um breve recorte sobre situações de leitura vivenciadas por crianças e jovens da atualidade. O estudo abrange o universo literário dos autores Anna Claudia Ramos, Paula Pimenta, Hermes Bernardi Jr., Henrique Schneider, Rafael Moreira e Jeff Kinney. O resultado aponta para a transformação e subversão das instâncias mediadoras (tradicionalmente escritores, ilustradores, editores,



pais e professores) com a invasão de mediações incontroláveis e impalpáveis (especialmente as virtuais) gerando uma aproximação (etária e cultural) entre autor/leitor antes impensável. As afinidades entre as “disposições” do autor e as “disposições” do leitor e a revolução na cadeia de produção do livro parecem mostrar uma tendência a naturalizar temas como a sexualidade, o suicídio, a separação, o amor e o humor, em obras para crianças e jovens.

Releituras do feminino: a (re)construção da mulher na obra de Marina Colasanti

Diana Navas (PUCSP)

Se, durante muito tempo, na literatura infantil e juvenil, a mulher foi representada como ser subjugado por nossa sociedade patriarcal e compelida a desempenhar papéis estabelecidos por padrões tradicionais, não é essa a figura que encontramos na obra de Marina Colasanti. Ao lado de autoras como Lygia Bojunga, Colasanti propõe, por meio da retomada dos contos de fada – gênero em que tipicamente o feminino ocupa o lugar de submissão e repouso do herói – o repensar do papel assumido pela mulher na sociedade contemporânea. O presente estudo objetiva demonstrar como, por meio da utilização da paródia, em *A moça tecelã*, e do pastiche, em *A mão na massa*, Marina Colasanti, partindo dos contos de fada, promove deles uma releitura, atribuindo à mulher o papel de heroína e autora de sua própria história. Almeja-se essencialmente discutir como por meio de um recurso fortemente explorado na atual literatura infantil e juvenil – a intertextualidade – a autora, aproveitando-se do repertório de que dispõem seus leitores acerca dos contos de fada, permite que a condição feminina seja repensada no contexto da contemporaneidade.

O abraço: representação de gênero na literatura infantojuvenil de Lygia Bojunga

Carmen Regina dos Reis Andrade (SEMEC / SEDUC / UESPI)

O presente trabalho versa sobre as relações de gênero em consonância com o contexto de representação identitária na estrutura da produção literária infantojuvenil “*O abraço*” de Lygia Bojunga Nunes. Essa obra é alegoria do emocional que marca desconstrução. Correlaciona-se com a construção individual do humano e se imbrica à ressignificação do sentido do gênero, plurissignificando papéis no âmbito social. Tem-se como objetivo principal deste artigo análise de vieses relativos à discussão sobre gênero na leitura da obra “*O abraço*”. Esse livro exemplifica conotação da abstração do pensamento que corrobora para concretização de estrutura social e pessoal. A repercussão metafórica da violência, emocional e física, propõe literatura fantástica e inovadora, que recria o real e o torna elemento do figurado. Em “*O abraço*” o vazio, o silêncio e a natureza onírica proporcionam discurso. E o debate sobre as relações de gênero originam-se no real, figuram-se no imaginário literário e, a partir de nuances, do mágico ao complexo, visam à transformação do real. A partir de argumentos envolvendo a temática do estudo do gênero, observam-se bases do desenvolvimento humano. Este trabalho faz explanação dialética conforme teoria de Bettelheim(1980), Bojunga (2010), Branco (1991), Foucault (1988), Louro (2014), Schimidt (1997), Showalter (1993), Zilberman (1987), Zinani (2006).

Em diálogo com personagens da literatura infantil: a constituição da identidade docente feminina

Marguit Carmem Goldmeyer (ISEI)

A educação clama por ouvir a voz dos profissionais que, no seu cotidiano, vivem a educação. Estudantes de Licenciaturas, futuras professoras, têm muito a dizer a partir do que observam, ouvem e sentem no convívio com crianças e adolescentes. O grande desafio é levar as professoras a registrarem suas percepções e reflexões a cerca da sua práxis e de, futuramente, as socializarem. Partindo dessa necessidade, surgiu o projeto “Encantos Literários no Universo Infantil”, na disciplina de Literatura Infantil do curso de Licenciatura em Pedagogia. Em diálogo constante, com as personagens dos livros de literatura infantil, apreciados e estudados em aula, as estudantes teceram um texto coletivo no blog uma história com início, meio e que durante todo semestre teve continuidade. Cada autora, colocando-se no papel de uma personagem, narra o conteúdo trabalhado na aula anterior, complementado com as percepções pessoais. No início da aula seguinte, apresentava a sua parte da obra conjunta para as colegas que posicionavam-se criticamente diante da produção tecida. O momento de socialização encerrava com o posicionamento da estudante, autora do dia, em relação à pergunta “Como a personagem de Literatura Infantil escolhida por ti, te inspira para a tua prática cotidiana



docente?" Argumentos eram apresentados e discutidos por todas as acadêmicas. Promoveu-se, com essa metodologia, a participação ativa das estudantes e percebeu-se muito brilho nos olhos de quem viu suas palavras provocarem encantos e debates e, talvez o mais importante: a descoberta das personagens da literatura infantil como aliadas na resolução de problemas da vida das acadêmicas. O espaço do diálogo era uma oportunidade para as estudantes exercitarem diferentes olhares sobre a sua prática e de afirmarem a sua identidade feminina como docentes através da identificação com as personagens. Trocas que instigavam as protagonistas a se perguntarem continuamente: Quem sou eu? Que imagem de professora pretendo ver no meu espelho e como as personagens da literatura infantil podem me ajudar no meu desenvolvimento? Pelos resultados significativos atingidos, pensa-se que é uma experiência que deve ser compartilhada no mundo acadêmico para que mais estudantes reflitam sobre o seu papel de docentes femininas e da ajuda na constituição da identidade, que pode ser encontrada em personagens da literatura infantil e outras.

Afogando-se no mar revolto da violência de gênero: condição feminina, estupro e seus desdobramentos na narrativa juvenil *Nadando contra a Morte*, de Lourenço Cazarré

Silvana Augusta Barbosa Carrijo (UFG)

A literatura juvenil constitui campo epistemológico a oferecer uma pletora de possibilidades investigativas. Entre tais possibilidades, situam-se pesquisas e estudos que objetivam examinar como se representam, neste subsistema literário, questões caras aos Estudos Culturais de Gênero, tais como a condição feminina, a sexualidade e as relações de poder entre os gêneros, das quais decorre, não raras vezes, condutas pautadas na violência, entre outras questões. O presente trabalho se insere no rol das investigações supramencionadas, uma vez que nele pretendemos examinar, numa perspectiva interdisciplinar, como se articula, na narrativa juvenil *Nadando contra a morte* (1998), do escritor gaúcho Lourenço Cazarré, a violência de gênero sofrida pela protagonista Maria do Amparo, adolescente de 14 anos, estuprada pelo patrão, com desdobramento de gravidez indesejada. A narrativa, composta numa perspectiva polifônica a contemplar a voz de personagens várias, expressa a qualidade de produções literárias que se debruçam sobre o drama do assujeitamento feminino e conflitos que dele decorrem, tais como o estupro, a gravidez e a tentativa de suicídio por parte da vítima, sem, contudo, resvalarem-se para um discurso meramente utilitário, posto que hauridas da exploração das potencialidades expressivas da linguagem literária.

O preconceito racial e de gênero nos brinquedos infantis: uma leitura do conto "A boneca", de Cuti

Rubenil da Silva Oliveira (UESPI); Elio Ferreira de Sousa (UESPI)

O presente artigo pretendeu analisar o preconceito velado contido nos brinquedos a partir do conto "A boneca", de Cuti. Para isso, perguntou-se: Como o preconceito racial e de gênero é apresentado no conto "A boneca"? Para responder a esse questionamento foi necessária à leitura e análise do conto selecionado, além da leitura de referenciais teóricos como Brookshaw (1983), Bhabha (1998), Fanon (2008). A narrativa de Cuti expressa a dificuldade que o pai tem de encontrar uma boneca negra para dar de presente à filha no Natal, essa dificuldade é demonstrativa do preconceito racial cultivado na sociedade brasileira desde os produtos consumidos na infância. Há muito se proclamou no Brasil que vivemos uma democracia racial, o que é apenas um mito que camufla a desigualdade racial existente no cotidiano social, uma vez que até mesmo os brinquedos infantis carregam os estereótipos de que o branco é bonito, belo e o negro é a representação do feio, daquilo que deve ser esquecido. Por outro lado, observou-se que por ser uma menina, o pai procura por uma boneca e não outro brinquedo, fato que demonstra a preservação do estereótipo de gênero no qual o brinquedo infantil adequado às meninas é sempre a boneca. Portanto, o preconceito racial é expresso de modo contundente no conto, enquanto o de gênero é metaforizado através do estereótipo de que meninas brincam de boneca.

Esperança Garcia: a voz da mulher negra em busca de libertação

Eliane Santana Dias Debus (UFSC); Maria Laura Pozzobon Spengler (UFSC)

Qual o poder da voz negra feminina em tempos de escravização? Seria possível uma voz negra feminina se rebelar em pleno século XVIII diante de tanta subjugação e humilhação? Esta comunicação oral traz a leitura e análise do livro



infantil *Quando a escrava Esperança Garcia escreveu uma carta* (2012), de Sônia Rosa e ilustrado por Luciana J. Hees, buscando evidenciar na voz dessa mulher o eco de outras vozes de mulheres negras escravizadas e como a palavra escrita (por meio de uma carta-petição em 1770) possibilitou a denúncia de maus tratos aos quais os negros e, em particular, as mulheres eram submetidas. Por outro lado, focalizaremos a importância do livro informativo como fonte de acesso a dados históricos, distinguindo o livro infantil do livro de literatura infantil, evidenciando as características que diferenciam o gênero informativo do literário. Também analisaremos as ilustrações que acompanham, expandem e amplificam o eco do texto escrito, ambos carregados de significados. Acredita-se que livros como este apresentam ao leitor, criança contemporânea, outra representação do papel da mulher negra no período escravocrata.

Valente: uma análise da transgressão feminina figurada por Merida

Fernanda Lázara de Oliveira Santos (UFG); Silvana Augusta Barbosa Carrijo (UFG)

Pretendemos realizar neste trabalho uma análise de Merida, personagem da animação *Valente* (2012), dos estúdios Disney Pixar, de modo a refletir teoricamente sobre a concepção de gênero como uma construção social e cultural interligada à sexualidade. Nosso incentivo parte da evidência de que, desde os primeiros anos de vida, o indivíduo aprende a ser menino ou menina através dos variados dispositivos de socialização com os quais tem contato. Temos, na atualidade, uma crescente produção midiática voltada para o público infantil e juvenil, destacando-se o cinema, que opera com a imaginação, sentimentos e expectativas deste público. Pensando nisso, pretendemos observar, na obra mencionada, as formas pelas quais as representações de gênero e sexualidade podem estar operando para desconstruir, confirmar ou subverter estereótipos fundamentados pela estabilidade de papéis sociais atribuídos à masculinidade e feminilidade. Assim, intencionamos investigar em *Valente* pontos de resistência às relações de poder, resistências estas que despertam o questionamento sobre as desigualdades nas relações de gênero e possibilitam desencadear transformações acerca do empoderamento feminino. Destarte, a relevância de nossa análise consiste no fato de a personagem Merida representar a transgressão do papel social atribuído à mulher numa sociedade patriarcal. Como aporte teórico de nossas discussões, nos valeremos das observações de Guacira Lopes Louro, em sua obra *Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós estruturalista* (1997); Maria Xosé Agra Romero, em *Corpo de Mulher: discurso, poder, cultura* (1997); Judith Butler, em *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade* (2003) como principais norteadores de nossa análise.

Desconstruindo a Amélia - nem tão branca, nem tão pura: em busca de uma análise acerca de algumas adaptações de Branca de Neve

João Paulo Mendes França (UNEB); Maicon Novaes Lima (UNEB)

O presente trabalho visa analisar algumas adaptações midiáticas da obra Branca de Neve juntamente com o papel desempenhado pela mulher na sociedade com o decorrer dos tempos. Para tal utilizaremos de pressupostos teóricos que busquem intermediar esse diálogo. A presença dos contos de fadas em nosso cotidiano é axiomática, fazem parte do imaginário coletivo, são histórias que se perenizaram com o decorrer dos tempos e que estão fixadas na reminiscência de cada sujeito. Quando uma novela, por exemplo, faz uso de um desses componentes não há necessidade alguma de explicá-los, pois os mesmos estão com raízes fincadas devido à enorme disseminação por meio de desenhos, filmes ou demais produtos apresentados à sociedade. Frisamos que isso também denota como os meios de comunicação em massa apoderam-se dos contos de fadas para que assim haja uma conversão em entretenimento, com determinada observação: além de uma apropriação existe alteração e ressignificação. A história de Branca de Neve foi contada durante séculos via tradição oral e hoje tem um enorme acervo de produções audiovisuais distintas, cada uma delas adaptada conforme o contexto sócio-histórico e cultural da época. Branca de Neve é exemplo para compreender, a partir de adaptações, sejam elas audiovisuais ou não, a evolução do papel da mulher na sociedade, deixando de ser submissas e à espera do amor e da felicidade e se transformando na mulher de personalidade forte, algumas vezes traduzida como guerreira, que vai à luta atrás de sua própria felicidade. As Brancas retratadas aqui traduzem com veemência a trajetória da mulher em relação à personalidade, relacionamentos, sentimentos e especialmente o papel que passou a exercer nas últimas décadas na sociedade.



A representação feminina na narrativa verbovisual de André Neves

Diógenes Buenos Aires de Carvalho (UESPI)

A produção literária para crianças e jovens caracteriza-se, em especial, na contemporaneidade, não somente com a presença do elemento verbal para constituir o seu valor estético, uma vez que a imagem compõe igualmente essa produção. Ao estar inserida nessa composição artística a imagem não se apresenta apenas como um adorno ou enfeite para tornar o livro mais colorido com fins de chamar atenção do leitor infanto-juvenil, visto que sua inserção objetiva estabelecer um diálogo com o verbal compondo assim um todo, objetivando ampliar os efeitos de sentido a partir do dialogismo entre texto e imagem. A partir dessa perspectiva, apresentaremos uma discussão em torno da representação feminina na obra verbovisual “Margarida”, de André Neves, que através da fábula traz à tona questões de gênero na medida em que a vaca Margarida, diante dos planos traçados, a priori, para sua vida pessoal, rompe com as imposições e busca outras alternativas, tendo como fundamentação os pressupostos de Camargo (1995), Nikolajeva & Scott (2011), e Linden (2011).

Carmilla, Lucy e Bella: a representação da mulher na literatura vampiresca

Thalita da Silva Coelho (UFSC / CNPq); Tânia Regina Oliveira Ramos (UFSC)

Este trabalho tem como objetivo analisar a construção de personagens femininas na literatura juvenil, em especial a personagem Bella, construída por Stephenie Meyer para o best seller Crepúsculo. Há um quê de abusivo e de manutenção do status quo e do patriarcado nas entrelinhas da obra. Desde o início a literatura vampiresca retrata a mulher vampira como demoníaca: uma mulher independente, com contornos feministas e dona da sua sexualidade. Essas características fazem dela um demônio, como podemos notar em obras como Carmilla, de Sheridan Le Fanu e Drácula, de Bram Stoker. A mulher de hoje da literatura juvenil com temática vampiresca é diferente das outras? Em que Bella difere de Carmilla e de Lucy? Um trabalho que foca na desconstrução de clichês femininos e de seus usos na cultura como arma para a manutenção do patriarcado e das relações de poder, tentando observar sempre além da linha romântica traçada pelo senso comum.

Feminino e feminismos entre quadrinhos

Fabrizio Gerald Lima (UFPEL); Nádia da Cruz Senna (UFPEL)

O relato contempla a pesquisa sobre Quadrinhos e Gênero desenvolvida junto ao grupo Caixa de Pandora, do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas. A intenção foi construir um panorama histórico com foco nas personagens femininas do universo dos quadrinhos, para problematizar aspectos evolutivos na concepção, design e no discurso narrativo. De posse do levantamento bibliográfico e documental, classificamos o acervo de modo a contemplar a linha de tempo com obras oriundas dos principais centros produtores, segundo a diversidade de papéis femininos desempenhados: mocinhas, vilãs, super-heroínas, musas sensuais, divas alternativas, meninas poderosas, heroínas e anti-heroínas pós-modernas. Optamos por uma abordagem interdisciplinar, contando com aportes das artes e dos quadrinhos, dos estudos de gênero e da cultura visual. Interessa situar a emancipação feminina nas HQs, assinalando as primeiras marcas afinadas com o comportamento das mulheres e suas lutas ao longo do século XX, até alcançar inovações presentes nos perfis contemporâneos conforme comparecem nas tiras, *graphic novels* e mangás. A análise empreendida considerou identidades, subjetividades e protagonismo das personagens detectando atualizações e tentativas de incorporar comportamentos diferenciados que rompem com estereótipos (visuais e discursivos) frequentes nos quadrinhos. O painel construído ressalta a abertura dessa “tecnologia de gênero” (designação de Teresa de Lauretis) em dar a ver representações mais fluídas, plurais e transgressoras.

Enrolados: uma reconfiguração de gênero

Alba Valéria Durães Milagres (CEFET/MG)

No longa de animação *Enrolados*, produzido pelo Estúdio Walt Disney, em 2010, há uma adaptação do clássico infantil “Rapunzel”. Neste conto de fada, a fragilidade feminina condiz com o momento histórico do papel destinado à mulher:



uma princesa encastelada, à espera do seu príncipe salvador. As reflexões nas últimas décadas acerca da reconfiguração dos papéis sociais da mulher e, conseqüentemente, do homem têm sido, cada vez mais, importantes. Através deste artigo, pretende-se verificar como o filme representa as questões de gênero, neste início de século XXI. Por ser destinada a crianças e jovens, essa produção pode promover significativa referência de remodelação de comportamento nas relações dos papéis masculino e feminino. O objetivo maior desta análise é verificar como ocorrem os perfis de princesa, Rapunzel, e de príncipe, Flynn, e como eles se relacionam. Dessa forma, seria possível delinear como poderiam ser as influências nos comportamentos dos consumidores desse bem cultural, uma vez que tais produções têm poder de convencimento.

Rompendo paradigmas: o universo lúdico da infância em Partimpim

Daniela Pedreira Aragão (UESPI)

Este trabalho objetiva fazer um percurso pelo heterônimo "Partimpim", que contempla a vertente dedicada ao universo infantil na produção da cantora e compositora Adriana Calcanhotto. Por meio da criação dessa espécie de "máscara"-disfarce, pretende-se evidenciar como a artista produz uma criação inventiva, que transcende o espaço circunscrito das tradicionais canções dedicadas às crianças. Partimpim é uma criação absolutamente independente de Calcanhotto em todos os aspectos: figurino, cenário, concepção sonora. Todo o universo estético, sonoro e visual são concebidos numa outra perspectiva, que visa aguçar prioritariamente a recepção das crianças. Sobressai um forte apelo ao caráter lúdico, divertido da criação, que se efetua por meio da busca de uma linguagem artística que prima pela idéia de "espontaneidade". Partimpim resgata a espontaneidade da criação infantil, sem contudo cair no pieguismo e em estratégias aliciadoras que subestimam a capacidade das crianças, transformando-as em objetos reprodutores de comportamentos adultos. Por meio da análise de algumas composições do repertório de Partimpim a exemplo de "Na massa" e "Ciranda da bailarina" demonstra-se o quanto este trabalho pode ser compreendido como contribuidor, numa perspectiva que alia os âmbitos poético e musical trazendo uma linguagem contemporânea.

Voltar ao [SUMÁRIO](#)

SIMPÓSIO TEMÁTICO 27

Poder, raça, gênero e sexualidade: novos procedimentos de representação do feminino na poesia de Língua Portuguesa

Traços de Enfrentamento do Racismo e Sexismo na Poética de Mel Adún e Livia Natália

Ana Rita Santiago (UFRB)

A poética das escritoras Mel Adún e Livia Natália é marcada por vozes negras femininas que se auto (re) apresentam empoderadas ou em busca de alteridade e emancipação e, a um só tempo, comprometidas com invenções de perfis femininos negros. Com seus versos, essas escritoras exaltam estéticas negras femininas e (re) inscrevem histórias individuais e coletivas. Desse modo, o texto indica, apoiado em estudos pós-estruturalistas, de gênero e culturais, estratégias poéticas que tensionam, deslocam e revertem papéis atribuídos, práticas de subjugação e de subalternidades de mulheres negras. Destaca ainda formas de subjetivação, no tocante às relações de gênero e raça, presentes na escrita de Mel Adún e Livia Natália, dando ênfase, através da linguagem poética, às estratégias criativas de enfrentamento de práticas racistas e sexistas.

Identidade e Poesia Feminina dos Cadernos Negros

Algemira de Macêdo Mendes (UESPI); Maria do Desterro da Silva Oliveira (UESPI)

Sabe-se que os Cadernos Negros é um periódico literário, publicado desde 1978, este visa fortalecer a luta participativa de homens e mulheres negras, a fim de que tenham sua dignidade e direitos respeitados. Neste trabalho, intenciona-se discutir sobre o fazer poético das escritoras dos Cadernos Negros, uma vez que estas buscam através da poesia dá voz ao



eu feminino e com isso romper com a subalternidade, os estereótipos e a invisibilidade das mulheres negras. Em pleno século XXI ainda nota-se que a mulher negra vivencia uma condição de subserviência quer seja pelo fato de ser mulher e negra ou pela falta de oportunidades, resquícios da colonização, da qual pôs a etnia negra na marginalização. As poetisas do periódico mencionado evidenciam entre outras temáticas legado africano na literatura, o reconhecimento identitário, além de destacar a participação de heroínas negras nas lutas pela libertação. Com vistas à análise da poesia feminina, selecionou-se para este trabalho as escritoras Conceição Evaristo, Cristiane Sobral, Esmeralda Ribeiro, Geni Guimarães e Sônia de Fátima. Para o desenvolvimento do estudo, utilizar-se-á os teóricos Hall (2005), Fanon (2008) Brookshaw (1983), Perrot (2010), Pacheco (2013) Giacomini (1988), Santiago (2012), Moreira; Schneider (2005), Bhabha (2013) entre outros.

O épico em Ana Luísa Amaral e Luiza Neto Jorge

Rhea Sílvia Willmer (UFMG)

Já em *O Segundo sexo*, Simone de Beauvoir afirma que apenas o homem pode se apresentar como neutro, enquanto a feminilidade nunca pode ser apagada. Assim, o homem é capaz de dominar os discursos masculino e “neutro”, de modo que é possível ao homem apagar sua masculinidade e neutralizar o seu discurso, enquanto a mulher jamais consegue apagar sua sexualidade e apresentar-se como “neutro”. Ana Luísa Amaral tem assumidamente uma expressão artística marcada no feminino, dialogando com a tradição poética lusitana, quase exclusivamente masculina até o século XX. Consideramos relevante na constituição de uma poética feminina portuguesa a presença e o retorno ao épico, especialmente ao épico breve, na qual o herói tradicional é substituído pelo indivíduo comum (a personagem principal deixa de ser o herói idealizado e passa a ser alguém mediano, não o herói que vence sozinho uma guerra) e a linguagem é menos solene, mais adequada à temática mediana. Na poesia de Ana Luísa Amaral, o retorno à épica breve está presente na medida em que seus poemas tratam, com linguagem que se aproxima da linguagem do cotidiano, de uma temática mediana, aparentemente simples, mas que está em busca de descrever e expressar inquietações normalmente atribuídas às mulheres, poemas em que acontecimentos banais suscitam a viagem espiritual em que o ponto de partida e o ponto de chegada se situam na alma “do chefe”, que conduz apenas a si mesmo(a). É incontornável aqui referirmo-nos ao poema épico *Dezanove Recantos*, de Luiza Neto Jorge, “obra que, recordando uma tradição que parte das epopeias clássicas e passa por *Os Lusíadas* e pela *Mensagem*, revê esta linhagem patriarcal, desviando-a, e conduzindo-a no sentido de uma ‘epopeia sumária’ que a interpela e desequilibra” (MARTELO, 2006) e pretendemos, no presente trabalho, observar de que maneira as duas autoras dialogam com o épico.

Situação da poesia lésbica em língua portuguesa – Breve história literária de mulheres

Tatiana Pequeno (UFF)

A presente comunicação tenciona cartografar e problematizar algumas das escritoras que buscam, em seus trabalhos poéticos, colocar em pauta o desejo de mulheres por outras mulheres. É de nosso interesse verificar em que medida a locução de uma poesia lésbica admite não apenas uma pulsão desejosa mas assume riscos, enfrenta poderes e desloca as hegemonias da tradição que, confrontada, reexamina e reelabora outros espaços para fora da normatividade (da heteronormatividade, melhor dizendo). Se por um lado será importante apontar a reduplicação de uma condição marginal, na medida em que a sexualidade não-usual é escrita através de uma lírica melancólica, é possível também verificar que as estratégias de humor também serão encontradas, uma vez que tais modos de condução poética parecem ser utilizados como subversão de uma gramática afetiva. Serão utilizados como aportes teóricos as obras *Problemas de Gênero – Feminismo e subversão da identidade*, de Judith Butler (2012), *Um corpo estranho*, de Guacira Lopes Louro (2008), bem como outras obras fundamentais da teoria *queer* que puderem discutir a temática lésbica e suas representações na poesia de língua portuguesa.

A presença feminina na obra *Memorial dos milagres de Cristo*, de Soror Maria de Mesquita Pimentel

Fábio Mário da Silva (USP / FAPESP)

Soror Maria de Mesquita Pimentel (1581-1661), professa no mosteiro de São Bento de Cástris na cidade de Évora



CADERNO DE RESUMOS

ISSN: 2238-0787

(Portugal), é a primeira mulher a escrever e publicar uma epopeia em língua portuguesa. Inicialmente, publicou *Memorial da Infância de Cristo e Triunfo do divino Amor* em 1639 e deixou no prelo, em manuscritos, o *Memorial dos Milagres de Cristo* e *Memorial da Paixão de Cristo*, obras essas objeto de estudo do meu pós-doutorado pela Universidade de São Paulo. Nosso objetivo neste trabalho é mostrar como e porque é notória a presença de personagens femininas na segunda parte desta trilogia épica, o *Memorial dos Milagres*, avaliando porque a autora utiliza não apenas personagens bíblicas e históricas, como Maria Madalena e a Virgem Maria, mas também figuras da mitologia greco-romana para melhor compor o seu canto épico. As personagens femininas comparecem na obra não apenas como um elemento figurativo, mas como componente essencial para o desenvolvimento da narrativa e das ações da personagem principal, Jesus Cristo.

“Não sou uma, nem duas” – A representação do feminino em *O caos no corpo*, de Carmem Vasconcelos Klebia Seliane Pereira de Souza (ETSC / UFCG)

A literatura norte-rio-grandense tem apresentado uma produção de poesia significativa desde os primórdios de sua existência. Nomes como Auta de Sousa e Zila Mamede fazem parte de uma base na qual tem se erguido a literatura de autoria feminina no estado. A primeira ainda no período romântico e a segunda no modernismo. Quando se fala em poesia, o Rio Grande do Norte, na atualidade, conta com muitos nomes que se dedicam a essa forma literária. Dentre as várias obras potiguares, a presente comunicação se dedicará ao *Caos no corpo* (2010), obra de Carmen Vasconcelos, poetisa potiguar, nascida em Angicos e autora de outros dois livros: *Chuva Ácida* (2000) e *Destempo* (2002). No livro, analisaremos a representação do feminino. Tais representações tratam desde as partes de uma casa, como “O jardim”, “A varanda”, “O quarto dos livros”, “A sala”, “A copa”, “A cozinha”; às partes íntimas femininas, O elogio ao clitóris, “O deus das pequenas coisas”. Essa investigação é do tipo bibliográfica, e tem como referências conceitos da teoria literária, bem como estudos acerca do feminino (DEL PRIORI, 2011,2009; SEIXAS, 1998; LOURO, 2012).

Voltar ao [SUMÁRIO](#)

SIMPÓSIO TEMÁTICO 28

A Literatura Contemporânea Escrita por Mulheres e as Fronteiras do Humano

Ficção científica feminista brasileira: exercício de um novo imaginário literário?

Claudia Renata Duarte (UFSC)

Apresenta-se aqui uma reflexão sobre a literatura de ficção científica feminista produzida no Brasil. Duas questões são abordadas: a primeira discute de maneira geral o modo pelo qual a literatura de ficção científica é classificada; a segunda apresenta uma abordagem crítica dessa literatura que se apresenta como ficção científica feminista sob a perspectiva da filosofia pós-humanista e feminista e da teoria do entre-lugar de Silviano Santiago, que fornecem instrumentos para uma reflexão sobre o pensamento da desconstrução do humanismo e sobre o descolonial e suas projeções imaginárias e estéticas. Esta análise se baseia no livro *Universo Desconstruído*, organizado pela escritora Lady Sybilla, publicado como primeira antologia de ficção científica feminista brasileira. Desta antologia serão abordados os contos: “Codinome Electra”, de Lady Sybilla e “Eu incubadora”, de Aline Valek. No primeiro conto, três personagens femininas vivem num futuro utópico, no qual as mulheres têm posições de poder, e todos convivem em igualdade, independente de raça, cor e orientação sexual. O segundo, ao contrário, apresenta um futuro distópico no qual após um desastre que dizimou grande parte da população, a humanidade formou uma sociedade catastrófica. Nesse cenário, numa extrapolação prognóstica dos atuais conservadorismos sociais e políticos, se configura uma realidade opressora para o sexo feminino. Percebe-se nesses textos uma tentativa de desconstrução dos papéis de gênero tradicionais da ficção científica. As autoras exploram as possibilidades dessa literatura fabulando futuros livres da discriminação e do preconceito. No entanto, seus textos apresentam vários limites temáticos e estéticos. Eles são, em larga medida, uma transposição em língua portuguesa de estereótipos do cinema *hollywoodiano* de ficção científica.



CADERNO DE RESUMOS

ISSN: 2238-0787

Entre corpos, palavras e hormônios: “Monsieur Vênus” e “Orlando” e seus corpos subversivos

Ana Júlia Poletto (UCS)

Utilizando-nos de duas obras, “Orlando” (1928) de Virgínia Woolf, e “Monsieur Vênus” (1889), de Rachilde, a possibilidade de diálogo com os conceitos de Judith Butler em seu “Problemas de Gênero” e “Testo Junkie” de Beatriz Preciado, duas pensadoras que questionam a construção do gênero e do próprio corpo. Entre corpos literários, tecnológicos ou farmacológicos, a literatura nos fornece material para discutir as novas concepções de corpo, gênero e as relações humanas que advém dessas fronteiras (corpo) que possuem não apenas lugar de inscrição ou dimensões psicológicas (ou farmacológicas), mas acima de tudo, corpos como “lugares de existência” (NANCY) até o limite preconizado por David Le Breton, de uma inexistência corporal, um “adeus ao corpo”. Nesse emaranhado de conceitos a literatura nos traz “Orlando”, um “ele – porque não havia dúvida a respeito do seu sexo” (WOOLF, 1978, p. 7), e Mademoiselle de Vénérande que inverte os papéis sexuais, um “Senhor” Vênus que, utilizando do humor, questiona os papéis de homens e mulheres na intrincada relação amorosa.

Corpos Híbridos ou Pós-Humanos, Agência e Distopia Crítica em Xenogenesis ou Lilith’s Brood

Marcelo Spitzner (UFSC / CAPES)

Embora a romancista de ficção científica Octavia Butler afirme evitar “toda a teoria crítica”, as questões em jogo na sua trilogia *Xenogenesis/Lilith’s Brood* são essencialmente os da crítica pós-moderna do sujeito humanista: a crítica do indivíduo como um ser auto-definido, racional de auto determinação e da identidade individual como a fonte da agência. Nestes romances, a humanidade está confrontada com uma escolha impossível: ou extinção, ou a transformação através de um “comércio” genético com uma espécie alien, a Oankali. A distopia crítica de Butler sugere um recurso para a esperança através da evolução do ser humano em direção a um corpo pós-humano, uma subjetividade pós-humana, uma forma pós-humana de agência. A trilogia de Butler funciona através de uma série de perspectivas sobre pós-humanidade, com a consciência central de cada volume a ser cada vez mais distanciada do humano. As representações da sexualidade, epistemologia, comunicação e política Oankali sugerem que a fluidez e a abertura do corpo pós-humano podem permitir novas formas de subjetividade e de agência, fundamentadas em relação ao invés de separação. No seu conjunto, apesar de contradições no trabalho de Butler, expor sua própria ambivalência sobre esse futuro, é a alternativa pós-humana que fornece a imagem mais convincente da esperança. Neste trabalho, portanto, proponho-me a explorar essas contradições e possibilidades, que instauram um horizonte crítico tanto a respeito do humano, sua identidade e agência, como sobre o próprio entendimento de distopia e de crítica.

Maternidade, corpo e ciência em *Três Mulheres*, de Sylvia Plath

Mariana Chaves Petersen (UFRGS)

O poema dramático *Três mulheres*, escrito por Sylvia Plath em 1962, traz representadas as vozes de três mulheres grávidas, que passam por experiências diferentes em uma maternidade hospitalar. O objetivo deste trabalho é estudar as possíveis relações entre *Três mulheres*, dualismo natureza/cultura e maternidade. Proponho que o poema apresenta um caráter (proto)ecofeminista, uma vez que conecta as mulheres a um imaginário natural, em oposição à ala hospitalar e ao conhecimento científico, tidos como masculinos. Também sugiro que a representação da maternidade no poema possibilita uma mediação entre natureza e cultura. Para isso, começo fazendo uma revisão teórica do dualismo natureza/cultura, da apropriação de corpos femininos pelas tecnologias reprodutivas, e da maternidade, de acordo com discussões propostas por algumas teóricas feministas como Ruth Berman, Rosi Braidotti, Simone de Beauvoir e Ynestra King. Por fim, apresento uma leitura aprofundada de *Três mulheres*. Concluo que a oposição, presente no poema, entre as mulheres grávidas e a ala, tida como *locus* de poder masculino, pode reforçar, de alguma forma, os dualismos natureza/cultura, mente/corpo e sujeito/objeto, mas isso é feito com objetivos políticos, para criticar a ideologia do hospital. Quanto à representação maternal, minha conclusão é que *Três mulheres* está além do dualismo natureza/cultura, pois a maternidade aparece como natural e social; como uma parte complexa tanto da natureza das mulheres quanto de suas vidas sociais.



Ursula K Le Guin e uma reflexão sobre formas de viver bem no Antropoceno

Melina Pereira Savi (UFSC)

Narrativas, Donna Haraway vem argumentando em suas falas recentes e Joanna Zylynska argumenta em *Minimal Ethics for the Anthropocene* (2014), são ferramentas importantes para aqueles que estão engajados no debate sobre o Antropoceno, a nova época geológica em que a humanidade se encontra. Esse momento, Zylynska sugere, nos convida a repensar a nossa posição no mundo, e histórias são centrais para o desenvolvimento de uma ética mínima, que ela traduz como um processo contínuo de pensar o que significa viver bem em um planeta onde humanos não são centrais, mas contingenciais, uma coincidência possivelmente transitória de um processo imenso e de duração incompreensível. Para ela, histórias têm uma natureza performativa, já que encenam e não apenas descrevem as coisas. Além disso, histórias estabilizam, mesmo que temporariamente, determinados valores éticos que podem ser úteis para o nosso momento, para pensarmos em como fazer bom uso do tempo que nos resta. Haraway enxerga nas histórias um caminho para a construção de (novos) mundos e se alinha com a escritora de ficção científica e especulativa Ursula K Le Guin e sua “Teoria de Ficção da Sacola”, na qual esta expõe sua preferência por narrativas que se preocupam com a “colheita” de coisas pequenas, que cabem numa sacola, em vez de narrativas que têm como foco a trajetória predatória do herói. Nesse contexto, os objetivos desta comunicação são: (i) analisar duas ficções científicas de Le Guin, *The Word for World is Forest* (1976) e *The Dispossessed* (1974) e identificar as propostas éticas que podem emergir de uma leitura que tem como ponto de partida teorias de agenciamento não-humano, como as propostas por Karen Barad, Jane Bennet e Bruno Latour; e (ii) demonstrar como Le Guin descentra o humano ao colocar em xeque o que é ser humano em planetas que, como o nosso, apresentam limitações materiais.

Voltar ao [SUMÁRIO](#)



CADERNO DE RESUMOS

ISSN: 2238-0787

SIMPÓSIOS LIVRES

SIMPÓSIO LIVRE 1

Projeto de pesquisa: "Paratextos e a Tradução Brasileira do Romance *Frankenstein* de Mary Shelley"

Lilian Agg Garcia (UFSC)

A proposta desta comunicação é apresentar o projeto de pesquisa, em andamento, em nível de doutorado, intitulada "Os Paratextos e a Tradução Brasileira de *Frankenstein*, de Mary Shelley", a partir das perspectivas teóricas de Gérard Genette (2009), Marie Hélène Catherine Torres (2011), Antoine Berman (2012), acerca de paratextos e retradução, além das reflexões sobre as experiências de tradução de Umberto Eco (2014), destacando as questões de negociação, perdas e ganhos no ato tradutório e das críticas de Paulo Henriques Brito destinadas a tradução de ficção, em *A tradução literária* (2012). Abordam-se algumas das pesquisas realizadas até a presente data, a saber: a contextualização da obra *Frankenstein* (1818) e compilação das traduções para outros idiomas e para o português brasileiro até o presente momento. Os objetivos do projeto de pesquisa são: proporcionar reflexões acerca do papel dos paratextos, do ato tradutório, da visibilidade do tradutor e da política editorial, os quais contribuem para que o texto de chegada tenha uma determinada recepção da crítica literária e do leitor da cultura de chegada; expor que os paratextos dão suporte ao texto de Shelley; revelar como o romance *Frankenstein* (1818) é apresentado no sistema literário brasileiro por meio de elementos paratextuais: resumos de quarta capa, orelhas, prefácios (introduções, apresentações, dados bibliográficos), posfácios, contracapas e notas, ou seja, que aspectos são enfatizados nesse aparato intertextual; e examinar as participações dos tradutores nesses elementos extratextuais ou se estão inseridos neles.

Quadrinhos como referência de memória: Anne Frank e o Holocausto

Roberto Rossi Menegotto (UCS); Gilberto Broilo (UCS); João Claudio Arendt (UCS)

As primeiras manifestações artísticas imagéticas foram encontradas nas artes rupestres. A comunicação pela imagem tem se tornado uma ferramenta de análise cultural e histórica. Criadas há mais de 100 anos, as histórias em quadrinhos (HQ), além de proporcionar entretenimento de cultura popular, têm sido instrumento de análise acadêmica como espaço comunicacional e obra de arte. Com a utilização e aperfeiçoamento de signos e técnicas, cada vez mais as HQs dispõem de possibilidades narrativas. Então, essa ferramenta pode ser usada não somente para apresentar ficção, como também para relatar fatos históricos com grande detalhamento visual e discursivo, nesse caso, chamada de HQ Biográfica. O objetivo deste estudo foi descobrir como as narrativas em quadrinhos podem ser percebidas como registros de memória de fatos históricos ocorridos em determinado momento, utilizando como base Anne Frank: the Anne Frank House authorized graphic biography. O método utilizado foi a análise de discurso (texto e imagens) de dois eventos do Holocausto Judeu que estão descritos nas páginas da HQ escolhida, comparando-os com os fatos históricos correspondentes. Para o desenvolvimento foi feita uma pesquisa bibliográfica acerca da história das HQs e sua posição dentro do campo artístico; uma conceituação de memória e história, que exercem papéis distintos dentro dos fatos históricos; um breve relato do Holocausto e suas causas e consequências, um rápido olhar à vida de Anne Frank e ao seu diário, sua importância para a sociedade e, por fim, a análise de discurso da história em quadrinhos biográfica.

O caso da CAFT e da Banda musical feminina de Rio Largo-Alagoas: uma revisão bibliográfica

Ana Greyce Moraes Pereira (UFAL); Marcos dos Santos Moreira (UFAL)

O presente artigo pretende propor em uma pesquisa uma discussão sobre o processo estrutural e em que se circunstâncias se pode resgatar a memória de umas das ações musicais encontradas na Companhia de Fiação e Tecidos em Alagoas. Trata-se da abordagem de uma pesquisa oral sobre a Banda feminina desta indústria capitaneada pelo industrial Gustavo Paiva nos idos de 1936. É uma continuação de uma linha de pesquisa feita por esta autora, coordenada pelo Grupo de Pesquisa "Metodologia e Concepção Social do Ensino Coletivo instrumental" pelo CNPQ, inscrito pela PROPEP-UFAL. Tal grupo aborda temáticas sobre Filarmônicas e grupos instrumentais, bem como questões



de Gênero e memórias de grupos filarmônicos em Alagoas. Verificar a trajetória pioneira sobre a presença feminina no contexto do Trabalho industrial e todo o processo do paralelismo do desenvolvimento sócio cultural nestas fabricas oitocentistas, faz a ótica desta investigação. A idéia de enveredar-se por tal tema vem do interesse desta pesquisadora em averiguar atas e documentos que indicaram a presença feminina na fábrica citada e o desenrolar dos objetos pesquisados e como esta situação decorreu em termos políticos, pedagógicos, sociais, bem como estudar o convívio e a interação das mulheres com os integrantes masculinos em instituições industriais neste período de final do século XIX ao meado do século XX.

Entre madonas e madalenas: uma análise sobre a construção do feminino no romance *Dois irmãos* de Milton Hatoum

Fabiolla Emanuelle Silva Vilar (UFAM); Marco Aurélio Coelho de Paiva (UFAM)

O objetivo do artigo é apresentar uma discussão acerca das várias faces que configuram a expressão feminina no contexto pluriétnico da Amazônia urbana, tendo como entendimento o fato de a formação social da região ter se constituído a partir do encontro de diversos povos que por aqui passaram e das trocas materiais e simbólicas que ocorreram entre tais grupos. Para tanto, utilizou-se como alvo de análise sociológica o romance *Dois irmãos*, do escritor amazonense Milton Hatoum, tomando-se como foco de abordagem a reflexão acerca do modo como as personagens Domingas, Pau-Mulato e Rânia se relacionam em uma sociedade marcada por profundas desigualdades sociais, étnicas e econômicas. Nesse sentido, buscou-se discutir como a mulher é representada no texto literário, levando em conta que o enredo dessa narrativa privilegia os aspectos socioculturais de um microcosmo onde se inserem as personagens. Com isso, almeja-se contribuir para a construção de novas abordagens que considerem a Amazônia como *locus* de configurações e dinâmicas sociais específicas e discutir questões como: O que diz a literatura sobre o lugar da mulher no contexto pluriétnico da Amazônia urbana? Como os sinais diacríticos da mulher branca, índia e negra são alçados no romance? Quais as implicações de gênero e raça acentuadas nesse ambiente multicultural?

Samanta Schweblin: la violencia hecha palabra

Milton Hernán Bentancor (UCS)

Leer el libro de "Pájaros en la boca" de la argentina Samanta Schweblin es una experiencia violenta. Los quince textos que forman esta colección giran en torno a dos centros de gravedad: la violencia propiamente dicha y/o lo absurdo. Nada se escapa. Con esos límites tan claros y tan definidos, la lectura propuesta en este artículo es la de observar como el arte - en casi cualquiera de sus formas- termina siendo una manifestación violenta o absurda de una realidad que sorprende en el universo creado por la narradora argentina.

A esquecida "flor do mal" do Modernismo português e o episódio da "Literatura de Sodoma"

Suilei Monteiro Giavara (Pesquisadora)

Na efervescente década de 1920 em Portugal, um fato colocou em polvorosa a sociedade lisboeta de então: era o fatídico episódio da "Literatura de Sodoma" no qual estiveram envolvidos o poeta Antonio Bôtto, com *Canções*; Raul Leal, com *Sodoma Divinizada*; e Judith Teixeira, com *Decadência*. As obras dos três foram apreendidas pelo governador civil e, a pedido da Liga de Acção dos Estudantes de Lisboa, destinadas à "fogueira" em praça pública. Tanto Bôtto quanto Leal contaram com a benevolência de Fernando Pessoa, o que não aconteceu com Judith Teixeira acerca de quem ele não proferiu palavra. Portanto, a única a ser completamente "deslembrada" por ele e pelos manuais de literatura foi Judith, o que comprova a suspeição existente quanto à qualidade da literatura saída de mãos de mulher, justamente numa época em que elas estavam a adentrar mais audaciosamente no universo literário, até então dominado única e exclusivamente pelos homens.

Voltar ao [SUMÁRIO](#)



SIMPÓSIO LIVRE 2

Mulheres em primeira pessoa: *Novas Cartas Portuguesas*

Amanda Dal'Zotto Parizote (UFRGS)

Nas últimas décadas, a crítica literária tem dado atenção às escritas do *Eu*, ocupando-se de gêneros textuais cujas fronteiras são tênues, como diários, confissões, memórias, etc. Nesse contexto, a carta, presente na cultura ocidental desde a consolidação da escrita no século V a.C., também se destaca. Assim, este trabalho tem como objetivo analisar a obra *Novas Cartas Portuguesas* (BARRENO; COSTA; HORTA, 1974), apontando aspectos como a releitura de *Cartas Portuguesas* (ALCOFORADO, 2000) e, por conseguinte, as diversas imagens de Mariana apresentadas na obra, o que leva a um processo de representação de uma nova identidade feminina por meio da expressão de sua sexualidade, em um conteúdo considerado imoral para a Portugal da década de 70, da tomada de consciência, da escrita com o corpo e da reflexão sobre a situação opressor-oprimido. Além disso, há que se ressaltar a questão da alteridade e da autoria, visto que a obra é assinada por três autoras que não assumem a autoria individual das cartas, apontando para uma escrita coletiva. Por fim, pretende-se enfatizar que o uso da primeira pessoa, tão peculiar à escrita epistolar, aqui, é subvertido, já que o eu funde-se em *nós*, em uma alusão às escritoras, às diferentes representações de Mariana e ao consequente alargamento do sujeito de enunciação.

A personagem feminina no romance *Henriqueta*, de Maria Peregrina de Sousa

Juliana de Souza Mariano (Colégio Pedro II)

Dona de uma vasta obra, mas ainda dispersa e não sistematizada, Maria Peregrina de Sousa (1809-1894) participou ativamente dos periódicos portugueses de sua época, como *Arquivo Popular* – em que fez sua estreia –, *Grinalda*, *Aurora*, *Almanach das Senhoras*, *Pirata* e na já citada *Revista Universal Lisbonense*, publicou poemas, romances e contos populares. Também contribuiu para o *Iris* do Rio de Janeiro, com a singularíssima novela “Pepa”. Como afirma Teresa Leitão de Barros, “a sua colaboração era parte obrigada de todo o periódico literário que se prezasse” (BARROS, 1924, p. 180). Neste trabalho, pretendemos estudar, em especial, a protagonista da obra *Henriqueta* (1876), assim como seus modos de vida, o que ela pensa sobre sua condição, o que fala, sobre o que fala, como ela se vê, como é vista pelos outros personagens e pelo narrador. Nosso objetivo é, por meio de um diálogo com a História, investigar como o discurso do senso comum se confirma por vezes, mas também é desestabilizado, e como a personagem poderia contornar os interditos sociais. Também buscamos analisar como uma escritora escrevia sobre o seu mundo e as dificuldades que só uma mulher enfrentava naquela época. No romance em questão, é fundamental percebermos como a personagem principal é retratada: Henriqueta é representada em toda sua complexidade com erros e acertos, certezas e vacilações perante os valores do seu tempo. Com a sutileza que lhe é própria, Peregrina nos dá, com *Henriqueta*, uma mostra da sua percepção para a criação literária e para os problemas e avanços da sociedade portuguesa de então.

O diário íntimo em *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus como tentativa de serenar a solidão, acobertar-se da loucura e atenuar o perigo da morte: outros mais arremates

Fabiana Rodrigues Carrijo (UFG)

Esta pesquisa investiga, a partir de uma análise teórico-metodológica repousada nos aportes da AD francesa, como um sujeito de um discurso constitui sua subjetividade através do exercício de uma *escrita de si*. Assim, ambiciona elencar as singularidades desta *escrita de si*, especialmente, por intermédio de *Quarto de Despejo – diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus (1960). Intenciona, ainda, discutir o sujeito como um sujeito da escrita que se vale dela com o intuito de preservar o dia vivido na esperança blanchotiana de que se deve anotar para preservar e preserva-se para não passar incólume. Esta problemática do sujeito, relacionada com o produto de sua escrita, foi tomada por meio dos estudos apresentados por Foucault a partir das noções de escrita de si, o que possibilitou inventariar a constituição de um sujeito por meio de sua escrita. Neste exercício de análise discursiva de um *corpus* de base literária, a partir de noções foucaultianas e de algumas notações temáticas de outros campos teóricos (como da crítica literária e das teorias de



gênero) deliberou-se que a constituição do sujeito em várias posições-sujeito em QD se produz na e pela contradição: nem totalmente delator, nem propriamente porta-voz dos excluídos. Cumpre dizer que ao construir um diário, aquele que o faz se vale da tentativa de recorrer às lembranças e recompor o passado ou aquilo que dele ficara retido; assim, tenta constituir um mosaico de si, por meio de um exercício de si, nos moldes aqui arrazoados. Neste caso, ao intencionarmos uma analogia sobre uma discursividade em Carolina em contraponto com a noção de diário, poderíamos aventar que a construção do diário é mobilizada por efeitos da memória enquanto prática para a constituição de uma subjetividade que se acode da tarefa de juntar remendos do passado no momento presente (de construção do diário).

O espaço privado da casa: elos de memória e história entrelaçados a gerações de mulheres

Liliane Viana Da Silva (UERN); Vilian Mangueira (UERN)

O espaço da casa, ou seja, o privado, é visto pela sociedade como um espaço individual, aquele que aglomera de uma forma bem subjetiva seus pensamentos e sentimentos. O espaço privado da casa-habitação traduz uma construção cultural e social de uma determinada época. No entanto, conforme as regras que historicamente regeram à instituição familiar, a casa é vista e propagada como um espaço quase exclusivamente feminino, ou seja, assim como a rua e o público liga-se socialmente ao masculino, a casa e o privado, em sentido contrário, estar para a mulher. Nessa perspectiva, Natércia Campos, escritora cearense, faz surgir em meio as histórias contadas ao pé do alpendre uma casa natal que nos faz voltar ao tempo e desejarmos rememorar lembranças da infância, objetos guardados e cômodos detalhados. Nosso estudo se propõe analisar o espaço privado e místico da casa, e sua relação com a representação feminina inserida na obra *A Casa* (1999), da escritora Natércia Campos. Uma casa antropomorfizada e memorialística que narra fatos recheados de simbologias e representações, principalmente, no que se refere o desenrolar de cinco gerações de mulheres pertencentes à mesma família. As crenças, as superstições e a dualidade Vida e Morte são temas recorrentes dentro das dependências dessa habitação, buscando na cultura popular as relações casa-mulher-imaginário. Como suporte bibliográfico, destacamos as grandes contribuições de Gaston Bachelard, Ecléa Bosi, Mircea Eliade, Câmara Cascudo, Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, no que se refere ao espaço privado da casa e sua simbologia, e nomes como Simone de Beauvoir, Michelle Perrot, Mary Del Priore, Elódia Xavier, no que se refere aos estudos sobre a mulher na sociedade e literatura.

"A intrusa": presença feminina em um conto borgiano

Cecil Jeanine Albert Zinani (UCS)

Entre os escritores notáveis do século XX, destaca-se Jorge Luis Borges, autor de uma alentada produção literária em que se destacam poemas e, especialmente, contos. Um aspecto significativo de sua criação contística é a ausência quase total de personagens femininas, as quais ganham alguma relevância em apenas alguns contos, tais como, "O homem da esquina rosada", em *História universal da infâmia* (1935), "Emma Zunz" e "O morto", em *O Aleph* (1949), e "A intrusa", publicada em *O informe de Brodie*, de 1970. Nesse universo de *gauchos* e *compadritos*, predominantemente masculino, não há espaço para a mulher, e quando esta se impõe, os resultados são desalentadores. Nesta reflexão, pretende-se discutir o papel de Juliana, personagem feminina do conto "A intrusa" como elemento desestabilizador do universo masculino representado.

Voltar ao [SUMÁRIO](#)

SIMPÓSIO LIVRE 3

Identidade e memória em foco nos contos "Amor" e "A fuga", de Clarice Lispector

Maria Alice Sabaini de Souza (UNESP)

Clarice Lispector é reconhecida desde sua primeira crítica como uma escritora de grande sensibilidade que consegue, através da poeticidade de sua escrita, transfigurar o sentido dos vocábulos, afim de que os mesmos revelem aos leitores



os anseios e frustrações íntimos das personagens que povoam suas narrativas. Essa proposta de trabalho tem como objetivo analisar o conto “Amor” e “A fuga”, observando a trajetória das personagens femininas na construção e revelação de sua identidade na condição de sujeito. É interessante, observar que uma das estratégias que, tanto o narrador como a própria escritora se valem para revelar o desejo de emancipação da personagem cerceada pelo poder patriarcal é a recuperação de experiências através da memória, que juntamente com o fluxo de consciência e o monólogo interior nos mostram que a submissão feminina é, muitas vezes, uma máscara social com a qual as protagonistas aparentemente se sujeitam para em determinado momento se rebelarem. O embasamento teórico dessa comunicação será: Hall (2006), Bonicci (2005), Bourdier (2011), Zolin (2009), Nunes (1969), Foucault (1984), Beauvoir (1980), Perrot (2005) entre outros.

Uma relação entre identidade, memória e aspectos motivacionais e transformacionais em Celie, personagem de *A cor púrpura*, romance de Alice Walker.

Antônio Marcos dos Santos (IFCE)

Considerando-se que a construção de um futuro ocorre no presente, em consonância com a investigação do passado, fazendo, naturalmente, inevitável uso da memória; e, levando-se também em conta que tal construção está intimamente vinculada a aspectos identitários, que, em grande medida se fundamentam na relação com o outro; visamos neste trabalho a apresentar as principais motivações que, em sintonia com elementos pretéritos, contribuíram para que Celie, personagem de *A cor púrpura*, romance de Alice Walker, modificasse suas características comportamentais e, portanto, se mostrasse em busca – ora incessante, ora intermitente – de suas principais realizações, em âmbitos pessoal, afetivo-sexual e sociofamiliar. Para procedermos a tal análise, usamos como suporte teorias que versam, prevalentemente, acerca de identidade, memória, ideologia, utopia e motivação. Estas nos induzem a crer que a personagem em questão, às vezes de modo individualizado, às vezes por força das relações dialógicas, realizou satisfatoriamente seus intentos ou, minimamente, encontra-se a caminho, apesar das inúmeras agressões (ou em parte por causa delas) morais, psicológicas e físicas – inclusive sexuais –, perpetradas inicialmente pelo pai e posteriormente pelo marido, representantes de uma sociedade extremamente conservadora e patriarcal, na primeira metade do século XX. Desse modo, a caracteres como submissão ao sujeito masculino e suposta deficiência cognitiva sobrepõem-se resistência feminina e poder de superação, que, ao fazerem uso da memória como força persistente que leva à ação e faz “ter fé em um futuro”, constituem aspectos preponderantes na reconstrução da identidade da personagem.

Marcas da abjeção em textos de Clarice Lispector

Luciana Abreu Jardim (FURG)

Em *Poderes do horror*, publicada em 1980, Julia Kristeva, ao percorrer historicamente o par puro/impuro, abala a noção de identidade que constitui o pensamento ocidental. Próxima dos estados de impureza, a abjeção se caracteriza por não apresentar classificação ou localização. Presente na formação arcaica do futuro sujeito falante, de acordo com a teoria da linguagem proposta por Kristeva, a abjeção também pode ser analisada para além de nossa formação individual, o que repercutirá, evidentemente, sobre a composição estética de nossos fantasmas transformados em textos literários. Por meio de resgate histórico, Kristeva observa traços de abjeção no Livro *Levítico*, os quais se apresentam relacionados a tabus alimentares, ao sangue menstrual e ao corpo morto. Com base nesses exemplos flagrados pela teórica segundo análise bíblica, a nossa proposta é a de buscar manifestações desses casos de abjeção em textos de Clarice Lispector. Para tanto, retomaremos três mortes de personagens claricianas: Virgínia, de *O lustre*, Macabéa, de *A hora da estrela* e a força protagônica, de *Água viva*. Além dos cadáveres, emblemáticos para o tema da abjeção, voltaremos à recorrência da cor vermelha, com a finalidade de associá-la ao tabu do sangue menstrual. Por último, teceremos algumas reflexões sobre os possíveis significados do alimento leite nos livros supracitados, de modo a comparar a teoria da abjeção proposta por Kristeva com os caminhos ficcionais tecidos por Lispector.



CADERNO DE RESUMOS

ISSN: 2238-0787

Obra Limites de Tânia Lopes: entrelaçando memória e sensibilidades

Tanira Rodrigues Soares (UFRGS)

A temática abordada é a memória e as sensibilidades na obra *Limites*, de Tânia Lopes, cujo objetivo é estudar a sensibilidade literária da autora como fonte de memória individual e coletiva. A justificativa para a escolha tem ligação direta com o interesse investigativo da pesquisadora em buscar nos escritos literários femininos as particularidades capazes de rememorar os acontecimentos e peculiaridades característicos da região da Fronteira Oeste do RS. Como metodologia, utilizou-se a pesquisa bibliográfica realizada em livros, artigos, revistas e sites que abordassem temas relacionados com a memória, literatura e sensibilidades. Foram estudados teóricos ligados à memória, literatura e sensibilidades tais como: Halbwachs (1990), Pollak (1992), Candido (1967), Ramos (2011), Leenhardt (2010), Pesavento (2007), entre outros. Na obra *Limites* ocorre o entrelaçamento das memórias individual e coletiva, pois as memórias precisam ter como elementos constitutivos os acontecimentos, as pessoas ou personagens e os lugares; fatores presentes no rememorar sensível de Tânia Lopes. A literatura é, sem dúvida, uma possibilidade de acesso à memória individual e coletiva, permitindo uma construção, com as noções do presente, do que era o passado a partir do olhar sensível da escritora.

O ser ou não ser de Ofélia: um retrato da mulher na Era Elisabetana

Maicon Novaes Lima (UNEB); João Paulo Mendes França (UNEB)

Shakespeare escreveu a obra *Hamlet* numa sociedade patriarcal, logo a imagética atribuída para a mulher é de alguém submissa, materna e doce. O presente trabalho visa analisar o papel da mulher na era elisabetana, tendo como base a personagem Ofélia nos momentos de sanidade e loucura. O autor dualiza a caracterização de personagens, em exemplo temos *Hamlet* que por ter uma visão conspurcada da realidade passa de protagonista heroico ao desleal opressor ou ainda vulgar numa mesma cena. Desenvolve então como critério interpretativo do enredo uma visão bifocal de *Hamlet*, que organiza e reorganiza, artisticamente, aspectos histórico-culturais presentes na peça. Historicamente a sociedade ocidental atribuiu a mulher traços de frágil, submissa e doce, contrapondo ao homem, que recebeu a imagem de detentor de força, inteligência e capacidade de decisão. Caso valores ditos como masculinos fossem a elas atribuídos, estas eram vistas como resultado de uma natureza ambígua e denominados como “antinaturais”. O corpo social foi tão imbuído desse conceito que até mesmo as mulheres o reproduziam, mães ensinavam filhas a serem submissas aos seus maridos, a manter um respeito ao homem, que por sua vez eram endeusados. Ofélia recebe essa caracterização da mulher submissa, que obedece ao marido, ao pai e ao irmão, ela não age, não tem voz e/ou poder de decisão. Logo, a existência de Ofélia acontece atrás de figuras masculinas, num processo de acondicionamento a uma imagem opaca e idealizada pela época. Ofélia nada mais foi que um retrato fiel da mulher na era elisabetana, de início condicionada ao silêncio até que louca começa a indagar e por fim ter poder de expressão. Ofélia foi à imagem da alienação, da forma de como ser mulher e da abstrusa relação entre o feminino e a morte nas representações do século XIX.

Voltar ao [SUMÁRIO](#)

SIMPÓSIO LIVRE 4

A mimesis da narrativa de elevado valor; entre *Odissea* e *Americanah*

Anna Maria Claus Motta (EIFT)

Americanah, romance de Chimamanda Ngozi Adichie, aborda a questão da aproximação com o herói lendário de Homero, *Odisseo* ou Ulisses e suas características na narrativa *Odissea* que, ao lado da primeira, *Iliade*, serviu de modelo às ocidentais que se seguiram, como *L' Eneide*, de Virgílio e *Os Lusíadas*, de Camões. Ocupa o lugar do Herói a protagonista feminina, “heroína” da atualidade, IFEMELUNAMMA, que, por ser humana, não recebe o auxílio divino ou das Musas; deixa de se assemelhar, também por estes motivos, ao herói épico que se apresenta no passado *superior em grau aos outros homens e seu meio*, [...] cujas ações são maravilhosas, mas que em si mesmo é identificado como um ser humano [...] (FRYE (1973;



P.39), e enfrenta os problemas do cotidiano e luta para superá-los e superar-se. Além disso, a leitura busca evidenciar o deslocamento da protagonista, ser humano comum em situação diaspórica, seu sentimento de entre-lugar e de não-pertencimento; seu estranhamento diante das diferenças culturais, de raça/etnia, de gênero e de valores, e a reafirmação da própria identidade num país que não é o seu de origem. Todas essas circunstâncias são enfrentadas através da lembrança, memória revivida, nas palavras de BENJAMIM (1980; p. 66;67) *memória como capacidade épica*; e lembrança como *a musa da epopeia*.

O que Jane Austen nos ensina sobre as mulheres de sua época

Adriana Sales Zardini (UFMG)

O objetivo desse trabalho é apresentar as multifacetadas personalidades femininas escritas por Jane Austen. Dentro do universo Austeneano, podemos observar uma riqueza de personagens femininos vistos sob a ótica da escritora. Obviamente, sem ter um tom apelativo, ao retratar suas personagens como muitas mulheres de sua época, a autora acabou por “denunciar” uma sociedade extremamente limitadora da liberdade feminina. Dentro dessa perspectiva, o presente trabalho busca apresentar e analisar o lugar da mulher na sociedade inglesa, sob a perspectiva da literatura de autoria feminina. Ao exibir personagens principais e secundários tão complexos, Austen nos mostra as diferentes nuances femininas. O comportamento feminino do início do século XIX, como é registrado em seus livros, é pautado basicamente pela fortuna, educação e posição social de seus personagens. Entretanto, pode-se em suas obras, que, principalmente suas heroínas, realizam uma espécie de transgressão social, ao fazerem suas escolhas em busca da felicidade. O que torna essas personagens encantadoras ao leitor, não são seus atributos físicos, mas sim, a capacidade de pensarem por si mesmas, de agirem conforme seus sentimentos, apesar da (o) pressão que sofriam.

A chave do tamanho, de Monteiro Lobato, e a ameaça do fantástico

Felipe Teixeira Zobaran (UCS); Cecil Jeanine Albert Zinani (UCS)

Esta proposta analisa a presença do elemento fantástico em *A chave do tamanho*, de Monteiro Lobato. A partir de Roas (2014), com base em Todorov (2007), é possível entender que o gênero fantástico propõe desconstrução da “realidade”, ameaçando-a. Zilberman (1982) enxerga o Sítio do Pica-Pau Amarelo, espaço insólito dos livros infantis de Lobato, como um universo neutro que propõe subversão da mesma “realidade”, ao tentar revisar, nem sempre de maneira eficaz, papéis sociais de gênero e faixa etária. Isso fica especialmente claro em *A chave do tamanho*, livro que trata de temas muito graves da época de publicação, como a Segunda Guerra Mundial. A crítica de Lobato sobre tais temas parece ter efeito similar ao da literatura fantástica vista por Roas (2014), sob o ponto de vista de um *alter-ego* lobatiano feminino, a boneca Emília.

As faces femininas nos contos machadianos

Caren Fernanda Haack (UCS); Cecil Jeanine Albert Zinani (UCS)

O presente trabalho tem como objeto de estudo examinar as faces femininas nos contos machadianos “A cartomante” e “Uns braços”, evidenciando que as personagens usam da dissimulação, da rebeldia, da esperteza, do misticismo e da traição para atingir seus objetivos. As mulheres estudadas nos contos citados servem-se dessas artimanhas para conquistar, enganar e, de certa forma, provocar reações adversas e inesperadas, como um assassinato, um beijo, um olhar... A metodologia usada para atingir o objetivo foi a pesquisa bibliográfica que auxiliou a traçar o perfil da mulher oitocentista e mostrar que investigar as faces femininas são próprias do mestre da ficção. A leitura de contos como “A cartomante” e “Uns braços” possibilita a percepção que Machado de Assis não apenas escrevia, mas, também, envolvia-se com questões sociais e procurava mostrar isso em seus escritos; tanto nos tipos de personagens, quanto no comportamento humano e seus desvios.



CADERNO DE RESUMOS

ISSN: 2238-0787

“Confissões de uma viúva moça”, de Machado de Assis: uma visão contemporânea

Alyson Carlos dos Santos (UEM); Luzia Aparecida Berloff Tofalini (UEM)

O presente resumo propõe-se expor a provocação de Machado de Assis, no que diz respeito à construção literária como reflexo social, especialmente através da configuração de perfis femininos. O que se pretende analisar é a imagem e a postura das mulheres machadianas especificamente no conto “Confissões de uma viúva moça”, de 1985, pelo viés de teorias contemporâneas, a fim de mostrar como a transição histórica da sociedade burguesa para a polarização social atual pode ser explicada através da composição feminina no conto de Machado de Assis. Para tanto, busca-se explicar o contexto histórico da época de composição das obras e assimilá-lo aos aspectos da sociedade contemporânea, mostrando como a opressão social e de demais ordens persistem durante séculos, em relação à mulher. Nesse sentido, o trabalho expõe o paralelo inegável da literatura e da política às épocas consideradas e o modo como esses cenários definiam o comportamento feminino, permitindo um estudo comparativo da condução do feminismo machadiano com o multiculturalismo e a (des)construção da identidade feminina.

[Voltar ao SUMÁRIO](#)

SIMPÓSIO LIVRE 5

Memórias (re)inventadas nos Poemas dos becos de Goiás e estórias mais de Cora Coralina

Andréa Figueiredo Leão Grants (UFSC)

Com o enfoque sobre o processo de criação poética de Cora Coralina presente nos poemas “Antiguidades”, “Becos de Goiás”, “Vintém de Cobre” e “Minha Infância (Freudiana)”, publicados no livro *Poemas de Becos de Goiás e Estórias Mais*, este artigo pretende trazer à tona os principais pontos de interseções entre a escrita autobiográfica e memorialística da poetisa e as diferentes formas de repressão feminina encontradas em seus versos. As histórias de família e de sua infância são alicerces e assuntos recorrentes na poética coralineana. Suas poesias podem ser percebidas como relatos, testemunhos de um tempo em que prevaleciam costumes patriarcais sustentados por condutas opressivas e repressoras. Estas características, fortemente marcadas na transição do século XIX para o XX, revelam um período no qual as mulheres faziam parte do coletivo, porém de modo apagado, subalterno e suprimido pelos códigos sociais vigentes. Associado a este debate, o artigo evoca três importantes pilares da memória: o tempo, os lugares e as pessoas.

O medo nosso de cada dia: figurações da velhice feminina em “O grande medo”, de Moreira Campo

Aurélia Bento Alexandre (UFRN); Derivaldo dos Santos (UFRN)

Este artigo analisa a figuração da velhice feminina no conto “O grande medo”, narrativa inserida no livro *O puxador de terço* (1969) do contista cearense Moreira Campos. Para se discutir a concepção do que seja a velhice, apresenta-se, inicialmente, com base nas contribuições de Beauvoir (1990), Bosi (1994) e Secco (1994), um breve panoramado como as sociedades – em diferentes momentos históricos e em diversas culturas – lidaram com seus velhos, em especial, com as mulheres envelhecidas. Em seguida, mostra-se como se deu a figurativização da mulher velha desde à (na) literatura do passado até à (na) literatura do século XX, contexto no qual a obra do autor está inserida. Na sequência, apoiando-se no referencial teórico de Beauvoir (1967), que desvela o sem sentido da vida da mulher, educada apenas para cuidar da família, quando esta chega à velhice, e em Candido (1976), que defende uma análise na qual o elemento social seja compreendido como “fator da própria construção artística”, analisa-se o referido conto, procurando perceber em que medida a escrita moreiriana, comumente analisada como desveladora da condição humana, em suas múltiplas manifestações, atualiza-nos acerca das problemáticas da vida moderna e exhibe uma possível interpretação de questões concernentes à velhice feminina nas diversas faces da experiência social.



CADERNO DE RESUMOS

ISSN: 2238-0787

As marcas da devastação: o trauma da submissa protagonista de *Sinfonia em branco*

Jéssica Fraga da Costa (UFRGS); Gínia Maria Gomes (UFRGS)

O presente trabalho tem como objetivo analisar Clarice, uma das protagonistas do romance *Sinfonia em Branco*, da autora brasileira Adriana Lisboa. Ela, moradora da pequena Jabuticabais, fora abusada pelo pai ao longo de dois anos durante a infância e isso a deixou grandes marcas. Por sempre ser obediente e submissa, a personagem nada fazia, apenas aceitava tudo que lhe era imposto. Será destacado o momento “antes de tudo” na vida da personagem, repleto de inocência e alegrias, contrastando com os seus tormentos posteriores. Pretende-se mostrar os momentos angustiantes vividos por Clarice, seja junto às investidas do pai, seja com suas lembranças atormentadas. Mostrar-se-á um pouco sobre a relação estabelecida entre a protagonista e sua irmã e dela com sua mãe, que mesmo sabendo de tudo que acontecia apenas tardiamente tomou alguma atitude. Visa-se ainda, destacar a influência do trauma em sua vida ao longo dos anos, assim como as consequências da tentativa de reprimi-lo. Como subsídio teórico serão utilizadas os escritos de Sigmund Freud, Marcio Seligmann Silva e Sándor Ferenczi.

“Desenhas Deus? Desenho o nada”: o exercício da procura na poesia de Hilda Hilst

Sílvia Michelle de Avelar Bastos Barbosa (UNA)

Assunto recorrente, chama que corrói e renova a escrita de Hilda Hilst, Deus está no centro das discussões. O tom da poesia hilstiana apóia-se em um desejo por algo que é informe dentro de seu próprio discurso, o maior dos paradoxos. E o maior dos desafios. O presente trabalho busca realizar uma leitura das relações nada lineares entre o corpo do homem e o corpo divino, passando pelas possibilidades de leitura fornecidas pela análise dos escritos místicos seiscentistas, que evidenciam a angústia que prazer e dor conjugam naquele que busca. O corpo do homem possibilita o mundo, o corpo da palavra o expande até o ponto em não se possa mais dizer, apenas sentir. O corpo de Deus ocupa, antes, o espaço do sentimento. Os escritos poéticos de Hilda caminham em uma tentativa de confrontar o vazio da existência e a fragilidade do sentido por meio do prazer dos corpos, do sexo, da procura infrene da figura de Deus ainda que por meio do homem, o ser masculino que está ao alcance das mãos da *persona* lírica. A conflituosa relação com o divino ressoa no envolvimento entre homem e mulher, uma vez que a concretude que estes representam não só se constitui um obstáculo para a captura da forma de um Deus, como uma afirmação de que são estes os corpos sobre os quais a vida irá se delinear.

Macabéa e Ponciá Vicêncio: o silêncio como resistência aos processos históricos de opressão

Cristiane Côrtes (UFMG)

O Espaço Literário pode agregar a comunicação e sua impossibilidade mesmo que num gesto paradoxal que reúne elementos próprios da experiência do impossível para a humanidade. É nessa esteira que este trabalho se encontra, objetivando levantar as possibilidades para a leitura de textos de autoria feminina que traduzem as relações históricas de gênero e subalternidade para uma linguagem literária marcada por não ditos, ausência ou fragmentos. O que nos será caro é justamente perceber, no espaço literário, a capacidade de subversão da lógica da fala/ discurso e suas relações de poder na sociedade. Os desdobramentos do período da escravidão e da migração nordestina são nosso leitmotiv para se pensar, à luz das discussões de, entre outros, Foucault, Spivak e Agambem, em que medida o silêncio das personagens de Clarice Lispector e Conceição Evaristo, Macabéa e Ponciá Vicêncio, respectivamente, pode ser lido como contra-discurso, resposta a uma perspectiva histórica opressora. Pretendemos evidenciar a particularidade com que essas narrativas lidam com o fragmentado, performatizando as relações de subalternidade presentes na sociedade e revertendo a perspectiva de silêncio como subserviência. *A hora da estrela* e *Ponciá Vicêncio*, são, nesta ótica, obras que podem subverter a noção de subalternidade ligada ao silêncio por apresentarem, em suas personagens, um silêncio nauseabundo, desestabilizador.

Voltar ao [SUMÁRIO](#)



CADERNO DE RESUMOS

ISSN: 2238-0787

SIMPÓSIO LIVRE 6

Mulheres a Ferro e Fogo

Eduardo Ortiz (UCS); Márcio Miranda Alves (UCS)

Esse estudo possui como intuito trabalhar com a figura feminina nos romances históricos *A Ferro e Fogo: Tempo de Solidão* e *A Ferro e Fogo: Tempo de Guerra* de Josué Guimarães, mais precisamente com a ambiguidade nas representações das personagens Sofia Gründling e Catharina Schneider. Enquanto a personagem Sofia Gründling é representada como uma personagem meiga e delicada – apesar de tudo o que já havia passado em seus quinze anos de vida, com o assassinato dos seus pais e a vida entre os “bugres” –, submissa ao seu marido, um poderoso comerciante alemão de nome Carlos Gründling que a tinha como modelo de beleza da mulher alemã. Já Catharina Schneider é seu oposto, pois quando o seu marido fica transtornado com os eventos ocorridos durante o período em que viveu na fronteira, ela é quem assume o papel de comandar a família, mostrando-se extremamente forte ao se recuperar de traumas – como quando foi abusada por diversos soldados durante as disputas fronteiriças – como demonstra também grande habilidade no comércio e administração de sua família. A beleza de Catharina Schneider foi vencida pelo sofrimento em que passou nos anos que viveu na fronteira, porém como o próprio narrador atesta, foi esse mesmo sofrimento que a fez forte.

Enigmas do feminino: as “mulheres de verde” de Marie NDiaye

Irene de Paula (UFF)

O presente artigo busca pensar as estratégias narrativas empregadas pela autora francesa Marie NDiaye, no “autorretrato fantástico” *Autoportrait en vert*, para se inscrever singular e literariamente. O texto, que tem como personagem central uma narradora feminina (alterego de NDiaye) às voltas com seus roteiros fantasmáticos, cria uma atmosfera de constante mistério e estranheza através da descrição de inquietantes aparições femininas. Nas bordas do rio Garonne, uma mulher “comum” leva suas crianças à escola, mas a banalidade do cotidiano é surpreendida, por uma aparição que só ela vê, “uma presença verde” (NDIAYE, 2005, p.11), de cor vegetal, “perigosamente feminina”. Ao longo da narrativa, diversas outras “mulheres de verde” serão descritas. “Quem é (são) essa(s) mulher(es)?” é a pergunta que narradora (e leitor) busca responder que remete à indagação primordial “quem sou eu?”. Seriam elas desdobramentos, versões da autora, ela mesma *une femme en vert*? Esta “autoficção fantástica” é um convite ao mergulho nas profundezas turvas do feminino, onde coabitam razão e insanidade, medo e desejo, realidade e fantasmas. Trata-se aqui de mostrar como a construção ou a desintegração da realidade – que vão do anuviamento interior (presente no fantástico) à encenação e (re)apropriação do “eu” pela escrita (presente na narrativa autoficcional) – despertam a narradora de seu estado ordinário e alteram sua capacidade de percepção (de si e do mundo), provocando uma progressiva desestabilização da noção de identidade “estável” elaborada em torno de elementos privilegiados socialmente (maternidade, casamento, profissão); o que daria lugar a uma multiplicidade de representações femininas caleidoscópicas e enigmáticas.

Mulheres de luta e de letras

Fabiana Lisboa Ramos Menezes (UFS); Christina Bielinski Ramalho (UFS)

O presente trabalho versa sobre a participação das mulheres numa greve no sudeste brasileiro em 1949. Esse momento importante da nossa história está registrado no romance “A hora próxima”, de Alina Paim. A intervenção feminina no espaço e na ação reservados aos homens revela o poder de disputa que a mulher impõe quando interfere no poder estabelecido. Atitude também a ser destacada é a escritura do romance que é resultado da convivência da autora com os personagens da greve em um momento de forte repressão política no país. Com o objetivo de averiguar a construção literária e a atuação das mulheres na luta por melhores condições de vida, a participação feminina será analisada neste trabalho a partir da interface Literatura e História num contexto político e cultural. Com base nas obras de Antônio Rubim, Regina Beah, Berno de Almeida e Dênis de Moraes, constituirá esta análise o momento político-cultural do Brasil nas décadas de 1940-1950, a escritura da obra e um breve estudo do romance.



CADERNO DE RESUMOS

ISSN: 2238-0787

Coronéis de saia: um estudo sócio-literário das matriarcas do sertão na literatura cearense

Kércya Nara Felipe de Castro (FCRS/ UECE)

Este trabalho compreende o estudo das personagens femininas dos romances; *Dona Guidinha do poço* do autor Cearense Oliveira Paiva e *Dora Doralina* de Rachel de Queiroz. Tendo como objetivo observar o universo ficcional das personagens femininas em sua dimensão simbólica tendo como pano de fundo o sertão nordestino, e a comparação da construção das mesmas por um homem e uma mulher. Esse modelo de personagem representa uma cultura permeada por mulheres fortes vinculadas ao poder político e familiar de suas regiões. Essas personagens e suas representações na história que transgridem a ordem social na qual a mulher deveria estar inserida ao mesmo tempo em que toma para si uma postura patriarcal com todos os elementos próprios dessa postura. A pesquisa tem por base teórica, o estudo sobre a mulher de Michelle Perrot, Mary del Priori, Miridan Falci Simone de Beauvoir, Elódia Xavier, bem como os estudos que abordam a Formação da família na sociedade brasileira e no sertão nordestino.

O lugar da mulher na literatura de cordel

Emanoela Luisiana Pereira (UNIOESTE)

Apesar de uma extensa produção em literatura de cordel em todo Nordeste brasileiro desde o fim do século XVI, até os dias de hoje, falar dessa narrativa nos estudos oficiais do Brasil, é falar de uma produção marcadamente masculina. Eram homens os poetas que publicavam folhetos, que desnudavam os sertões, participando de feiras, cantorias e eventos artísticos. No contexto historiográfico do cordel, praticamente não há registros da produção feminina. Dessa forma, este estudo, desenvolve o tema da estigmatização da figura feminina na literatura de cordel que figurou a mulher como personagem ora prostituta, ora donzela, ora moça casadoira, doméstica ou santa, responsável pela construção do imaginário estereotipado da mulher ao longo dos anos. A mudança ocorre na contemporaneidade quando a mulher, se apossando do espaço masculino, passa a ser sujeito-autor do cordel, marcando presença cada vez mais expressiva de uma autoria feminina, desconstruindo a visão masculina estereotipada nos aspectos sexuais, laborais, existenciais e na atuação na sociedade. O presente estudo objetiva analisar o cordel de Salete Maria da Silva, "Lugar de Mulher" e à luz dos discursos de Simone de Beauvoir, Mary Del Priori, Gilberto Freyre e Judith Buther fazer uma leitura das representações da mulher até o século XX e a ressignificação que lhe é atribuída no século XXI.

Voltar ao [SUMÁRIO](#)

SIMPÓSIO LIVRE 7

História das mulheres nas bandas de música no Brasil e Portugal

Marcos Dos Santos Moreira (UFAL)

Não sabemos ao certo as causas que levaram a ciência musical a relutar ou não se interessar pela averiguação e investigação da temática *mulher* em filarmônicas, com mais ênfase nestes últimos 40 anos. Talvez seja porque a pesquisa acadêmica, e remetemos aqui também a programas de pós-graduação (*Stricto Sensu*) ou projetos universitários de pesquisa governamentais em Música no Brasil, de fato oficialmente seja menos antiga, quase contemporânea, do que outras áreas humanas, que possuem registros acadêmicos mais antigos. Esta comunicação resultante da tese de Doutorado da Universidade Federal da Bahia visa apresentar uma pesquisa quali-quantitativa sobre a participação feminina nas filarmônicas do nordeste brasileiro e do norte de Portugal. Analisar as questões musicológicas e educacionais e mescla-las com as ciências sociais no que é concernente a questões como educação, da política, de pontos econômicos e afetivos, e conectá-las com números quantitativos desta participação, fazem a ótica deste trabalho. Para isto percorremos milhares de quilômetros pelo nordeste brasileiro e por Portugal em buscas de respostas que justificassem a escassez de trabalhos científicos sobre o tema e o hiato temporal da presença feminina nestas agremiações. O método Survey somado às relações humanas encontradas aproxima de um resultado desejável apresentado. Foi acrescentado um censo no recorte de investigação de 112 filarmônicas no total. Portanto, o estudo analisou seu objeto através de conceitos



da relação da música com as ciências sociais e, desta maneira, buscou compreender como relações de poder se perpetuaram por tantas décadas impedindo a entrada das mulheres nos quadros filarmônicos. Tal tese foi publicada em forma de livro em 2013, pela Editora Cardoso & Conceição de Portugal.

Ficção e História em *Joaquina, filha do Tiradentes*, de Maria José de Queiroz

Maria Lúcia Barbosa (UFMG)

Esta comunicação tem como objetivo, ainda que de forma breve, analisar o romance *Joaquina, filha do Tiradentes*, publicado em 1987, da escritora mineira Maria José de Queiroz. É com bastante frequência que a ficção tem se servido da narrativa da história para tornar o texto mais próximo da realidade. No horizonte das relações entre Ficção e História, este livro tem lugar especial, pois o enredo evidencia os bastidores de Vila Rica, bem como de toda a Minas Gerais, que serviram de cenário para a Inconfidência Mineira no período do Brasil Colonial. O romance afirma-se não só por relatar questões históricas e memorialistas, mas também (talvez, sobretudo) por expressar esteticamente o ponto de vista dos excluídos – através de seu foco narrativo –, categoria social que tem interesse em desvendar os meandros ocultos pela História oficial, estabelecendo elos entre o cotidiano e a mesma, os fatos isolados e a totalidade, expressando, portanto, uma consciência crítica em relação à História.

A sociedade na capital imperial brasileira nos tempos de Virgília e Marcela

Rossana Rossigali (UCS); Salete Rosa Pezzi dos Santos (UCS)

O presente trabalho objetiva investigar a constituição da sociedade do Rio de Janeiro no período em que foi a capital do Brasil Imperial, e, mais especificamente, na época em que se situa o enredo da obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, publicada inicialmente no começo da década de 1880. Tendo como foco as personagens Virgília e Marcela, este texto pretende estudar a representação da mulher na sociedade carioca do século XIX a partir de algumas categorias, como o casamento, o trabalho feminino, a maternidade e o adultério. Apoiando-se em autores como Miriam Lifchitz Moreira Leite, Ingrid Stein, Simone de Beauvoir e Luis Filipe Ribeiro, esta comunicação busca perscrutar, por intermédio da análise das personagens femininas principais do livro ora examinado, os papéis desempenhados pelas mulheres em um século marcado pelo utilitarismo – o qual, em última instância, nortearia algumas das escolhas por elas realizadas ao longo da narrativa.

(Des)igualdade de direitos de gênero: Perspectivas profissionais brasileiras a partir de Virginia Woolf (“Profissões para mulheres”) unindo Letras e Direito

Ivone Massola (UCS)

A história registra que as mulheres sempre foram tratadas de forma diferente em relação aos homens tanto do ponto de vista social, literário, como o jurídico. A construção da igualdade de direitos de gênero, tal qual temos hoje, com o advento da Constituição Federal de 1988, foi um longo caminho percorrido de mais de 80 anos do século XX perseguindo a igualdade hoje conquistada, juridicamente pela mulher. Ainda que em termos legislativos, não haja mais distinção de sexos, do ponto de vista profissional, para as mulheres poderem desenvolver suas profissões precisam equilibrar a vida no lar e a profissional. Mesmo estando sujeitas a salários menores do que os colegas do sexo oposto, a sociedade disfarça e acredita na igualdade de gênero. Virginia Woolf, em 1931, no ensaio *Profissões para Mulheres*, ao descrever como se tornou escritora, e no mesmo documento em que convidava às mulheres a se engajar ao mundo do trabalho, alertava que o espaço a ser conquistado exigia sacrifícios e coragem de se expor. Atualmente as mulheres ocupam espaços em todos âmbitos profissionais, sejam técnicos, braçais ou científicos e enfrentam os mesmos ou maiores desafios que os trabalhadores do sexo oposto.

A construção fragmentária do tempo no romance de Jeniffer Egan

Débora Ferraz (PUCRS)

Esta comunicação pretende traçar, a partir da análise estilística do romance *A visita cruel do tempo*, da escritora Jeniffer



Egan, considerações sobre o clímax narrativo e os universos estruturais do conto, do romance e do que, aqui, chamaremos de efeito de romance. Acreditamos que a autora ao ensaiar diversas formas narrativas (incluindo o formato de Power Point) como se escrevesse contos separados, constrói uma estética muito peculiar e que evidenciaria aspectos clímax romanescos e sua possível queda na busca por uma estética do século XXI. Observamos que, na busca por uma forma que melhor represente a relação com este tempo do fragmentado e eternamente presentificado, como já destacado por SIBILA em *O show do Eu* (1998), o romance/contos da autora é um locus privilegiado para empreender reflexões sobre a estética do contemporâneo e narrativas pós-modernas, questões, estas, extremamente pertinentes para os estudos de literatura contemporânea. Amparada em autores como Giorgio Agambem, Denilson Lopes, Paula Sibila, entre outros, pretende-se contribuir na discussão sobre a busca por uma estética pós-moderna lançando novas luzes sobre um aspecto tão pouco controverso como o clímax romanescos. Uma vez que a impossibilidade de se chegar a um limite da questão, da motivação do personagem destes tempos, desfaz, grosso modo a experiência do clímax tal como ele acontece no romance clássico e no moderno se esvaem, novas formas de cristalizar esta experiência se desdobram.

Palavras-chave: Clímax narrativo, Estéticas contemporâneas, Romance contemporâneo, Ficção.

Editora Mulheres: um capítulo na história do livro no Brasil

Isabel Maria Barreiros Luclktenberg (UFSC)

Através de um recorte a partir do estudo da formação do livro e da leitura no Brasil no século XIX, esta pesquisa objetiva mostrar a inserção das mulheres no campo literário brasileiro e como essa inserção se dá no século XX-XXI, com a atuação dos movimentos feministas e de uma produção acadêmica que se volta para o estudo da literatura produzida por mulheres. Nesse contexto, acadêmico e crítico, surge a Editora Mulheres, preocupada com a memória cultural e a história literária que passasse pela história das mulheres e com o objetivo de recuperar textos e autoras do passado. Pretendo mostrar a trajetória da Editora e como a visibilidade e o acesso a vozes de teóricas e críticas contemporâneas tornaram possível ampliar a história literária brasileira não apenas pela inclusão de nomes próprios femininos, mas por uma linha editorialmente coerente de outras, e não mais silenciadas, formas de pensar, ler e escrever.

Voltar ao [SUMÁRIO](#)

SIMPÓSIO LIVRE 8

Corpo e subjetividade em "Sheine meidale"

César Marcos Casaroto Filho (PUCRS)

No presente trabalho analisa-se "Sheine meidale", conto de Cintia Moscovich, que narra a história de Sheine meidale, uma menina de descendência judaica que passa pelas transformações da adolescência, desconhecendo o próprio corpo e funções. Obrigada a seguir à risca os padrões que o pai lhe impõe, a protagonista se submete aos ditames de uma cultura essencialmente patriarcal, em que as mulheres necessitam seguir um comportamento exemplar, subalterno ao homem. Aos poucos, passa a compreender qual é seu papel no contexto social imposto. Para tanto, é feita uma revisão bibliográfica com enfoque nos estudos de gênero, como Perrot, Bourdieu, Foucault. Enquanto menina, Sheine procura fazer o que tem vontade, seguindo seu próprio juízo. Assim, ela opta por praticar esportes considerados masculinos aos olhos do pai e da sociedade, como o futebol. Ela renuncia, desde sempre, ao faz de conta e às bonecas, o que resulta que não se enquadre nos parâmetros que moldam a mulher-criança desde a mais tenra idade. Sendo Sheine uma moça distinta das demais, especialmente por seu gosto pelo esporte masculino, acaba sendo a mira principal de seu pai, que a condena pela atitude pouco convencional, lembrando-lhe constantemente do seu lugar na sociedade. A institucionalização patriarcal modela as mulheres, fazendo-as elas próprias acreditarem-se seres que não podem pensar por si mesmos, subordinados e inanimados, ao passo que adoráveis e bem dotados. O conto demarca um questionamento sobre as verdades que a sociedade toma como naturais e essenciais. O corpo da protagonista está presente, de forma relevante, na trama, sendo a etapa da menstruação um dos momentos mais significativos. A característica física do feminino, unido com o seu pensamento enquadrado nos paradigmas do patriarcalismo, são



marcos importantes em “Sheine meidale”.

Cartografia do esquecimento

Tereza Beatriz Azambuya Cibotari (PUCRS); Paulo Ricardo Kralik Angelini (PUCRS)

A colonização portuguesa em África foi um processo impactante, que deixou muitas marcas. O presente estudo analisa a presença portuguesa no romance angolano *Teoria Geral do Esquecimento*, de José Eduardo Agualusa (2012), especificamente por meio das imagens do apartamento onde a personagem portuguesa Ludo, protagonista, encerrou-se por muito tempo, na cidade de Luanda. Ludo tem uma relação inicial bastante problemática com o espaço habitado, e sofre profundas transformações ao longo da obra, no período de confinamento. Essas transformações psíquicas são enunciadas também pelas modificações que sofre o lugar habitado pela personagem feminina em questão. Dessa forma, o imaginário constituído será lido de forma a mapear a geografia do espaço íntimo da personagem, que dialoga diretamente com o espaço externo com o qual ela se relaciona, revelando a construção e a ressignificação de elementos identitários. O estudo será embasado na concepção do espaço como a concentração de um psiquismo, segundo a *Poética do Espaço*, de Gaston Bachelard (1993).

Corpo e linguagem em Josefina Plá

Geovana Quinalha De Oliveira (UFMS)

Dentre os debates da crítica feminista atual destaca-se a relação entre materialidade e linguagem. Trata-se de novas formas de articulações que promovem epistemologias outras a partir da aceitação da materialidade do corpo e da experiência sem negar o fato de que são, também, culturalmente e discursivamente constituídas, mas que não se liquidificam nessa discursividade. Matéria e linguagem deixam de pertencer a campos acentuadamente distantes para se imbricarem. Corpo e escritura, corpo na escritura. Nesse sentido, proponho pensar de que modo os estudos feministas sobre o retorno da materialidade re-configuram as noções do sujeito e da experiência a partir da análise do tempo, do espaço, do corpo, da matéria, da errância e da ausência nos contos “Cayetana” e “Maíña”, da autora paraguaia Josefina Plá. Observa-se nos contos que se trata de mulheres paraguaias das classes pobres com analogias entre si, sobretudo no que tange ao corpo, à força de trabalho e ao uso do guarani e do espanhol, entrelaçados no *yopará*. A fim de aclarar essa postura crítica, faremos uma reflexão a partir das considerações de Nelly Richard, Claudia de Lima Costa, Chandra Mohanty e Judith Butler com o intuito de por em debate a virada ontológica da materialidade, do real por intermédio dos ditos, não-ditos e interditos das personagens femininas de Plá.

Usos e desusos do corpo em O tempo e o vento: o caso Ana Terra

Marcia Elena de Brito (UNICENTRO); Márcio Fernandes (UNICENTRO)

A personagem Ana Terra é considerada como uma das mais importantes figuras femininas da literatura brasileira. Inserida enquanto personagem extremamente relevante em uma obra que se pode ser considerada épica, Ana Terra é estudada na presente pesquisa sob distintos prismas: a mulher guerreira do livro *O Tempo e o Vento* e suas representações similares na minissérie homônima de 1985 e na peça cinematográfica de 2013. Estamos falando, portanto, de transformações, de usos e desusos do corpo humano ao longo dos tempos e em diferentes momentos de uma mesma cultura – o universo do Rio Grande do Sul. Que Ana Terra temos, portanto, em *O Tempo e o Vento* original (1949) dos pontos de vista físico (que roupas vestia, usava jóias e assim por diante) e psicológico (a mulher amargurada da obra literária se transforma em uma matriarca de bem com a vida no filme)? Por quais razões as narrativas mudam tanto de um suporte para outro e de uma época para outra, considerando que entre o texto publicado por Veríssimo e a versão de Cinema cerca de 60 anos se passaram? São indagações que a presente pesquisa reflete.

Relações humanas em Lygia Fagundes Telles: a ceia do desencontro

Salete Rosa Pezzi dos Santos (UCS)

Detentora de inúmeras premiações, a escritora paulista Lygia Fagundes Telles constitui-se em uma escritora consagrada pela crítica e pelo público. A narrativa da ficcionista evidencia o universo feminino e, sem deixar de configurar o mundo exterior, volta-se para o movimento psicológico das personagens, suas vivências e sentimentos mais profundos. Ana, Leontina, Catarina, Severina, Alice, Cordélia, Beatriz e tantas outras mulheres povoam as suas narrativas. Entretanto, é mister não se enganar: se,



CADERNO DE RESUMOS

ISSN: 2238-0787

num primeiro momento, tem-se a impressão que Lygia Fagundes Telles se preocupa somente com o universo feminino, logo se percebe que, a partir da personagem feminina, a escritora faculta ao leitor uma reflexão sobre a condição humana, pois a mulher não é representada como vítima ou carrasco simplesmente, ela se configura como um ser humano que experiencia uma forma de viver, que faz suas escolhas com as quais acaba por defrontar-se. O conto "A ceia", que compõe o livro *Antes do baile verde* (1986), é um belo exemplo de uma situação limite vivida pelas personagens, em especial, pelo sujeito feminino. Assim, o objetivo do estudo do conto "A ceia" é examinar o lugar da mulher neste universo ficcional através das relações que se estabelecem entre as personagens, a partir da representação do sujeito feminino, com base em aportes teóricos da Crítica Feminista.

Voltar ao [SUMÁRIO](#)



CADERNO DE RESUMOS

ISSN: 2238-0787

PÔSTERES

A LÍRICA MEMORIALÍSTICA DE ASTRID CABRAL – CULTURA E IDENTIDADE AMAZÔNICA

Enderson de Souza Sampaio (UFAM)

Orientador: Dr. Carlos Antônio Magalhães Guedelha

Esta comunicação é fruto da pesquisa de iniciação científica intitulada: A Memória Amazônica na Geografia Lírica de Astrid Cabral. O projeto consiste numa leitura das obras *Torna-viagem* (1981), *Visgo da terra* (1986) e *Rês desgarrada* (1994), da poetisa amazonense Astrid Cabral. A pesquisa investiga a forma como Astrid opera, em sua poesia, um turismo lírico por duas diferentes porções geográficas do planeta – o Oriente Médio em *Torna-viagem* e os Estados Unidos em *Rês desgarrada* –, tendo como contraponto o apego à identidade e à cultura amazônica, amazonense e manauara, tal como assinalado em *Visgo da terra*. Ou seja, a pesquisa se propõe investigar como se constrói a arquitetura memorialística amazônica na poesia de Astrid Cabral. Sendo assim, faz parte da investigação explicitar como as obras selecionadas retratam o reforço da identidade cultural amazônica e a expressão da sensibilidade feminina, que são duas constantes do projeto poético da poetisa e contista amazonense. Nesse sentido, concebemos a memória como uma intersecção contínua que se localiza exatamente no ponto de articulação entre o sujeito, o espaço e o tempo (SENA FILHO, 2014). A partir da leitura das obras, procuramos comprovar como a produção literária da escritora é expressiva e reveladora do contexto amazônico, já que seu discurso poético muito nos revela sobre a natureza, as personagens e a cultura desta região. Dito isto, buscamos ressaltar como a realidade amazônica se encontra representada na poética astridiana. Para tanto, adotamos como pressupostos teóricos as contribuições de Le Goff (1990), Bergson (1999), Cavalvanti, Lima e Schneider (2006), Paes Loureiro (2008) e Sampaio e Guedelha (2014) que abordam questões pertinentes à relação entre memória e obra literária, bem como trazem contribuições pertinentes acerca da mulher e literatura.

MULHER E VIOLÊNCIA NA LITERATURA: UMA LEITURA DE MACUNAÍMA

Neivana Rolim de Lima (UFAM)

Orientadora: Dra. Cássia Maria Bezerra do Nascimento

A presente pesquisa integra o Programa de Extensão Universitária N-Linguagens vinculado à Pró-Reitoria de Extensão e Interiorização (PROEXTI), da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Dessa forma, este estudo versa sobre uma problemática constante na Literatura de Língua Portuguesa, a violência. Partindo do pressuposto de que esta é uma prática constitutiva na cultura brasileira. Por isso as obras artísticas, independentemente de sua natureza, abordam a violência como um elemento fundador a partir do qual se organiza a própria ordem social. Dito isto, propomos uma leitura da obra *Macunaíma* (2008) do escritor Mário de Andrade com um olhar voltado para a ficcionalização da violência contra as personagens do gênero feminino: Sofará, Suzy, Iriqui e Ci cometidas pelo protagonista do romance. Sendo assim, adotamos como pressupostos teóricos as contribuições dos estudos de Tânia Pellegrini (2004), Jaime Ginzburg (2000) e Karl Erik Schollhammer (2007). Nesse sentido, faz-se necessário enfatizar este trabalho insere-se dentro dos estudos de gênero na Literatura Brasileira, bem como contamos com as contribuições da crítica feminista.

VOZ E VEZ DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Vanessa de Almeida Santiago (UFS)

Orientadora: Dra. Jeane de Cássia Nascimento Santos

O objeto do trabalho é apresentar um estudo da obra lírica *Poemas da recordação e outros movimentos* (2011), da escritora mineira contemporânea Conceição Evaristo, à luz da Lei 10.639, que incluiu o estudo da literatura afro-brasileira em escolas de ensino fundamental e médio. Também incluiremos abordagens relacionadas à autoria feminina (SCHMIDT, 2002 e FONSECA, 2002), a visão de Kabengele acerca da discriminação racial, e reflexões críticas sobre a produção literária de Evaristo (MACHADO, 2013), de modo a dimensionar como as temáticas da inserção da mulher negra no espaço social e o Uso da memória como forma de reavaliar a relação sujeito/alteridade são trabalhadas pela autora, tanto



em termos estéticos quanto contedutísticos. Espera-se, por meio deste recorte, fazer um reconhecimento da obra escolhida de modo a verificar as possibilidades de se trabalhar poemas de Evaristo nas diversas séries que integram o ensino fundamental e médio, em atendimento à lei citada.

DELFINA: HEROÍNA NA ÉPICA DE STELLA LEONARDOS

Carla Anita Vieira Costa (UFS)

Orientadora: Dra. Christina Bielinski Ramalho

Abordagem da obra *Romanceiro de Delfina* (1994), de Stella Leonardos, à luz da teoria épica do discurso (SILVA, 2007), da metodologia épica proposta por Ramalho (2006 e 2013) e de estudo crítico da obra épica de Leonardos (RAMALHO, 2005), com ênfase na análise das categorias épicas plano histórico, plano maravilhoso e plano literário e no modo de representação heroica da escritora romântica Delfina Benigna da Cunha no poema. O objetivo principal é verificar como *Romanceiro de Delfina* lê a inscrição da produção romântica de Delfina na cultura brasileira.

O HEROÍSMO DE ZUMBI DOS PALMARES NO CORDEL DE GIGI

Luciara Leite de Mendonça (UFS)

Orientadora: Dra. Christina Bielinski Ramalho

Estudo da obra *Zumbi, um sonho da igualdade* (s/n), cordel da sergipana Josineide Dantas, a Gigi, a partir do enfoque da teoria épica do discurso (SILVA, 2007), das estratégias épicas de leitura propostas por Ramalho (2006 e 2013) e das considerações de Bella Jozef (1996) e Rita Therezinha Schmidt (1996) sobre a autoria feminina. Nossos principais objetivos são verificar o modo como a autora representou o fato histórico relacionado à figura heroica de Zumbi dos Palmares e analisar a presença ou não da tradição patriarcal no que se refere à caracterização do personagem e de suas ações no poema.

A PERSISTÊNCIA DA MULHER NEGRA EM “LEITE DO PEITO”

Marta Simone Nunes Silva (UFS)

Orientadora: Dra. Jeane de Cássia Nascimento Santos

O objeto do trabalho é apresentar um estudo do conto “Leite do peito” (2001), da escritora paulista contemporânea Gení Guimarães, a partir de abordagens crítico-feministas sobre o conto brasileiro de autoria feminina (PARENTE CUNHA, 2007), Andrea Nye (1995) e Omar Lima (2007). Além disso, também abordaremos em nossa análise questões relacionadas à Lei 10.639, que incluiu o estudo da literatura afro-brasileira em escolas de ensino fundamental e médio (PIZA, S.P O Caminho das Águas: estereótipos de personagens femininas negras por escritoras brancas. São Paulo: EDUSP: Com Arte, 1998. ROSEMBERG, Fulvia. Discriminações Étnicos-Raciais na literatura infanto-Juvenil Brasileira. São Paulo: Ver. Brasileira de biblioteconomia, 1979. Silva, Ana Célia da A Discriminação do negro no livro Didático. Salvador, CEAO-CED,1995. Souza, Andreia L. Personagens Negros na literatura infantil e juvenil. In: CAVALLEIRO(org.) Racismo e Antirracismo na educação: repensando nossa escola. São Paulo: Summus,2001..). O objetivo deste estudo é verificar como, através da linguagem, a autora escolhida problematiza questões como a maternidade e a identidade étnica dentro do contexto ainda patriarcal e segregacionista da cultura brasileira.

AS SENHORAS DE RAQUEL NAVEIRA

Edeilson de Jesus Correia (UFS)

Orientadora: Dra. Christina Bielinski Ramalho

Estudo da obra *Senhora* (1999), de Raquel Naveira, a partir da metodologia épica proposta por Ramalho (2006 e 2013), de estudo crítico da obra de Naveira (RAMALHO, 2005), e do enfoque nas representações da mulher observadas nas partes que compõem o livro, a saber, “Senhora do Castelo”; “Senhora do Nilo” e “Senhora do Adro”. Nesse sentido, serão utilizadas algumas reflexões de Mary Del Priore em *Sexualidade e erotismo na história do Brasil* (2011) e as de Elódia Xavier em suas abordagens sobre o corpo feminino na literatura. O objetivo principal é verificar como, através do diálogo



entre mito e história, a autora contempla a inscrição da (s) mulher (es) em diferentes tempos e espaços.

MUSA CARMESIM, A MULHER EM TRÊS CANTOS

Marta Ginólia Barreto Lima (UFS)

Orientadora: Dra. Christina Bielinski Ramalho

Análise do poema épico pós-moderno *Musa Carmesim* (1998), de Christina Ramalho, com foco na representação da mulher nos três cantos que integram a obra. A base teórica será: Silva (1987 e 2007), no que se refere aos aspectos épicos; Anazildo Vasconcelos da Silva, Maximiliano Torres e Novaes Coelho, que abordaram criticamente o poema de Ramalho; e Whitaker, especificamente em *Mulher & homem, o mito da desigualdade* (1988). O objetivo da análise é verificar como as relações masculino/feminino se apresentam em cada um dos cantos, com destaque para o foco nas questões crítico-feministas.

A PERSPECTIVA HISTÓRICA DE STELLA LEONARDOS EM MEMORIAL DE D. PEDRO, CAVALEIRO

Larissa do Nascimento Oliveira (UFS)

Orientadora: Dra. Christina Bielinski Ramalho

Leitura crítica de *Memorial de D. Pedro, cavaleiro* (1998), obra de Stella Leonardos, que reúne 69 poemas, que contemplam episódios históricos relacionados à figura de D. Pedro I. O objetivo é verificar, em cada poema do livro, como a autora põe em foco aquele que pode ser considerado o protagonista da independência do Brasil, Dom Pedro I.

A base teórica para a abordagem considera a perspectiva épica do poema, a partir de Silva (1987), Silva e Ramalho (2007) e Ramalho (2013), e contempla o uso de imagens míticas, como os dragões e os personagens folclóricos, para dar destaque mítico à figura de D. Pedro. Busca-se destacar aqui a contribuição de uma poeta para a releitura de evento histórico de impacto na cultura nacional.

A POESIA ÉPICA DE AUTORIA FEMININA EM AS CANTILENAS DO REI-RAINHA, DE LEDA MIRANDA HÜHNE

Alexsandra dos Santos Bispo (UFS)

Orientadora: Dra. Christina Bielinski Ramalho

Essa pesquisa objetiva discutir como o gênero épico continua presente na poesia brasileira. Para tanto, empreendo uma análise de aspectos do gênero épico na obra *Cantilenas do Rei-Rainha* (1988) de Leda Miranda Hühne, observando também a contribuição da autora para a consolidação da expressão épica de autoria feminina no Brasil. O corpus teórico da pesquisa é constituído pelas obras *História da epopeia brasileira*, de Silva e Ramalho (2007), *Poemas épicos: estratégias de leitura*, de Ramalho (2013), e *Avatares da epopeia na poesia brasileira do final do século XX*, de Saulo Neiva (2009), que confirmam a presença do gênero épico na contemporaneidade. O objetivo central desse estudo é demonstrar a pertinência do épico na atualidade através do livro em questão.

FEMINISMO NA COZINHA

Beatriz Fernandes da Costa (UERN)

Orientador: Ma. Regiane Santos Cabral de Paiva

É comum nos depararmos com uma representação pouco convidativa da figura feminina nas produções literárias. Em sua grande maioria, a encarnação feminina toma os moldes de um ser apático, que pouco parece questionar a sua própria existência e pouco parece possuir o domínio do território de seu próprio corpo. Quase sempre simbolizada por uma personagem que simplesmente aceita as injustiças e subjugações impostas socialmente ao seu ser, a representação da mulher, quando não dessa maneira, é apresentada de maneira a ser erotizada no imaginário masculino, como a figura que necessita de um homem para salvá-la dos perigos do mundo e dela mesma. O presente trabalho pretende expor o feminismo retratado no conto *"Lección de Cocina"*, escrito pela mexicana Rosario Castellanos. Através do monólogo, a personagem principal busca sua identidade feminina enquanto questiona o papel da mulher na sociedade. No que tange



à produção de autoria feminina, utilizamos alguns teóricos durante a realização deste trabalho, entre eles, podemos destacar Ferraz (2011), Lobo (1999), Medeiros-Lichem (2006), Reis (1984), Gotlib (1985), entre outros pesquisadores, na tentativa de responder as questões levantadas no texto. A vida de Rosário Castellanos caminhou de mãos dadas com a luta feminista. A escritora dedicou sua vida em prol da luta, não apenas das mulheres, como também de todos os considerados marginalizados pela sociedade, sendo assim, é natural que a sua escrita se tornasse uma de suas armas na luta contra a sociedade machista e desigual em que estava inserida, isso se torna evidente no conto escolhido, assim, podemos considerar que a cozinha representada no texto trata-se da sociedade e que a mulher precisa vencê-la e não mais se sujeitar a ela. “*Lección de Cocina*” fomenta a transgressão e declara a emancipação feminina em todos os seus aspectos, provando que a voz da mulher é, não apenas a dela mesma, mas o grito de todas as outras que vieram antes dela.

AS MULHERES NA CRÔNICA DE VERA DUARTE

Laís Ferreira de Lima Barboza (UFS)

Orientadora: Dra. Marcia Regina Curado Pereira Mariano

Estudo das crônicas da cabo-verdiana Vera Duarte, publicadas em *A palavra e os dias* (2013), com o objetivo de verificar em quais delas a autora contempla a questão de gênero, dimensionando problemáticas sociais relacionadas à presença da mulher nos espaços públicos e privados. O estudo dos textos que abordem temáticas dessa natureza partirá de pressupostos da Lei 11.340 (Lei Maria da Penha), estabelecendo uma comparação entre a realidade cabo-verdiana e a brasileira, e de reflexões crítico-feministas de Ramalho (2013) e de Andrea Nye (1995).

REFLEXÕES EM TORNO DE MARIA MELONA

Márcia Cristina do Nascimento Santos Oliveira (UFS)

Orientadora: Dra. Jeane de Cássia Nascimento Santos

O trabalho propõe a leitura crítica do romance *Os desvalidos* (1993), do sergipano Francisco Dantas, com foco no perfil da personagem Maria Melona, de modo a verificar como o autor dimensiona a inserção da mulher no contexto patriarcal do sertão. Para tal abordagem serão utilizadas as reflexões críticas de Andrea Nye (1995) no capítulo “A análise do patriarcado” de *Teoria feminista e as filosofias do homem*; algumas colocações da Lei 11.340 (Lei Maria da Penha), e as considerações de Ana Cecília Acioli Lima sobre os “estudos de gênero” (2006).

O CORPO FEMININO NOS CONTOS DE VLADIMIR SOUZA CARVALHO

Daniela Carvalho de Jesus (UFS)

Orientadora: Dra. Jeane de Cássia Nascimento Santos

Estudo dos contos “A sobrinha” e “Lugar na missa”, do livro *Água de cabaça* (2006), do itabaiense Vladimir Souza Carvalho, com destaque para a observação da presença do corpo feminino, tendo como suporte teórico as considerações de Elódia Xavier, em *Que corpo é esse?* (2007); as de Cristina Ferreira Pinto, em *O Bildungsroman feminino* (1990), e as de Mary Del Priore, em *História das mulheres no Brasil* (2008), além da observação do que reza a Lei 11.340, conhecida como “Lei Maria da Penha”. Nossa intenção é contrapor a visão do corpo feminino em obra de autoria masculina às questões problematizadas pela crítica feminista.

OS VÁRIOS CORPOS DA PORTA-BANDEIRA

Franciele Dias do Nascimento (UFS)

Orientadora: Dra. Christina Bielinski Ramalho

Porta-bandeira (1989), de Leda Miranda Hühne, divide-se em seis partes, e cada uma delas referencia o corpo feminino no próprio título (Corpo doméstico, Corpo cindido, Corpo estranho, Corpo natura, Corpo alegórico e Corpo urbano). Neste estudo, contemplaremos, através de Elódia Xavier, em sua obra *Que corpo é esse?* (2007), como esse corpo está caracterizado em cada uma das partes de *Porta-bandeira*. Além disso, a partir de Silva (1987), Silva e Ramalho (2007) e



Ramalho (2013), dimensionaremos os traços épicos presentes na obra que, segundo desse ponto de vista teórico, também pode ser lida como uma produção épica. O objetivo principal é verificar as leituras que Hühne faz da inscrição da mulher nos diferentes espaços relacionando essa inscrição à crítica feminista e ao heroísmo épico.

“MULATA EXPORTAÇÃO”: UMA VISÃO CRÍTICO-FEMINISTA

Denise Brito Silva (UFS)

Orientadora: Dra. Jeane de Cássia Nascimento Santos

Realização de oficina destinada a estudantes de ensino fundamental, com o objetivo de discutir criticamente a imagem da mulher mulata na sociedade brasileira, a partir do poema “Mulata exportação”, da poeta do Espírito Santo Elisa Lucinda. A discussão, que envolveu a leitura do poema e o trabalho com a linguagem figurada, foi conduzida a partir de parâmetros definidos pela Lei 10.639, que aborda o estudo de obras da literatura afro-brasileira no ensino fundamental e médio, e de pressupostos teóricos da crítica feminista observados em texto crítico de Luiz Carlos Moreira da Rocha (2004) sobre a poesia de Lucinda e de Sandra Sacramento (2006) sobre patrimônio e cultura.

Palavras-chave: Poesia afro-brasileira; Elisa Lucinda; Lei 10639; crítica feminista.

A DESCONSTRUÇÃO DO ESTEREÓTIPO PATRIARCAL DA IMAGEM DE DEUS EM: CURSO SUPERIOR DE FORMAÇÃO DE SERES HUMANOS

Ariene Braz Palmeira (UFS)

Orientadora: Dra. Christina Bielinski Ramalho

Neste trabalho, pretende-se abordar o conto “Curso Superior de Formação de Seres Humanos” (*Dança no espelho*, 2005), de Christina Ramalho, dando ênfase à representação da identidade feminina através da personagem principal, apresentada como um “ser superior” que pretende proporcionar aos seres humanos um curso através do qual a consciência da humanidade sobre “ser” e “estar” será despertada. No conto, Deus abandona a imagem clássica de um senhor claro, idoso e barbudo, assume a forma de uma senhora negra e decide criar esse curso a fim de que os modos de ser e estar dos seres humanos sejam repensados. Comparecem no conto, portanto, temas voltados para a desconstrução do estereótipo patriarcal da imagem de Deus através da criação literária de um Deus mulher e para a inserção da mulher negra no âmbito de um contexto religioso tradicionalmente vinculado ao homem branco. Ademais do olhar crítico feminista que se recolhe da leitura, problemáticas relacionadas a questões sociais estão presentes. Como referencial teórico para estudar esses aspectos, utilizaremos as teorias de Sócrates Nolasco, Nelly Richard e Pierre Bourdieu, dentre outros.

A IDENTIDADE DA MULHER NEGRA EM “RESGATE”

Jessica Andrade Almeida (UFS)

Orientadora: Dra. Jeane de Cássia Nascimento Santos

O trabalho intitulado “A Identidade da Mulher Negra em ‘Resgate’” tem como principal objetivo colocar em foco a representação literária do papel da mulher negra em nossa sociedade a partir da leitura crítica do poema “Resgate”, da autora Alzira Rufino, retirado do livro *Eu, Mulher Negra, Resisto*, 1988, e dos resultados alcançados em oficinas literárias realizadas na escola Municipal vice-governador Benedito Figueiredo localizado no município de Itabaiana-SE como parte do projeto PIBIB/CAPS nas séries 7º e 8º ano do ensino fundamental. Para realização da análise da obra e da própria oficina foi necessário aprofundar os estudos teóricos da lei 10.639/06 que dá destaque à importância sociocultural do negro no Brasil, ressaltando a inserção da cultura e literatura afro-brasileira no ensino. Além disso, em termos de abordagem crítico-feminista, foram utilizados textos teóricos de Elisalva Madruga Dantas e Elódia Xavier.



CADERNO DE RESUMOS

ISSN: 2238-0787

“CONFISSÃO”: ORGULHO DA COR

Jussany de Jesus Oliveira (UFS)

Orientadora: Dra. Jeane de Cássia Nascimento Santos

O presente trabalho pretende divulgar a aplicação de oficinas destinadas a estudantes de ensino fundamental. O objetivo principal da oficina foi estimular a discussão crítica sobre o modo como a mulher negra é vista na sociedade brasileira, a partir do poema “Confissão”, da escritora sergipana Aglacy Mary. O debate envolveu a leitura do poema, orientada pelas orientações deliberadas pela Lei 10.639/03, que tem como objetivo a inserção da Cultura Africana no ambiente escolar, e de estudos da crítica feminista, como o de Dal Farra (2005), que fala do pensamento feminista no exercício literário de algumas escritoras, e o de Madrugá Dantas (2005), que mostra alguns/mas autores/as que trabalham com essa temática, em uma perspectiva inovadora. Na apresentação, dimensionaremos a receptividade dos estudantes à discussão proposta.

FIGURA DA MULHER NAS CRÔNICAS DE ETHEL COMPARANDO COM LEI MARIA DA PENHA

Missiele de Jesus Silva (UFS)

Orientadora: Dra. Jeane de Cássia Nascimento Santos

Estudos das crônicas de Ethel Naomi publicadas no livro *Água terra fogo ar: crônica elementais* (2011), buscando averiguar, a partir de Xavier (2007), de Richard (1993) e de Pereira (2002), as representações que a autora elabora do universo doméstico e afetivo de personagens mulheres presentes em seus textos. Verificaremos se, mesmo não propondo um explícito debate feminista, Naomi propõe o rompimento com os estereótipos de representação que ainda dominam o cotidiano das mulheres na sociedade contemporânea. O objetivo principal, portanto, é verificar como a autora contempla a figura da(s) mulher (es) em diferentes tempos e espaços e contrapondo essas representações a visões da crítica feminista, levando, ainda, em consideração, a Lei Maria da Penha.

BEATRIZ, HEROÍNA ÉPICA?

Jussiana Souza de Andrade (UFS)

Orientadora: Dra. Christina Bielinski Ramalho

Escrita no início do século XIV, *Divina Comédia*, a epopeia de Dante Alighieri está dividida em três partes, as quais podem ser consideradas como uma estrutura de representação da divisão de mundo espiritual na concepção cristã: “Inferno”, “Purgatório” e “Paraíso”. Nesta abordagem, a partir de considerações críticas sobre a obra feitas por Leo Pollmann (1973), Jonathan Black (2013) e Cristiano Martins (1991) e dos pressupostos de Ramalho (2005 e 2013) sobre o gênero épico, enfocaremos o papel desempenhado por Beatriz, discutindo e dimensionando se ela pode ser considerada também uma heroína do poema, uma vez que sua presença no plano histórico é fato. Buscamos, com esse enfoque, discutir a questão do heroísmo épico e da representação do feminino em obras dessa natureza.

O RETRATO DA MULATA NO CONTO “MARCELINA” DE LUANDINO VIEIRA

Daynara Lorena Aragão Côrtes (UFS)

Orientadora: Dra. Jeane de Cássia Nascimento Santos

O objetivo do trabalho é analisar o conto “Marcelina” presente na obra *A Cidade e a Infância*, do escritor angolano José Luandino Vieira, levando em consideração as orientações da lei 10639/03. As direções condutoras do estudo partiram da necessidade de compreender as relações sociais em Angola no séc. XX, mais especificamente da representação concedida à mulher mulata. Posto isso, debruçando-se sob os estudos de FANNON (2005), MEMMI (1989), bem como as teorias que envolvem a estética da narrativa, pontuou-se a importância que há na intensificação da miscigenação em Angola, principalmente no que se refere à representação do retrato feminino presente no conto, o que contribuiu para o esclarecimento da interpretação literária através do conhecimento histórico.



CADERNO DE RESUMOS

ISSN: 2238-0787

DO “QUARTO DE DESPEJO” AO “LIVING”: ESPACIALIDADES EM CAROLINA DE JESUS E EM CLARICE LISPECTOR

Jéssica Santos Ferreira (UFRRJ)

Orientadora: Dra. Valeria Rosito

Este trabalho é uma análise comparativista voltada para o horizonte simbólico nas descrições espaciais em Carolina de Jesus e Clarice Lispector. Contemporâneas nos anos 50 e 60 e com destinos díspares, essas duas escritoras nos oferecem respaldo para uma reflexão crítica sobre as perspectivas coexistentes às de gênero. Partimos dos aspectos teóricos em Bakhtin sobre signo, identidade e dialogismo para a discussão da desigualdade intragênero por meio do exame da retratação dos espaços físicos e simbólicos em ambas as escritoras. Para tanto, ancoramo-nos também no conceito de subalternidade de Spivak. Exploramos duas posições sociais centrais: o lugar social da mulher negra, enquanto duplamente “subalterna”, evidenciada nos textos diarísticos de Carolina de Jesus; e a relação assimétrica entre patroa e empregada, observada do ponto de vista da patroa no romance *A Paixão segundo G.H.* Carolina nomeia a favela por “quarto de despejo”, título também de seu livro. Quarto de despejo é o espaço físico e simbólico que definiu a identidade de Carolina enquanto escritora. Ela nomeia de “Salas de visitas” a cidade – espaço ocupado por Clarice. No romance de Clarice esses termos encontram lugar e equivalência. A narradora G.H. nomeia de “living” e “bas-fond” lugares de prestígio e desprestígio em seu apartamento, respectivamente. Dessa forma, encontram-se espacializadas as subjetividades das duas narradoras, observadoras de seus entornos físicos e simbólicos. Por fim, concluímos que essas duas escritoras ocuparam espaços físicos e simbólicos díspares e incomunicáveis, discriminados e referenciados extensivamente pelas duas autoras. Espaços determinantes para consagração e permanência de Clarice Lispector, e a interdição e o esquecimento de Carolina de Jesus.

MARIA BENEDITA BORMANN (DÉLIA) E SEU ROMANCE *LÉSGBIA*: O TORNAR-SE AUTORA E UMA GENEALOGIA CLÁSSICA

Anna Karina Torres Gomes Lopes (UFRJ)

Rosana Azevedo Martins (UFRJ)

Orientadora: Dra. Anélia Montechiari Pietrani

Praticamente esquecida do público-leitor, a gaúcha Maria Benedita Bormann (1853-1895) foi uma escritora brasileira do século XIX que rompeu com os preceitos de sua época. Vinculado ao Núcleo Interdisciplinar de Estudos da Mulher na Literatura (FL/UFRJ), este trabalho tem por objetivo resgatar a vida e a obra dessa escritora, mais especificamente um de seus romances, intitulado *Lésbia* e publicado em 1890, de modo a analisar como se interpõe em seu processo de construção literária o ato simultâneo de leitura e de escrita e como esse processo pode suscitar reflexões sobre a concepção que determinava a supremacia masculina não só no mundo político, econômico e social, mas também, e principalmente, no mundo letrado, marcado pela continuidade e serialidade da hegemonia masculina, como afirma Anélia Pietrani (2000), retomando Teresa de Lauretis (1987) e seus estudos sobre as ideologias da “tecnologia de gênero”. Em consonância a isso, para este trabalho será ainda importante considerar o aspecto que diz respeito ao uso do pseudônimo literário, que “aponta para uma ruptura consciente”, conforme destaca Norma Telles (1999) em estudo sobre Délia, pseudônimo adotado por Bormann, marcando o nascimento literário para a escritora como um artifício de ruptura de sua identidade real em busca de uma literatura muito própria (Showalter, 1977), principalmente levando-se em conta que as mulheres do século XIX eram consideradas excluídas de participação no mundo erudito.

AS VOZES FEMININAS E IDENTIDADES EM *ORGULHO E PRECONCEITO*, DE JANE AUSTEN

Tatiane de Souza Mota (UFAM)

Orientador: Dr. Marco Aurélio Coelho de Paiva

A obra de Jane Austen que foi uma importante escritora inglesa do século XIX que se debruçou no universo feminino da época. Austen traz em suas obras a vulnerabilidade de jovens que tinham que viver sobre a grande pressão de arranjar um bom casamento, as regras sociais de se manter o “bom nome da família” (reputação), as dissociações e conflitos que



estavam em pauta naquele contexto histórico do século XIX e XX, a questão da maternidade, da sexualidade e as identidades femininas vista nas personagens que Austen descrever. Fazendo uma análise sociológica que quando as personagens rebelam-se contra as normas impostas por sistemas de regras sociais patriarcais de uma sociedade predominantemente que se tem as vozes do masculino como “ordem final”, essas mulheres se autopunem ou sofrem de alguma forma uma “punição” na esfera social. Assim ao analisar o romance *Orgulho e Preconceito* nos ajudará a entender e a expressar essa construção intrínseca da modernidade, que virá a fazer o “espelhamento da vida cotidiana a partir da valorização do indivíduo e da fragmentação imposta pela nova realidade” (cf. Lukács, 2009). Não mais heróis míticos a representar uma totalidade onde o indivíduo diluía-se na sociedade, mas heróis problemáticos a expressar a insuficiência de uma adequação a uma totalidade já perdida (cf. Lukács, 2000). Portanto, este trabalho trará as vozes de personagens descritas por essa escritora Inglesa que se faz nos dias atuais tão contemporânea ao colocar em foco as vozes femininas que trazem questionamentos, estereótipos e levantamentos de conceitos tão enraizados na nossa Sociedade. Poderemos escutar e verificar as vozes dessas personagens que são marcadas pela forte repressão social.

TRADUCCIÓN FEMINISTA: UN ESTUDIO COMPARADO DE LA HABANA PARA UN INFANTE DIFUNTO DE GUILLERMO CABRERA INFANTE

Valeria Alejandra Espitia Ducoing (UNAM)

Orientadora: Dra. Tatiana Sule Fernández

La propuesta consiste en presentar la postura y las estrategias de dos traductoras literarias, una estadounidense y la otra francesa, para traducir la novela del autor cubano Guillermo Cabrera Infante al inglés y al francés, respectivamente. La pertinencia del estudio radica en estudiar la postura feminista e intervencionista de la traductora estadounidense en comparación con una traducción más tradicional por parte de la traductora francesa.

ENTRE A OPRESSÃO E A LIBERDADE: AS CONSEQUÊNCIAS DA LEGITIMIDADE DO AMOR PARA AS MULHERES DA DÉCADA DE 60

Soraya Souza de Carvalho (UFS)

Orientadora: Dra. Christina Bielinski Ramalho

Estudo dos contos “Amor” de Clarice Lispector e *I Love my husband* de Nélida Piñon com ênfase no conflito entre opressão e liberdade no universo da mulher comum dos anos sessenta à luz das considerações teóricas de Mary Del Priore, em *História das mulheres no Brasil* (2008); Carlos Magno Gomes, em *Ensino de Literatura e Cultura: do resgate à violência doméstica* (2014); Ana Cecília Acioli Lima, *Estudos de gênero*(2006).

POESIA DA GUERRA COLONIAL PORTUGUESA: VOZES ANTICOLONIAIS NA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES FEMININAS

Bruna Borges de Almeida (UFRGS)

Julia Helena Dias (UFRGS)

Orientadoras: Dra. Ana Lucia Liberato Tettamanzy e Dra. Carla Beatriz Meinerz

Neste trabalho, propomos analisar escritoras de diferentes países que tematizam questões relacionadas ao colonialismo português e à guerra nas colônias africanas. Tais escritoras trazem para o foco de seus discursos literários a experiência de mulheres enquanto sujeitos coloniais em países colonizados ou colonizadores, construindo uma identidade feminina no que diz respeito ao enfrentamento da estrutura patriarcal colonial e às experiências tipicamente femininas nessa situação de conflito. Tanto Alda do Espírito Santo, natural de São Tomé e Príncipe, como Ana Paula Tavares (Angola), Fiamma Brandão (Portugal) e Noêmia de Sousa (Moçambique), são vozes femininas anticoloniais que trazem à poesia do período da guerra um olhar sobre o espaço da mulher e o que ele representa em relação a suas condições na vida civil nacional. As escritoras tratam de experiências hostis de um mesmo momento histórico, o colonialismo, que não fazem parte dos discursos “oficiais” sobre a guerra, seja na literatura ou na história.



CADERNO DE RESUMOS

ISSN: 2238-0787

RECONFIGURAÇÕES IDENTITÁRIAS E RESISTÊNCIA EM *PONCIÁ VICÊNCIO*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Calene Manuela dos Santos (IFAL)

Orientadora: Dra. Cleusa Salvina Ramos Maurício Barbosa

Esta pesquisa, de cunho bibliográfico, tem por intuito refletir acerca da condição feminina, em particular, da mulher negra e suas reconfigurações identitárias, no romance contemporâneo *Ponciá Vicêncio* (2003), da escritora mineira Conceição Evaristo. Tomamos como objetivo examinar o percurso das vivências da protagonista a partir da perspectiva de seus atos de não submissão, resistência e não enquadramento aos estereótipos associados, historicamente, à figura feminina negra no Brasil, no momento pós-abolição. Para tanto, fundamentamos nossa discussão, principalmente, em HALL (2003) e BUTLER (2003).

PERSEGUIDA PELO MEDO: REFLEXÕES SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Shirlene Andrade de Jesus (UFS)

Orientadora: Dra. Jeane de Cássia Nascimento Santos

Análise do conto "Perseguida pelo medo", da paranaense-sergipana Inez Resende de Jesus (*Lembranças de um paraíso*, 2013), com o intuito de verificar como a violência contra a mulher, tão sentida na realidade, é representada na literatura. O objetivo deste trabalho é, assim, a partir das questões sobre a violência contra a mulher abordadas no conto, fazer uma leitura crítica do texto, relacionando essa presença com as categorias do corpo criadas por Elódia Xavier (2007), que, na obra *Que corpo é esse?* trata da representação da mulher e das lutas e violências enfrentadas por elas na sociedade. Além disso, a metodologia escolhida inclui a proposta de Ramalho (2006 e 2013), de estudo crítico e enfoque nas representações da mulher e divulgação da Lei 11.340, conhecida como "Lei Maria da Penha".

O DISCURSO AMOROSO DE ANA CRISTINA CESAR

Juliana Maffei (PUCRS)

Orientador: Dr. Charles Kiefer

Através da obra *Fragments de um discurso amoroso*, de Roland Barthes, o trabalho identifica o sujeito amoroso no discurso de Ana Cristina Cesar, em *A teus pés*, por meio de um estudo comparado entre as duas linguagens. A pesquisa, de caráter bibliográfico, apresenta os poemas da autora em que a linguagem amorosa é predominante para, assim, dar voz ao sujeito que vive a experiência do amor e discorre imediatamente sobre aquilo que sente. Através das *figuras* (gestos do apaixonado em ação) contidas em *Fragments de um discurso amoroso* e encontradas subjetivamente nos poemas da autora que pretendemos esboçar essa relação e afirmar a existência do amor dentro do discurso de Ana Cristina Cesar.

THE ROLES OF WOMEN IN PETER PAN: NOW AND THEN

Fernanda Bressan Capelini (UCS)

Orientador: Dra Giselle Mantovani Dal Corno

O papel das mulheres é muito discutido na sociedade ocidental atual. Esta pesquisa tenta entender, através de alguns autores, quais eram os papéis das mulheres na era Vitoriana, quais são os papéis das mulheres agora nas sociedades ocidentais atuais e quais são os papéis das principais personagens femininas no livro de J. M. Barrie, *Peter Pan*. Ela começa com a análise dos papéis das mulheres na era Vitoriana e a influencia no livro estudado nela. O estudo apresenta as ideias de alguns autores sobre os papéis das mulheres nas sociedades e no livro analisados, e também, alguns fatos históricos sobre as sociedades analisadas. O objetivo dessa pesquisa é analisar os papéis das mulheres na Era Vitoriana, na sociedade ocidental atual em comparação com *Peter Pan*.

MULHERES NEGRAS, ANCESTRALIDADE E PERTENCIMENTO NOS ROMANCES DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Tamires Maiara Santos Araújo (UFVJM)

Orientador: Dr. Rodrigo Guimarães Silva

A proposta dessa comunicação é identificar e analisar as maneiras como a questão da ancestralidade e da memória da



escravidão comparecem nos romances Ponciá Vicêncio (2003) e Becos da Memória (2013), da escritora mineira Conceição Evaristo, por meio do protagonismo de personagens femininas. Nas obras de Evaristo podemos identificar “a consciência de pertencimento a um grupo social oprimido (DUARTE, 2015, p. 149)”, que ganham especial relevo em sua escritura através da primazia da temática da ancestralidade ou a partir da memória de um tempo não vivido. A vivência das personagens Ponciá e Maria Nova nos referidos romances traz em sua essência a história de uma coletividade que é permeada pela violência de classe e gênero. No âmago dessas narrativas literárias, reconhecemos que a memória tem uma função, entre outras coisas, de fortalecimento e solidificação de mecanismos culturais que aprofundam e estreitam o sentido identitário e de pertencimento a comunidades específicas e socialmente diferenciadas. Podemos perceber ainda que, essas questões colocadas anteriormente estão relacionadas com a posição da mulher na cultura afro-brasileira e como essas personagens se evoluem com o lugar do negro na sociedade em questão. Esse fator se manifesta através da busca coletiva por narrativas que pertencem ao seu grupo como no caso de Maria Nova, de Becos da Memória (2013), ou pela busca solitária de uma herança simbólica e ancestral como é a da personagem Ponciá, ambas nesse contexto, se encontram enquanto mulheres negras e testemunhas de sua situação social. Sendo assim cabe destacar que a literatura não só estabelece fortes laços com a memória coletiva e cultural, mas também aciona mecanismos de denúncias e de conscientização, característica que se fazem presentes de maneira contundente na escrita de Conceição Evaristo.

CONVERSÇÕES EM GÊNERO, DIREITO E LITERATURA

Liane Duarte da Silva (FURG)

Alana Ferreira dos Santos (FURG)

Haniel Duarte da Silva (FURG)

Gabriela Simões Pereira (FURG)

Orientadora: Ma. Juliana T. Mesko da Fonseca

A ideia que envolve o nosso pôster é apresentar o projeto *Oblíquo: Núcleo de Estudos em Direito e Literatura*, falando sobre os seus objetivos, o que nos levou a criá-lo e de que forma estamos construindo coletivamente esse projeto, dando ênfase ao momento atual de estudo do grupo sobre gênero e escrita feminina na literatura. O *Oblíquo* é um projeto de ensino e extensão vinculado à Faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio Grande, em andamento desde junho de 2014. Objetiva a leitura, o estudo e a difusão de narrativas, testemunhos e obras literárias visando à promoção da cultura de respeito aos Direitos Humanos. Vinculado ao *Oblíquo* está o projeto *Direitos e Narrativas nas Escolas*. Desenvolvendo atividades junto à comunidade estudantil da rede pública, almeja-se produzir atividades de impacto que sensibilizem o meio social. Nesse sentido, em articulação com as pesquisas em literatura e questões de gênero, esse projeto visa à promoção da cultura de respeito aos Direitos Humanos por meio de narrativas literárias e cinematográficas. O *Oblíquo* foi pensado a partir de três ciclos temáticos de estudo: a) “História, ficção e verdade: as narrativas literárias e a ditadura civil-militar brasileira”. Onde foram lidas e discutidas as obras relacionadas à temática em eventos e reuniões, além de terem sido realizados cindebates em parceria com o projeto *Marcas da Memória*, do Ministério da Justiça; b) “Aproximações entre Direito, Gênero e Literatura: a escrita feminina e as construções (pós)identitárias dos sujeitos”; c) “Multiculturalidade: a pluralidade no âmbito da cultura”. O eixo “Aproximações entre Direito, Gênero e Literatura: a escrita feminina e as construções (pós)identitárias dos sujeitos”, no qual nos encontramos, estuda a temática de gênero presente em obras literárias e busca interrelacioná-la com discussões no âmbito jurídico. Como ideia inicial o núcleo pesquisou a produção literária de expressão feminina, que se desenvolveu ao longo do século XX. Como base para os debates foram lidas duas obras da escritora Virginia Woolf, “*Orlando*” e “*Um teto todo seu*”, ambas importantes para a História da escrita de autoria feminina e do próprio feminismo, inseridas na luta histórico-sócio-política pela conquista de Direitos das Mulheres. Em um segundo momento deste ciclo, o núcleo estudará as vertentes pós-identitárias de gênero presentes na Literatura. As correntes pós-feministas dissociam a ideia de sexo como dado natural e gênero como construção cultural, sendo o sexo entendido da mesma forma que o gênero: construção discursiva e pautado pelas compreensões políticas acerca do masculino e do feminino. Nessa linha, serão discutidas obras de autores contemporâneos.



CADERNO DE RESUMOS

ISSN: 2238-0787

THE ROLE OF WOMEN IN *THE SCARLET LETTER*

Melissa Soares de Oliveira Mandelli (UCS)

Orientadora: Ma. Flávia Gisele Saretta

Gender equality is a widely discussed issue today. This work aims to analyze the role of women, especially the characters Hester Prynne and Pearl in the novel *The Scarlet Letter*, by Nathaniel Hawthorne. The novel relates the society of the time with the current one, considering that both are patriarchal, and the fictional society is Puritan. This paper analyzed the role of the main character, Hester Prynne and her daughter Pearl, as well as freedom for women and women's empowerment, with emphasis on feminist approaches, in gender studies and literary criticism. This research aims to show the importance of equal gender rights, as well as dealing with gender and feminist issues in school, in order to pave the way for a more equal society for all.

A ANÁLISE (COR)ROMPIDA EM *SÉRGIO Y. VAI À AMÉRICA*: UMA LEITURA DE GÊNERO

Marina Siqueira Drey (UFSC)

Orientadora: Dra. Tânia Regina Oliveira Ramos

Esse trabalho faz parte das reflexões que iniciei na graduação em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) sobre personagens femininas no romance brasileiro contemporâneo, uma literatura que se caracteriza pela qualidade e fertilidade, segundo afirmou a pesquisadora Beatriz Resende (2004). Neste espaço de fala, especificamente, procuro realizar uma leitura do livro *Sergio Y. vai à América*, de Alexandre Vidal Porto, no que toca à personagem Cecília Coutts. Esta obra faz parte do rol de narrativas estudadas recentemente em uma disciplina da Pós-Graduação em Literatura da UFSC que me motivou a dar continuidade na pesquisa sobre esses romances atuais. Dessa forma, *Sergio Y. vai à América* esteve ao lado, por exemplo, dos premiados *A Chave de Casa*, de Tatiana Salem Levy e de *Anel de Vidro*, de Ana Escorel para se pensar as personagens femininas no universo contemporâneo. Neste contexto, Cecília Coutts ganhou meu interesse na medida em que foi construída em primeiro grau pelo narrador, o psiquiatra Armando, cuja vaidade foi ferida pela percepção da impossibilidade da onipotência da análise clínica, dado a realidade suscetível da *trapaça* da linguagem – como já havia observado Barthes (1977) –. O olhar masculino psicologizante, presente na estruturação das personagens, objetifica esta mulher em razão de que anula Cecília enquanto profissional ao se deter na descrição do seu corpo *sensual*, que distrai Armando, conforme assegura o narrador. É sobre a construção desta imagem sexualizada oriunda da impossibilidade do domínio desta profissional de sucesso pelo narrador-personagem – uma vez que a linguagem instaura uma relação direta de poder – que me deterei nesta análise.

EDUCAÇÃO E LITERATURA: SALOMÉ UREÑA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O PENSAR CRÍTICO E A FORMAÇÃO DA CIDADANIA

Leonardo Camargo Lodi (UNISINOS)

Orientador: Dr. Danilo R. Streck

A presente proposta está vinculada a um projeto de pesquisa intitulado “Fontes do pensamento latino-americano”, que tem como objetivo geral contribuir com a construção de uma teoria pedagógica latino-americana que, ao olhar para traz e reencontrar-se com sua memória, possa ao mesmo tempo se abrir para novos horizontes no presente. A metodologia da pesquisa é de cunho bibliográfico, baseando-se na seleção de textos e obras sobre educação. O processo de procura, e criação de um acervo, dos textos foram realizados em sites, livros e bibliotecas, dentro e fora do Brasil, tendo por finalidade a futura publicação do II volume da obra “Fontes da Pedagogia Latino-Americana: Uma Antologia”. Sendo assim, Educação e Literatura: Salomé Ureña e suas contribuições para o pensar crítico e a formação da cidadania tem como objetivo olhar para as poesias escritas pela poetisa, tomando como foco a relação entre educação e a literatura na luta emancipadora. Salomé Ureña foi professora, poetisa e a primeira mulher a fundar um instituto de ensino superior para mulheres em seu país; nasceu em 1850, pouco depois da fundação da República Dominicana, sendo este um tempo de muitos conflitos internos e discórdias dentro do país. Por ter vivido nesses momentos de angústia e agitação, cresceu



com a dor de sua pátria e a cada novo acontecimento sua se alma engrandecia com dor (Demorizi, 1942). Em uma primeira análise das poesias de sua obra "Poesias Completas" (1880) e de sua biografia (Demorizi, 1942), foi possível perceber que a educação é uma das suas principais contribuições para a República Dominicana, tendo em vista que o primeiro instituto de educação superior para mulheres foi fundado por ela. O instituto de Señoritas, foi criado no ano de 1881 com 14 alunas e teve suas primeiras maestras formadas em 1887. Além disso, a autora pode ser compreendida como uma influência na emancipação e na inspiração da busca por direitos das mulheres em seu país. Os temas centrais de suas poesias, centram-se em temas da primeira geração do romantismo, tais como: patriotismo, paz, justiça e esperança. Salomé, uma mulher do século XIX, escritora e fundadora do primeiro instituto na República Dominicana, é uma referência tanto para a educação, quanto para a literatura. Seus escritos são, aqui entendidos, como potencializadores de um pensar crítico, contribuindo para a formação da cidadania.

MULHERES ARTISTAS E A CRÍTICA DE ANGELO GUIDO NO JORNAL DIÁRIO DE NOTÍCIAS, DE 1930 A 1950

Flávio Michelazzo Amorim Júnior (UFPel)

Orientadora: Dra. Ursula Rosa da Silva

O projeto de pesquisa *Caixa de Pandora: mulheres artistas e mulheres filósofas do séc. XX* surgiu em 2007 do desejo de retomar algumas questões referentes à representação feminina e como esta se constitui na historicidade, ou como a História registra esta produção quanto a obras e quanto a concepções teóricas femininas, ou seja, sua produção intelectual e artística. O sub-projeto mulheres artistas e a crítica de Angelo Guido no Jornal Diário de Notícias, de 1930 a 1950 tem como objetivo investigar os artigos de crítica de arte de Angelo Guido e fazer um levantamento e análise de como ele considera as mulheres artistas do RS e sua obra no início do século XX. A pesquisa considera que Guido, diferente dos historiadores da arte e teóricos da arte, valorizava a produção das mulheres artistas, no RS e em geral, e de certo modo, analisava as obras com o mesmo critério que analisava a produção dos artistas homens. Através de uma leitura das imagens e textos do Jornal Diário de Notícias (1930-1950) podemos montar uma linha histórica sobre a produção artística feminina no Rio Grande do Sul. Este estudo conta com um acervo de textos de crítica de arte do pensador e professor Angelo Guido, que vai dos anos de 30 a 50, no entanto, deste período temos pouco de registro iconográfico na historiografia da arte do RS da produção das mulheres deste período.

TIA CRISTINA MARTÍNEZ: CONFIGURAÇÃO DA MULHER LEITORA

Tatiane de Lima Ribeiro (UCS)

Orientadora: Dra. Cecil Jeanine Albert Zinani

O presente trabalho analisa o conto da obra *Mulheres de olhos grandes* (2001), da autora mexicana Ángeles Mastretta, cuja personagem principal é tia Cristina Martínez a fim de evidenciar como se configura a questão da mulher leitora no conto. Com base nos estudos de Hans Robert Jauss sobre a estética da recepção e de Jonathan Culler sobre a mulher leitora, analisou-se a obra na perspectiva da hipótese de uma leitora mulher, superando, assim, a hipótese de um leitor universal masculino. A realização desta análise evidenciou que a figura feminina, representada no conto examinado, subverte a estrutura patriarcal por meio das próprias normas do sistema, ou seja, a personagem feminina não tem uma atitude passiva diante dos fatos. Traçou-se, então, um paralelo entre a leitura patriarcal e a leitura feminista, concluindo que a voz narrativa do conto nos dá pistas da leitura falocêntrica feita pela sociedade local. Contudo, a voz narrativa e a atuação da personagem evidenciam vestígios que podem guiar uma leitura emancipatória, uma vez que a leitora pode se identificar com a personagem por meio de sua experiência como mulher.

LEITURA E RECEPÇÃO: A ESCRITA DE AUTORIA FEMININA NA RCI, DE 1869 A 1969

Karen Gomes da Rocha (UCS)

Orientadora: Dra. Cecil Jeanine Albert Zinani

O presente trabalho visa estudar a leitura, dentro da perspectiva da recepção e da história da literatura, por meio da



abordagem teórica, crítica e analítica, de obras de autoria feminina das cidades que constituem a Região de Colonização Italiana do Nordeste do Rio Grande do Sul, dos primórdios a 1960, no horizonte da época e no horizonte contemporâneo de sua recepção. Assim, torna-se possível realizar uma (re)leitura da história literária da região, sendo levadas em consideração as mudanças que ocorreram através do tempo na recepção das obras e a concepção de um cânone regional, sob o signo do gênero.

O CORPO E ABORTO EM “CIRANDA DO ABORTO”, DE JUÇARA MARÇAL

Eron Rafael dos Santos (UFRGS)

Orientador: Dr. Carlos Augusto Bonifácio Leite

Considerada a melhor canção do ano de 2014 pela Associação Paulista de Críticos, “Cirando do Aborto”, do álbum *Encarnado* (2014), de Juçara Marçal, é parte de uma discussão pertinente e necessária, principalmente na atual conjuntura política, que insiste em negligenciar direitos e condições básicas de saúde a mulheres. Assim, o presente estudo busca a representação do aborto e do corpo feminino propostos pela intérprete na faixa de seu álbum. Tais representações parecem estar no contraste entre a vida e a morte, entre a chave predominantemente temática da canção e a dor latente exposta na letra. A representação do feminino passa pela figura materna, tanto na “mãe das águas” de “Odoya” – faixa anterior à “Ciranda do Aborto” e disponibilizada em conjunto a esta no Youtube (2015) – quanto no corpo que dilacera a si próprio, a mortalha de uma vida sem chances num sistema social e econômico que também o vitima. Para isso, serão usadas as considerações formais de Tatit (2012), bem como o estudo de Flávia Mattos Motta (2008), “Sonoro Silêncio: Por uma história etnográfica do aborto”. Além disso, as considerações de violência de Hannah Arendt (2010) e Walter Benjamin (1986) também serão aporte teórico do trabalho.

A REPRESENTAÇÃO DO CORPO NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA DE AUTORIA FEMININA: UM OLHAR DETALHADO PARA *VERGONHA DOS PÉS*, DE FERNANDA YOUNG

Jaqueline Ferreira Borges (UFG)

Orientadora: Dra. Luciana Borges

A presente proposta objetiva apresentar os resultados de uma pesquisa de Iniciação Científica já concluída, desenvolvida por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), sob orientação da professora Dra. Luciana Borges. A pesquisa possibilitou-nos uma investigação mais aprofundada sobre corpo e representações femininas na literatura contemporânea e de autoria feminina, com a finalidade de dar maior visibilidade para essa literatura, com ênfase na obra *Vergonha dos Pés*, de Fernanda Young. Assim, objetivamos apresentar como o pé, fator simbólico que mostra a relação de Ana com o corpo, representa a insatisfação por não seguir padrões estabelecidos como corretos e perfeitos. Aspecto muito recorrente na atualidade, pois o desprazer com o corpo aumenta cada vez mais. As influências da mídia certamente compõem a literatura de Young, pois carrega traços que os meios de comunicação apresentam, bem como questões que abordam a representação e busca de um corpo ideal, que sigam padrões estéticos. Fernanda Young é uma escritora atual e irreverente, que aposta em assuntos hodiernos, buscando abordar também questões relacionadas ao corpo e repressões sofridas por gêneros diversos. O romance, além de apresentar essa nova estética de produzir literatura, apresenta também, questões referentes ao corpo e identidade, busca também abordar a representação do corpo feminino como um fator essencial na literatura contemporânea. Dessa feita, buscamos nos apoiar no romance já citado, que apresenta a personagem Ana, uma jovem que se sente desalentada por possuir um pé pequeno, sendo um dos aspectos mais recorrentes no decorrer do romance, pois caracteriza a maior frustração da protagonista. O espaço em que acontece o primeiro romance de Fernanda Young é em um cenário urbano, como na maioria dos romances contemporâneos. A ficção se passa, na maioria das vezes, no apartamento em que Ana e Jaime moram, e na Universidade em que ambos estudam. O romance se caracteriza também como psicológico, pois o inconsciente passa a determinar o comportamento dos personagens. Neste romance, o fator crucial que determina o desenvolvimento da ficção, apegando-se ao psicológico, principalmente, das decisões e aspectos íntimos de Ana. Para contribuição teórica, buscamos subsídios em autores que abordam questões de autoria e representação feminina na literatura contemporânea, bem como corpo e



gênero. Assim, Simone de Beauvoir (1980), Elódia Xavier (2007), Cecil Jeanine Albert Zinani (2010), dentre outros, compõem o nosso arcabouço teórico. Procuramos, também, assistência em autores que abordam o corpo sob um olhar crítico da contemporaneidade, analisando o romance, também, sob numa perspectiva corpórea. Compreendemos, inclusive, o difícil percurso até que as mulheres fossem aceitas no âmbito literário, porém, mesmo diante dessa precoce inserção, elas puderam mostrar suas diversas habilidades e capacidades, ao escrever. Por meio desta pesquisa, percebemos que Fernanda Young aborda em suas obras, assuntos atuais e evidencia a presença feminina na Literatura. Foi possível perceber também, que a busca cada vez maior, pelo corpo ideal e que atenda aos padrões estabelecidos, faz com que Ana se frustrate tanto com o tamanho do pé. Assim, as frustrações da personagem se dão principalmente pela impossibilidade de possuir um pé que atenda os padrões.

CONSIDERAÇÕES SOBRE OS PAPÉIS FEMININOS NO TROPEIRISMO DOMÉSTICO PELO VIÉS LINGUÍSTICO-CULTURAL

Cristina Benedetti (UCS)

Orientadora: Dra. Giselle Olívia Mantovani Dal Corno

Desde a grande demanda por transporte de carga resultante da atividade de mineração nas Minas Gerais, em meados de 1700, os tropeiros encarregaram-se de levar mulas xucras do Rio Grande do Sul para serem vendidas no centro do país, onde ocorria a grande Feira de Sorocaba. Apesar do término da feira em 1897, as atividades tropeiras continuaram em diversas localidades do Brasil. Nos Campos de Cima da Serra, o transporte de mercadorias para abastecimento de mercados da região configurou-se como aquilo que Santos (1995) convencionou chamar de "Tropeirismo Doméstico". Enquanto os homens se ausentavam em longas e desgastantes viagens nesse trabalho, a figura feminina ficava encarregada da administração do lar, da dedicação à família, da maternidade e da religiosidade. No contexto de uma sociedade dominada pela figura masculina, no período do Tropeirismo, encontramos, porém, algumas mulheres com mentalidade à frente de seu tempo que ousaram, algumas por necessidade, outras por opção, buscar diferentes oportunidades profissionais – inclusive como tropeiras. Relatos registrados nas publicações resultantes das diversas edições do Seminário Nacional sobre o Tropeirismo – SENATRO (1995 - 2012) fazem menção a algumas mulheres que marcaram esse período. A investigação aqui proposta objetiva realizar, a partir desses relatos, um levantamento de elementos lexicais relacionados às profissões exercidas pelas mulheres durante o Tropeirismo com vistas a uma melhor compreensão desse fenômeno pelo viés linguístico-cultural.

A LEITURA DO CONTO "AV. ATLÂNTICA 10º ANDAR", DE RUTH LAUS

Christian Fontana (UCS)

Orientadora: Dra. Salete Rosa Pezzi dos Santos

Através das lentes da Estética da Recepção, da teoria Cognitivo-Comportamental e por meio do método analítico-crítico, esse trabalho investiga aspectos referentes às possíveis interpretações que possam se suceder mediante a leitura do conto "Av. Atlântica 10º Andar", inserido na obra Relações, da autora Ruth Laus, evidenciando as peculiaridades das leituras praticadas por sujeitos de gêneros diferentes, bem como aspectos da representação feminina na trama social. Envolvidos em uma relação marcada por encontros e desencontros, as personagens Leda e Heitor vivenciam impasses, os quais se tornaram um padrão de funcionamento do vínculo entre eles. O fato de Leda e Heitor não conseguirem vencer seus dilemas propicia um clima denso para o enredo, o qual tem um desfecho dramático. A partir da análise realizada, considerou-se relevante a forma como a mulher, por muitos anos, aprendeu a ler como homem e a identificar-se com temas masculinos, o que pode gerar crenças disfuncionais sobre si mesma, fato esse que se reproduziu no conto analisado, visto que Leda, em um primeiro momento, aparece como uma mulher resoluta, mas que, ao decorrer de seu envolvimento com Heitor, sucumbe às vontades do amado.



CADERNO DE RESUMOS

ISSN: 2238-0787

"A MULHER E O LAR", COLUNA DO JORNAL O PIONEIRO

Kamila Fortes Ribeiro (BIC/UCS)

Orientador: Dr. João Claudio Arendt

A literatura regional refere-se a assuntos regionais, não se limitando ao elogio do espaço regional. À vista disso, a pesquisa de que este pôster faz parte tem como objetivo localizar, selecionar e organizar notícias referentes à cultura em jornais da Serra Gaúcha, entre 1900 e 1970. Do jornal *O Pioneiro*, criado em 1948 e em circulação até hoje, já foram coletados diversos poemas e crônicas produzidos ou destinados, por exemplo, às mulheres. Nos primeiros anos de sua edição, encontramos uma página direcionada às mulheres intitulada "A mulher e o lar", e que traz crônicas, poemas, receitas culinárias etc;

A IMAGEM DA MULHER NO JORNAL STAFFETTA RIOGRANDENSE, NO ANO DE 1940

Roberta Regina Saldanha (PIBIC/CNPq)

Orientador: Dr. João Claudio Arendt

Os jornais desempenham um papel importante para a constituição de um sistema literário regional. Dessa forma, a pesquisa concentra-se na localização e análise de materiais produzidos pela imprensa da Serra Gaúcha, entre os anos de 1900 e 1970, relacionados à cultura e à literatura regionais. Nos jornais já analisados, foram encontrados textos literários que refletem como era a imagem da mulher naquela época e espaço. Desse modo, foi feito um recorte para esta exposição: trabalhamos apenas com publicações do jornal *Staffetta Riograndense* no ano de 1940. O jornal foi um boletim religioso que circulou entre 1917 até 1941, havendo uma pausa em suas publicações entre os anos de 1922 e 1940. Por ser um religioso, o jornal tem um papel instrucional: fazer com que seus leitores assumam posturas que, na época, entendiam-se como adequadas à fé cristã. Assim, o *Staffetta Riograndense* possui muitos textos destinados às mulheres, tratando das vestimentas, do uso de maquiagem, do casamento e da vida regrada pelos valores cristãos. A imagem ideal da mulher deseja-a pudica, pura, destinada ao casamento, dedicada à família e ao marido, sem vaidades e, acima de qualquer coisa, comprometida com a fé cristã.

A HORA DE ELISA LISPECTOR

Ana Beatriz Mello Santiago de Andrade (UFSC)

Orientadora: Profa. Dra. Simone Pereira Shmidt

O objetivo do trabalho é realizar uma leitura do romance *No exílio*, da escritora Elisa Lispector. No livro, a autora narra a vinda de uma família ucraniana ao Brasil em 1921, após a invasão russa na Ucrânia. O que se pretende é uma discussão acerca das questões da escrita autobiográfica e da narrativa do movimento de exílio na obra da autora. Para embasar a leitura da obra, são feitas aproximações com as reflexões de Claudio Guillen sobre a questão do exílio na literatura em *O sol dos exilados* e com as ideias de Leonor Arfuch sobre *O espaço biográfico*.

ENTRE A DOR E O PRAZER, A MULHER (IM)POSSÍVEL: IDENTIDADES FEMININAS EM FAZES-ME FALTA, DE INÊS PEDROSA

Telma Regina Ventura (PUCSP)

Orientadora: Profa. Dra. Diana Navas

A presente pesquisa objetiva analisar as contribuições, para a Literatura Portuguesa de Autoria Feminina, da escritora contemporânea Inês Pedrosa. Refletindo sobre o advento do Feminismo, o qual certamente ampliou o universo da



mulher, a autora, na obra *Fazes-me Falta*, questiona as mudanças ocorridas e reflete se estas mudanças possibilitam às mulheres mais liberdade e felicidade na pós-modernidade. Inês Pedrosa, mulher escritora jornalista feminista contemporânea, afirma que as mulheres possuem poder por meio da escrita literária, apesar de não tomarem consciência da força modificadora da palavra; e a autora, utilizando-se exatamente de seu poder de mulher escritora, por meio de suas obras, questiona o *status quo* vigente e suas personificações. Recorrendo à Literatura, leva seus leitores a se defrontarem com suas próprias *fendas* – amores impossíveis, identidades perdidas e não reconquistadas, posicionamentos pessoais incoerentes e anacrônicos. E, ainda, desconstrói diacronias com uma habilidade única, a de decompor suas personagens no decorrer da narrativa, tirando-lhes o invólucro dos estereótipos, construídos socialmente, e deixando-lhes apenas o núcleo: sua humanidade. Em *Fazes-me Falta*, Inês Pedrosa inicia sua narrativa com a personagem feminina principal já morta. Desde a primeira página. De desonrada, a mulher está morta. Necessário é compreender o que isto significa metaforicamente, em relação à identidade feminina contemporânea, posto que uma das funções primordiais da Literatura é a de justamente representar o humano. Nesse sentido, pode-se ir além e analisar de que *lugar* a mulher fala, na sociedade pós-moderna. Do caixão? *Fazes-me Falta*, assim, apresenta-se como o *corpus* da presente exposição, no que concerne à análise de seus temas centrais – a perda, a ausência, a incomunicabilidade, a morte – que associam-se, na obra, a uma estrutura narrativa cujos procedimentos estéticos possibilitam desconstruir as representações e metáforas de identidade da mulher contemporânea, em seus questionamentos íntimos, fundados na incompletude.

“MULHERES DE ATENAS”, DE CHICO BUARQUE E AUGUSTO BOAL, E AS QUESTÕES FEMINISTAS

Jéssica de Souza Pozzi (UFRGS)

Orientador: Dr. Carlos Augusto Bonifácio Leite

“Mulheres de Atenas”, conhecida na voz de um dos maiores cancionistas brasileiros e por isso lembrada até hoje, foi escrita para a peça homônima de Augusto Boal e suscitou a indignação de grupos feministas nos anos 1970. A polêmica foi tratada por Chico Buarque como simples incompreensão desses grupos frente à ironia da canção que, segundo ele, seria feminista e escrita para uma peça igualmente defensora das questões da mulher. O presente estudo aborda, portanto, uma visão feminista sobre a canção em defesa daquelas que um dia protestaram contra o machismo ali presente e não foram ouvidas, analisando primeiramente a peça de Augusto Boal e mapeando suas intenções, a fim de provar a forte ambiguidade na interpretação da canção, principalmente quando se tratando de uma visão anacrônica, que nos permite ouvi-la sem referências ao seu contexto de criação. Para tal, foram utilizadas as considerações de Luiz Tatit sobre os elementos para análise da canção popular, as considerações da professora Adriane Duarte sobre a adaptação da peça do grego Aristófanes, *Lisístrata*, por Augusto Boal em *Mulheres de Atenas*, bem como as obras do próprio Boal sobre seu Teatro do Oprimido.

A PRESENÇA DA FIGURA FEMININA NO SUPLEMENTO LITERÁRIO DE O ESTADO DE S. PAULO

Tonie Maria Gregory dos Santos (UFSM)

Tatiane Milani (UFSM)

Orientadora: Ma. Larissa Bortoluzzi Rigo

Este artigo é um estudo sobre jornalismo cultural (HOHFELDT, 2012; GADINI, 2009), que perpassa pelos conceitos de jornalismo especializado (TAVARES, 2009) e Cadernos de Cultura (PIZA, 2009; CARDOSO, 2010). As reflexões estão inseridas em resultados da análise do Suplemento Literário do jornal *O Estado de S. Paulo*, no período que iniciaram suas publicações, no ano de 1956. A intenção é identificar a representação feminina na forma de autoria documental, observando atitudes, valores e sentimentos associados à figura feminina. A análise se dá a partir da metodologia de Bardin (1977) com Análise de Conteúdo proposta em três etapas. De cunho qualitativo, a pesquisa se desenvolve por meio do viés histórico e social para contextualizar a participação das mulheres no veículo. A partir dessa contribuição teórica e metodológica, a pesquisa mostra que dentre nomes de figuras masculinas que ia de Drummond a Bandeira, Vinícius de Moraes, Mario Pedrosa, Sérgio Albuquerque de Holanda, dentre outros, somente dois nomes femininos: Lygia Fagundes Telles e Cecília Meireles, caracterizando assim, a representação feminina de forma pouco apreciada.



A REPRESENTAÇÃO DA PERSONAGEM FEMININA E AS INTERRELAÇÕES DE PODER E AUTORIDADE EM O QUINZE, DE RACHEL DE QUEIROZ

Giulia Menegat Delazzeri (UFRGS)

Orientador: Dr. Carlos Augusto Bonifácio Leite

O presente trabalho disserta acerca das personagens femininas na obra *O Quinze*, escrita por Rachel de Queiroz em 1930. Mais especificamente, traça-se um perfil descritivo das duas figuras mais marcantes do romance, Conceição e Cordulina. Nesse sentido, estabelece-se as condições de emancipação desempenhadas por cada uma dessas protagonistas, no que se refere às suas conjunturas de legitimidade na sociedade brasileira do início do século XX. Além disso, este trabalho trata do desenvolvimento de uma tese que pensa discorrer a noção de autoridade convencional nas interrelações das figuras femininas Conceição e Cordulina. Reconhece-se a posição da entidade autoritária e, igualmente, da entidade que é subjugada por essa relação. Para tanto, a autora baseia-se, especialmente, na obra de Rachel de Queiroz em questão, assim como em ensaios e teses que tratam da temática de gênero na literatura, da estética do Romance de 30 brasileiro e de personagens femininas em obras canônicas ou não canônicas.

A MULHER LEITORA E A PERSONAGEM FEMININA EM “EU ERA MUDO E SÓ”, DE LYGIA FAGUNDES TELLES

Rebecca Demicheli Sampaio (UCS)

Orientadora: Dra. Cecil Jeanine Albert Zinani

Para construir a narrativa de "Eu era mudo e só", de 1958, Lygia Fagundes Telles emprega um narrador autodiegético, o protagonista Manuel, casado com Fernanda, pertencente à alta burguesia. Num casamento tido, aos olhos da sociedade, como perfeito, Manuel sente-se infeliz e oprimido. Como é através da visão do marido que conhecemos Fernanda, é possível perceber que, ao contrário do que se espera, a esposa ideal, de família abastada, dotada de intelectualidade e de prendas domésticas, não corresponde às expectativas de Manuel a respeito da felicidade. O presente trabalho tem como objetivo investigar a possibilidade de uma leitura feminina da narrativa, sob a perspectiva de teorias feministas e da Estética da Recepção, com base em aporte teórico constituído por Jonathan Culler (1997) e Regina Zilberman (2008). Dessa maneira, o estudo deste conto aponta para uma leitura realizada sob a perspectiva feminina, descortinando a representação da mulher na época em que ela começa a dar seus primeiros passos em direção à sua emancipação.

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA NAS OBRAS DE LITERATURA INFANTIL A BOLSA AMARELA E SAPATO DE SALTO, DE LYGIA BOJUNGA

Eliandra Lanfredi Bottin (UCS)

Orientadora: Dra. Cecil Jeanine Albert Zinani

Nas obras literárias infanto-juvenis, o gênero pode ser definido como um constructo cultural que tipifica atitudes e comportamentos específicos de cada sexo. Embora o termo gênero possibilite a abordagem de temas tanto sobre homens como sobre mulheres, na prática, referem-se, em geral, a estudos feministas. Durante o processo de humanização e mediante uma padronização dos comportamentos que são estimulados ou podados de acordo com o gênero, os sujeitos aprendem com outros membros mais experientes (pai, mãe, colegas, etc.) a ser homem ou mulher, tornando esses comportamentos, adequados ou inadequados em determinados contextos. A investigação de aspectos sociais e culturais imbricados nas obras *A Bolsa Amarela* e *Sapato de Salto* de Lygia Bojunga, são objetos de estudo desse trabalho.

“DESCONSTRUINDO AMÉLIA”: INTERTEXTUALIDADE E GÊNERO NA CANÇÃO DE PITY

Felipe Teixeira Zobaran (UCS)

Orientador: Me. Bruno Misturini

A cantora e compositora brasileira Pitty destaca-se no cenário da música contemporânea nacional por unir apelo comercial a letras de conteúdo crítico. Isso fica especialmente claro na letra da canção "Desconstruindo Amélia", do disco



CADERNO DE RESUMOS

ISSN: 2238-0787

Chiaroscuro (2009), escrita por Pitty e Martin Mendonça. Na composição, o eu-lírico se vale de diversas vozes, incluindo teóricos e ativistas de gênero, para defender a igualdade social. Em um discurso polifônico, ouvem-se Mário Lago, Aaulfo Alves, Simone de Beauvoir, Balzac e outros em uma reconstrução da história do gênero social feminino como “o outro” e sua libertação com os movimentos feministas dos séculos XIX, XX e XXI. A letra da canção também propõe uma reflexão acerca de ideias erroneamente tomadas pelo senso comum a respeito da igualdade dos gêneros, do papel da mulher e das ideias defendidas pelo feminismo contemporâneo. Dessa forma, este trabalho visa a analisar a (des)construção da personagem feminina na canção, buscando, para isso, identificar indícios de intertextualidade presentes na composição.

Voltar ao [SUMÁRIO](#)



CADERNO DE RESUMOS

ISSN: 2238-0787

MINICURSOS

MINICURSO 1

O fantástico e suas vertentes na literatura de autoria feminina: os casos de Brasil e Portugal

Dra. Ana Paula dos Santos Martins (USP)

A literatura fantástica e suas vertentes de autoria feminina, tanto no Brasil quanto em Portugal, não constitui uma tradição no conjunto de obras literárias desses países. Tentar compreender as razões desse silenciamento de vozes femininas no tocante à ficção fantástica possibilita o levantamento e a discussão dessa produção, em perspectiva comparada, a fim de elucidar as contribuições que escritoras como Lygia Fagundes Telles, Maria Teresa Horta, Leticia Wierzchowski e Maria Judite de Carvalho, Helia Correia e Augusta Faro, por exemplo, oferecem para o desenvolvimento dessas formas literárias em seus próprios contextos nacionais. A presença do insólito, do inexplicável, do fantástico nos textos a serem analisados, coexistindo com a representação da realidade cotidiana, permitem entrever as contradições de mundos aparentemente ordenados e funcionam como estratégias narrativas das autoras, no sentido de problematizar as relações da mulher com a sociedade, denunciar sua condição de subalternidade à lógica patriarcal, manifestando, desse modo, o desejo de romper os estreitos limites que lhes são impostos na busca de sua identidade. Em um sentido mais amplo, a análise dessa produção permite pensar em como as escritoras em questão, em diferentes contextos, foram capazes de construir mundos fantásticos para trazer à tona e desafiar o que é repressivo e dominador, enveredando, inclusive, pelos caminhos da memória e pela relativização do relacionamento amoroso.

MINICURSO 2

Imagens da Amazônia em prosa e verso de autoria feminina: convergências e divergências

Dra. Margarete Edul Prado de Souza Lopes (UFAC)

Com este minicurso, pretendemos confrontar a Amazônia no imaginário dos exploradores do paraíso de Frei Carvajal ao Inferno Verde, de Alberto Rangel, passando pela prosa de ficção de Ocelio de Medeiros e Miguel Ferrante, até chegar na produção de autoria feminina que somente surge em fins do século XX, no Acre. Vamos discutir imaginário estruturante da Amazônia nos discursos masculinos e femininos de autoras como Leila Jalul, Florentina Esteves, Francis Mary e Robélia Fernandes. Nosso objetivo central seria destacar a relevância das imagens criadas pela autoria feminina, que sabe valorizar não somente as conquistas, mas também as relações familiares, o filho gay, a filha emancipada na Amazônia dos coronéis de barranco, com destaque para as questões de gênero, raça e diversidade. A intenção é desmitificar estereótipos construídos a partir de interesses políticos e econômicos masculinos, da raça branca e da elite hegemônica.

MINICURSO 3

Sobre o pensamento de Julia Kristeva: a experiência-revolta através dos cruzamentos de sentidos

Dra. Luciana Abreu Jardim (FURG)

Pretende-se abordar alguns dos possíveis cruzamentos de sentidos desenvolvidos pelo pensamento de Julia Kristeva, que se constitui pela "experiência-revolta". Trata-se de uma introdução aos principais temas do pensamento interdisciplinar de Kristeva, que percorre, além da escrita de romances policiais, áreas tais como a Linguística, a Psicanálise, a Teoria da Literatura, sobretudo a complexa questão do feminino. Entre os temas contemplados, destacam-se os seguintes: "a relação copresente entre o semiótico e o simbólico"; "a questão do estrangeiro"; "o sujeito em processo e as referências a Antonin Artaud"; "a experiência-revolta: da revolução da linguagem poética ao contrassenso da revolta"; "o gênio feminino: pontos de contato entre Hannah Arendt e Melanie Klein" e "a abertura para discursos sobre a maternidade". O curso tem por referência as seguintes obras da autora: A revolução da linguagem poética (sem tradução para o português); Sentido e contrassenso da revolta: poderes de limites da psicanálise I; O gênio feminino: a vida a loucura e as palavras: Hannah Arendt; O gênio feminino: a vida a loucura e as palavras 2: Melanie Klein; Estrangeiros para nós mesmos; A revolta íntima: poderes e limites da psicanálise II (sem tradução para o português), Possessões e O ódio e o perdão: poderes e limites da psicanálise III (sem tradução para o português).



MINICURSO 4

A poesia de autoria feminina: do romantismo à belle époque

Dr. Gilberto Araújo (UFRJ)

Nos últimos anos, o Brasil tem demonstrado crescente interesse pela poesia de autoria feminina aqui produzida, fato constatável no aumento de estudos acadêmicos e na reedição de escritoras negligenciadas pelo cânone literário. Apesar do inegável mérito desse resgate, parece não haver, sobretudo no caso da poesia, o mesmo fôlego crítico devotado ao universo masculino: muitas poetisas são recuperadas, mas, em geral, predomina o critério da curiosidade ou da valorização do potencial “feminista” de suas obras. O estudioso ressentir-se, por exemplo, da carência de abordagens que examinem as habilidades formais das autoras. Este curso pretende preencher essa lacuna, ao oferecer leitura minuciosa de poemas de Narcisa Amália, Auta de Souza, Laura Brandão, Francisca Júlia, Júlia Cortines, Gilka Machado, dentre outras autoras, ressaltando-lhes a maestria antes poética do que necessariamente feminina. Para tanto, serão enfocados, com detalhes, procedimentos técnicos inerentes ao universo poemático – tais como métrica, rima, ritmo, isomorfismos –, posto em constante diálogo com os temas dominantes nas obras de cada escritora.

MINICURSO 5

Entre história e literatura: a figura feminina ao longo do tempo pelas lentes do cinema americano

Ma. Luciana Duenha Dimitrov (Mackenzie); Dra. Lilian Cristina Corrêa (Mackenzie)

O cinema tem suas raízes alicerçadas, de certa forma, na arte literária. Desde as imagens dos filmes mudos até as mais complexas narrativas fílmicas, repletas de efeitos especiais, a sétima arte traz em sua história um aporte de textos e contextos históricos e sociais, culturais e geográficos, que tornam possíveis as mais diversas representações de mundo. Inseridas nesse contexto, diversas são as obras fílmicas que trazem personagens femininas, protagonistas ou não, representando momentos históricos cruciais, retratados com o intuito de formar e informar o público e também fazer parte de sua formação cultural, tanto quanto o faz a leitura de uma obra literária. O propósito deste minicurso encontra-se, assim, em trazer à tona a possibilidade de ver, rever e discutir trechos de algumas obras cinematográficas em que a figura feminina seja ponto crucial, quer sob a ótica histórica, política, social ou geográfica no período que compreende o século XVII à contemporaneidade nos Estados Unidos da América.

MINICURSO 6

Impressive English women writers throughout history: what legacy have they left?

Dra. Lilian Cristina Corrêa (Mackenzie); Dra. Giselle Oívia Mantovani Dal Corno (UCS); Ma. Luciana Duenha Dimitrov (Mackenzie)

History, no matter the period we mention, has always privileged men in almost all senses: from the idea of freedom in their tasks to their social behavior; from what they spoke and physically represented to what they wrote or fought for. In this sense, women have always been left aside, being raised, mainly, to constitute a family and, consequently, take care of their children and, obviously, obey their husbands – they usually left their family, ceasing to obey the orders from severe fathers to start obeying the orders of their husbands, as if they were only made to receive orders and breed children, without having any other possible interest in life. Considering all these and also the fact that despite all the prohibitions imposed to them, the aim of this presentation is to talk about women who perceived and were able to demonstrate, somehow, their own opinions and their own portraits of the periods in which they lived, by means of their writings, helping us understanding what the world was and has been from their points of view, along different historical periods.